

THIAGO ALVES VALENTE

Uma chave para *A chave do tamanho*, de Monteiro Lobato

Dissertação apresentada à Faculdade de Ciências e Letras de Assis – Unesp para obtenção do título de mestre em Letras na área de Literatura e vida social.

Orientador: *Prof. Dr. João Luís Cardoso Tápias Ceccantini*

Assis, novembro de 2004.

THIAGO ALVES VALENTE

Uma chave para *A chave do tamanho*, de Monteiro Lobato

Dissertação apresentada à Faculdade de Ciências e Letras de Assis – Unesp para obtenção do título de mestre em Letras na área de Literatura e vida social.

Orientador: *Prof. Dr. João Luís Cardoso Tápias Ceccantini*

1º Examinador: _____

2º Examinador: _____

3º Examinador: _____

Obs.: _____

Assis, novembro de 2004.

Aos meus pais,

Daniel Garote Valente

Eunice Alves Rosa Valente.

Agradecimentos

Ao professor e orientador Dr. João Luís Cardoso Tápias Ceccantini, pela dedicação e apoio que me permitiram realizar a pesquisa e desenvolver este trabalho;

As seguintes instituições que abriram as portas de seus acervos permitindo a realização desta pesquisa:

Biblioteca da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”
(Unesp-Assis);

Biblioteca da Universidade Estadual de Mato Grosso (Unemat);

Biblioteca da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG);

Biblioteca da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF);

Biblioteca Municipal Monteiro Lobato (São Paulo);

Biblioteca Municipal Mário de Andrade (São Paulo)

Centro de Documentação e Apoio à Pesquisa (CEDAP – Unesp-Assis);

Centro de Documentação “Alexandre Eulálio” (CEDAE-Unicamp);

Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo (IEB-
USP);

Aos companheiros de “jornada” Grasielly, Luci, Renata e Eliseu;

A Sueli, pelo apoio para vencer os obstáculos.

Resumo

Esta dissertação tem três objetivos centrais: 1) a apresentação do levantamento sistemático da fortuna crítica de *A chave do tamanho* (1942), do escritor Monteiro Lobato (1882-1948); 2) o cotejo entre a primeira edição desse título e a edição inserida nas “Obras completas” do escritor” (1946/47); 3) a proposta de uma nova leitura da narrativa, tomando como ponto de partida para sua análise e interpretação os dois objetivos anteriormente referidos.

A realização do trabalho de recolha e análise dos textos críticos tem como justificativa a necessidade de se estabelecer um quadro mais completo a respeito dos estudos cujo objeto de análise é o texto lobatiano de *A chave do tamanho*, uma das últimas obras da série do Picapau Amarelo. Essa pesquisa, por sua vez, conduziu nossa leitura à primeira edição da obra e à edição de sua revisão, em 1946/1947, quando o texto passa por uma revisão do próprio escritor para a publicação de suas “Obras Completas” pela Editora Brasiliense, levando à comparação com a edição estabelecida como “definitiva” pelo autor.

Para a realização dos objetivos dessa pesquisa, recorreremos a bibliografias de estudos sobre literatura infantil brasileira e sobre a obra e a vida do escritor Monteiro Lobato, destacando os trabalhos acadêmicos cujas indicações foram de grande valor para o estabelecimento de um roteiro de visitas a bibliotecas e centros de documentação.

Palavras-chave: *A chave do tamanho*, fortuna crítica da obra, Monteiro Lobato, narrativa, literatura infanto-juvenil.

Abstract

This dissertation has three principal objectives: 1) the presentation of researching about the criticism of *A chave do tamanho* (1942) by Brazilian writer Monteiro Lobato (1882-1948); 2) the comparison between the first edition and the edition of 1946/47; 3) the proposal to a new reading of the narrative whose initial motive is the analysis and comprehension about points 1 and 2.

The realization of searching and analysis around critical writings has as cause the necessity of a more complete vision about literature studies that has the object for analysis the text of *A chave do tamanho*, one of the last work in the Picapau Amarelo stories. Then this research appoint our reading to first edition of this story and to edition at 1947, when the narrative was revised by own writer, that was established as the conclusive edition by author.

To fulfilment of this research, we search bibliography about Brazilian child literature and working and life of Monteiro Lobato, the academic works are emphasized because its indication were very important to organize a investigation plan at libraries and documentation centres.

Key words: *A chave do tamanho*, criticism of this narrative, Monteiro Lobato, narrative, child literature.

O homem é demais, Deus, de menos.

(Murilo Mendes)

Sumário

Introdução.....	09
1. No tempo dos seres tamanhudos.....	13
1.1. “Nossos tempos são corruptos, sem estilo e sem filosofia” – 1942	13
1.2. As idéias, filhas de nossas experiências.....	14
1.3. “Estou um D. Quixote...”.....	25
2. Tamanho, esse trambolho (1942-1947).....	39
2.1. Cotejo de edições.....	39
2.2. “E fiquei a parafusar hipóteses”	65
3. Chaves de <i>A chave do tamanho</i>	76
3.1. Um corredor de chaves – a tradição crítica.....	76
3.2. Procurando uma chave	100
3.2.1. Quando o sol se põe.....	100
3.2.2. “Esta simples tripinha foi o terror do mundo”.....	121
3.2.3. “Eu de fato já fui boneca de pano”.....	136
3.2.4. Uma linguagem pão pão queijo queijo.....	148
Considerações finais.....	161
Bibliografia.....	166

Anexos:

A- Resenhas.....	180
B- Correspondências.....	244

Introdução

Embora o campo de estudos literários tenha uma história cujas origens podem ser encontradas nos textos aristotélicos, a literatura infantil se apresenta como objeto recente de pesquisa, principalmente no meio acadêmico.

No caso da literatura infantil brasileira, de acordo com Mortatti (1999), somente a partir do final dos anos 60 intensificou-se a produção científica sobre o gênero, o que se fez principalmente no âmbito dos cursos de Pedagogia e Letras – a oscilação entre inserir-se em uma ou outra área de estudos correspondeu, e ainda corresponde, à oscilação no movimento de constituição da produção de literatura infantil, na qual se defrontam o lúdico e o pedagógico.

A busca de legitimação, então, vai se configurando em meio aos debates e discussões em ambas as áreas, o que leva, conseqüentemente, à busca das peculiaridades da produção voltada para crianças e adolescentes. Obras panorâmicas com o intuito de traçar uma história da literatura infantil brasileira revelam a importância dessa produção no sistema literário, evidenciando o processo de produção-recepção de textos destinados a um público específico, bem como o papel que essa circulação tem no meio social. Se em 1951 Cecília Meireles discute a questão do papel da literatura infantil em *Problemas da literatura infantil*, temos, em 1968, a obra pioneira de

Leonardo Arroyo, *Literatura infantil brasileira*, na qual o autor aponta inúmeros caminhos de pesquisa para a constituição de um campo de estudos até então quase inexplorado. Trilhando o caminho aberto por Arroyo, vamos encontrar obras posteriores em que a história da literatura infantil brasileira vai se enriquecendo com outras leituras e pesquisas, como, por exemplo, *Literatura infantil: estudos*, de Bárbara Vasconcelos de Carvalho (1973); *Dicionário crítico da literatura infantil e juvenil brasileira (1882-1982)*, de Nelly Novaes Coelho (1983); *Literatura infantil brasileira: História & Histórias*, de Marisa Lajolo e Regina Zilberman (1984) – obras produzidas na década de 80, consolidando um campo que iria, a partir daí, receber a contribuição de um número crescente de pesquisadores. E, em meio a esses estudos, destaca-se como objeto de pesquisa a obra de Monteiro Lobato.

Marco na produção de textos para crianças, Monteiro Lobato é assim comentado por Arroyo (1968):

Embora estreando na literatura escolar com *Narizinho Arrebitado*, Monteiro Lobato trazia já com seu primeiro livro as bases da verdadeira literatura infantil brasileira: o apelo à *imaginação* em harmonia com o complexo ecológico nacional; a movimentação dos diálogos, a utilização ampla da imaginação, o enredo, a linguagem visual e concreta, a graça na expressão – toda uma soma de valores temáticos e lingüísticos que renovava inteiramente o conceito de literatura infantil no Brasil, ainda preso a certos cânones pedagógicos decorrentes da enorme fase da literatura escolar. Fase essa expressa, geralmente, num português já de si divorciado do que se falava no Brasil. (p.198)

Lançando “as bases da verdadeira literatura infantil brasileira”, Lobato será considerado como marco para a consolidação do gênero, como também escreve outra estudiosa da área:

A Monteiro Lobato coube a fortuna de ser, na área da Literatura Infantil e Juvenil, o divisor de águas que separa o Brasil de ontem e o de hoje. Fazendo a herança do passado imergir no presente, Lobato encontrou o caminho criador que a Literatura Infantil estava necessitando. Rompe, pela raiz, com as convenções estereotipadas e abre as portas para as novas idéias e formas que o nosso século exigia. (Coelho, 1991, p.225)

Diante dessas considerações, entre muitas outras que poderíamos arrolar, o lugar de destaque ocupado por Lobato faz com que várias pesquisas tomem não só sua obra mas também sua própria vida como objeto de estudo: trabalhos de caráter monográfico que vêm a enriquecer não só a abordagem dos textos lobatianos, mas também a constituição da história da literatura infantil brasileira, apontando e iluminando as intrincadas relações entre esses textos, os receptores, o contexto sócio-histórico, e demais aspectos nos quais a produção infantil de Lobato possa estar envolvida.

A apresentação da fortuna crítica de um único título do escritor, *A chave do tamanho* (1942), como objetivo deste trabalho, tem em vista proporcionar uma fonte de informações/dados que auxiliem os pesquisadores no enriquecimento tanto do campo de estudos literários infanto-juvenis, quanto nos estudos sobre Monteiro Lobato e sua obra, mais especificamente.

O intento de recolher ou mesmo resgatar a fortuna crítica dessa obra lobatiana acrescentou em nossa pesquisa a necessidade de verificarmos se houve alteração no decorrer das edições da obra, o que nos levou ao intento de cotejar a primeira edição, de 1942, com a edição de 1946/1947, incluída nas “Obras Completas” lançadas pela Editora Brasiliense.

Para compreendermos o conjunto dessas informações, apresentamos, na primeira parte deste trabalho, alguns pontos da vida e da obra do escritor Monteiro Lobato considerados

relevantes para nossos objetivos, destacando, assim, o contexto histórico do autor bem como aspectos gerais de sua formação como intelectual e o papel de relevância que ocupou na primeira metade do século XX, assim como sua obra . A segunda parte traz o cotejo da primeira edição de *A chave do tamanho*, de 1942, com aquela preparada pelo próprio escritor nos anos de 1946/1947 para a Editora Brasiliense, numa tentativa de elucidar o trabalho de elaboração da obra estudada e sua relação com a história e o público. Na terceira parte, empreendemos uma breve apresentação dos caminhos trilhados pela crítica literária a respeito de *A chave do tamanho*, e uma tentativa de análise da obra a partir de elementos apontados pelos textos críticos recolhidos, não nos esquecendo de tratar de aspectos ainda pouco abordados nos estudos da obra lobatiana.

Por último, buscamos estabelecer uma relação entre os textos críticos, os dados apresentados pelo cotejo e a compreensão do texto de *A chave do tamanho* no contexto do conjunto da obra infantil de Lobato.

Com o intuito de oferecer uma bibliografia crítica sobre a obra de forma que o leitor possa identificar imediatamente o tema abordado, apresentamos, em anexo, as resenhas dos textos levantados para a elaboração do trabalho.

1. No tempo dos seres tamanhudos

1.1. “Nossos tempos são corruptos, sem estilo e sem filosofia” – 1942

Aviões sobrevoando a cidade em exercício de guerra, moças da classe média se dedicando ao exercício da enfermagem, batalhões marchando nas datas cívicas; bravura, “pão de guerra”, gasogênio – a cidade de São Paulo na década de 40.

O pão de guerra, instituído em setembro de 1942, e o gasogênio, a partir de 1944, são elementos caracterizadores de certo “envolvimento” brasileiro na Segunda Guerra Mundial, cuja memória acabou se estabelecendo mais no âmbito da sátira que do patriotismo heróico (Cytrynowicz, 2000). Se para a população de um país afastado do centro de tensões entre as potências européias a guerra não representava nenhuma ameaça efetiva, o conflito não deixou de se fazer presente no cotidiano dos brasileiros, chegando por meio dos jornais as notícias trágicas de um conflito que, se não mobilizou, influenciou de forma decisiva os caminhos que seriam percorridos pelas nações do pós-guerra.

Diante disso, podemos imaginar um envolvimento relacionado mais a certa comoção coletiva que a uma mobilização efetiva realmente causada pela Guerra e não por interesses do

Estado Novo. Mesmo que a Força Expedicionária Brasileira (FEB) ou a Força Aérea Brasileira (FAB) não tivessem dado sua contribuição aos Aliados, certamente o conflito não teria deixado inerte muitos daqueles que, de uma maneira ou de outra, estavam comprometidos com ideologias de forte cunho libertário e/ou social. Entre estes, Monteiro Lobato.

Em 1942, no auge do conflito mundial, Lobato contava então 60 anos de idade com uma experiência de vida que, mesmo sob uma observação não minuciosa, revela-nos uma personalidade envolvida constantemente com grandes causas. Aliás, citado recentemente como um dos poucos escritores brasileiros que produziram textos literários em que se pode encontrar ecos da Guerra (Cytrynowicz, 2000), Lobato aborda o tema em uma de suas últimas obras, *A chave do tamanho* (1942).

Um tema tão complexo, e porque não dizer *grandioso* como a Segunda Guerra Mundial, leva-nos a observar vários outros temas que se apresentam como desdobramento do primeiro – idéias, pensamentos, ideologias, concepções de mundo que, para serem mais adequadamente compreendidas exigem uma retomada de alguns fatos seja do homem/escritor Lobato, seja da história do País.

1.2. As idéias, filhas de nossas experiências

Filho da aristocracia cafeeira, José Bento Monteiro Lobato, neto do Visconde de Tremembé, recebe aulas de professores em casa, estuda em colégios particulares e, por último, adentra a Faculdade de Direito do Largo São Francisco, de onde sairia bacharel.

Lobato encontra na capital paulista o ambiente de que necessitava para desenvolver e apurar “antigas idéias”, fruto das leituras realizadas na biblioteca do avô. Sua condição aristocrática, neto de Visconde, herdeiro não só da fazenda Buquira, em 1911, mas também, e sobretudo, das

ideologias correntes no final do século XIX, proporcionam condições que lhe permitem o conhecimento e engajamento em problemas nacionais de acordo com uma visão de mundo que, no decorrer dos anos, será forjado no estilo vigoroso e marcante do escritor.

Dentre as idéias que, vindas da Europa, encontraram eco na intelectualidade brasileira, e com as quais Lobato entrou em contato, destacam-se o positivismo e o liberalismo:

Foram o positivismo e o liberalismo as duas grandes vertentes do pensamento político vigente no país durante o período inicial da República. Destacam-se as idéias de Alberto Sales, irmão do presidente, grande teórico da República, que se declara um spenceriano/darwinista e namora a idéia do separatismo para São Paulo. Para isso não deixa de contribuir o fato de ser proprietário do mais importante jornal paulista – *A Província de S. Paulo* – hoje *O Estado*. O naturalista e o filósofo ingleses foram quase contemporâneos e o biologismo sociológico e a teoria seletiva da evolução das espécies exercerão forte impacto no pensamento mundial contemporâneo, o que inclui as elites brasileiras. Joaquim Murtinho, ministro da Fazenda, mas também médico e engenheiro por formação acadêmica e prática profissional, preconiza um organismo funcionalista – uma lei que reja o todo, uma teoria que explique todos os fenômenos. (Penteado, 1997, p.40)

Embora exercessem papel fundamental na formação de Lobato, as teorias de Spencer e Darwin repartiram seu espaço com o filósofo alemão Friedrich Nietzsche –

A leitura de Nietzsche, em contraponto às idéias de autonomia moral preconizadas por Kant e saudadas por Fichte e Hegel, parece ter despertado em Lobato o respeito pela consciência individual, como parte responsável, essencial e dinâmica de um

todo – muito mais do que uma eventual crença em homens predestinados ou super-homens. (Penteado, 1997, p.46)

Carregando idéias inovadoras e projetando caminhos de desenvolvimento para o País, Lobato iria deparar com a dura realidade do campo a partir de 1911, quando herda a fazenda Buquira de seu avô, o Visconde – uma enorme extensão de terra “cuja superfície, somada às extensões deixadas pelo pai, ultrapassava os dois mil alqueires” (Azevedo *et al*, 1997) – o herdeiro vai compreendendo aspectos que, de acordo com o próprio escritor em *A Barca de Gleyre* (1944), foram fundamentais para sua concepção do povo brasileiro:

Como você vê, não é fantasia nem carocha. É uma coisa que está aí e ninguém vê por causa do tal prisma. Rangel, é preciso matar o caboclo que evoluiu dos índios de Alencar e veio até Coelho Neto — e que até o Ricardo romantizou tão lindo:

Cisma o caboclo á porta da cabana...

Eu vou contar o que ele cisma. A nossa literatura é fabricada nas cidades por sujeitos que não penetram nos campos de medo dos carrapatos. E se por acaso um deles se atreve a fazer uma “entrada”, a novidade do cenário embota-lhe a visão, atrapalha-o, e ele, por comodidade, entra a ver o velho caboclo romântico já cristalizado — e até vê caipirinhas cor de jambo, como o Fagundes Varela. O meio de curar esses homens de letras é retificar-lhes a visão. Como? Dando a cada um, ao Coelho, á Julia Lopes, uma fazenda na serra para que a administrem. Se eu não houvesse virado fazendeiro e visto como é realmente a coisa, o mais certo era estar lá na cidade a perpetuar a visão erradíssima do nosso homem rural. O romantismo indianista foi todo uma tremenda mentira; e morto o indianismo, os nossos escritores o que fizeram foi mudar a ostra. Conservaram a casca.... Em vez de índio, caboclo. (Lobato, 1959, p.364-65)

Estabelece-se, desde então, uma tensão, para Lobato, entre o que pretendiam que o Brasil fosse e aquilo que o Brasil era. As idéias liberalistas haviam frutificado num país do final do século XIX, em profunda transformação política. A Abolição da Escravatura (1888), a Proclamação da República (1889) e a industrialização incipiente configuravam a busca de novos moldes para uma nação que se desejava desenvolvida e bem aceita no círculo de relações internacionais. Todavia, contrastando com o aparente surto desenvolvimentista do início do século XX que teve, no Estado de São Paulo, suas bases na cafeicultura, se encontrava uma estrutura social que não sofrera nenhuma alteração significativa mesmo após o advento da República. Antes, viu a troca de títulos aristocráticos por burgueses, mantendo-se a mesma elite tanto no período monarquista como no período republicano. Excluído das decisões políticas sobre seu país, o povo, com sua realidade, estava distante de um universo cujas decisões, embora lhe dissessem respeito, pareciam não afetar diretamente sua vida, como escreve Leônidas Xausa sobre o Brasil, afirmando que “a estrutura de poder constitui projeção de estrutura social, mas não necessariamente, e nem sempre correspondendo às instituições políticas vigentes”, premissa que, segundo o autor, até hoje são válidas “para descrever entre, de um lado, problemas e tensões sociais e, de outro, poder político” (*in* Zilberman, 1985, p.20).

Em meio ao clima de desenvolvimento alimentado pelas propagandas políticas surge uma voz dissonante: percebendo os problemas que afligem a agricultura, a fazenda se apresenta, ao longo dos anos de trabalho, como matéria-prima para o pensamento de Lobato sobre o próprio país. Assim, em 1914, seu primeiro artigo publicado no *Estado*, “Velha Praga”, trata do problema das queimadas em terras brasileiras, alcançando enorme repercussão no meio intelectual e jornalístico. “Velha Praga” é um marco do posicionamento contestador e, conseqüentemente, denunciador que Lobato iria assumir diante do discurso político oficial.

O surgimento de Monteiro Lobato no meio intelectual paulista se dá, pois, desde o início, pelo engajamento em causas sócio-econômicas. O sucesso do artigo publicado em 1911 marca a entrada de Lobato no cenário cultural paulista e, tanto pela importância de sua obra quanto pelas diversas causas por que lutou, no cenário nacional.

Morando no centro de efervescência política, as idéias antes manifestadas por Lobato em diversos jornais de alcance restrito, encontra ressonância no chamado *grupo do Estado*, roda de intelectuais que tinham na redação de *O Estado de São Paulo* seu ponto de encontro. Segundo Camenietzki, o grupo se constituía como referencial político e ideológico:

Entre diversas facções em que se dividia o PRP [Partido Republicano Paulista], uma se destaca pelo vigor, pela insistência, pela rigidez maior na defesa dos princípios do liberalismo. É a fração que virá, mais tarde, a ser denominada de “*O Grupo do Estado*”.

No império, um grupo de políticos e intelectuais transformara o jornal *A Província de São Paulo* em tribuna republicana. Seus principais articuladores eram João Alberto Sales, Francisco Rangel Pestana e Júlio Mesquita. Com a república, a *Província* vira *Estado* e Júlio Mesquita assume plenamente a direção do Jornal.

Deste Período em diante, o “*grupo do Estado*” se afirma, cresce e tem seu contorno político mais claramente definido. O conteúdo de um liberalismo vigoroso e as poucas concessões políticas tornam este grupo uma referência do pensamento político paulista. (Camenietzki, 1988, p.54)

A entrada de Lobato nesse círculo permite ao escritor não só fazer ouvir suas reivindicações críticas por um número muito maior de pessoas, mas também mobilizar a intelectualidade, e a própria população, em torno de causas que considera caras para a nação.

Em uma carta a Rangel¹, de 21 de setembro 1915, enviada de São Paulo, o próprio Lobato mostra estar consciente da repercussão de seus textos por meio do jornal:

Tens razão quanto à minha vida de cigano. Já me está cansando, e volto para a roça a semana que vem, saturado desta civilização. A minha estada aqui, graças á popularidade que o *Estado* deu ao meu nome, foi fértil em conhecimentos novos, entre os quais Emilio de Menezes o Viperino. Estive numa comilança a céu aberto a ele oferecida pelos 30 de Gedeão das letras paulistas, lá no Bosque da Saúde — *sub tegmini as fagi*, como disse o Juó Bananere. (p.48)

Sua relação com a literatura não o separou do interesse por assuntos considerados de fundamental importância para o desenvolvimento brasileiro – uma visão de mundo fundada na crença do poder da ciência. Franqueada sua entrada na intelectualidade paulista pelo *grupo do Estado*, Lobato se envolve com campanhas comprometidas com a qualidade de vida da população de “jecas”:

No ano de 1918, inicia-se uma vigorosa campanha de saneamento. Entre os poucos intelectuais que se põem à frente na empreitada, está Monteiro Lobato, que, das páginas da *Revista do Brasil*, defende a higiene como forma de livrar o país das pragas que tornam os nossos Jecas improdutivos. (Camenietzki, 1988, p.14)

Ocupa, papel relevante, neste contexto, a *Revista do Brasil*, publicação nascida em 1915, contando com sessenta acionistas, e na qual Lobato colaborou desde o início. Em 1918, mediante

¹ LOBATO, Monteiro. *A barca de Gleyre*.

oferta dos diretores, Lobato realiza a compra da *Revista*, a qual se constituiria como importante veículo de divulgação das causas defendidas pelo escritor, além de ser o início de uma carreira de empreendimento editorial. Marcado pela crença na ciência, no progresso, é dela que o escritor lança sua voz reivindicando as transformações que julgava fundamentais para o Brasil:

Um aspecto importante e que merece ser destacado é a confiança, tão bem expressa por Lobato, nas possibilidades abertas pelo controle das endemias e doenças infecto-contagiosas, como se a eficiência da higiene independesse do lugar, condições ou circunstâncias. Se o diagnóstico dos males que afligiam a população era carregado com cores fortes, a solução parecia depender apenas da boa vontade das autoridades constituídas, que precisavam tomar consciência da gravidade do problema. Aliás, com esse objetivo em 1918 foi criada por Penna, Carlos Chagas, Neiva, Miguel Pereira, Vital Brasil, Monteiro Lobato, Renato Kehl, Afrânio Peixoto, entre vários outros, a Liga Pró Saneamento do Brasil.

A **Revista do Brasil** publicou abundante material sobre a questão sanitária. Ela passou às mãos de Lobato em 1918, exatamente no momento em que os debates em torno do tema atingiam seu ponto de maior efervescência. Uma de suas primeiras atitudes à frente do periódico foi providenciar a organização de uma edição especial dedicada ao problema, que acabou não se concretizando pelo fato dos artigos não chegarem(em) em tempo hábil. A revista acabou por publicá-los separadamente ao longo de vários números. (Luca, 1996, p.214)

Como editor, Lobato inova o mercado do livro com um pensamento empresarial incomum para a época, destacando-se não só como empreendedor, mas também, e sobretudo, por uma

postura inovadora diante da produção de livros para crianças, rico filão comercial que os escritores e críticos costumavam enxergar como algo “menor”:

Ainda mais importante, talvez, do que sua própria produção, foi sua influência, ao mostrar que escrever para crianças não era algo abaixo da dignidade de um autor bem sucedido. Podemos comparar isso com a situação dos países de língua espanhola, onde bons livros infantis limitam-se praticamente a traduções – de Lobato, por exemplo – exatamente porque nenhum autor competente ousa arriscar sua reputação entregando-se a tais atividades. (Hallewell, 1985, p.260)

O negócio editorial para Lobato teve um rápido percurso, da aquisição da *Revista do Brasil*, em maio de 1918, passa efetivamente a editor de livros com a *Monteiro Lobato & Cia*, em julho do mesmo ano, fundada em sociedade com Octales Marcondes e mais nove sócios comanditários. Sobre isso escreve Lajolo (2000):

A Editora da *Revista do Brasil*, desdobrada na Monteiro Lobato & Cia. e depois na Companhia Gráfico-Editora Monteiro Lobato, acaba falindo. A falência tem várias causas, e nenhuma delas pode ser atribuída a Monteiro Lobato. Sua editora quebra em virtude da revolução de 1924 que paralisa São Paulo (...), de prolongada estiagem que raciona a energia elétrica e da política econômica que impõe restrições progressivas ao crédito.

A falência da Gráfica Editora Monteiro Lobato não interrompe o projeto editorial que a firma representava: de seus escombros e da garra de seu ex-proprietário nasce em 1925 a Companhia Editora Nacional, em cujo capital entram cem contos apurados por Monteiro Lobato e Octales na venda de uma casa lotérica que possuíam no centro de São Paulo.

Está fundada a pioneira das grandes editoras modernas brasileiras. (p.58-59)

É em meio ao sucesso editorial que nasce a literatura infantil de Monteiro Lobato, com a publicação, em 1920, de *A menina do Narizinho Arrebitado*. Sua literatura para crianças vai tomando corpo em meio a lutas editoriais, financeiras, políticas, dos mais variados matizes. Mesmo afastado definitivamente dos negócios editoriais a partir de 1927, Lobato continuaria envolvido com os livros para o público que descobrira; obras que também iriam se enriquecendo com as atividades exercidas pelo escritor. Assim, no governo de Washington Luís, Monteiro Lobato é nomeado adido comercial brasileiro em Nova Iorque, fato que é relevante na vida e obra de Lobato:

Sua experiência norte-americana é marcante.

Fica conhecendo um país industrialmente desenvolvido de forma plena e fascinado pela modernidade das máquinas e da tecnologia. Daí à idolatria pelo modo de vida norte-americano vai só um passo, e Monteiro Lobato não hesita em dá-lo. O passo, aliás, era previsível: Estados Unidos e Argentina foram sempre os padrões ante os quais Monteiro Lobato verberava o subdesenvolvimento brasileiro.

Residindo em Nova Iorque, Monteiro Lobato mergulha fundo no seu sonho. (...). Toma conhecimento de novas técnicas de beneficiamento de minério de ferro, visita as indústrias Ford e deslumbra-se todo. Reaviva-se e intensifica-se sua velha paixão pelo moderno e pela eficiência, que nos idos de 1914 o fizera intolerante em face da cultura primitivamente predatória dos jecas paulistas.

Metrô, eletrodomésticos, auto-estradas, cinema falado, tudo deixa o velho fazendeiro de Buquira extasiado e o faz derramar sua admiração em carta aos amigos brasileiros. Em seu entusiasmo não

há lugar para críticas, e Monteiro Lobato envolve na mesma paixão tanto as fitas de Walt Disney e os espetáculos do Music City Hall quanto a agressão imperialista à Nicarágua e a execução de Sacco e Vanzetti.

Monteiro Lobato não conhece meias-medidas. (Lajolo, 2000, p.72-73)

Como podemos perceber, Lobato é uma personalidade central na vida pública de São Paulo e, de um modo geral, do País. Seus negócios, independentemente do sucesso financeiro, e sua viagem aos Estados Unidos, onde encontra uma sociedade industrial sonhada para o Brasil, são fatos marcantes na vida de um intelectual cujas idéias não podem ser observadas sem lembrarmos da formação positivista em voga no século XIX. Formação que lhe permitiu vislumbrar uma população mais saudável por meio das campanhas sanitaristas, pessoas aptas a alcançar o desenvolvimento que presenciara entre os norte-americanos.

Assim, de volta dos Estados Unidos, encontramos Lobato empenhado em dar ferro e petróleo ao Brasil.

Entusiasmado com o “processo Smith”, processo de redução do ferro sem uso de carvão, Lobato “forma uma empresa para desenvolver o ferro – o *Sindicato Nacional de Indústria e Comércio*. Volta a escrever regularmente na imprensa, mas, tecnicamente, o sistema Smith revela-se impraticável” (Penteado, 1997). Voltando-se, então, para o petróleo, Lobato se lança fervorosamente numa verdadeira cruzada pela causa do “ouro negro”, que julgava ser um dos principais fundamentos do desenvolvimento norte-americano. Assim, dar petróleo ao Brasil seria legar uma preciosa alavanca de desenvolvimento econômico e social que permitiria à democracia deixar de ser ficção política, uma vez que estaria respaldada pelo mercado (acesso aos bens), pelo

progresso cultural e material. Embora contasse com a experiência adquirida na questão do ferro, em que a parceria com o governo se mostrou ineficaz, Lobato pagaria o preço de suas denúncias:

Desanimado com o ferro, volta-se para o petróleo. Em outubro de 1933, escreve uma longa carta para o Ministro da Viação, Juarez Távora. Novamente empresário, à frente da Cia. Petróleo do Brasil, luta contra o Serviço Geológico, transformado em Departamento Nacional da Produção Mineral, e escreve muito: sobretudo cartas e artigos. Reúne suas denúncias em livro: *O Escândalo do Petróleo* (1936). Financia sua luta pelo petróleo com a atividade de escritor e tradutor.

Depõe diante da Comissão de Inquérito, criada pelo Ministério da Viação diante de suas denúncias, e é convidado por Vargas para assumir o Ministério de Propaganda. Lobato recusa. *O Escândalo* é proibido de circular e em 1939, abatido com o suicídio do cunhado, Heitor de Moraes, abandona as atividades de empresário. Em maio de 1940, contudo, escreve uma longa carta a Fernando Costa e, em seguida, outra a Getúlio Vargas, que acabará resultando na sua prisão, em março de 1941.

Julgado em 8 de abril, é absolvido, mas, antes de ser solto, escreve mais duas cartas ao General Horta Barbosa, do Conselho Nacional de Petróleo e ao ditador Vargas. O tribunal de Segurança condena-o a seis meses de prisão. Passa 90 dias preso e é indultado por Getúlio. Dá muitas entrevistas, que a censura não deixa que sejam publicadas. (Penteado, 1997, p.33-35)

Contudo, além dos problemas cuja dimensão perpassavam tanto a vida pública quanto a pessoal – como a prisão em 1941, por exemplo – Lobato vivencia os dois maiores conflitos do século XX, as duas guerras mundiais. Intelectual engajado nos problemas do seu tempo, o escritor sentiu o embate desses conflitos, mesmo que não implicassem diretamente, a princípio, em nenhum prejuízo à nação brasileira.

1.3. “Estou um D. Quixote...”

Antes da carnificina causada pela chamada “Grande Guerra” (1914-1918), lembrança do choque que causou com seu poder ilimitado de matar, Lobato já voltara os olhos para outros conflitos, como, por exemplo, a Guerra do Paraguai.

Em recente trabalho, Gouvêa (2003) faz uma busca do tema “guerra” pela obra do escritor, afirmando que “das reminiscências de veteranos do Paraguai às primeiras explosões atômicas, encontramos na obra de Lobato os principais conflitos testemunhados desde o final do século XIX” (p.118), quais sejam, no Brasil: Canudos, Revolução Federalista, Revolução Constitucionalista de 1932; no mundo: Revolução Russa, Primeira e Segunda Guerra Mundiais, experiências militares nucleares no atol de Bikini.

Além dos textos escritos para os leitores adultos, como, por exemplo, “Veteranos do Paraguai” e “Uruguaiana”, ambos publicados em *A onda verde* (1921), vemos os conflitos serem abordados em livros infantis como *História do mundo para crianças* (1933) e *Geografia de Dona Benta* (1935). Mas a guerra, sem distinção de local e data, também aparecem em histórias aparentemente sem compromisso com a realidade — em *O Saci* (1921), por exemplo, Pedrinho discute com o personagem folclórico a estupidez das batalhas humanas.

A Segunda Guerra Mundial, por sua vez, não iria ficar fora das histórias lobatianas. Em 1941 ela aparece em *A reforma da natureza* e, em 1942, ressurgiu com toda a força em *A chave do tamanho*. Assim, tendo em vista o trabalho de Gouvêa, vemos que a autora acaba por recuperar idéias sobre a guerra que, explicitamente contrárias às barbáries fossem elas em território nacional fossem em qualquer outro lugar do mundo, viriam a se apresentar como tema central na obra infantil de 1942.

É interessante observar que essa preocupação humanística de Lobato se manifesta marcadamente em livros destinados ao público infantil, ou seja, há neles um caráter pedagógico, em sentido amplo, visando a formação das novas gerações. Diante disso, o contraste com o ideário do Estado Novo se mostra ainda mais pertinente, tendo Lobato “nadado contra a corrente” das exaltações típicas sobre bravura e devoção pela pátria. Ainda mais: uma obra como *A chave do tamanho* se opunha frontalmente ao discurso oficial em que a guerra aparecia como momento de manifestação dos atos mais heróicos ou dos valores morais mais sublimes.

Lembrando que o meio de circulação dos livros infantis de Lobato era principalmente a escola, e que nesta se cuidava de preparar o “futuro da nação”, torna-se necessário, então, perguntarmo-nos – qual era a situação da educação brasileira na época de Lobato ? Que tipo de formação era oferecida às crianças do final do século XIX e na primeira metade do século XX? Questões como estas podem melhor contextualizar o papel, e por que não o *impacto*, de um livro como *A chave do tamanho* na década de 40.

Observando o início do século XX, vemos que o engajamento na causa republicana, levou a intelectualidade brasileira a ver na escola a possibilidade efetiva de mudanças sociais. A necessidade de legitimação da República bem como de sua ideologia encontrou na instituição escolar um meio eficaz de alcançar seus objetivos. O sistema escolar brasileiro, cuja origem está no trabalho realizado pelos jesuítas no século XVI, tinha como saldo, ao final da monarquia, algumas poucas escolas mantidas mais por iniciativa privada do que por investimento governamental. Assim, tornava-se imperioso reformar a educação brasileira, uma vez que os ideais republicanos só se efetivariam num sistema ainda não existente, ou melhor, paradoxalmente instaurava-se um governo para um povo cujo papel político se dava num plano teórico, virtual.

O início da efetiva instituição do sistema público de educação foi inegavelmente obra da República. O regime monárquico, ao findar-se, deixara um saldo de umas poucas escolas de nível superior e secundário mantidas pelo Governo Central, de algumas escolas de educação primária financiada com recursos provinciais e locais e um número relativamente expressivo, porém absolutamente insuficiente, de estabelecimentos de nível primário e secundário de iniciativa privada (de natureza confessional ou leiga). Assim, a educação era basicamente um empreendimento de iniciativa particular, com uma certa participação do Governo Central, sobretudo no que se referia às escolas de preparação das elites dirigentes, encontrando-se as províncias e as municipalidades praticamente alheias a um esforço mais sério de manutenção de escolas. (Antunha, 1973, p.48)

O investimento estatal em educação se tornava urgente, sobretudo, pelos percalços que se apresentavam diante das tentativas de modernização brasileira:

Imposta de cima para baixo [a modernização brasileira], não levou em conta as peculiaridades de uma sociedade que queria abafar, num projeto de renovação aparente, a realidade social de um país que recentemente abolira a escravidão e cuja economia não apenas se fundava na estrutura arcaica do latifúndio, da monocultura e da exportação de matérias-primas, como não tinha o menor interesse em modificar essa situação. (Zilberman; Lajolo, 1985, p.27)

Empenhada em construir a imagem de um país em franca urbanização e significativo desenvolvimento econômico, a elite política empreendeu, então, reformas institucionais a fim de levar a instrução pública a camadas mais amplas da população. A reforma educacional, porém,

encontrava como obstáculo, entre outros, a falta de material adequado para o ensino que, desde o Império, se encontrava marcado pela presença de professores estrangeiros com seus respectivos materiais, vigorando, em muitas das vezes, o ensino na língua do mestre:

Com certeza em decorrência inevitável dessa precariedade cultural foi a permanente falta de livros no Brasil durante largos e largos anos, consequência da realidade sócio-econômica da condição brasileira. embora já datada de 1808 pois a validade da Imprensa Régia é de 13 de maio desse ano, só muito mais tarde nossos prelos trabalhariam com livros, dando-se preferência inicial aos jornais da terra. Os viajantes estrangeiros que nos visitaram nas três primeiras décadas do século XIX, como Henry Koster, em 1811, experimentaram o verdadeiro tabu com que o livro era encarado no Brasil. Ele nos descreve, por exemplo, as dificuldades que teve para desembaraçar uma caixa de livros que trazia consigo. (Arroyo, 1968, p.71)

Assim, com o ensino tomando parte de um processo político de consolidação dos ideais republicanos, a escola nasce e, com ela, a necessidade de livros cujo caráter nacional servissem aos objetivos pedagógicos. Surge, então, a literatura infantil brasileira, fruto da urbanização e industrialização do País no final do século XIX:

Nem sempre será possível estabelecer-se uma separação nítida entre os livros de entretenimento puro e o de leitura para a aquisição de conhecimentos e estudos nas escolas, durante o século passado [XIX]. Percebe-se que a literatura infantil propriamente dita partiu do livro escolar, do livro útil e funcional, de objetivo eminentemente didático. Daí também ser difícil estabelecer-se aquela distinção. (Arroyo, 1968, p.93-97)

Os apelos nacionalistas e pedagógicos se firmam, portanto, no contexto de um panorama fortemente marcado por obras estrangeiras, como vemos nos exemplos a seguir:

Carlos Jansen e Figueiredo Pimentel são os que se encarregam, respectivamente, da tradução e adaptação de obras estrangeiras para crianças. Graças a eles, circulam, no Brasil, *Contos seletos das mil e uma noites* (1882), *Robinson Crusóe* (1885), *Viagens de Gulliver* (1888), *As aventuras do celeberrimo Barão de Münchhausen* (1891), *Contos para filhos e netos* (1894) e *D.Quixote de la Mancha* (1901), todos vertidos para língua portuguesa por Jansen. Enquanto isso, os clássicos de Grimm, Perrault e Andersen são divulgados nos *Contos da Carochinha* (1894), nas *Histórias da avozinha* (1896) e nas *Histórias da baratinha* (1896), assinadas por Figueiredo Pimentel e editadas pela Livraria Quaresma.

Merecem destaque ainda, entre as traduções, a que João Ribeiro fez, em 1891, do livro italiano *Cuore* e, a partir de 1915, as traduções e adaptações que, coordenadas por Arnaldo de Oliveira Barreto, constituíram a Biblioteca Infantil Melhoramentos. (Zilberman; Lajolo, 1985, p.29)

O grande número de traduções bem como os empreendimentos de Alexina de Magalhães Pinto, de indicar uma biblioteca infantil na revista *Almanaque* (1917), e Arnaldo de Oliveira Barreto, de trabalhar uma biblioteca infantil com a Melhoramentos, apontam para a prontidão e maturidade da sociedade brasileira para a absorção de produtos culturais mais modernos e especificamente dirigidos, o que já atestava o surgimento, em 1905, da revista infantil *O Tico-Tico*.

“Nesse contexto cultural, e no horizonte social de um país que se urbanizava e modernizava, começam a sistematizar-se os primeiros esforços para a formação de uma literatura

infantil brasileira, esforços até certo ponto voluntários e conscientes” (Zilberman; Lajolo, 1985, p.27). Esses esforços, como afirmam as autoras, tinham certo caráter “consciente”, o qual se apresenta principalmente no meio educacional.

A literatura infantil brasileira, assim, surgiu no contexto da formação e consolidação da instituição escolar – eram personalidades ligadas à educação e/ou a movimentos nacionalistas pelo progresso da pátria que se lançaram à produção das primeiras obras infantis no Brasil. Sensíveis às contradições da República, os intelectuais, muitos deles contemporâneos da luta pelo fim da monarquia, perceberam a necessidade de fazer da educação pública uma bandeira cujos ideais se firmavam no conhecimento como força de superação do estado de miséria e letargia que fazia do Brasil um país de tão forte antagonismo social. A idéia do conhecimento como instrumento do progresso, o que nos remete a concepções iluministas, se encontrava, apesar de sua faceta nacionalista, alinhada ao pensamento europeu da época:

Ocorreu também a apropriação brasileira de um projeto educativo e ideológico que via no texto infantil e na escola (e, principalmente, em ambos superpostos) aliados imprescindíveis para a formação de cidadãos. Esse fenômeno, que começou sistematicamente a ser desenvolvido entre nós a partir da República, nasceu na Europa, onde apareceram várias obras que, cada uma a seu tempo, inspiraram autores brasileiros. É de 1877 o livro *Le tour de la France par deux garçons*, de G. Bruno (pseudônimo de Augustine Tuillerie, esposa do escritor Alfred Fouillé), e de 1866 *Cuore*, do escritor italiano Edmond De Amicis. (Zilberman; Lajolo, 1985, p.32)

Todavia a efervescência no campo da educação correspondia mais a uma necessidade de justificar a manutenção do poder oligárquico dos grandes exportadores brasileiros do que a um

movimento de caráter predominantemente popular pela busca de melhores condições socioeconômicas. O clima de transformação, portanto, se revelava aparente diante das alterações superficiais promovidas pelo progresso que tentava esconder o conservadorismo político que se refletia na produção para crianças –

[...] Este conservadorismo também pode, ao menos parcialmente, ser atribuído ao modelo cívico-pedagógico no qual, mesmo que à revelia, ela [a literatura] se insere, ou, por outro lado, ao ranço dos padrões europeus nos quais se inspirava: eram os clássicos infantis europeus que forneciam material para adaptações e traduções que precederam a propriamente dita produção brasileira de literatura infantil. (Zilberman; Lajolo, 1993, p.17)

No contexto desse modelo de literatura para crianças, o trabalho, o amor à pátria e a dedicação à família são temas recorrentes. As personagens são “crianças modelares cuja presença nos livros parece cumprir a função de contagiar de iguais virtudes e sentimentos seus jovens leitores” (Zilberman; Lajolo, 1993, p.33). Isso atendia a “um projeto pedagógico que acreditava na reprodução passiva de comportamentos, atitudes e valores que os textos manifestavam e, manifestando, desejavam inculcar nos leitores” (Zilberman; Lajolo, 1993, p. 34).

Esse modelo cívico-pedagógico correspondia não só ao desejo de desenvolvimento brasileiro, mas também a um posicionamento nacionalista-ufanista que levou escritores como Olavo Bilac, Francisca Júlia, Júlia Lopes de Almeida, Coelho Neto, Manuel Bonfim e Zalina Rolim a se dedicar a obras que viessem a dissipar as marcas estrangeiras presentes nas correntes traduções de autores como Carlos Jansen e Figueiredo Pimentel. No entanto, esse mesmo

posicionamento nacionalista diante da literatura infantil correspondeu à adoção de certo modelo de civismo cujas raízes, como vimos, são européias:

No Brasil, já nos anos que circundavam a República, quando a noção de pátria e o estímulo ao patriotismo faziam parte da campanha pela modernização social, *Le tour de la France par deux garçons* e *Cuore* se erigiram em exemplos.

O livro italiano teve várias traduções, algumas portuguesas, outras abasileiradas. A de maior aceitação parece ter sido a de João Ribeiro, lançada em 1891, cinco anos depois da primeira edição italiana. O livro francês de G. Bruno foi objeto de uma adaptação mais requintada: inspirou, em 1910, o famosíssimo *Através do Brasil* que, escrito por Olavo Bilac e Manuel Bonfim, constituiu-se na leitura apaixonada e obrigatória de muitas gerações de brasileiros.

Nos arredores da publicação de *Através do Brasil*, outras obras deram consistência a esta idéia da leitura, especialmente da leitura escolar, instrumento de difusão de civismo e patriotismo: são de 1866 os *Contos infantis*, de Júlia Lopes de Almeida e Adelina Lopes Vieira, de 1899 o livro *Pátria*, de João Vieira de Almeida, de 1901 *Por que me ufano de meu país*, de Afonso Celso, de 1904 os *Contos pátrios*, de Olavo Bilac, agora em parceria com Coelho Neto, de 1907 as *Histórias da nossa terra*, de Júlia Lopes de Almeida. (Zilberman; Lajolo, 1985, p.34)

Portanto, defender uma literatura genuinamente nacional para crianças significou, em última instância, adotar um ideário europeu tanto no que diz respeito ao conteúdo quanto à forma. Assim, dissipadas as marcas estrangeiras na linguagem, mas mantendo os livros europeus como modelos, os textos patrióticos, como escrevem as autoras, apelam “ao heroísmo e ao patriotismo, à devoção e ao sentimento filial que se fazem, geralmente, em meio a uma evocação da natureza

que tem sublinhados seus aspectos de riqueza, beleza e opulência” (Zilberman; Lajolo, 1985, p.39).

Nesse contexto social, político e, conseqüentemente, educacional/pedagógico aparece *A menina do Narizinho Arrebitado* (1920). O interesse de Lobato de escrever para crianças, como demonstra em cartas a Rangel, leva-o à constituição de uma série de histórias em que, se há também o caráter pedagógico, seja com a abordagem de matérias escolares, seja com o tratamento de temas do momento, prevalece, contudo, o aspecto lúdico, em que a fantasia encontra espaço privilegiado.

Mas é com *Narizinho Arrebitado*, de 1921, que Lobato fixa o espaço que estará presente em todas as narrativas, mesmo que seja apenas como ponto de partida para a história: o Sítio do Picapau Amarelo. Junto com o espaço, o escritor fixa também um quadro de personagens: Dona Benta, Tia Nastácia, Narizinho, Pedrinho, Emília e o Visconde de Sabugosa, além dos animais falantes que farão parte das histórias – o porco Rabicó, o burro Conselheiro e o rinoceronte Quindim.

Privilegiando a escola como espaço de circulação do livro, o conteúdo pedagógico dos textos lobatianos, principalmente aqueles destinados ao aprendizado de matérias como gramática e aritmética, mostra-se alinhado aos pressupostos do movimento da Escola Nova, priorizando o cientificismo, o pensamento lógico, a busca de soluções para a vida real.

Depois do estrondoso sucesso de seu primeiro lançamento para crianças, Monteiro Lobato confirma a importância da escola e do estado na difusão da leitura. Juntando ambos, não hesita em fazer da escola seu trampolim temporário, ainda que seus livros denunciem sistematicamente a burocracia do estado e a chatice da escola brasileira de seu tempo. De uma forma tão simples como a circular pela qual organizara uma rede alternativa para a

distribuição dos livros não infantis de sua editora, Monteiro Lobato fez escoar através da escola os muitos milhares que imprevidente mas premonitoriamente fizera imprimir do livro *Narizinho Arrebitado*.

Distribuindo a escolas públicas paulistas quinhentos livros, Monteiro Lobato consegue vender trinta mil exemplares ao governo estadual. O governador paulista — Washington Luís —, ao visitar escolas em companhia de Alarico Silveira, secretário de educação e amigo de Monteiro Lobato, sensibilizou-se ao ver aquele livrinho tão surrado pelo uso e fez compra grande. (Lajolo, 2000, p.60-61)

Embora tenha feito da escola seu trampolim para a grande circulação de seus livros, Lobato se destacou, desde o início, pelas características inovadoras de sua obra. Sobre isso, Arroyo assim se manifesta:

O argumento de Edgar Cavalheiro é que Monteiro Lobato deu formato didático aos primeiros recontos, o que, na sua opinião, “mostra que mais do que as crianças, visava os escolares”. Na verdade, o argumento não prevalece. A forma de aparecimento na fase de literatura escolar era um imperativo do desenvolvimento histórico da literatura infantil. Monteiro Lobato percebeu perfeitamente a dinâmica e daí ter feito concessões formais. *Narizinho Arrebitado* aparece como “segundo livro de leitura para uso das Escolas Primárias”, mas o conteúdo não é mais didático: é amplamente lúdico. Consagrado o livro, como os demais que se seguiram, destacado o nome do autor, não teve dúvidas Monteiro Lobato em rever as estórias, muitas vezes para modificá-las, e dar-lhes outro destino dentro de uma independência que não precisava mais subordinar-se, formalmente, à literatura escolar. (Arroyo, 1968, p. 201-202)

Todavia, esse sucesso não se deu de forma pacífica. A obra de Lobato se insurge contra um modelo ufanista cultivado afoitamente pelos intelectuais brasileiros – os valores que perpassam a obra infantil lobatiana instauram o espírito crítico que levaria Emília a ser objeto de polêmica principalmente no meio pedagógico.

A preocupação com o ensino levou o escritor a realizar obras como *Aritmética da Emília* e *Emília no país da Gramática*, livros em que a intenção pedagógica é o principal objetivo. Mas, “pedagógico” em Lobato adquire outras dimensões no que diz respeito à formação humana, uma vez que suas aventuras estarão sempre ligadas ao conhecimento, à crítica, à reformulação de conceitos. É assim que *Reinações de Narizinho*, de 1931, constitui um espaço, o Sítio do Picapau Amarelo, em que a fantasia e a realidade não encontram mais limites definidos, “a interrogação é uma abertura à criatividade, às novas soluções e o convite à reflexão é o passe à iniciativa própria, assegurada no sítio, pelo universo democrático das relações reais e pelo fantástico nas articulações lúdicas das crianças” (Yunes, 1982, p.25). Uma leitura mais atenta, de acordo com a autora, revela-nos como se apresenta esse aspecto pedagógico no escritor:

Então, o que se verifica é que, por um lado, pelas situações criadas, há uma dominância do aspecto pedagógico em Lobato, dado que o real próximo se apresenta às personagens e estas devem compreender o momento histórico, a situação política, o crescimento econômico. Por outro, se reafirma o discurso literário onde a mimesis não se deixa confundir com a mera reprodução do real, mas aponta para seu questionamento e a consideração crítica das situações, à altura da inteligência e sensibilidade infantis. (Yunes, 1982, p.36)

Para Zilberman e Lajolo, a série do Picapau Amarelo se configura como um “projeto de Brasil”, cujo ponto de partida “é a aceitação do fracasso do projeto ruralista para o Brasil; ou

melhor: o abandono de uma concepção a respeito da economia do país” (Zilberman, Lajolo, 1985, p.57), ou seja, Lobato renega o ufanismo barato, o apelo moralista e instaura um mundo em que a esperteza e a criatividade, junto com a constante busca do conhecimento, fazem as coisas acontecerem. Os limites entre a realidade e a fantasia, então, são dissipados de tal forma que o “faz-de-conta” se mostra eficaz mesmo na hora de extrair petróleo do subsolo, como acontece em *O poço do Visconde*.

Diante do contexto vivenciado pelo escritor, torna-se mais explícito o “incômodo” causado por obras cuja voz dissonante instauram o relativismo e a crítica ao poder, como em *A chave do tamanho*. Se a Guerra do Paraguai já incomodara Lobato, a Segunda Guerra e seus desdobramentos não iriam deixá-lo menos chocado com a realidade, sendo esta desfigurada pelo “palavrório” oficial:

Para Lobato, a Guerra do Paraguai fora a própria barbárie. E o patriotismo praticado no Brasil não passava de palavrório sem sentido prático, como podemos ver em [...] “Estradas de rodagem”, publicado originalmente em 1917, no jornal *O Povo*, também de Caçapava, e resgatado no mesmo livro, *Conferências, artigos e crônicas*. Nele o autor argumenta que patriotismo não era declarar guerra à Alemanha ou “dar corda ao Bilac”, mas oferecer ao país condições efetivas de desenvolvimento, como boas estradas [...]. (Gouvêa, 2003, p.123)

Em 1945 envia uma saudação gravada a Luís Carlos Prestes para ser lida num comício realizado no Estádio do Pacaembu e organizado pelo Partido Comunista mediante a libertação de Prestes após dez anos de prisão no regime de Vargas, uma demonstração do valor que Lobato atribuía à liberdade e não de qualquer partidarismo, uma vez que rejeita, no mesmo ano, filiar-se

ao PC. Lobato ainda encontraria forças para visitar a Argentina, em 1946, voltando no ano seguinte ao Brasil.

Antes de viajar para o país vizinho, ainda em 1946, manifesta-se contrariamente à fundação de um museu de arte moderna em São Paulo, usando argumentos que já utilizara contra a pintura de Anita Malfatti, em 1917. Se o ponto de vista a respeito da arte moderna permanece, outras idéias se mostram modificadas de forma marcante. É o caso, por exemplo, de sua admiração pelos Estados Unidos – em 1944, desligara-se da União Cultural Brasil-Estados Unidos, o que justificou sucintamente em uma carta² enviada a Jorge Americano, em 02 de janeiro deste ano:

Em mãos a sua de 28 de dezembro ultimo [1943]. Nada de estranho há no meu pedido de retirada da União Cultural Brasil-Estados Unidos. Há apenas um pouco de lógica. Como verifiquei que os americanos fazem a maior das guerras aos fascismo na Europa e dão todo o apoio moral e material ao mesmo fascismo aqui, achei de bom conselho não contribuir para a união cultural entre os dois povos, de medo que o brasileiro acabe ainda mais sem-vergonha do que é. Como o prezado amigo vê, trata-se apenas de um bocadinho de lógica. (p.262)

A viagem de Lobato à Argentina em 1946 não dura muito – em 1947 já está de volta ao Brasil. Entre 46 e 47 Lobato prepara para a Editora Brasiliense a edição de suas obras completas. Em seus últimos anos de vida “mesmo enfermo, envelhecido e descrente, Lobato ainda encontra forças para procurar soluções para os eternos problemas brasileiros que tanto o angustiavam” (Azevedo, *et al*, 1997, p.350).

² LOBATO, Monteiro. *Cartas Escolhidas*.

Como podemos perceber, o papel ocupado por Lobato na história brasileira da primeira metade do século XX é um dos mais representativos. Sua obra infantil, evidentemente ligada às concepções filosóficas, políticas e sociais do escritor constitui um marco na produção voltada a um público que se formava majoritariamente nos bancos escolares. Por sua importância como escritor para crianças, Lobato recebeu a partir dos anos 70/80, e continua recebendo, atenção dos estudos acadêmicos. Em meio a obras que tratam do homem “Monteiro Lobato”, aparecem aquelas que buscam analisar os textos lobatianos. Trabalhos como o de André Luiz Vieira de Campos, *A República do Picapau Amarelo – uma leitura de Monteiro Lobato* (1986), que propõe uma leitura a respeito da mudança do conceito de progresso na obra do escritor, compartilham o espaço com estudos de caráter ideológico, como *De Negrinha a Tia Nastácia – um estudo sobre as personagens negras na obra de Monteiro Lobato* (2001), de Fabília Aparecida Rocha de Carvalho, ou enfocam elementos como a apropriação de personagens estrangeiros, é o caso de Adriana Silene Vieira, com *Um inglês no sítio de Dona Benta: apropriação de Peter Pan na obra infantil lobatiana* (1998).

Portanto, o intento de resgatar a crítica e/ou os estudos que têm como objeto de análise uma obra lobatiana, no caso, *A chave do tamanho*, apresenta-se como meio de verificar a abrangência dos estudos realizados sobre esta obra, configurando um quadro cujas lacunas poderão ser preenchidas por novas pesquisas. Ainda podemos afirmar que o cotejo das edições da obra se apresenta como um conjunto de dados que poderá contribuir para estudos a respeito do processo de escrita lobatiano.

A fortuna crítica e o cotejo, enfim, mostram-se como fonte de referência para a elaboração de nova(s) leitura(s) sobre o texto de *A chave do tamanho*, levando-nos a perceber a pertinência da obra no contexto literário/cultural brasileiro.

2- Tamanho, esse trambolho (1942/1947)

2.1. Cotejo de edições

A primeira edição de *A chave do tamanho* saiu em 1942, pela então existente Companhia Editora Nacional, fazendo parte da chamada “1ª série, literatura infantil”, como volume 33. Seu tamanho é de 15cm x 22cm (medidas aproximadas), com 161 páginas. A capa e a contracapa são coloridas, formando uma só ilustração, realizada, tal como os outros desenhos do texto, por J. U. Campos. Abaixo do título, há o subtítulo “A maior reinação do mundo” e, após a página de rosto, novamente o título com a seguinte mensagem:

História da maior reinação do mundo, na qual Emilia, sem querer, destruiu temporariamente o tamanho das criaturas humanas.

Ainda, antes de se iniciar a narrativa, consta uma “explicação necessária”:

Os personagens deste livro vêm de obras anteriores. Todos nascem em **Reinações de Narizinho** e aparecem em **O Saci, Viagem**

ao Céu, Caçadas de Pedrinho, Emilia no País da Gramática, Geografia de Dona Benta, Aritmética da Emilia, O Poço do Visconde, O Picapau Amarelo, O Minotauro e outros.

Dona Benta, avó de Pedrinho e Narizinho, vive com eles no sítio do Picapau Amarelo, em companhia de tia Nastácia, uma preta cozinheira, e mais o visconde de Sabugosa, que é um sabugo de milho muito sábio, Quindim, que é um rinoceronte domesticado, o Conselheiro, que é um admirável burro falante e a Emilia, uma ex-boneca de pano, antiga esposa do celeberrimo Marquês de Rabicó. Emilia foi evoluindo e insensivelmente passou de boneca a gente de verdade, conservando o tamanho inicial – 40 centímetros de altura. É o símbolo da independência mental e da habilidade para enfrentar todas as situações. Praticamente é quem governa o sítio de Dona Benta – e sempre exerceu uma completa ascendência sobre o visconde.

A vida no Picapau Amarelo é um interminável suceder de renações maravilhosas, nenhuma das quais equivale em originalidade e imprevistas consequências para o mundo á descrita nesta obra. Emilia excedeu-se, como disse o visconde – e por um triz não determinou no gênero humano a mais radical das mudanças – como o leitor verá.

Antes de passarmos para o cotejo entre a primeira edição e a de 1947, a qual se mantém em circulação, torna-se necessário fazer algumas considerações sobre as indicações bibliográficas sobre *A chave do tamanho*. Diante das alterações percebidas na obra, buscamos encontrar o momento em que teriam sido realizadas. Em geral, as buscas nos deram poucas pistas, sendo que a maior contribuição veio do trabalho de Bertozzo (1996), cujas informações nos permitiram o quanto foi possível melhor situar as edições da obra. A seguir, apresentamos uma tabela com as informações dadas pela pesquisadora:

<i>Informado por</i>	<i>Ano</i>	<i>Edição</i>	<i>Editora</i>	<i>Outros dados</i>
Edgar Cavalheiro	1942	1 ^a	Cia. Editora Nacional	
	1945	?	Cia. Editora Nacional	168p.
	1945	5 ^a	Brasiliense	
Boletim Bibliográfico da Biblioteca Mário de Andrade	1945	3 ^a	?	Ilustrada, 161p.
	1949	4 ^a	Brasiliense	Ilustrada, 197p. Obras Completas de Monteiro Lobato
	1949	5 ^a	Brasiliense	Ilustrada, 197p.
	1950	5 ^a	?	Ilustrada.
Hilda J. Villela Merz	1942	2 ^a	Cia. Editora Nacional	
	1945	2 ^a	Cia. Editora Nacional	
	1945	3 ^a	Cia. Editora Nacional	

Bertozzo ainda apresenta os comentários bibliográficos segundo o catálogo de lançamento da 1^a edição das “Obras Completas” e segundo a edição de 1965, que apontam *A chave do tamanho* como volume 14 e acrescenta que: “entretanto, na edição de 1965, ela aparece com a seguinte explicação ou subtítulo: ‘História da maior reinação do mundo onde Emília reduz temporariamente o

tamanho das criatura humanas’, seguida de uma ‘Explicação necessária’” (Bertozzo, 1996, p.365/366).

Observando as informações dadas por Bertozzo, podemos fazer algumas considerações. A primeira, refere-se à discordância de informações nas indicações bibliográficas – ao ressaltar que na edição de 1965 aparecem o subtítulo e a ‘Explicação necessária’, estamos deixando de considerar que esses itens já existiam na 1ª edição. A segunda diz respeito à dificuldade de se localizarem as edições, bem como a falta de informações nos próprios livros.

Apesar desses problemas, os dados obtidos acabam por se constituir como pistas para que possamos arriscar o “momento” em que ocorreu a principal modificação percebida entre a 1ª edição e as edições posteriores à morte do autor – a retirada de três capítulos cujas ações vieram a formar um só capítulo.

A partir da leitura e análise das 1ª e 2ª edições percebemos que: 1) as duas edições de 1942 são idênticas, ou seja, não ocorrem mudanças neste ano; 2) Bertozzo cita uma 3ª edição cujo número de páginas corresponde ao da segunda o que, embora não demonstre a ausência de modificações, ao menos mostra que o tamanho do volume permaneceu inalterado (161p.); 3) a 4ª edição seria de 1949, ano posterior à morte do autor (1948); 4) em um volume com data de 1947, porém sem registro da edição, deparamos com o texto já modificado.

Lembrando que entre 46 e 47 Lobato realiza uma revisão de toda sua obra para a Editora Brasiliense, podemos inferir que as mudanças foram realizadas nesse momento. Ainda podemos constatar, a partir do cotejo da 1ª, da 17ª, da 42ª e da edição de 1947 que modificações ortográficas (alteração de letras, colocação ou retirada de artigos, substituição de travessão por dois pontos e vice-versa, utilização ou não de letra maiúscula – visconde/Visconde, por exemplo) estão ligados à forma adotada pela editora para a publicação lobatiana, pois muitas alterações não são encontradas nos livros contemporâneos do escritor.

O subtítulo e a “explicação necessária”, por exemplo, viriam ora aparecer ora não nas edições posteriores – na 42ª, utilizada neste trabalho, não aparece nem uma nem outra dessas partes e, na capa, não consta o subtítulo “A maior reinação do mundo”.

Vejamos, então, as alterações que encontramos no cotejo entre a 1ª edição, de 1942, pela Cia. Editora Nacional, e um exemplar de 1947, sem indicação da edição a que pertence, pela Editora Brasiliense.

1ª/2ª edição – 1942 (Cia Editora Nacional)	1947 (Editora Brasiliense)
Capítulo I – Pôr – de – sol de trombeta (p.09)	Capítulo I – Pôr – de – sol de trombeta (p.03)
“— Mas o Sol, continuou Emilia, não põe ovo em nenhum ninho, nem tem o pes-si-mo cos-tu-me de tirar ouro do nariz.” (p.10)	“— Mas o Sol, continuou Emilia, não põe cartola na cabeça, nem tem o pessimo costume de tirar ouro do nariz.” (p.04)
Capítulo II – A chave do tamanho	Capítulo II – A chave do tamanho
“... — e, como a caixa estivesse levemente aberta, espiou.” (p.16)	“ — e, como a caixa estivesse aberta, espiou.” (p.12)
“Ora, a mudança de tamanho da humanidade vinha tornar as ideias filhas das experiencias dos homens tão inuteis como um tostão furado.” (p.18)	“Ora, a mudança do tamanho da humanidade vinha tornar às ideias tão inuteis como um tos tão furado.” (p.14)
Capítulo III – Por causa do pinto sura	Capítulo III – Por causa do pinto sura
“Mas o pinto sura era um malvado para enxergar.” (p.21)	“Mas o pinto sura era um danado para enxergar.” (p.20)
“Foi despertar muito longe dali...” (p.21)	“Despertou muito longe dali...” (p.20).
“...ficava tão alta que mal podia ve-la.” (p.23)	“...ficava tão alta que ela mal podia ve-la”
Capítulo IV – A viagem pelo jardim (p.24)	Capítulo IV – A viagem pelo jardim (p.24)
“E por que os besouros aumentam?” (p.28)	“E por que os besouros aumentaram?” (p.29)

1ª/2ª edição – 1942 (Cia Editora Nacional)	1947 (Editora Brasiliense)
Capítulo V – Aventuras (p.29)	Capítulo V – Aventuras (p.31)
“Estou agora compreendendo a razão: defesa contra o vento.” (p.29)	“Estou agora compreendendo: defesa contra o vento.” (p.31)
“Encontrou três com os cabos pendidos e as pétalas encostadas no chão.” (p.34)	“Encontrou três com os cachos pendidos e as pétalas encostadas no chão.” (p.39)
Capítulo VI – A família do major Apolinario (p.35)	Capítulo VI – A família do major Apolinario (p.40)
“Estava outra vez no horizontal, em cima do cano e o cano em cima da calçada.” (p.36)	“Estava outra vez no horizontal, em cima da calçada.” (p.41)
“Com certeza a negra estava passando a vassoura na varanda no momento em que ficou pequenininha; a vassoura escorregara escada abaixo e era agora o tal ‘enorme pau’.” (p.37)	“Com certeza a negra estava passando a vassoura na varanda e no momento em que ficou pequenininha a vassoura escorregara escada abaixo e era agora o tal ‘enorme pau’.” (p.43)
“...e só então Emilia viu.” (p.37)	“...e só então ela viu.” (p.43)
Capítulo VII – Juquinha conta a sua historia (p.43)	Capítulo VII – Juquinha conta a sua historia (p.51)
“Porisso estou certa de que o grande remédio contra o Papão é o Algodão. Contra um ão, só outro ão. Juquinha, amigo, toca a procurar o senhor Dom Algodão por causa do senhor Dom Papão.” (p.47)	“Porisso estou certa de que o grande remédio contra o Papão é o Algodão. Juquinha amigo, toca a procurar o senhor Dom Algodão por causa do senhor Dom Papão.” (p.47)
Capítulo VIII – A travessia das salas (p.48)	Capítulo VIII – A travessia das salas (p.58)
“Com elas não há isso porque a casa anda com as donas.” (p.51)	“Com eles não há isso porque a casa anda com eles.” (p.61)
“Descerei e procuraremos outro meio.” (p.52)	“Descerei e procurarei outro meio.” (p.63)

1ª/2ª edição – 1942 (Cia Editora Nacional)	1947 (Editora Brasiliense)
Capítulo IX – A estante dos remédios (p.53)	Capítulo IX – A estante dos remédios (p.64)
Capítulo X – O ford escangalhado (p.56)	Capítulo X – O ford escangalhado (p.69)
“Pensei que estivesse no fim do mundo, e estou bem perto do sítio. A vila de Itaóca...” (p.57)	“Pensei que estivesse no fim do mundo. A vila de Itaóca...” (p.71)
“Emilia lembrou-se dos sofrimentos de seus pesinhos nas ‘irregularidades daquele solo’ e propôs que se calçassem. — Com que sapatos? — Com sapatinhos de algodão.” (p.58)	“Emilia lembrou-se dos sofrimentos de seus pesinhos nas ‘irregularidades daquele solo’ e propôs que se calçassem. — Com sapatinhos de algodão.” (p.72)
“Emilia deu ao Juquinha uma lição sobre a vida nova.” (p.60)	“Emilia deu a Juquinha uma lição sobre a vida nova.” (p.75)
“Li – quem!” (p.61)	“Líquem!” (p.76)
Capítulo XI – No ninho do beija-flor (p.79)	Capítulo XI – No ninho do beija-flor (p.64)
“...mas quem engana a chuva?” (p.70)	“...mas quem engana chuva?” (p.88)
“Sua cabeça ficava a um terço da altura da aranha e seu pezinho, num movimento que ela fez...” (p.70)	“Sua cabeça ficava a um terço da altura da aranha e num movimento que ela fez...” (p.88)
“Na entrada do buraco parou e esteve muito tempo quentando sol. ‘Será que vai ficar ali toda a vida?’ Mas não ficou.” (p.70)	“Na entrada do buraco parou e esteve muito tempo quentando sol. ‘Será que vai ficar ali toda a vida?’ Não, não ficou.” (p.89)
Capítulo XII – O gigante de cartola (p.71)	Capítulo XII – O gigante de cartola (p.90)
“...suas botinhas molhadas começavam a esfiapar.” (p.73)	“...suas botinhas molhadas começaram a esfiapar.” (p.92)

1ª/2ª edição – 1942 (Cia Editora Nacional)	1947 (Editora Brasiliense)
Capítulo XIII – Revelações (p.75)	Capítulo XIII – Revelações (p.96)
“...o que você fez, Emilia, Emilia, foi destruir a civilização!” (p.76)	“...o que você fez, Emilia, foi destruir a civilização!” (p.76)
“...e porisso os brontossauros e mastodontes hoje só existem nos museus...” (p.77)	“...e porisso os brontossauros e mastodontes só existem hoje nos museus...” (p.102)
Capítulo XIV – A caminho do Picapau Amarelo (p.80)	Capítulo XIV – A caminho do Picapau Amarelo (p.103)
“...recortou uma rodela do tamanho dum 400 réis, que ajustou dentro da cartola.” (p.82)	“...recortou uma rodela do tamanho dum níquel grande que ajustou dentro da cartola.” (p.103)
“...que se acomodara em sua cartola.” (p.81)	“...que se acomoda em sua cartola!” (p.104)
“...e não tem fim o que dissemos.” (p.85)	“...e não teve fim o que dissemos.” (p.110)
Capítulo XV – O coronel Teodorico (p.87)	Capítulo XV – O coronel Teodorico (p.113)
“Quero ver se agora eles continuam a fazer tamanha judiação.” (p.88)	“Quero ver se agora continuam a fazer tamanha judiação.” (p.88)
“Agarre-se nisso!” (p.89)	“Agarre-se nisso, coronel!” (p.116)
“Erguendo a mão,....” (p.93)	“Erguendo a munheca,....” (p.122)
“...entregando-lhe o arroz.” (p.93)	“...entregando-lhe o grão de arroz.” (p.123)
Capítulo XVI – O terror do lago (p.95)	Capítulo XVI – O terror do lago (p.125)
Capítulo XVII – Rabicó, o canibal (p.103)	Capítulo XVII – Rabicó, o canibal (p.137)

1ª/2ª edição – 1942 (Cia Editora Nacional)	1947 (Editora Brasiliense)
Capítulo XVIII – O filósofo chinês (p.109)	Capítulo XVIII – “O filósofo chinês” (p.146)
“Garanto que é uma arte dela.” (p.109)	“Garanto que tudo é uma arte dela.” (p.146)
Capítulo XIX – Viagem a Europa (p.114) Capítulo XX – Em Berlim (p.117) Capítulo XXI – Na Itália e na Inglaterra (p.123) Capítulo XXII – No Kremlin (p.127)	Capítulo XIX – Viagem pelo mundo (p.152)
Capítulo XXIII – A cidade do balde (p.130)	Capítulo XX – A cidade do balde (p.166)
Capítulo XXIV – A ordem nova (p.138)	Capítulo XXI – A ordem nova (p.178)
Capítulo XXV – Na Casa Branca (p.145)	Capítulo XXII – Na Casa Branca (p.187)
“Colar o vidro com que cola?” (p.145)	“Com que cola colar o vidro?” (p.188)
“O governo americano, que era o mais poderoso do mundo, está hoje nú, com frio, sem sequer uma tanga para os rins, sem sombra de povo, sem força, sem meios de coisa nenhuma e sem a menor ideia na cabeça.” (p.147)	“O governo americano, que era o mais poderoso do mundo, está hoje nú, com frio, sem sequer uma tanga para os rins, sem sombra de povo, sem força, sem a menor ideia na cabeça.” (p.147)
Capítulo XXVI – Ainda lá (p.150)	Capítulo XXIII – Ainda lá (p.194)
“...deve ser no fim do mundo.” (p.153)	“...deve ser o fim do mundo.” (p.199)

1ª/2ª edição – 1942 (Cia Editora Nacional)	1947 (Editora Brasiliense)
Capítulo XXVII – O plebiscito (p.155)	Capítulo XXIV – O plebiscito (p.201)
“...e veio num trote muito discreto.” (p.155)	“...e veio num trote muito delicado.” (p.201)
“...mas toquei-o.” (p.155)	“...mas toquei-o, respondeu o burro.” (p.201)
“Estava ansiosa para contar as façanhas da viagem pelo mundo. Desfiou tudo atropeladamente.” (p.155)	“Estava ansiosa para contar as façanhas da viagem pelo mundo.” (p.201)

Essas pequenas alterações serviram para nos situar em meio à falta de dados sobre as edições. Vejamos agora a alteração mais importante verificada entre essas duas edições – a redução do número de capítulos, de 28 (1942), para 25 (1947). A seguir, capítulos da 1ª edição (em **negrito**) que foram modificados ou suprimidos posteriormente:

Capítulo XIX

Viagem a Europa

Tudo estava pronto para a viagem. No ultimo momento o visconde achou melhor desistirem do plebiscito e, em vez do passeio pelo mundo, tocarem diretamente para a Casa das Chaves. Alegou que cada minuto de demora eram mais milhões de seres humanos que pereciam em todos os continentes.

— E não se perde grande coisa — respondeu Emília. — O infinito é um colosso, visconde. Há lá pelos céus milhões e milhões de astros muitíssimas vezes maiores que esta pulguinha da Terra. E nesta pulguinha da Terra a humanidade é uma poeirinha malvada. Para o Universo tanto faz que essa poeirinha exista como não exista.

Aquele pouco caso da Emilia pela humanidade não impressionou o visconde. Ele viu no fundo que não era pouco caso, e sim muito caso. Emilia revoltava-se com as guerras e as outras formas de crueldade dos seres humanos. O apequenamento causado pela sua reinação evidentemente não fora de propósito. Quando Emilia virou a chave, sua intenção não fora fazer mal a ninguém, e sim bem: acabar com as guerras. Havia de haver uma chave da guerra, e o seu pensamento foi ir experimentando todas as chaves até acertar. Mas assim que virou a primeira, aconteceu o tal apequenamento, e ela nem sequer pôde suspender outra vez a chave, quanto mais experimentar as outras. “Emilia é filósofa”, pensou o visconde, “e quando se põe a filosofar parece que tem coração duro mas não tem. Emilia é filosoficamente boa.”

Depois de tudo bem combinado, e de tomadas lá na cômoda todas as providências, partiram. O fiun foi formidável, porque quanto mais novo é o superpó, mais forte. Emilia, coitadinha, perdeu completamente os sentidos, e o visconde ficou mais tonto que das outras vezes.

Por fim chegaram. O visconde levou minutos sentado, de pernas estiradas, olhando sem ver, ouvindo sem ouvir. Quando se pôs de pé, quase caiu, de tão tonto.

— Emilia! — chamou ele, e repetiu três vezes o chamado.

Como não obtivesse resposta, tirou a cartola e espiou pela janela. A coitadinha estava desacordada. O visconde despejou-a na palma da mão, cuidadosamente, e soprrou-a de leve. Nada. Soprrou mais forte. Nada.

— Parece incrível — murmurou ele — que essa grande coisa chamada humanidade dependa desta formiguinha sem sentidos que eu tenho na palma da mão! Se Emilia voltar a si, tudo poderá ser salvo; mas se morrer, é bem provável que estes insetos descascados também morram todos, e só fiquemos no mundo eu, o Conselheiro e o Quindim – os únicos seres falantes e escreventes — e que adiantará a “História do Grande Desastre” que eu possa escrever em minhas memórias? Não existirá ninguém para lê-la. E o curioso é que o mundo continuará [não tem a expressão “a rodar”] como se não tivesse havido nada. O burro, Quindim e todos os mais rinocerontes e hipopótamos e leões e tigres e a bicharada inteira desde os pintos suras até os micróbios, continuarão a existir como até hoje — e até ficarão muito contentes com o sumiço do Homo sapiens. Porque o Homo sapiens era o que mais atrapalhava a vida natural dos bichos. Até Rabicó, aquele patife, continuará a fossar os brejos em busca de minhocas — e já sem medo nenhum do bodoque de Pedrinho ou das ameaças de Emilia.

Estava nesse ponto da conversa consigo mesmo, quando a “formiguinha desmaiada” fez um leve movimento e logo em seguida outro. O visconde respirou aliviado.

— Ora graças que está acordando.

Emilia despertou e sentou-se. Passou a mão pelos olhos ainda turvos.

— Onde estou?

— Aqui comigo, na palma da minha mão, em qualquer parte da Europa — disse o visconde.

Emilia sorriu e pôs-se de pé, ainda tontinha; firmou-se logo, porém, e pediu a cartola.

— Erga-me para a cartola, visconde. Sua mão está muito quente e suada.

Assim foi feito.

— Onde será que estamos? — perguntou, logo que reapareceu em sua janelinha. — Isto aqui parece um campo de trigo sem trigo, mas de que país?

Os campos de trigo sem trigo são todos semelhantes, de modo que por meio deles ninguém consegue identificar um país. Para isso, só as cidades.

— Vamos tomar por aquele caminho, visconde — disse ela referindo-se à estrada que se via dali. — Todo caminho dá em cidade.

O visconde dirigiu-se para a estrada e pôs-se a caminhar. Uma larga estrada deserta, com sinais de tráfego nas curvas e pontos perigosos. Esses sinais também não permitiram a identificação do país, porque são os mesmos em toda parte. Só quando chegaram a um cruzamento puderam ler a tabuleta indicadora da direção. Havia de cada

lado uma flecha com um nome embaixo. O visconde viu imediatamente que o superpó os havia largado na Alemanha.

— Muito bem, este nome de Furstenwalde mostra que estamos perto de Berlim. O melhor é irmos diretamente para lá.

— Ótimo — concordou Emilia. — Com a cheirada de alguns grãos de superpó, estaremos em Berlim em meio segundo.

— Mas não vá perder os sentidos outra vez — disse o visconde, dando-lhe apenas meio grãozinho de superpó e aspirando um inteiro.

Capítulo XX

Em Berlim

O passeio do visconde e da Emilia pela cidade de Berlim dava assunto para **um livro inteiro**. Quanta coisa observaram! A capital da Alemanha pareceu-lhes perfeitamente morta. A enorme quantidade de montinhos de roupa em todas as ruas revelava a sua grande população. Na maioria eram montinhos de farda, com um capacete ou quepe em cima. Inúmeros automóveis despedaçados, quase todos militares. O apequenamento havia acontecido às 4 hora, que é a hora de Berlim correspondente às 10 da manhã lá no sítio. A população estava em plena atividade nas ruas, quando subitamente desapareceu. O que de fato havia acontecido à humanidade inteira fora isso — um desaparecimento. No mesmo instante, em todos os continentes, em todas as cidades, em todas as casas e ruas, em todos os navios e trens, os seres humanos derreteram-se como sorvete, dentro das roupas, mas de modo instantâneo, e as roupas ficaram no lugar, em “montinhos largados”, quase sempre com um chapéu em cima. E em substituição de cada criatura apareceu dentro de cada montinho de roupa um inseto bípede de várias cores — uns cor-de-rosa, outros amarelos, outros cor de cobre, outros pretos como carvão.

Foi isso o que se deu: completa extinção da Humanidade, porque os insetos de dois pés que a substituíram já não eram propriamente a Humanidade — eram a Bichidade, como **a Emilia classificou**. E, portanto, ela, a Emilia, a Emilinha do sítio de Dona Benta, havia realizado um prodígio sem nome: suprimido a Humanidade! O que os gelos dos períodos glaciais não conseguiram e o que não conseguiram as erupções vulcânicas, e os terremotos, e as inundações, **e as grandes fomes**, e as **grandes** pestes, e as grandes guerras, a marquesinha de Rabicó havia conseguido da maneira mais simples — com uma virada de chave! Aquilo era positivamente o Himalaia dos assombros.

Todas as casas de Berlim estavam abertas e desertas. Ninguém, de ninguém, de ninguém. Só cachorros e gatos. Esses novos antropófagos andavam livremente por toda parte; os cães tinham aprendido a revolver os montinhos de roupa e os gatos pescavam com a mão os insetos mal escondidos nas frestas. Muitos passarinhos do campo também vieram caçar em Berlim. Emilia recordou o tempo da saída de içás lá no sítio em outubro, coisa que tanto assanhava os passarinhos e as aves domésticas.

— Veja! — exclamou o visconde filosoficamente. — Esta gente, que era a mais terrível e belicosa do mundo e estava empenhada numa guerra para a conquista do planeta, ainda é mentalmente a mesma — quero dizer, ainda sente e pensa da mesma maneira. E ainda sabe tudo quanto aprendeu. Os químicos sabem fazer prodígios com a combinação dos átomos. Os físicos e mecânicos sabem todos os segredos da matéria. Os militares sabem todos os segredos da arte de matar. Mas como perderam o tamanho, já não podem coisa nenhuma. Sabem, mas não podem. Que coisa terrível para eles!

— Estou vendo que a grande força dos homens estava no tamanho — disse Emilia. — O tamanho era como o cabelo de Sansão. Quando Dalila cortou o cabelo de Sansão, o coitado perdeu toda a força.

— Exatamente — concordou o visconde. — O tamanho era tudo, isto é, todo o aparelhamento mecânico da humanidade fora feito para os homens daquele tamanho. Assim que aquele tamanho mudou, adeus viola! Tudo ficou absolutamente inútil. Até as invenções dependem do tamanho. Agora compreendo porque as formigas não inventam nada. Não podem, por falta de tamanho. Que coisa tremenda o tamanho! Está aí uma idéia que nunca me passou pela cabeça.

E realmente era assim. Aquela grande cidade com todas as suas máquinas e veículos e organizações, valia menos, para os novos insetos louros, do que um buraquinho na terra (dos sem dono dentro) ou uma fresta de rodapé.

O visconde parou diante do palácio do governo e ficou a balançar a cabeça filosoficamente.

— Aqui morava o ditador que levou o mundo inteiro à maior das guerras, e destruía cidades e mais cidades com seus aviões, e afundava os navios com os seus submarinos, e matava milhares e milhares de homens com seus canhões e as suas metralhadoras — o homem mais poderoso que já existiu. Tudo isso por quê? Porque tinha oito palmos e meio de altura. Assim que foi reduzido a quatro centímetros, todo o seu poder evaporou-se. Ele, se é que ainda não foi para o papo de algum pinto sura, permanece o mesmo, com a mesma energia mental, a mesma disposição destruidora e a mesma vontade de aço — mas não pode mais nada.

— Ah, se **nós** conseguíssemos encontra-lo! — suspirou Emilia.

— Quem sabe? É possível que ainda esteja dentro deste palácio.

O visconde subiu as escadarias e entrou. Enormes salões desertos, com o chão coalhado de montinhos de farda. Aqui e ali, um gato ou cachorro vagabundo. O silêncio era

impressionante. O visconde lembrou-se de sacudir um dos montinhos de farda e viu cair pela manga um inseto louro, nu, mortíssimo. O pano amontoara-se de mal jeito em cima dele; o inseto, que não pudera sair, morrera abafado. Examinando os bolsos da blusa, o visconde encontrou a carteira de identificação do falecido. Era um grande general, famoso pelas destruições feitas na Polônia. Emilia ficou a olhar para aquela tripinha que o visconde erguia no ar por um pé.

— Extraordinário! — disse ela. — Esta simples tripinha foi um dos terrores do mundo, só porque era dotado de tamanho. Estou vendo, visconde, que o tamanho dos homens era realmente a pior coisa que havia — e fiz muito bem de acabar com ele. O melhor será irmos à Casa das Chaves e também suprimirmos o tamanho de todos os outros animais. Para que tamanho? Um micróbio vive perfeitamente — e é pequenininho a ponto de ser invisível.

Outros montes de farda foram sacudidos sem que nada caísse de dentro.

— Os insetos destas roupas puderam safar-se, disse Emilia — mas onde andam?

Não tardaram a descobri-los. Embaixo dos moveis, nos caminhos mais escuros, nas frestas, por toda parte onde houvesse minúsculos abrigos naturais, o visconde descobriu medrosos ajuntamentos de insetos louros. Inúmeros já estavam no papo da gataria invasora e dos cães. Cão não come inseto, mas inseto feito de carne humana é petisco diferente e raro. Além disso, os gatos e cães da Alemanha andavam com rações muito curtas de modo que se aproveitavam daquela imprevista oportunidade.

O visconde foi andando de sala em sala. Uma delas parecia a do Grande Ditador.

— Era aqui — disse Emilia — que ELE mandava e desmandava. Agora, com certeza, anda escondido nalgum burquinho.

— Mas como poderemos reconhece-lo?

— Pelo bigode. Nada mais fácil.

Com um pauzinho o visconde começou a tirar os arianos escondidos nas frestas ou debaixo dos móveis. De sob a secretária do Grande Ditador saíram vários, evidentemente generais e homens de governo. Um deles tinha bigodinho.

A entrevista de Emilia com o Grande Ditador dava um livro de mil páginas, mas temos de resumir. A pedido dela o visconde ergueu-o até a altura da janelinha para que pudesse ouvir o seu discurso.

— Meu senhor — disse ela — tenho a honra de apresentar a Vossa Excelência o visconde de Sabugosa, o milho falante lá do sítio de Dona Benta. E também me apresento

a mim mesma — frau Emilia, Marquesa von Rabicó. Viemos dar uma vista d'olhos pelas Europas e o acaso nos largou nesta Alemanha de Vossa Excelência. Mas estou admirada do que vejo. Esperei encontrar o grande arsenal das ditaduras dando tiros de canhão e espirrando fogo, e o que no próprio palácio do Grande Ditador eu vejo são montinhos de fardas vazias e arianos insetiformes, tímidos, nus, escondidos pelos cantos e vãos e frestas. Que foi que aconteceu, Excelência?

Para uma criaturinha de quatro centímetros, um “milho” como o visconde, de dois palmos de altura, equivalia a um formidável gigante. Nada mais natural, pois, que o Grande Ditador se encolhesse todo, sem ânimo de soltar uma só palavra. Mas Emilia o sossegou.

— Não se assuste, Excelência. O visconde é o maior gigante do mundo, mas também é milho — um vegetal extremamente pacato. Além disso é um grande sábio — hoje o maior sábio do mundo. E não é judeu, não, Excelência. Não tenha medo. O visconde é arianíssimo. Quando estive no milharal que foi o seu berço, o vento dava na sua linda cabeleira platinum blonde. Hoje está velho e careca e anda sempre com o meu sítio na cabeça. Não entende? Meu sítio é esta cartola. Pois bem, Excelência. Cheguei até cá para dizer uma coisa só — que o Tamanho morreu. E quem acabou com o Tamanho eu sei quem foi, e sei também que essa pessoa é a única que pode novamente restituir aos homens o antigo e querido tamanho — aquele tamanho malvado, porque se não fosse ele os homens não teriam sido maus como foram, fazedores de guerras, incendiadores de cidades, afundadores de navios, judiadores de judeus. Mas esse misterioso alguém só restaurará o tamanho perdido se tiver a certeza de que Vossa Excelência vai fazer a paz, e botar fora todas as horrendas armas que andou amontoando, e desse momento em diante viverá na mesma paz e harmonia com o mundo em que vivem as formigas e abelhas. Se o Tamanho voltar e tudo ficar como estava, quero vida nova, sem guerras, sem ódios, sem matanças, sem armas, está entendendo? E se por acaso algum dos futuros poderosos romper o trato, o castigo será terrível. Sabe qual será o castigo? O tal “alguém” desce a chave numa vez, e o Tamanho fica reduzido a zero. Em vez de 4 centímetros, como Vossa Excelência tem hoje, passará a ter 4 milímetros, ou menos, e será devorado até pelas moscas e pulgas. Está entendendo? Claro que estava entendendo. Quem não entenderia uma linguagem tão pão pão queijo queijo como aquela?

O Grande Ditador animou-se e quis falar. Emilia o deteve com um gesto.

— Não diga nada, meu senhor. Já houve falação demais. Quem fala agora sou eu. Quero todos muito direitinhos e humildes. Esta semana de “redução” não passa duma advertência que o tal “alguém” faz ao mundo. Compreende?

Assim terminou Emilia o seu sermão ao chefe do Eixo. Depois ordenou ao visconde:

— Enfie-o no buraquinho onde estava e vamos ver o outro.

O visconde enfiou o Grande Ditador na fresta do rodapé, de onde seu Estado Maior espiava com os olhos arregalados. Em seguida cheirou o grão de superpó que os iria levar à Itália.

Capítulo XXI

Na Itália e na Inglaterra

Em Roma o super-pó largou o visconde diante do palácio do outro Grande Ditador. O visconde foi entrando. Viu lá a mesma coisa: fardas e mais fardas aos montinhos e também montinhos de roupas civis – as dos funcionários do palácio. Por mais que procurasse, entretanto, não conseguiu descobrir o paradeiro do Ditador número dois. Uma galinha leghorn que passava por ali chamou a atenção de Emília. Estava de papo cheio.

— Hum! fez Emilia. Já sei o destino que ele levou.

Como nada mais houvesse a fazer na Itália, partiram para a Inglaterra.

Em Londres tiveram a sorte de descobrir o tremendo velho que dirigia os destinos do mundo britânico durante a catástrofe mundial. Era um homem de 70 anos, mais rijo que um couro cru. E grande fumante. Andava sempre com um enorme charuto na boca, e foi exatamente esse charuto o que o denunciou numa das salas do palácio do governo. O visconde viu no chão um grande charuto apagado e sentado perto dele um homenzinho gordo. Como por muito tempo o seu retrato houvesse aparecido em todos os jornais do mundo, foi fácil a identificação.

Emilia fez o visconde descer a cartola. Ficou de pé no alto e pronunciou um discurso um pouco diferente do pronunciado em Berlim. O Primeiro Ministro inglês não revelava medo nenhum do gigantesco visconde. Parecia um homem completamente livre de todos os medos possíveis e imagináveis.

— Meu senhor, disse ela por fim, o que houve foi um castigo por causa do crime da guerra. E nem haverá mais necessidade disso. A verdadeira causa das guerras sempre foi o excesso de gente, diz dona Benta. Ora, este mal está remediado. Com dois dias de apequenamento, as galinhas, pintos suras, os pardais e os galos já devem ter posto a pique mais de um terço da tonelagem humana. Quer dizer que se o Tamanho reaparecer, haverá espaço vital para todos. Mas se apesar disso os homens teimarem em resolver os problemas humanos a tiros de canhão em vez de acordos, o remédio eu já sei: uma voltinha na Chave do Tamanho e mais uns dias de novo apequenamento.

O Primeiro Ministro do Império Britânico franziu a testa. Não estava compreendendo nada, nem podia compreender. Era um homem extremamente simpático e inteligente. Emilia concordou com a admiração que dona Benta sentia por ele.

Um dos mais interessantes aspectos mundo novo era o da enorme quantidade de aviões despedaçados. Todos os aparelhos que haviam erguido vôo no dia do apequenamento ficaram sem governo e foram caindo aqui e ali. O mesmo sucedeu aos trens e navios. Os trens em movimento descarilaram todos, depois que seus maquinistas viraram insetos. O mesmo desastre nos oceanos. Os navios transformaram-se em “navios fantasmas”, isto é, que andam soltos pelo mar ao sabor dos ventos sem tripulação que os dirija. A cada passinho as ondas arremessavam um deles à praia.

Depois de longo passeio pelas ruas de Londres, muitas delas reduzidas a montões de ruínas, o visconde foi para o Japão.

O aspecto das cidades japonesas era o mesmo das européias. Montinhos de roupa por toda parte, fardas, e também quimonos. Automóveis escangalhados, trens arreventados, aviões despedaçados.

— Onde é o palácio do Imperador? quis saber Emilia.

— Em Tóquio, respondeu o visconde e foram para lá.

Foi fácil em Tóquio darem com o palácio do Imperador, e por mero acaso descobriram o soberano amarelo. O visconde vira numa das salas um gato brincando de dar tapinhas numa tampa de caneta-tinteiro caída no chão. Era o Gato Imperial — o gato de estimação de Sua Majestade. Evidentemente havia dentro da tampa qualquer coisa que o interessava. Não conseguindo fazer com que essa qualquer coisa saísse lá de dentro, o gato ficou de banda, imóvel, como fazem os gatos do mundo inteiro quando encontram um burquinho de camundongo.

O visconde espantou o Gato Imperial e tomando a tampa da caneta virou-a de boca para baixo, sacudindo-a. Caiu de dentro uma tripinha cor de cuia. Era o Imperador do Japão, o filho do Sol.

Capítulo XXVII

No Kremlin

A viagem à Rússia foi a mais trágica de todas. O visconde parou na zona da guerra e assombrou-se. O frio era horrível, muitos graus abaixo de zero, e aqueles milhões de homens que os Ditadores tinham remetido para os gelos estavam todos mortos. Ao lado dos tanques e canhões viam-se montinhos de fardas em quantidade incrível, em muitos pontos já totalmente recobertos pela neve. Nenhum inseto beligerante pôde salvar-se depois do apequenamento. Nem procuraram sair de dentro das roupas desabadas, porque então morreriam ainda mais depressa no entanguimento do frio exterior. Ficaram dentro das roupas e capotes, aproveitando o último calorzinho. Em minutos, porém, os exércitos alemães e soviéticos viraram picolés.

Parece incrível, mas não se salvou ninguém, nem mesmo os que estavam dentro das casas ainda de pé, porque logo que os fogos acesos se apagaram o congelamento foi geral.

O palácio do governo era o celebre Kremlin, onde haviam residido tantos tzares da Rússia antiga.

— O chefe soviético deve estar ali, disse o visconde. É um que também usa bigodes — não bigodinhos, mas bigodões.

O número de insetos existentes naquele ponto devia ser grande, não só por causa da imensidão do palácio como pelos bons abrigos que os inúmeros montes de peles proporcionavam aos insetos russos. Os russos sempre se defenderam do frio por meio de roupas e capotes de peles — e dos pêlos que deixavam crescer na cara — as formidáveis barbas e os bigodes. Cada monte de pele em que o visconde mexia, levantando uma aba ou manga de capote, punha à mostra vários insetos apavorados que corriam a esconder-se.

Emília lembrou-se dos tatuzinhos ou bichos-de-conta que vivem debaixo dos vãos de pedra ou tijolo: assim que a gente ergue o tijolo, eles correm a esconder-se no escurinho mais próximo.

Como fosse difícil, daquele modo, encontrar o Ditador, Emilia fez aplicação do faz-de-conta. Mandou que o visconde agarrasse um dos insetos mais bigodudos e, fazendo de conta que ele era o Ditador, disse-lhe:

— Senhor Ditador, isto que houve foi uma simples amostra do fim do mundo, mas estou inclinada a garantir que o mundo vai recomeçar com os mesmos tamanhos antigos. Já estive em Berlim, onde intimei o Grande Ditador a parar com sua mania de matar gente. O Grande Velho de Londres também está avisado, e também o Filho do Sol, no Japão. Com o Ditador da Itália não pude falar porque estava oculto num papo de galinha. Mas a verdade é que o período de guerras da humanidade chegou ao fim. Daqui por diante só haverá paz, paz e mais paz. Paz e amor. Paz e beijos. Paz e bigodes. Paz e bolinhos de Tia Nastácia. Não sabe quem é? Apareça um dia lá no sitio para conhecer essa ditadora do sal e da pimenta.

O bigodudo inseto olhava, olhava, sem entender coisa nenhuma.

— Pois é, continuou Emilia. Isso de “ordens novas” está muito bem. Façam quantas ordens novas quiserem, mas sem bombardeios de cidades, sem destruição de inocentes. Nós vivemos muito felizes no sitio do Picapau Amarelo, sem incomodar pessoa alguma, brincando de todos os brinquedos imagináveis. Somos a própria felicidade em pessoa. Mas imagine que um dia os senhores brigam e mandam os seus aviões despejar bombas por lá, a torto e a direito. E uma cai em nossa casa, e mata dona Benta, e explode tia Nastácia, e deixa Narizinho sem nariz, e Pedrinho sem mão para esticar o bodoque, e queima as barbas de milho aqui do meu amigo visconde. Então isso é direito?

O inseto russo fez uma cara esquisita, que Emilia interpretou a seu modo.

— Sim, bem sei que não foram vocês que começaram. Quem começou, quem botou fogo no mundo, foi o de bigodinho. Mas já estive lá e passei-lhe um bom pito. Garanto que não se mete em outra. Esta lição do apequenamento foi uma lição de mestre. E se depois que o Tamanho volta (se voltar) os senhores Ditadores cometerem a asneira de nova guerra, sabe o que acontece? Uma certa pessoa vai ao Chavorio e desce a chave até o último ponto – o ponto do micróbio. Que chave? A Chave do Tamanho, homem. A chave que reduziu o seu bigode a esse tamanho e que pode também aumenta-lo ao tamanho antigo.

Nesse momento Emilia firmou melhor a vista e começou a lembrar-se dum general russo cujo retrato aparecera em muitas revistas, um general de bigodes tão grandes que até espantava os inimigos.

— Espere. Não estarei falando com o general Budieni, o bigodudo? Que acha visconde?

O visconde achou que podia ser.

— Pois muito bem, concluiu Emilia. Se Vossa Excelência não é quem penso e sim o general do bigodão, faça o obsequio de dizer ai Ditador que senti muito não encontra-lo no Kremlin, e repita-lhe as minhas palavras. O Tamanho talvez volte, mas as guerras acabaram-se para sempre, senão...

E voltando-se para o visconde:

— Podemos embarcar numa pitada para os Estados Unidos.

O visconde enfiou o general sob uma manga de pele e pitadeou um fiunnnn para Califórnia.



Capa da 1ª edição (1942) de *A chave do tamanho*, por J. U. Campos.



Contracapa da 1ª edição (1942) de *A chave do tamanho*, por J. U. Campos.

2.2. “E fiquei a parafusar hipóteses”

Instigados pelas modificações observadas no cotejo, podemos levantar algumas hipóteses que, embora de difícil comprovação, mostram-se amparadas pela história da produção infantil de Monteiro Lobato, bem como pelas opiniões manifestadas pelo próprio escritor a respeito da literatura endereçada às crianças.

As alterações que poderíamos associar a um processo comum de “lapidação” do texto estão ligadas a preocupações que o autor demonstrava sobre o modo de se fazer textos literários. Numa carta a Rangel, por exemplo, vemos Lobato comentando o emprego adequado dos adjetivos em textos literários e, em *A chave do tamanho*, notamos a redução destes na edição de 1947, como, por exemplo, no capítulo intitulado “Berlim”, momento em que o discurso de Emília sofre um “enxugamento”: em vez de “as grandes fomes” e as “grandes pestes”, o autor prefere “fomes” e “pestes”. Vejamos um trecho da correspondência enviada ao amigo mineiro em 19 de agosto de 1905³:

A observação sobre os teus adjetivos pode ser generalizada. Apliquei-a aos teus porque me veio enquanto te lia. Nos grandes mestres o adjetivo é escasso e sóbrio — vai abundando progressivamente á proporção que descemos a escala dos valores. Um jornalista municipal, coitado, usa mais adjetivos no estilo do que Pilogenio na caspa. (p.106)

³ LOBATO, Monteiro. *A barca de Gleyre*. v.1.

O cuidado com a confecção do texto seria por vezes assunto de discussões com seus contemporâneos, comparando obras, recebendo e fazendo críticas de conhecidos, como faz com Rangel⁴, comentando com muito bom humor o apuro estilístico do amigo:

O teu estilo ainda revê traços dos hipossulfitos , que no caso são as influencias dos teus fatores. É por meio do hipossulfito que a chapa se faz, mas é também o hipossulfito sobejante o que a desfaz. Assim, do alto dos meus tamancos eu te digo, ó Homem Superior de Moura Rangel, que ainda deves dar muito banho de água corrente em teu estilo, porque nele ainda restam traços da flaubertite gonocócica e da ecite apanhada nos tempos do Minarete. Ria lá os teus melhores risos de superioridade, finca-me as esporas da ironia – mas pensa no meu conselho. (p.124-125)

Ainda que o objetivo deste trabalho não seja procurar as origens das idéias presentes em *A chave do tamanho*, podemos inferir algumas pistas a respeito do intento de escrever algo “estranho” e que viria a se realizar nos últimos anos de vida de Lobato. A idéia de contar uma história a partir de um ponto de vista senão humano ao menos distanciado das convenções humanas, pode ser encontrada, por exemplo, em outra carta⁵, de 1912, em que Lobato, fazendeiro, admira Kipling e deseja realizar algo semelhante na literatura:

Ando às furtadelas, escondido de mim mesmo, a reler Kipling, e meu próximo conto será feito sob sua égide. Um conto de animais, aves. Fiz um grande lago perto da casa e enchi-o de marrecos de Pekin, patos indígenas, gansos, mergulhões. E estou estudando o palmípede para escrever a historia do tanque. Contar a historia do fio d’água que primitivamente alimentava um brejo e hoje me alimenta o tanque – um brejo todo capituvás, peris, taboas

⁴ Ibidem.

⁵ LOBATO, Monteiro. *A barca de Gleyre*. v.1.

– todo um pedaço da miúda flora aquática. E com guarusinhos nos rasos, e trairas amigas do lodo, e batuíras e saracuras amigas das minhocas e vermes paludicos. Fechei a saída da água e ela foi crescendo e fogando as capitivas, expelindo as batuíras – e por fim os meus marrecos tomaram conta da superfície. Tudo isso olhado do ponto de vista dum pequeno picapau de cabeça vermelha que mora num velho esteio fincado ali na água antigamente, não sei com que fim. Ele abriu na madeira, que é de lei, um buraco assim do tamanho duma jaboticaba das grandes e escuro como ela. Mora ali. Há de ter ninho lá dentro, e espia pela entrada do buraco redondo, com apenas a cabecinha vermelha de fora. Evidentemente se julga dono da minha lagoa e dos meus marrecos. É a sua janelinha, aquele buraco. A qualquer ruído estranho, uma grita de gansos, uma pedra que eu atire contra o esteio, lá aparece a cabecinha vermelha a ver o que é.

Em suma: a crônica do tanque, porque creio que não passo dum cronista. (p.332-333)

E Vasconcelos (1982) afirma que o “engano” de Emília, ao abaixar a chave, é simbólico, pois a idéia de tamanho como atraso já aparecera em obras anteriores como *História das Invenções* e *A reforma da natureza*, o que também está relacionado à valorização do universo infantil, por vezes tido como “menor” de acordo com certa visão adultocêntrica.

Desses dados o que fica evidente é uma certa intenção de inverter, modificar, alterar o ponto de vista de um narrador em relação à humanidade, remetendo-nos à idéia de carnavalização, de Bakhtin (1981) e ao topos do mundo às avessas de Curtius (1996).

À estética realista de Lobato, conforme ressalta Zilberman (1982), podemos atribuir a preocupação com o elemento descritivo, com os problemas sociais, com as questões de seu tempo. Mas, se nas cartas Lobato já apresenta a idéia de uma história sob o ponto de vista

diferenciado, não-humano, o trecho abaixo, de outra carta⁶ enviada a Rangel em 09 de maio de 1913, é mais significativo ao indicar um projeto literário cuja realização mais consistente se dá em *A chave do tamanho*:

O meu grande sonho literário, jamais confessado a ninguém, é um livro que nunca foi escrito e talvez não o seja nunca — porque Rabelais o esqueceu. É uma visão da humanidade extra-humana. O homem visto pelos olhos dum ser extra-humano, um habitante de Marte, por exemplo, ou dum átomo, ou da Lua. Um quadro da humanidade feito com idéias de um não-homem (que maravilhoso absurdo!. Uma pintura objetiva apenas, nada de julgamento de juiz. Toda literatura, todo romance, todo poema, por mais impessoal que procure ser, não passa de um julgamento. A idéia moral, que domina mesmo o autor mais liberto de tudo, não permite a simples pintura objetiva. E essa pintura seria um susto e um assombro para o homem, que não consegue jamais conhecer-se a si mesmo porque ninguém o desnuda. Livro de um louco. Livro para o Marquês de Sade, se não fosse a sua obsessão sexual — ele tinha gênio para tanto. Sinto que se apenas esboçar esse livro, metem-me no Juqueri. Encostemos por enquanto o pesadelo. (p.341)

Embora não trate de seres de outros planetas, em *A chave do tamanho* a redução do tamanho instaura uma “nova ordem” com o conseqüente desnudamento do ser humano. Alegoria ou carnavalização, o processo desencadeado cumpre a função que Lobato manifestara na carta ao amigo em 1913 e, no plano da narrativa, o “desnudamento” dos personagens que, após a redução se encontram nus, corresponde ao “desnudamento” das atitudes humanas, de suas contradições, da relatividade das coisas.

⁶ LOBATO, Monteiro. *A barca de Gleyre*. v.1.

Com efeito, a visão extra-humana pretendida por Lobato, numa descrição que nos faz lembrar do devaneio no início de *Brás Cubas*, de Machado de Assis, toca o universo da fantasia, no qual a mudança de tamanho ou de forma é um dos elementos fundamentais, como podemos ver nos contos de fadas e em histórias que ao longo do tempo acabaram por integrar este universo, como *Viagens de Gulliver* (1726), de Jonathan Swift.

O topos da mudança, estudado na perspectiva da mitocrítica por Melloni (1995), irá se constituir assim em tema recorrente em Lobato, tal como o processo de carnavalização. Tendo em vista essas duas características dos textos lobatiano, qual seria então a peculiaridade de *A chave do tamanho*?

Como podemos notar na série produzida para crianças, a presença de personagens fantásticos, *Reinações de Narizinho* (1931), por exemplo, bem como de viagens a lugares “estranhos”, *Viagem ao céu* (1932), por exemplo, são comuns e o uso de objetos mágicos, como o pó de pirlimpimpim, é constante na vida do pessoal do Picapau Amarelo. Contudo, se nessas histórias a carnavalização está relacionada a personagens do reino da fantasia – em *Caçadas de Pedrinho* (1933), por exemplo, vemos jogadas políticas entre os carnívoros da floresta para atacarem o Sítio – em *A chave do tamanho* temos uma história fantástica que se constitui com elementos do mundo real, postos em evidência justamente pelo papel que ocupam na realidade.

Assim, em *Reforma da natureza* já vemos Emília transgredindo as leis da natureza, tentando “melhorar” os seres vivos por meio de sua criatividade, ou seja, a personagem se insurge contra o que está estabelecido e busca modificar o mundo em sua estrutura mais íntima. Mas em *A chave do tamanho*, a boneca (ou ex-boneca) não se contenta em modificar apenas aquilo que está ao seu alcance, mas provoca a alteração do mundo inteiro: a carnavalização se instala no mundo da Segunda Guerra Mundial, rompendo os limites da lógica cartesiana e instaurando uma nova possibilidade de ser.

Diante desse quadro, interessa-nos observar as mudanças realizadas pelo escritor, principalmente a diminuição dos capítulos na edição de 1947.

Os trechos retirados da edição revista para a Editora Brasiliense estão relacionados à viagem feita por Emília e Visconde ao redor do mundo. “Mundo” definido em termos de guerra, uma vez que os personagens passam apenas pelos países envolvidos diretamente no conflito: Alemanha, Itália, Japão, Rússia e, por último, Estados Unidos.

Em 1942, ano da 1ª e 2ª edições de *A chave do tamanho*, as potências envolvidas no conflito ainda se encontravam numa situação de impasse. O historiador Eric Hobsbawn (1995), ao comentar o envolvimento da Inglaterra no conflito, afirma que 1942 foi um dos anos mais “negros da desesperada guerra da Grã-Bretanha” (p.162), levando-nos a observar a atitude de resistência dos países atingidos pelo avanço das tropas nazi-fascistas de entrar em outra guerra de grandes proporções.

O ano de 1942 também é o ano em que se inicia o assassinato em massa de judeus; os Estados Unidos entram na guerra e a Alemanha faz um ataque aéreo a Stalingrado – poderíamos dizer que era uma situação indefinida, gerando um clima geral (mundial) de tensão ou expectativa.

Já em 1947, quando saem as “Obras Completas” de Lobato pela Brasiliense, a situação já se resolvera, ao menos no que diz respeito ao término oficial da Segunda Guerra Mundial em 1945. O mundo se encontrava num momento de tomada de decisões sobre o que fazer com o que sobrou da guerra. Porém, mesmo diante do quadro mais desolador, o nazi-fascismo estava derrotado.

Observando a narrativa de *A chave do tamanho*, notamos que os cortes referem-se a passagens em que Emília discursa aos líderes mundiais. Recorrendo aos fatos históricos, podemos levantar como primeira hipótese para essa modificação o fato de que, em 1947, a

situação geopolítica estar mais definida – com a vitória dos Aliados, o discurso ideológico realizado na voz de Emília já não necessita de repetição, como ocorria na edição de 1942. O discurso detalhado da protagonista para Hitler já nos mostra o teor de sua “conversa” com os governantes envolvidos na guerra, não sendo preciso mostrá-lo mais vezes ao leitor como na 2ª edição.

A presença da Itália e da Inglaterra na 2ª edição e sua retirada na obra revisada também pode ser associada ao desenrolar da guerra. Em 1942, Winston Churchill, primeiro-ministro do Reino Unido a partir de 1940, é visto por Emília como um homem “simpático e inteligente”, que nem por isso deixa de receber sua parte no “sermão”, embora parecesse um homem “livre de todos os medos possíveis e imagináveis”, uma personalidade idealizada no texto de *A chave do tamanho*.

Quanto à Itália, Mussolini é tratado sucintamente, pois Emília deduz que fora engolido por uma galinha leghorn, uma alusão ao papel de menor destaque ocupado pelos fascistas italianos, cuja rendição se dera em 1943. Possivelmente um “deboche” do envolvimento das tropas de Mussolini, logo “empapadas” pelos aliados (leghorn é raça inglesa...).

Já em 1947, apesar do pouco tempo desde o fim da guerra, a Itália desaparece das preocupações de Emília, ficando a Alemanha de Hitler como símbolo do nazi-fascismo, o que ainda hoje pode ser observado quando se aborda o tema – a suástica nazista, de acordo com o senso comum, é símbolo dos membros do Eixo. Se Hitler assume, então, a representação do Eixo no texto lobatiano, a Inglaterra por sua vez é obscurecida, como se Lobato voltasse sua atenção aos países marcados pelos ditadores, como a Rússia, por exemplo.

Último país a ser visitado pelos personagens do Picapau Amarelo, a Rússia recebe um comentário a respeito das “novas ordens”, uma referência à Revolução Comunista de 1917. Observando a bibliografia crítica, percebemos que uma das teses do Pe. Sales Brasil é que a

“chave” de Lobato seria a literatura infantil para transmitir um ideal comunista às crianças. Que esse tipo de crítica tenha sido determinante para a alteração empreendida em 1947, parece-nos muito improvável, tendo em vista a personalidade iconoclasta do escritor. Porém, em 1945 Lobato enviara uma saudação a Luís Carlos Prestes, a ser lida no comício do Pacaembu, uma atitude que poderia ser entendida como manifestação de um “comunista” e associada aos comentários de *A chave do tamanho*. Uma caracterização que, como todas as outras (excetuando-se o “georgismo”), Lobato sempre evitou em sua vida.

Assim, a diminuição dos trechos dos discursos de Emília parecem se ligar a um quadro histórico mais visível em 47 que em 42. Retomemos a subdivisão dos capítulos: na 1ª edição os países dão nomes aos capítulos, destacando-se o primeiro a respeito da viagem, “Viagem a Europa”, e, em seguida, “Em Berlim”, “Na Itália e na Inglaterra”, “No Kremlin”. Em 1947, porém, são todos enfeixados no capítulo “Viagem pelo mundo”, o que nos faz pensar numa provável compreensão da guerra não como acontecimento europeu envolvendo alguns países mais distantes como Estados Unidos e Japão, mas como um conflito em que *todos* os países acabaram afetados. Mais do que isso, “viajar pelo mundo” significa, para a Emília e o Visconde, passar pelos países beligerantes numa clara indicação que, se o mundo não se compõe apenas desses países, ao menos foi por eles modificado de forma irreversível.

Porém, além das questões de concepção literária e projetos ideológicos, surge um terceiro aspecto que nos chama a atenção. É a recepção da obra por leitores infantis.

Atento às cartas⁷ dos pequenos leitores, Lobato comunica-se constantemente com seu público. No âmbito das correspondências, o escritor responde às mais variadas perguntas enviadas de leitores das mais diversas regiões do País; é por meio dessas correspondências que

⁷ Cartas arquivadas no Instituto de Estudos Brasileiros (IEB – USP). Na referência às cartas, serão indicados dados para localização no acervo de acordo com o sistema utilizado na instituição.

também toma contato com opiniões mais sinceras a respeito de sua produção, uma crítica descompromissada com o mercado e, em geral, muito atenta ao que considera bom ou ruim. Em meio às correspondências enviadas pelas crianças, encontramos referências a *A chave do tamanho*, seja apenas noticiando a leitura do livro, seja fazendo comentário judicativo, como na carta de Edith Canto, de São Paulo (1944)⁸:

(...) O caso é que primeiramente eu li “A Chave do Tamanho”.

Gostei, gostei muito. Achei extraordinária a facilidade de adaptação da Emilia. Suas teorias são notáveis!

O raciocínio do livro está perfeito em face da situação tão difícil.

Outro leitor, João Alphonsus, de Belo Horizonte (1943)⁹, atento às aventuras da série, aponta certo “deslize” do escritor:

(...) Eu achei muito engraçada a “Chave do Tamanho” e até o reli, mas fiquei com muito dó das pessoas que morreram no papo das galinhas. Bem feito para Mussolini! Mas eles não haviam convidado Dona Benta para a conferência de paz na Reforma da Natureza?

Eu sou assim: quando leio um livro fico com dó, fico contente, fico com medo, como se fosse de verdade.

⁸ Caixa 01, p.02, 19.

⁹ Caixa 01, p.02, 50.

Contudo, entre os comentários existe um que nos interessa pela crítica que faz justamente aos capítulos modificados por Lobato. É Amarílis Rocha de Cunto, de Porto Alegre (1943)¹⁰ quem escreve:

Prezado Monteiro Lobato

Escrevo-lhe hoje esta que vai com o fim de levar as impressões do novo livro.

Vou ser bem sincera. Para dizer a verdade eu gostei muito do livro: A chave o tamanho, mas no fim deste capítulo: Em Berlim até Kremlin eu não gostei muito, não sei porque. As partes que eu mais gostei foram: Por causa do pinto sura, a viagem pelo jardim e aventuras. Agora que já fiz a minha crítica vou terminar dizendo-lhe que estou morando em Porto Alegre [...]

Se apenas uma carta em meio às correspondências conhecidas e catalogadas faz referência direta *A chave do tamanho*, podemos pensar, porém, que talvez Amarílis não seja a única leitora não satisfeita com estes capítulos. Uma observação mais atenta leva-nos a perceber que o elogio da leitora está centrado nas partes mais dinâmicas da trama, quando Emília adapta-se à nova vida e vence os novos desafios por meio da inteligência. A crítica negativa, por sua vez, incide sobre passagens em que predominam os discursos de Emília para os ditadores mundiais. Os trechos retirados, como mostra a transcrição, são discursos aos líderes da Inglaterra e da Rússia, respectivamente, repetindo palavras que a personagem já dissera ao principal ícone da Segunda Guerra Mundial, o líder alemão Adolf Hitler.

¹⁰ Caixa 02, p.01, 16.

A isso ainda acrescentamos o cuidado que, de acordo com Cavalheiro (1956), Lobato tinha com a obra, uma de suas preferidas: “por saudosismo preferia, entre todos os livros, as “Reinações do Narizinho”. Mas dava imenso apreço ‘A Chave do Tamanho’”(p.597). Em uma carta¹¹ a Rangel em 01 de fevereiro de 1943, tendo em vista que a edição parece ter saído em meados de outubro de 1942, o escritor assim se refere à obra: “diz o Neves que você gostou d’A Chave do Tamanho. Isso me deu prazer. A Chave é filosofia que gente burra não entende. É demonstração pitoresca do princípio da relatividade das coisas” (p.341).

Embora o próprio autor ressalte certo caráter pedagógico da obra, “demonstração pitoresca da relatividade”, os cortes que realizou se referem a discursos inflamados os quais apresentavam essa demonstração.

Assim, apesar de lidarmos com informações subjetivas e em quantidade não suficiente para arriscarmos considerações mais profundas, temos um quadro em que a realização de *A chave do tamanho* e sua posterior modificação ocorrem tanto no âmbito das concepções estéticas e ideológicas do autor, sempre atento às modificações históricas e procurando tão logo compreendê-las e delas tratar em seus livros, quanto no âmbito da recepção crítica de sua obra, revelando o cuidado de Lobato no tratamento dos textos destinados ao público infantil.

¹¹ LOBATO, Monteiro. *A Barca de Gleyre*. v.2.

3. Chaves de *A chave do tamanho*

3.1. Um corredor de chaves – a tradição crítica

Como uma das últimas obras infantis de Lobato, *A chave do tamanho* encontra destinatários já acostumados tanto ao estilo quanto às idéias do escritor. Isso também vale para o meio intelectual que havia acompanhado apoiando e/ou criticando as obras do escritor ao longo do tempo.

Escritor consagrado, Lobato não deixaria de receber atenção cada vez que publicasse uma obra – embora já reconhecido escritor de literatura infantil, Lobato continuaria a causar estranhamento e admiração aos seus contemporâneos. Assim, em 1945, o colunista do Estado, Léo Vaz, escreve um artigo intitulado “A chave do tamanho” em que, após ressaltar a importância do escritor na produção de livros para crianças no País, apresenta *A chave do tamanho*, destacando suas idéias: “lendo-o é provável que as crianças absorvam, sem o saber, uma sadia dose do mais precioso elixir filosófico” – e acrescenta – “é bem capaz de lhes meter nas cabecinhas o mais precioso e raro dom com que pôde jamais dotar-se uma criatura neste conturbado planeta: e vem a ser o senso da relatividade” (p.51).

O artigo de Vaz apresenta-nos uma impressão de leitura, elogiando *A chave do tamanho* no contexto da produção literária para crianças dos anos 40, o que nos aponta a especificidade do texto no conjunto dessa produção. O comentário do colunista ainda traz um dos aspectos mais abordados posteriormente, seja por críticos, seja por pesquisadores: o conteúdo filosófico, a ideologia presente em *A chave do tamanho*.

Porém, é o comentário de Edgar Cavalheiro (1955) que viria a estabelecer certa forma de pensar a obra – uma história de ensinamentos úteis, de amargo pessimismo, apesar de apresentar uma grande aventura; história ligada à perda dos filhos homens ainda jovens, por parte do escritor; à prisão, à situação tensa do Brasil e do mundo.

Com efeito, as palavras de Cavalheiro em *Monteiro Lobato: vida e obra* foram retomadas por diversas vezes em trabalhos posteriores, servindo mesmo de ponto de partida para pesquisas cujo foco se debruça sobre aspectos filosóficos do texto em questão, ou sobre o momento existencial do escritor. É importante notar que, sendo uma biografia escrita por alguém próximo de Lobato, a obra de Cavalheiro retoma palavras do próprio escritor – a questão da relatividade, por exemplo – e estabelece uma forma de interpretar a produção lobatiana partindo de elementos biográficos, e não de abordagens textuais. Isso leva a uma compreensão restrita das obras uma vez que, como no caso de *A chave do tamanho*, Cavalheiro não nos remete a elementos textuais mas a relações possíveis entre temas da história e a vida do escritor.

Na década de 50, temos a obra do padre Sales Brasil (1959), *A literatura infantil de Monteiro Lobato ou Comunismo para crianças*, em que *A chave do tamanho*, como os demais livros de Lobato, são duramente criticados por trazer um “ideário comunista” – a “chave” seria a própria literatura infantil, a fim de acessar a família brasileira e, ali, implantar idéias comunistas, pagãs, heréticas.

Apresentando-se num certo tom de “denúncia” a obra de Sales Brasil se propõe a realizar uma “análise” de toda a obra infantil lobatiana a partir de uma perspectiva religiosa – mais especificamente, a partir da perspectiva eclesiástica católica. Do tom de denúncia logo percebemos a presença de um texto doutrinário visando mostrar ao público os “malefícios” das histórias de Lobato, destacando *A chave do tamanho* em que a diminuição dos homens seria, por exemplo, a franca adoção do ideário comunista – homens do *mesmo* tamanho. É uma obra sem dúvida interessante, principalmente pelos elementos contextuais que nos oferece por meio de suas observações, muitas das quais reveladoras de uma leitura superficial e desatenta: no exemplo acima, a respeito da igualdade do tamanho, lembramos que mesmo pequeninos, os homens continuam com diferença de tamanho, proporcional a altura que tinham antes do apequenamento, o que mostra o tipo de análise insustentável empreendida pelo padre, talvez muito desatento a elementos que certamente não passaram despercebidos às crianças da época.

Após a obra do padre Sales Brasil, podemos notar um longo período de silêncio, ao menos em relação *A chave do tamanho*, nas décadas de 60 e 70. Novas abordagens sobre *A chave do tamanho* e também sobre toda a produção de Lobato para crianças renovariam sua presença no cenário nacional a partir dos anos 80.

De 1981 são os textos de Ana Maria Lisboa Mello, intitulado “A chave do tamanho e a instauração de uma nova ordem”, publicado novamente com o mesmo título em 1995; e o de Antonio Carlos Scavone, “Reflexos do positivismo em *A chave do tamanho*”; e “*Monteiro Lobato – 1882-1948*”, de Ruth Rocha.

O texto de Mello ressalta a visão “universalista” de Lobato, que, no livro, aparece como a instauração de uma “nova ordem”, inaugurada por Emília ao abaixar a chave, ordem que, assim, se constitui como um dos aspectos principais da obra para a autora. Para sua análise, Mello também parte do contexto vivenciado pelo autor, recuperando elementos como a relatividade e a

nudez com vistas a confirmar sua tese de que em *A chave do tamanho* existe uma visão universalista do homem. Embora não empreenda uma análise mais pormenorizada em relação aos elementos narrativos, merece destaque o fato de abordar o texto lobatiano e trazê-lo à luz das discussões a respeito da literatura infantil brasileira no começo da década de 80.

Scavone, por sua vez, como o título de seu texto já revela, apresenta o positivismo como característica marcante de *A chave do tamanho*, o que seria reflexo do pensamento positivista de Lobato. A presença do positivismo pode ser constatada pela ênfase na idéia de *evolução* e na *experiência científica*, na qual se verifica a insistência do narrador de mensurar todas as coisas: o autor escreve que a ideologia positivista está presente tanto na estrutura da história quanto no pensamento e ação dos personagens.

Como uma análise que se detém sobre um aspecto mais delimitado – o discurso cientificista – o texto de Scavone busca identificar esse discurso por toda a obra, além de apresentar uma leitura em que a ciência está associada às relações de poder, o que vemos nas atitudes de Emília quanto ao Visconde, por exemplo. Contudo, o autor não aprofunda sua análise no sentido de revelar a importância do cientificismo como elemento estrutural do texto, sua relação com os demais elementos para a tessitura narrativa.

No caso de Ruth Rocha, a autora comenta de forma concisa o lugar da obra na produção lobatiana. Em poucas linhas a autora aponta *A chave do tamanho* como alegoria, propõe um paralelo com *A Reforma da Natureza* e, finalmente, identifica-a como “uma espécie de chegada da ficção de Lobato”. Tendo em vista o público escolar, Rocha faz considerações genéricas que, pelo caráter pedagógico da publicação, não apontam ao leitor pelo menos indícios da complexidade da obra.

Observando os três primeiros textos da década de 80 que de alguma forma abordam *A chave do tamanho*, percebemos certa tendência para abordagens temáticas, não deixando de

ressaltar que Scavone nos remete à estrutura narrativa, mesmo sem analisá-la, e Ruth Rocha aponta a alegoria como elemento estrutural do texto, embora também não empreenda nenhuma análise da narrativa.

No ano seguinte, 1982, Alfredo Bosi comenta a obra em um texto publicado numa edição comemorativa da Biblioteca Mário de Andrade, em São Paulo. Apontando o caráter iluminista dos textos lobatianos, o texto do crítico focaliza o conteúdo científico de *A chave do tamanho*, lembrando-nos, porém, de que tanto *A reforma da natureza* quanto *A chave do tamanho* ainda não receberam a atenção que merecem. O texto de Bosi indica-nos rapidamente um caminho possível para a compreensão dessas obras no conjunto da produção lobatiana – a ideologia marcante do escritor cujo “iluminismo” está ligado a determinado conceito de desenvolvimento e felicidade humanas, concepção que se afasta de um naturalismo simplista (retorno à condição primitiva de dependência da natureza) e nega a tecnologia de morte (incentivo à implementação bélica). Iluminismo que pode ser uma chave para a compreensão do didatismo e proselitismo lobatiano, não só em *A chave do tamanho* mas em toda sua obra infantil.

Nesse mesmo ano, Bárbara Vasconcelos de Carvalho, em obra panorâmica sobre a literatura infantil, *A literatura infantil: visão histórica e crítica*, identifica a obra como melancólica, apesar de reconhecer nela o intertexto com Swift e Carroll, bem como a forte presença da fantasia na história. É interessante notar que a autora destaca o humor e o conteúdo filosófico do texto, porém, retoma a relação apresentada por Cavalheiro, afirmando que Lobato estava “brigado com a humanidade” em *A chave do tamanho*. Se o texto da autora reitera a idéia de que há certo pessimismo na obra de Lobato decorrente dos problemas vivenciados tanto no contexto sócio-histórico quanto no pessoal, não podemos deixar de destacar a atenção dada por Carvalho à fantasia como elemento caracterizador da narrativa, bem como da questão do didatismo lobatiano e de suas peculiaridades no campo da literatura infantil brasileira.

Ainda em 1982, temos obras cujo foco de análise incide ora sobre o autor, ora sobre sua obra. No primeiro caso, *Vozes do tempo de Lobato*, organizado por Paulo Dantas, apresenta um comentário deste autor para quem *A chave do tamanho* é uma obra de cunho nacionalista, um tipo de apreciação impressionista incidindo sobre questões temáticas e não representando efetivamente acréscimo aos estudos da narrativa infantil lobatiana.

No segundo caso, *O universo ideológico da obra infantil de Monteiro Lobato*, Zinda Maria Carvalho de Vasconcelos procura explicitar os principais traços ideológicos da obra de Lobato, chamando a atenção do leitor para a intencionalidade de se abaixar a chave do tamanho, dado que o tamanho já fora criticado como problema em outros textos, como em *História das invenções* e *A reforma da natureza*. A autora ainda destaca a utopia de uma sociedade dirigida por sábios, o que reafirma a presença do ideário iluminista lobatiano e, conseqüentemente, remete-nos ao texto de Bosi, “Lobato e a criação literária”, também de 1982. Podemos ainda notar que neste trabalho *A chave do tamanho*, como as outras obras infantis de Lobato, não recebe nenhuma análise mais detalhada, o que se justifica pela natureza da própria pesquisa da autora cujo interesse está na apresentação de um quadro geral sobre os aspectos ideológicos dos textos lobatianos.

Os textos de Laura C. Sandroni e Regina Zilberman, “A função transgressora de Emília no universo do Pica-pau Amarelo” e “Monteiro Lobato e a aventura do imaginário”, respectivamente, ambos publicados na revista *Letras de hoje*, em 1982, também se inserem neste segundo caso. O primeiro texto apresenta a possibilidade de realizarmos uma leitura segundo a qual a protagonista, Emília, opõe-se frontalmente à sociedade baseada no dinheiro. Como no caso de Carvalho (1982), as observações sobre *A chave do tamanho* são realizadas em função da abordagem de um elemento narrativo no contexto do conjunto das obras lobatianas para crianças, e não com o objetivo de realizar uma análise mais pontual sobre esta obra. O segundo, por sua

vez, ressalta a diálogo da obra com o contexto histórico e sua carga utópica em relação ao Brasil. Mais uma vez temos um texto cujo foco de análise está sobre um elemento narrativo abordado no contexto da obra lobatiana. Porém, é importante notar as observações de Zilberman a respeito de certa estética realista de Lobato, uma referência à estrutura e organização textual até então não realizada em textos anteriores.

Com “A ‘imaginação miniaturizante’ em *A chave do tamanho*”, Maria Alice de Oliveira Faria, em 1983, empreende uma análise do espaço a partir de um referencial teórico estabelecido, *A poética do espaço*, de Gaston Bachelard. Embora também trate de aspectos temáticos como a ideologia e a utopia do texto, Faria analisa cuidadosamente os arquétipos do devaneio miniaturizante e aponta relações intertextuais entre a obra de Lobato e clássicos da literatura infantil, como *Viagens de Gulliver*, *Alice no país das maravilhas* e *Pequeno Polegar*. O texto da pesquisadora merece destaque tanto por ser uma análise que se detém especificamente sobre *A chave do tamanho* quanto por tratar de um elemento narrativo, o intertexto, considerando sua relação com os demais aspectos da narrativa bem como sua importância para a construção do texto ficcional. Podemos afirmar que é o primeiro texto crítico em que questões estéticas referentes *A chave do tamanho* tornam-se objeto de discussão.

Obra panorâmica das mais importantes para os estudos na área de literatura infantil, *Literatura infantil brasileira: História & Histórias*, de Regina Zilberman e Marisa Lajolo, em 1985, retoma a questão da utopia, ressaltando o pessimismo de Lobato diante da sociedade moderna. *A chave do tamanho* aparece no contexto das reflexões a cerca do caráter metafórico do Sítio do Picapau Amarelo, sendo ela um exemplo dos ideais e desejos de Lobato, ou seja, a narrativa é citada no contexto dos aspectos políticos e ideológicos característicos da obra do escritor, indicando-nos apenas uma forma de enxergar este texto ficcional no conjunto da obra infantil lobatiana.

Essa relação entre utopia/otimismo e desilusão/pessimismo é aprofundada por André Luiz Vieira de Campos, em 1986, no texto “A ambigüidade do progresso”. Para o autor a ambigüidade das idéias lobatianas, oscilando entre a euforia do modelo norte-americano e a catástrofe de uma guerra mundial, estão ligadas tanto à formação intelectual quanto ao momento histórico e pessoal do escritor – Campos retoma, assim, a afirmação de Cavaleiro, identificando o pessimismo diante da humanidade com os problemas vivenciados por Lobato. O autor ainda destaca a “importância” de *A chave do tamanho*, sem, contudo, esclarecer a relevância desta obra no conjunto da produção do escritor.

Optando por um viés temático, Campos realiza uma análise da obra partindo de idéias já estabelecidas como, por exemplo, a ligação do texto com os problemas existenciais de Lobato. Contudo, ao apontar a presença de dois modos conflitantes no tratamento do progresso na literatura lobatiana, o autor afirma de forma pertinente que a “civilização natural” exaltada em *A chave do tamanho* não prescinde de uma herança antiga, o conhecimento acumulado ao longo da história da humanidade. Diante disso, o autor elabora seu texto revelando contrastes entre o otimismo e o pessimismo quanto ao desenvolvimento. Essa relação dialética que, segundo Campos, pode nos apresentar um Lobato que não deixa de ser crítico mesmo quando entusiasmado com a paisagem industrial norte-americana, leva o autor a uma compreensão político-ideológica de *A chave do tamanho*. Isso nós podemos perceber na conclusão de seu trabalho ao relacionar o fazer literário lobatiano à aproximação do escritor com o Partido Comunista. Esclarecendo ao leitor que não tentará uma investigação a respeito da prática marxista no pensamento lobatiano, esclarecimento que já afirma a existência de tal prática em Lobato, Campos acaba por dialogar com a obra do padre Sales Brasil, o que se faz por meio de um encaminhamento temático que se fecha numa abordagem política do texto analisado, como se a opção pelo socialismo fosse uma saída para a descrença no progresso orientado pelo

capitalismo liberal e para a permanência do conhecimento humano – uma conclusão que não permite ao autor explorar a tensão otimismo/pessimismo no conjunto dos elementos constitutivos da tessitura narrativa.

Em 1988, o saber científico em *A chave do tamanho* é tema da dissertação de mestrado de Carlos Ziller Camenietzki, *O saber impotente*, para quem Lobato não mais concebe o conhecimento como bom ou mau, dependendo do uso que se faz da informação. Embora apresente a obra como “livro notável”, Camenietzki a identifica como escatológica, com abundante uso de “humor negro”, fazendo uma correlação em que o primeiro atributo se apresenta de forma antagônica quanto às outras características da obra. É importante o aprofundamento da análise a respeito do discurso científico em Lobato, contexto em que *A chave do tamanho* aparece e é comentada pelo autor. Se por um lado a dissertação de Camenietzki não apresenta nenhuma contribuição efetiva para a análise do texto em questão, por outro, o estudioso realiza uma abordagem que muito poderá contribuir para a compreensão da concepção de ciência e do próprio fazer científico nas obras infantis lobatianas.

Márcia Kupstas, no mesmo ano (1988), em *Monteiro Lobato*, afirma que a obra é violenta, podendo marcar as crianças como modelo negativo. Os breves comentários da autora mostram uma leitura impressionista que despreza a riqueza da narrativa ao se prender em aspectos ideológicos relativizados pelo próprio discurso elaborado em *A chave do tamanho*. Num segundo momento de comentário sobre a obra, Kupstas a compara com *Fábulas*, afirmando que a “presença do maravilhoso incorporado ao real” é um valor que continua válido em Lobato, mas isto a autora associa apenas à segunda obra e não à primeira, ou seja, *A chave do tamanho* não tem valores pertinentes como as outras histórias lobatianas, nem mesmo a presença do maravilhoso.

Em sua monografia premiada pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais, intitulada *Monteiro Lobato* – um escritor brasileiro, em 1989, Núbia Soares Lima Maranhão volta a caracterizar *A chave do tamanho* como alegoria e, também, como portadora da crença lobatiana no progresso. Dado o caráter do trabalho, o que a autora faz é uma apresentação dos livros de Lobato, atribuindo a cada um características estabelecidas pela crítica corrente – no caso de *A chave do tamanho*, Maranhão recorre às palavras do próprio escritor na carta enviada a Rangel em que concebe a obra como “filosofia que gente burra não entende”.

Já na década de 90, o texto de Otavio Frias Filho e Marco Antonio Chaga, *Monteiro Lobato*, de 1992, destoa da concepção de obra violenta, identificando o livro como “libelo pacifista” e, ainda, aponta *A chave do tamanho* como, possivelmente, o melhor dos livros infantis de Lobato, sem apresentar argumentos que justifiquem tal afirmação. Merece destaque a leitura realizada pelos autores, mesmo que resultando em brevíssimo comentário, apontando a possibilidade de compreendermos Emília no âmbito do discurso político autoritário dos anos 30, o que não só se contrapõe a uma abordagem baseada em elementos antagônicos mas também permite-nos ver na personagem a presença de discursos conflitantes, fato ligado à idéia de relatividade.

Uma abordagem temática da obra lobatiana também é o objeto de estudo de Lílian Starobinas, em *O caleidoscópio da modernização*: discutindo a atuação de Monteiro Lobato, também de 1992. Nesta dissertação de mestrado, a autora cita *A chave do tamanho* como exemplo da descrença do escritor na sociedade moderna, levando à relativização do poder das grandes potências. Descrença/ceticismo resultado da prisão e da desilusão do escritor, afirma Starobinas. Como proposta de trabalho, o recorte temático da autora não aponta caminhos para abordagens mais específicas de *A chave do tamanho* ou *A reforma da natureza*, antes as obras surgem como exemplos do “brincar” com as dimensões e com a natureza. Assim, no contexto de

um trabalho cujo recorte temático aborda toda a produção lobatiana, mais uma vez temos a ligação da obra com o ceticismo do escritor diante do mundo como algo estabelecido quando o assunto é *A chave do tamanho*.

Também realizando um recorte temático dos textos de Lobato, Rosa Maria Melloni, com *O imaginário e o ideário de Monteiro Lobato: um estudo antropológico*, de 1995, empreende uma análise dos mitos presentes na obra do autor, dada a sua construção de uma imagem ideal do homem e do seu meio. *A chave do tamanho* aparece, então, como obra em que a mudança de tamanho é elemento propiciador para a mutação dos estados de consciência, um exemplo do mito da transformação. Neste trabalho, Melloni volta suas atenções à importância do imaginário na constituição do universo infantil lobatiano, um foco de análise em que a citação de obras literárias permite-nos observar concepções a respeito dos textos lobatianos. No caso de *A chave do tamanho*, obra da qual a autora destaca longo trecho para ressaltar o encanto do mundo imaginário construído por Lobato, Melloni chama nossa atenção para certo “raciocínio dedutivo”, a dialética científica num mundo de fantasia, e para a importância do pensamento no processo de adaptação mediante as mudanças. Mais uma vez frente a um trabalho cuja abordagem apenas toma *A chave do tamanho* como fonte de exemplos, notamos, porém, a ausência da relação da obra com o momento vivenciado pelo escritor bem como o apontamento de características inerentes ao texto, como a dialética e a razão. Um indício de mudança na forma de se compreender *A chave do tamanho*.

Outro trabalho acadêmico, *Prólogo de uma Paidéia Lobatiana fundada no fazer especulativo: A chave do tamanho*, de Mary de Andrade Arapiraca (1996), tem o fazer especulativo como objetivo do trabalho, manifestando a preocupação com o tratamento da ciência no texto lobatiano. Sem empreender análise textual mais pormenorizada, a autora aborda o pensamento científico positivista e seus elementos mais pertinentes, como o método

experimental, reiterando e aprofundando um foco de análise verificado em Scavone (1981) e também retomando a questão do caráter iluminista da obra lobatiana, tema abordado por Bosi em 1982. Contudo, a escolha do tema leva autora à conclusão de que o “fazer especulativo” pode ser lido como a principal característica da obra, um olhar parcial que merece atenção a fim de não se restringir o texto a um recorte temático desvinculado dos outros elementos narrativos.

Também em 1996, em *Reverendo Monteiro Lobato: vida e obra, de Edgar Cavalheiro*: uma leitura de Monteiro Lobato, Sandra M. Giovanetti Bertozzo apenas retoma o comentário de Cavalheiro, o que se justifica pelo tipo de trabalho realizado. Outro trabalho que nos remete às considerações de Cavalheiro é o de Hilda Junqueira Villela Merz (1996), *Histórico e resenhas da obra infantil de Monteiro Lobato*, em que reafirma a ligação de *A chave do tamanho* com um momento difícil da vida do escritor. A resenha de Merz interessa-nos à medida que apresenta a visão corrente da obra – além da ligação com o momento vivenciado pelo escritor, o texto de *A chave do tamanho* destaca-se pelo seu caráter político-filosófico.

Optando por abordar o conteúdo científico da obra, José Apóstolo Netto (1996), em “O discurso cientificista no livro *A Chave do Tamanho* de Monteiro Lobato”, publicado na revista *Pós-História*, o autor trata do positivismo, ao que acrescenta uma tentativa de breve análise formal identificando elementos textuais, o uso dos tempos verbais, por exemplo, como marcas do discurso científico. Esse artigo traz, em sua conclusão, a indicação de uma possível pesquisa no texto de *A chave do tamanho* – investigar a “visão mecanicista newtoniana”, o que representaria uma contribuição mais original para as investigações dos textos lobatianos. A tentativa de análise formal apresenta-se como possibilidade de compreensão da tessitura textual, porém, deve ser considerada em seu contexto de observação, uma vez que o discurso científico é um dos elementos do discurso lobatiano, o que não significa hegemonia sobre outras formas discursivas.

Deixando em segundo plano as questões temáticas, Jucimar Cunha Ribeiro de Oliveira, em *A chave do tamanho: um mundo às avessas*, dissertação de mestrado de 1996, busca analisar a obra sob o foco da estética da recepção. O trabalho de Oliveira, como notamos, debruça-se sobre a estrutura narrativa a partir de teorias da área da Teoria Literária: a teoria do mundo às avessas de Ernest R. Curtius e a estética do efeito de Wolfgang Iser, sendo esta usada pela autora como fundamento para abordagem no âmbito da estética da recepção. Merece destaque, portanto, a intenção da autora de tratar de elementos intrínsecos à construção do texto, sendo o mundo às avessas o portador de uma proposta de transformação. Podemos notar, porém, que a abordagem desses elementos textuais tem como linha norteadora a ideologia lobatiana, o que conduz o “mundo às avessas” a certo aspecto didático, ou seja, a inversão da ordem estaria relacionada a uma proposta de transformação do mundo direcionada à criança e a estética da recepção, por sua vez, é apresentada no âmbito da apreciação da pesquisadora que não chega a demonstrar o resultado de leituras realizadas por crianças – as considerações da autora apresentam-se mais como hipóteses a respeito de “como” as crianças teriam recebido o texto de *A chave do tamanho*, do que observação da prática desses leitores.

Podemos ainda citar no ano de 1996, Alaor Barbosa, em um texto de caráter mais pessoal, *O ficcionista Monteiro Lobato*, que destaca a obra como texto primoroso, o que se deveria a certo ideal de clareza e objetividade de Lobato presentes em *A chave do tamanho* – uma apreciação impressionista, superficial, própria de um texto cujo envolvimento pessoal não permite ao autor empreender considerações mais contundentes.

Entre as pesquisas acadêmicas da década de 90, destaca-se a obra de José Roberto Whitaker Penteadó (1997), *Os filhos de Lobato*, em que o autor realiza uma coleta de impressões dos leitores que se formaram lendo Monteiro Lobato. A obra é tratada pelo autor como uma das mais “loucas”, um tipo de ficção infanto-juvenil que se destaca como livro “crucial” da série,

importância, porém, que não é esclarecida no trabalho de Penteado. A pesquisa nos interessa sobretudo por apresentar um quadro das possíveis influências do pensamento lobatiano sobre a geração que se formou lendo os livros do escritor, influências que nos remetem a certo “iluminismo” uma vez que este levaria a uma narrativa cujo caráter formador implicaria na discussão de questões político-sociais, como a guerra, um dos temas principais no texto de *A chave do tamanho*. Assim, dado o objeto de estudo da pesquisa de Penteado, podemos afirmar que suas observações a respeito da obra propiciam ao leitor uma visão geral de aspectos ideológicos nela envolvidos, nada mais em relação à construção textual.

Uma análise voltada para os elementos narrativos é o trabalho de Carmem Silva Martins Leite, *Análise da narrativa carnalizada A chave do tamanho, de Monteiro Lobato*, de 1998. Nessa dissertação de mestrado, tendo como referencial teórico a visão carnavalesca do mundo às avessas de Mikhail Bakhtin, a autora realiza uma análise estrutural de *A chave do tamanho*, identificando elementos da sátira menipéica e destacando o fantástico. Ao dialogar muito de perto com o trabalho de Oliveira (1996), Leite retoma a idéia do mundo às avessas enfatizando, porém, outras implicações desse processo, como, por exemplo, o dialogismo que, segundo a autora, perpassa todo o texto lobatiano. É importante notar a referência ao intertexto, o que nos leva ao texto de Faria (1982) – um diálogo que é identificado por nós, pois os dados bibliográficos indicam que Leite provavelmente não teve acesso a este ensaio. Por fim, a autora ressalta que na obra há uma busca incessante pela verdade, o que se faz por meio de uma leitura prazerosa.

Em 1998, Ana Mariza Ribeiro Filipouski, em “A obra infanto-juvenil de Monteiro Lobato”, publicado na *Revista da Biblioteca Mário de Andrade*, afirma que *A chave do tamanho* é uma obra que se projeta para o futuro, levando a criança à reflexão. A observação da autora mostra a compreensão da obra por um viés temático, destacando certo caráter “pedagógico”, um tipo de observação que, mesmo breve, remete-nos a idéias estabelecidas a respeito do texto de *A*

chave do tamanho, no caso, seu conteúdo como um conjunto de ensinamentos filosóficos, o que afirmara Cavalheiro em sua obra de 1955.

As características apontadas como positivas seja por Leite, seja por Filipuski, não são, porém, suficientes para retirar a obra de uma perspectiva de periculosidade, como notamos nas observações de Nelly Novaes Coelho, em *Literatura infantil – teoria, análise, didática* (2000), para quem o texto lobatiano é marcado por distorções de valores que podem servir de modelo negativo aos pequenos leitores; um texto cujo perigo está em apresentar como valor a relatividade das crenças e atitudes humanas. O texto de Coelho certamente nos surpreende pelas considerações de cunho ideológico que acabam aparecendo de forma descontextualizada, talvez um julgamento parcial realizado mediante uma leitura destituída de certa “relatividade lobatiana”.

Mais recentemente, no âmbito dos estudos temáticos, temos *Mulheres em Lobato*: uma leitura feminista das obras **Reinações de Narizinho** e **A Chave do Tamanho**, de Sandra Araújo de Lima (2002). Nesta dissertação de mestrado, a autora aborda *A chave do tamanho* porque nela uma personagem feminina, Emília, é a protagonista. Contudo, retomando inclusive os traços positivistas do texto de Lobato, a autora afirma que não consegue ver nenhum enaltecimento da personagem feminina na obra. Se o texto tem o mérito de realizar uma discussão no campo ideológico, um tipo de análise que pode servir até mesmo para conduzir o pesquisador a uma visão mais crítica dos pensamentos e ideologias vivenciados pelo escritor, percebemos que o trabalho permanece apenas no âmbito de reflexões de cunho maniqueísta – enaltece/degrada, favorece/contraria – o que deixa de considerar a riqueza da protagonista, Emília, avaliada sob uma ótica ideológica simplificadora.

Também realizando uma abordagem temática, *O Poço e a Chave*: progresso e guerra na obra infanto-juvenil de Monteiro Lobato, de Ana Amélia Vianna Gouvêa (2003), é uma dissertação de mestrado que merece destaque pelo trabalho de identificação da temática de guerra

em toda a obra lobatiana. A escolha da autora, *O poço do Visconde* (1937) e *A chave do tamanho* (1942), tem como objetivo mostrar a mudança do ponto de vista do escritor, de uma defesa irrestrita no desenvolvimento, na primeira obra, à descrença na capacidade humana de bem usar a tecnologia, na segunda.

Embora também relacione a obra ao momento vivenciado pelo escritor – morte dos filhos, idade, contexto histórico – a autora avança em sua análise, realizando uma contextualização não só no âmbito da história factual mas também da produção literária internacional, quadro em que se destaca *A chave do tamanho*.

Último trabalho identificado por nossa pesquisa, a tese de Adriana Silene Vieira, *Viagens de Gulliver ao Brasil: Estudo das adaptações de Gulliver's Travels por Carlos Jansen e por Monteiro Lobato*, de 2004, trata de *A chave do tamanho* retomando a análise já realizada por Faria (1982). A presença da miniaturização é o elemento que estabelece o diálogo com *Gulliver's Travel*, de Swift, porém, a autora também destaca a violência presente em *A chave do tamanho*, bem como a ironia, características que aproximam Lobato do escritor irlandês. É interessante notar que a proposta inicial do trabalho, o cotejo das traduções de Jansen e Lobato, acaba conduzindo a *A chave do tamanho* pelas discussões instauradas a respeito do diálogo das obras desses escritores – a autora conclui seu trabalho conduzindo nosso olhar para a presença de *Gulliver* em *A chave do tamanho* e abandonando a abordagem inicial das traduções; fato que poderíamos entender como resultante da atração exercida por uma história que se nutre de clássicos infantis universais, como a obra de Swift, e, ao mesmo tempo, apresenta-se como uma narrativa original e complexa.

Enfim, como notamos nesta breve observação da fortuna crítica sobre *A chave do tamanho* (v. Anexo), a partir da década de 80, quando os estudos acadêmicos voltam-se com mais atenção para a literatura infantil brasileira, delineiam-se alguns pontos constantemente retomados

pelos pesquisadores. Um deles é a ênfase na abordagem temática, talvez ressaltada pela singularidade da obra em meio à produção tanto nacional quanto internacional nos anos da Segunda Guerra, como afirma Gouvêa (2003).

Os textos críticos recolhidos nesta pesquisa constituem um conjunto de dados relevante para a melhor compreensão do texto de *A chave do tamanho* no contexto da literatura infantil brasileira.

De modo geral, podemos encontrar algumas linhas de investigação que se constituíram desde a publicação dos primeiros textos abordando *A chave do tamanho*. Tendo como ponto de partida o comentário de Léo Vaz, em 1945, percebemos que a maioria dos textos se inserem numa abordagem ideológica, enfatizando a carga filosófica da obra. O outro grupo, bem menor, é aquele formado por textos cujo foco de análise se encontra sobre os elementos narrativos.

Essas duas abordagens podem ser encontradas tanto em obras de caráter mais panorâmico, como o trabalho de Vasconcelos (1982) que analisa aspectos ideológicos de toda a série infantil lobatiana, quanto em textos voltados para análises mais localizadas, como o trabalho de Lima (2002), que procura realizar uma leitura feminista de *A chave do tamanho*.

Tendo em vista somente os textos críticos cujo objeto de análise é *A chave do tamanho*, ou seja, não considerando textos em que a obra é citada ou comentada em meio a outros temas (v. Anexos), apresentamos a seguir uma tabela em que tentamos delinear pelo menos três principais tendências de abordagem da obra:

1. Ideologia, pensamento filosófico

VAZ, Léo. A Chave do Tamanho. *Revista da Academia Paulista de Letras*, São Paulo, v.8.n.31, p.46-51, set. 1945.

BRASIL, Sales pe. *A literatura infantil de Monteiro Lobato ou Comunismo para Crianças*. 2. ed. São Paulo: Edições Paulinas, 1959.

CAMPOS, André Luiz Vieira de. *A República do Picapau Amarelo – uma leitura de Monteiro Lobato*. São Paulo: Martins Fontes, 1986. (Coleção leituras).

STAROBINAS, LÍlian. *O caleidoscópio da modernização: discutindo a atuação de Monteiro Lobato*. São Paulo: USP/FFLCH, 1992. Dissertação de Mestrado.

MELLO, Ana Maria Lisboa de et al. A Chave do Tamanho: a instauração de uma nova ordem. *Literatura infanto-juvenil: prosa & poesia*. Goiânia: Ed. da UFG, 1995. p.57-72.

MELLONI, Rosa Maria. *O imaginário e o ideário de Monteiro Lobato: um estudo antropológico*. São Paulo: USP/FE, 1995. 2v. Tese de Doutorado.

LIMA, Sandra Araújo de. *Mulheres em Lobato: uma leitura feminista das obras **Reinações de Narzinho** e **A Chave do Tamanho***. Brasília-DF: Unb/IL, 2002. 103p. Dissertação de Mestrado.

GOUVÊA, Ana Amélia Vianna. *O Poço e a Chave: progresso e guerra na obra infanto-juvenil de Monteiro Lobato*. Belo Horizonte: UFMG, 2003. 189p. Dissertação de Mestrado.

2.Cientificismo

APÓSTOLO NETTO, José. O discurso cientificista no livro *A Chave do Tamanho* de Monteiro Lobato. *Pós-História*. Assis-Unesp/FCL, n. 04, 1996, p.45-66.

ARAPIRACA, Mary de Andrade. *Prólogo de uma Paidéia Lobatiana fundada no fazer especulativo: A chave do tamanho*. Bahia: UFBA/FE, 1996. Tese de Doutorado.

CAMENIETZKI, Carlos Ziller. *O saber impotente*. Rio de Janeiro: FGV, 1988. p.39-44
Dissertação de Mestrado.

SCAVONE, Antonio Carlos. Reflexos do positivismo em *A chave do tamanho*. *Letras de Hoje*. PUC-RS, n. 43., março de 1981.

3. Questões estéticas

FARIA, Maria Alice de Oliveira. A “imaginação miniaturizante” em *A Chave do Tamanho*. *Stylos*. Assis-Unesp/IBILCE, n.79, 1983.

LEITE, Carmem Silva Martins. *Análise da narrativa carnavalesca A chave do tamanho, de Monteiro Lobato*. Juiz de Fora: UFJF, 1998. 73p. Dissertação de Mestrado.

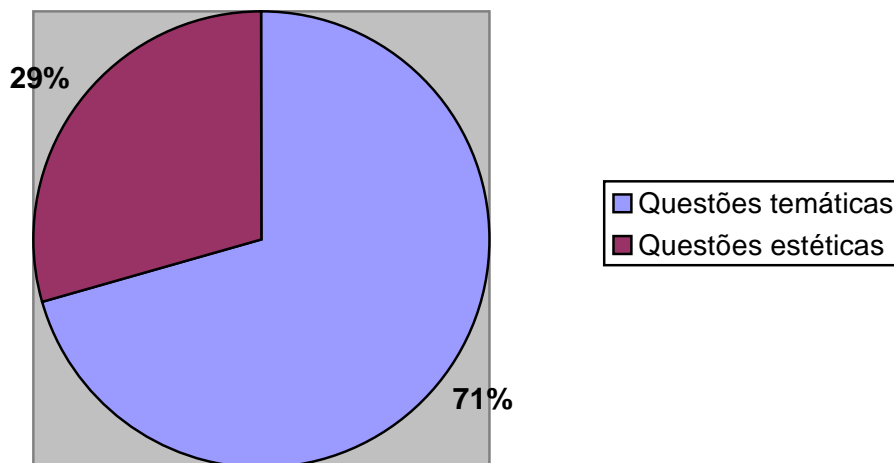
OLIVEIRA, Jucimar Cunha Ribeiro de. *A chave do tamanho: um mundo às avessas*. Juiz de Fora: UFJF, 1996. Dissertação de Mestrado.

VIEIRA, Adriana Silene. A chave do tamanho e as Viagens de Gulliver. In.: IV Seminário Internacional de História da Literatura, 2001, Porto Alegre. (no prelo).

ZILBERMAN, Regina. Monteiro Lobato e a aventura do imaginário. *Letras de hoje*. n. 49, p.35, set. 1982.

Ao observar a tabela, notamos a preponderância de trabalhos voltados para a análise de conteúdos ideológicos da obra, principalmente em estudos acadêmicos. As questões estéticas aparecem na maioria das vezes de forma periférica.

Assim, vemos que os recortes temáticos acabam ocupando a maior parte dos textos sobre *A chave do tamanho*, ou seja, num conjunto de 17 textos cujo foco consideramos incidir de forma representativa sobre a obra, apenas 05 voltam-se para o que denominamos “questões estéticas” – elementos da tessitura textual:



Podemos notar ainda que a quase totalidade dos textos é produzida a partir dos anos 80, remetendo-nos a obras fundamentais para os estudos na área de literatura infantil brasileira que começaram a despontar no final dos anos 60, com *Literatura infantil brasileira*, de Leonardo Arroyo. Ou seja: a partir dos anos 80 é que encontramos uma crítica estabelecida em relação aos estudos dos textos de Lobato, como *A chave do tamanho*.

Observando somente os trabalhos acadêmicos e teses em que a obra é citada de alguma forma (considerando os trabalhos como foram consultados durante a pesquisa), temos os seguintes dados:

Dissertações – Mestrado

BERTOZZO, Sandra M. Giovanetti. *Reverendo Monteiro Lobato vida e obra de Edgar Cavalheiro: uma leitura de Monteiro Lobato*. Assis: Unesp, 1996. 365p.

CAMENIETZKI, Carlos Ziller. *O saber impotente*. Rio de Janeiro: FGV, 1988. p.39-44.

GOUVÊA, Ana Amélia Vianna. *O Poço e a Chave: progresso e guerra na obra infanto-juvenil de Monteiro Lobato*. Belo Horizonte: UFMG, 2003. 189p.

LEITE, Carmem Silva Martins. *Análise da narrativa carnavalesca A chave do tamanho, de Monteiro Lobato*. Juiz de Fora: UFJF, 1998. 73p.

LIMA, Sandra Araújo de. *Mulheres em Lobato: uma leitura feminista das obras **Reinações de Narizinho** e **A Chave do Tamanho***. Brasília-DF: Unb/IL, 2002. 103p.

OLIVEIRA, Jucimar Cunha Ribeiro de. *A chave do tamanho: um mundo às avessas*. Juiz de Fora: UFJF, 1996.

STAROBINAS, LÍlian. *O caleidoscópio da modernização: discutindo a atuação de Monteiro Lobato*. São Paulo: USP/FFLCH, 1992.

Teses – Doutorado

ARAPIRACA, Mary de Andrade. *Prólogo de uma Paidéia Lobatiana fundada no fazer especulativo: A chave do tamanho*. Bahia: UFBA/FE, 1996.

MELLONI, Rosa Maria. *O imaginário e o ideário de Monteiro Lobato: um estudo antropológico*. São Paulo: USP/FÉ, 1995. 2v.

VIEIRA, Adriana Silene. *Viagens de Gulliver ao Brasil: Estudo das adaptações de Gulliver's Travels por Carlos Jansen e por Monteiro Lobato*. Campinas: Unicamp/IEL, 2004.

Poderíamos ainda acrescentar aos títulos citados na tabela os trabalhos de Vasconcellos (1982) e Penteado (1997), já publicados em livro – o que daria um total de 12 pesquisas entre produções de mestrado e doutorado. Desse conjunto, porém, somente três trabalhos têm *A chave do tamanho* como objeto central de análise, as pesquisas de Arapiraca (1996), Oliveira (1996) e Leite (1998) – a primeira com uma abordagem temática e as outras duas com um foco de análise muito próximo (carnavalização, mundo às avessas).

Considerada em sua totalidade, a constituição dessa crítica mostra-se atrelada a idéias veiculadas por contemporâneos de Lobato, como Léo Vaz e Edgar Cavalheiro, cujos comentários são retomados até o momento. Se isso dá certa legitimidade aos estudos, pois recorrem a fontes próximas do escritor, também acaba por configurar uma certa acomodação, levando os pesquisadores a se dedicar a um grupo restrito de temas – o relativismo, a Segunda Guerra Mundial, o discurso científico. Contudo, todos esses trabalhos vêm atestar o papel relevante da obra em nosso sistema literário, permitindo que os mais diversos pontos de vista encontrem campo para suas indagações.

Pensar a figura de Monteiro Lobato no contexto da produção de livros para crianças leva-nos a reconhecer a importância de seu trabalho tanto no que diz respeito à quantidade quanto nos aspectos inerentes à qualidade de seus textos. Em relação à quantidade, observamos na organização que realiza para as *Obras Completas*, 1947, uma vasta obra para o público infantil – são mais de vinte livros destinados a um público com grande potencial de crescimento em termos de aumento do número de crianças inseridas no universo da leitura pela escola. A qualidade, por sua vez, iria ser o elemento decisivo para a permanência dessas obras que, como podemos perceber, somente por sua extensão, já constituiria um marco na literatura infantil brasileira.

Entre os títulos lançados, primeiro, pela Cia. Editora Nacional e, depois, pela Editora Brasiliense, encontramos obras de caráter eminentemente didático, como *Aritmética da Emília*

(1935), adaptações de clássicos infantis, como *Peter Pan* (1930) e, por último, textos em que a fantasia se sobrepõe aos ensinamentos e discursos pedagogizantes, é o caso de *A chave do tamanho* (1942).

Como em outras histórias com a turma do Picapau Amarelo, em *A chave do tamanho* deparamos com uma aventura cheia de surpresas, pontilhada de *nonsense*, ironia, fantasia, elaborada com uma linguagem coloquial, próxima do público a que se destinava, tratando de temas tidos como “sérios”, mas dos quais Lobato não poupava seu público. Mas a obra em questão, tem suas peculiaridades, características que levaram críticos a considerá-la como “escatológica”, “pitoresca”, “elixir filosófico”, “obra-prima” da literatura infantil.

O papel de destaque que *A chave do tamanho* acaba ocupando seja no contexto da obra lobatiana seja no contexto da produção nacional, pode ser constatado nas mais diversas abordagens realizadas por estudos que, em geral, têm por objetivo a(s) ideologia(s) presentes no texto. Essas abordagens, cujos estudos certamente comprovam a riqueza do objeto a que se dedicam, configuram um quadro que, se por um lado abre novas perspectivas para a leitura e compreensão da obra, por outro, encerram em si, por vezes, uma visão parcial do texto, cuja maior e melhor contribuição se dá quando colocada no conjunto da fortuna crítica.

Essa fortuna crítica revela, ainda, a necessidade de se empreender uma análise textual em que os elementos estruturais da narrativa possam ser compreendidos em sua funcionalidade na construção da obra, o que permite o tratamento de temas e ideologias já percebidas e analisadas em outros estudos. Tendo em vista melhor compreender essa construção, passamos a levantar alguns pontos a respeito dos elementos textuais de *A chave do tamanho*.

3.2. Procurando *uma* chave

3.2.1. Quando o sol se põe

Contemplando o pôr-do-sol no sítio, assim se inicia a trama de *A chave do tamanho*¹². Emília, em pé na porteira, aparece já na primeira cena formulando questões e implicando com os “modos de dizer” dos adultos. Enquanto Dona Benta se dispõe a responder aos questionamentos da boneca, chega o carteiro e entrega o jornal. As notícias da guerra deixam a avó amargurada, o que leva Emília a buscar uma solução para o problema: ela furta o superpó (substituto do conhecido pó de pirlimpimpim), vai até o Fim do Mundo, na Casa das Chaves, onde existem as chaves que controlam tudo que há no mundo e, tentando abaixar a chave da guerra, mexe na chave do tamanho e reduz a humanidade a centímetros.

A partir daí se inicia a aventura no mundo pequenino. Como não tem força para voltar a chave a sua antiga posição, Emília viaja com o superpó até o Sítio do Picapau Amarelo para pedir ajuda. Porém, é impedida pelo pinto sura que, enxergando-a como petisco, faz com que a personagem aspire novamente o pó e vá pousar no jardim de outra localidade. Depois de muitas aventuras para tentar chegar à casa que vê de longe, Emília se encontra com a família do Major Apolinário, prefeito de Itaoca. Acompanha uma carnificina realizada pelo gato Manchinha, que come seus donos, e realiza o salvamento de duas crianças, agora órfãs, e dependentes da boneca. Lutando pela sobrevivência na “nova ordem”, os três são encontrados, mais tarde, pelo Visconde que caminhava para a cidade a fim de verificar se o fenômeno do “apequenamento” alcançara mais gente. Emília conta a história, aloja-se com os órfãos na cartola do sabugo e retornam ao

¹² A edição utilizada para análise é a 42ª, de 1997, pela editora Brasiliense.

Picapau Amarelo, em que Dona Benta, Tia Nastácia, Pedrinho e Narizinho se encontram no quarto, sobre a cômoda.

Logo depois, Emília e Visconde decidem realizar uma viagem pelo mundo para comprovar o resultado do abaixamento da chave. Antes, porém, Emília é acuada por Narizinho, que percebera alguma “arte” da boneca, e a responsável pela redução da humanidade se compromete a realizar um plebiscito para decidir a questão quando ela e o Visconde retornarem.

A viagem mostra que a redução atingiu a todos, e a tragédia foi geral. Encontrando os líderes mundiais envolvidos na Segunda Guerra Mundial, a personagem discursa para cada um e, numa viagem aos Estados Unidos, encontra um núcleo de civilização, *Pail City*, ou a Cidade do Balde, cujas obras são dirigidas por um sábio. Cada vez mais convencida de que a redução foi benéfica para a humanidade, Emília retorna com o Visconde ao Picapau Amarelo. Porém, o tamanho ganha no plebiscito e a chave é recolocada em sua antiga posição.

A história termina com os personagens se trocando rapidamente, pois, pequeninos, ficaram nus, e com o coronel Teodorico escondido dentro do guarda-roupa de Dona Benta, sem ter roupa para vestir na situação de “emergência”.

Como podemos notar por meio dessa breve apresentação da história, a trama se inicia efetivamente com a chegada da correspondência, quando Pedrinho lê as notícias sobre a Segunda Guerra. Como elemento desencadeador do conflito, pois é o que leva Emília a tomar a atitude drástica de mexer nas chaves reguladoras do mundo, a guerra se fará presente por toda a narrativa como um dos temas principais. Na verdade, podemos situar a guerra como o assunto central da obra, ponto do qual derivam outros temas igualmente complexos: a relatividade dos valores, o papel da ciência, as relações políticas do momento.

Se em outras histórias o Sítio serve de ponto de partida para as aventuras, quer se dêem no mundo da gramática, quer se dêem na lua, em *A chave do tamanho* vemos os limites físicos serem extrapolados em outra direção. O mundo que se apresenta é extremamente próximo, porém pouco conhecido, pois não é visível aos olhos dos seres “tamanhudos”. Aliás, a oposição grande/pequeno, como muito bem analisou Faria (1983), é estabelecida desde o início: os habitantes do sítio contemplam o pôr do sol, a grandiosa beleza de um astro, a amplitude do universo, sendo que, momentos depois, estariam descortinando outros horizontes, não mais naquilo que poderíamos caracterizar como macro, mas como micro.

O espaço assume papel relevante na estrutura da obra, à medida que a relação dos homens com o meio é radicalmente alterada pela “arte” de Emília. O espaço macro, ao qual associamos o Sítio do Picapau Amarelo, o jardim e a casa do Major Apolinário, a casa do coronel Teodorico e, no final da narrativa, os países envolvidos no conflito, desdobra-se em inúmeros espaços micro, tais como os diferentes ambientes do jardim (a hortênsia, o violetal, o caminho de pedras), a mesa da sala de jantar, a cartola do Visconde. Esse desdobramento do espaço se dá, porém, não só no âmbito das medidas, até porque a perda do tamanho exige novos padrões, mas também na fuga do referencial, da realidade imediata e na entrada franca no mundo da fantasia:

Quando Emília abriu os olhos e foi lentamente voltando da tonteira, deu consigo num lugar nebuloso, assim com ar de madrugada. Não enxergou árvores, nem montanhas, nem coisa nenhuma — só havia lá longe um misterioso casarão.

— Isto deve ser o Fim do Mundo, e aquela casa só pode ser a Casa das Chaves. Que pó certo o do Visconde! (p.09)

Ao usar o superpó do Visconde, furtado do sábio que dormia tranqüilamente depois de encontrar a fórmula final do elemento mágico de transporte, Emília transpõe os limites da

veracidade e adentra o terreno em que somente a verossimilhança do universo ficcional pode possibilitar as aventuras as quais vivencia. No fim do mundo está a Casa das Chaves, como a personagem imaginara, local em que ocorre a transformação da humanidade. O devaneio miniaturizante, como aponta Faria (1983), instaura-se e surgem arquétipos de aspectos essenciais da vida humana: a alimentação, o abrigo, a luta pela sobrevivência, entre outros.

O ambiente onírico que vemos na Casa das Chaves já fora anunciado no começo da narrativa cuja primeira cena, tal como um *prelúdio*, traz um quadro contemplativo assim descrito pelo narrador:

O pôr-do-sol daquele dia estava realmente lindo. Era um pôr-do-sol de trombeta. Por quê? Porque Emília tinha inventado que em certos dias o Sol “tocava trombeta a fim de reunir todos os vermelhos e ouros do mundo para a festa do ocaso”. Diante dum pôr-do-sol de trombeta ninguém tinha animo de falar, porque tudo quanto dissessem saía bobagem. (p.07)

A figura da trombeta¹³, como bem apontou Gouvêa (2003), prenuncia, de certa forma, a drástica mudança que iria ocorrer, num clima de solenidade, de impotência diante de algo apocalíptico.

Todavia, o devaneio miniaturizante é relativizado na voz de Emília, personagem que assume papel central na história. Se agora os homens estão reduzidos, isso não significa que antes eram grandes, isto é, o tamanho não é medida absoluta:

¹³ “Trombeta – Instrumento musical usado para ordenar os principais momentos do dia ou para anunciar os grande acontecimentos históricos e cósmicos: o Juízo Final, o ataque, uma cerimônia solene. [...]. Ela simboliza uma conjunção importante de elementos e de acontecimentos, marcada poe uma manifestação celeste (ar, sopro, som).” CHEVALIER, Jean et al. *Dicionário de símbolos: mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números.* p.910/911.

[...] Sei que essas imensidades que estou vendo não passam de verdadeiras pulgas perto de outras coisas ainda maiores, como as montanhas; e as montanhas não passam de pulgas perto de outra coisa maior, como a Terra; e a Terra é uma pulga perto do Sol; e o Sol é um espirro de pulga perto do Infinito. Como sei coisas, meu Deus! (p.15)

Essa relativização do tamanho coloca em xeque também o conceito de perto/longe, como observamos na explicação de Emília ao Juquinha, filho do major Apolinário:

— Tudo é longe agora, Juquinha. Até o sítio de dona Benta, que era pertíssimo, virou lonjura sem fim. Meia légua! Meia légua antigamente era meia légua. Hoje meia légua é um abismo de lonjura. Meia légua tem 3 mil metros. Para caminhar essa distância os homens davam 5 ou 6 mil passos. Hoje, sabe quantos passos eu tenho de dar para fazer meia légua? — e fez a conta de cabeça. Nada menos de 1.200.000 passos! (p.33)

O espaço abre-se, então, em suas infinitas possibilidades de existência. Da nebulosa Casa das Chaves, Emília vai parar no quintal do Picapau Amarelo e ali encontra um novo perigo: o pinto sura. Recorrendo novamente ao superpó, a personagem “cai” numa floresta – o jardim da casa do Major Apolinário. O próprio narrador chama nossa atenção para a “abundância do pequenino”:

Que lugar era aquele? Um simples canteiro de violetas, dentro do qual Emília teve a sensação do caçador em plena mata virgem. A sua redução de tamanho permitia-lhe ver a “abundância do pequenino”. Quantas vidinhas na sombra daquela mata, sobretudo sob forma de vermes! Bichos cabeludos de todos os

jeitos, e lagartas não-cabeludas, uma delas com chifre no nariz — como o Quindim. E mede-palmos cor de esmeralda, translúcidos, gulosamente devorando folhas ou tecendo casulos. E caramujos, e tatusinhos. E uma infinidade de *formas de vida* que só os sábios sabem. (p.20)

A abundância não está somente nas formas de vida. A alimentação não será mais problema neste novo mundo:

— Parece incrível, disse ele, que ainda numa situação destas o estômago da gente fale! Tenho vergonha de dizer que estou com fome.

— Pois é regalar-se, coronel, voltou Emilia. Há ovo de beija-flor ali na cartola — mas nem é preciso. O senhor está sobre a maior mesa do mundo. Estas comidas dão para alimentar um exército inteiro. Olha só para a terrina de feijão. (p.53)

Morar também não será mais problema, um buraco no chão vira uma caverna, o ninho de um beija-flor, uma aconchegante pousada, e a cartola do Visconde uma bela casa:

Olhando na direção do som, o Visconde pôde ver, numa frincha do carunchado rodapé da sala, uma espécie de carço de ervilha. Era a cabeça do coronel Teodorico, dono da Fazenda do Barro Branco.

— Estou escondido aqui — continuou a vizinha — por causa dos hipopótamos que invadiram a casa depois que tudo ficou enorme. Eles já devoraram a Quinota e a tia Ambrósia. Escapei porque me escondi a tempo nesta caverna que até ontem nunca existiu. (p.50)

O lindo colibri arrumou do melhor jeito os dois algodões e acomodou-se no ninho. Era tarde já, hora das aves se recolherem. Emília ficou quietinha, pensando. Não lhe passou pela cabeça falar com os companheiros. Muito distantes dela, além de que o beija-flor podia perceber. Tratou de acomodar-se como melhor pôde e dormir. E dormiu a mais agradável noite de sua vida. Que deliciosa quenturinha! (p.36)

Emília mostrou-lhes [para Candoca e Juquinha] a casa nova e explicou quem era o “Colosso de Rodes” em cuja cabeça iam morar. Juquinha ficou radiante. Foi para a janela e começou a fazer planos. “Podemos pegar um besouro e amarra-lo a um dos moirões da cerca. Enquanto eu não voar em não sossego”. A Candoca havia entrado com um bico de choro, mas não chorou. Porque chorar, se estava bem abrigada naquela casinha de porta, janela e ovo? (p.47)

A fartura comprovada pelas experiências do Dr. Barnes, em *Pail City*, tem seu contraponto na miséria e no sofrimento causados pela guerra. A relação que se estabelece entre grande/pequeno, perto/longe, diz respeito não só à tensão entre essas formas de ser, mas também à interdependência entre elas. Isso fica evidente na fala de Dona Benta, ainda no primeiro capítulo, quando comenta o “horror da guerra”:

— Novo bombardeio de Londres, vovó. Centenas de aviões voaram sobre a cidade. Um colosso de bombas. Quarteirões inteiros destruídos. Inúmeros incêndios. Mortos à beça

O rosto de Dona Benta sombreou. Sempre que punha o pensamento na guerra ficava tão triste que Narizinho corria a sentar-se em seu colo para animá-la.

— Não fique assim, vovó. A coisa foi em Londres, muito longe daqui.

— Não há tal, minha filha. A humanidade forma um corpo só. Cada país é um membro desse corpo, como cada dedo, cada unha, cada mão, cada braço ou perna faz parte do nosso corpo. Uma bomba que cai numa casa de Londres e mata uma vovó de lá, como eu, e fere uma netinha, como você, ou deixa aleijado um Pedrinho de lá, me dói tanto como se caísse aqui. É uma perversidade tão monstruosa, isso de bombardear inocentes, que tenho medo de não suportar por muito tempo o horror desta guerra. Vem-me vontade de morrer. Desde que a imensa desgraça começou não faço outra coisa senão pensar no sofrimento de tantos milhões de inocentes. Meu coração anda cheio de dor de todas as avós e mães distantes que choram a matança de seus pobres filhos e netinhos. (p.08-09)

A percepção da avó, para quem o mundo constitui um só espaço – o espaço da humanidade –, permite que as leis da fantasia que regem o Picapau Amarelo sirvam a todos os habitantes do planeta. A esperança de uma nova humanidade vai se firmando, neste espaço modificado, não na ação do homem mas no tipo de relação que, reduzido, ele terá que manter com a natureza. Temos, então, uma situação em que o ambiente assume, por vezes, o papel de antagonista perante o desempenho dos personagens, principalmente no que diz respeito a Emília. Quando dá “conselhos” à família do Major Apolinário sobre sua experiência no mundo biológico, a personagem demonstra em sua fala os novos inimigos que a redução do tamanho trouxe à humanidade:

— É preciso, primeiro — disse ela — o maior cuidado com os ventos. Qualquer ventinho nos derruba. Segundo: cuidado ainda maior com os passarinhos e as galinhas. Basta dizer que eu estou aqui, nesta terra desconhecida, justamente por causa dum simples pinto sura, que ainda ontem corria de medo de mim. Terceiro: cuidado com os buracos redondos, porque em geral têm

moradores dentro e esses moradores se defendem. Em vez de buraquinhos redondos, temos de procurar vãos, fendas e outros abrigos naturais, não feitos por nenhum colega. (p.25) [Grifo meu]

E, quando corre atrás do “gigante” Visconde, Emília depara com os inúmeros obstáculos antes insignificantes ao homem “tamanhudo”:

[...] Quantas dificuldades, meu Deus! Havia as grandes lagoas que tinha de rodear — as pocinhas de água barrenta formadas nas marcas de ferraduras dos cavalos. E havia os morros e montanhas a trepar — as irregularidades do tijuco da estrada. E agora era um grande tronco de árvore ou uma grande pedra — os pedacinhos de pau ou os pedregulhos que há em todas as estradas. (p.42)

Todavia, a esses obstáculos se contrapõem as possibilidades de uma vida farta, sem problemas de moradia e alimentação – “Pois apesar desses perigos novos, estou encantada com a vida pequenina. Para a alimentação, que beleza! Qualquer isca nos enche o estômago. E não é preciso trabalhar para ganhar a vida.” (p.53) — as palavras de Emília ao conversar com o coronel Teodorico sobre os desafios e ganhos da nova vida apontam para a possibilidade de superação de grandes problemas mundiais, como a má distribuição do alimento e o baixo poder aquisitivo de milhões de pessoas em todo o mundo. As novas possibilidades de vida se mostram viáveis e mais justas, o que entusiasma o personagem Dr. Barnes, por exemplo, líder do núcleo humano de *Pail City* que se ia formando numa rua da Califórnia:

— Com as térmites, que são as formigas brancas, disse ele, temos muita coisa a aprender. Esses insetos constroem

maravilhosas cidades de barro — os cupins — onde vivem aos milheiros. Amassam o barro dum tal modo que essas cidades resistem a todas as chuvas durante anos e anos. Dentro constroem galerias com uma substancia preta, que é a celulose das plantas mascada e misturada com qualquer liquido colante que não sei. O que sei é que aquilo equivale a um maravilhoso material de construção, resistente, elástico, mau condutos do calor, higiênico. Também revelam uma alta ciência na construção das galerias e ninhos e salas e tudo mais. O asseio e a higiene dos cupins eram uma das maravilhas que mais assombavam os entomologistas. (p.77-78)

Resistência, higiene, funcionalidade, aspectos de um novo parâmetro de vida com mais qualidade que os homens poderão, agora, buscar entre os insetos, velhos conhecedores do mundo pequenino. Parâmetro que nos remete à campanha sanitarista com a qual Lobato se envolvera e cujas idéias persistem no texto para o público infantil, contrapondo a qualidade de vida dos insetos ao mundo “infectado” pelos homens.

Como ocorrera com os limites da realidade e da fantasia, os limites entre o local e o universal também são rompidos, e o espaço da narrativa se expande a partir do Picapau Amarelo e alcança todos os recantos do planeta, desde o cupinzeiro até o gabinete dos grandes ditadores, como Hitler e Stálin.

A diminuição dos homens, que instaura uma nova ordem, no dizer de Mello (1981), está ligada a certa visão universalista, bem aparente na fala de Dona Benta ao comentar os horrores da guerra, que se efetiva no raio de ação da narrativa, no caso, as conseqüências de abaixar a chave do tamanho. A idéia de que as alterações na parte afetam o todo corresponde à própria condição vivenciada pelo escritor, a situação tensa de uma guerra *mundial*.

O tempo histórico vivenciado pelos personagens do Sítio é o mesmo do autor, o auge da Segunda Guerra Mundial, momento em que o conflito ainda não se mostra decisivo para nenhuma das partes, como lembra Gouvêa (2003). Como fato real, ou melhor, verossímil, a guerra é o elemento gerador da história, uma vez que é a preocupação da boneca que a leva a procurar a chave para acabar com a tristeza de Dona Benta. Porém, além da guerra, o tempo vivenciado por Lobato é de duras dificuldades: a prisão pelo Estado Novo no ano anterior, a morte do filho Edgar, ainda jovem, no começo de 1942, e as dificuldades políticas ocasionadas pelo clima de repressão instaurado pelo regime de Vargas.

Assim, o tempo histórico apresentado em *A chave do tamanho* faz também com que questões políticas apareçam principalmente na figura de Emília com seus discursos ameaçadores aos líderes mundiais e com a realização do plebiscito. E, no tratamento da tecnologia, o narrador e os personagens deixam evidente uma postura pessimista diante do mundo moderno – “Eu sempre achei graça na ‘prosa’ dos homens com as invenções lá deles. Que são as invenções dos homens perto dos milhões de inventos destes bichinhos?” (p.33) — o pensamento de Emília que deprecia certa “arrogância” dos seres humanos que se acreditam detentores do saber ironiza a ambigüidade do que se convencionou chamar “progresso”. Na conversa com o Visconde, no primeiro momento do encontro dos dois personagens após a redução, fica evidente a superioridade da natureza em oposição aos inventos humanos:

— [...] A vida agora vai começar de novo — e muito mais interessante. Acabaram-se os canhões, e tanques, e pólvora, e bombas incendiárias. Vamos ter coisas muito superiores — besouros para voar, tropas de formiga para o transporte de cargas, o problema da alimentação resolvido, porque com uma isca de qualquer coisa um estomago se enche, *et coetera* e tal. (p.44)

E continua sua fala concluindo de forma cabal: “Essa tal civilização havia falhado. Havia enveredado por um beco sem saída — e a saída que achava qual era? Suicidar-se a tiros de canhão.” (p.45). A fala do Dr. Barnes, quando visitam os Estados Unidos, vem a corroborar esse pensamento:

— Tudo naquela civilização era um produto do ferro, continuou o sábio, e o ferro era filho do fogo. Felizmente estamos livres do fogo, como eu ia dizendo quando o mensageiro nos interrompeu. Estamos livres do fogo e do seu filho o ferro e das mil reinações que os dois faziam no mundo, como nas grandes guerras em que tudo era ferro e fogo. Estamos livres até da grande multiplicação dos homens sobre o planeta. (p.74)

— Pois é — continuou o sábio. — Estou convencido de que a desgraça da velha civilização veio das conseqüências sociais do fogo. Sempre pensei assim, porque sempre vivi na terra mais atormentada pelas reinações do fogo e do ferro: essa infinidade de máquinas que aqui na América nos fazia tropicar num galope sem fim — para que, meu Deus, para chegar ao que? Imaginem, pois, o meu gosto quando sobreveio este súbito fenômeno da redução do tamanho — o maravilhoso remédio para o caminho errado em que o *Homo sapiens* se havia metido desde a descoberta do fogo. (p.75)

A crítica à civilização é muito bem colocada pelo líder de *Pail City* – “Que foi a última guerra senão o desabamento em cima do homem de toda a civilização baseada no ferro, sob forma de tanques, canhões, fuzis, metralhadoras, bombas aéreas etc.? Sempre o ferro e o seu maldito pai fogo!” (p.75). Contudo, o tom pessimista da narrativa traz em sua própria condição de crítica ao chamado mundo civilizado a idéia de um mundo melhor, de um desenvolvimento

que sirva para alcançar a felicidade das pessoas. O fenômeno do apequenamento, portanto, abre a possibilidade de se corrigir os erros do passado:

— Sim, concordou o Visconde. Todas as outras espécies animais vivem muito bem neste mundo sem recorrer ao fogo. O *Homo sapiens* foi o único a entrar por esse caminho.

— Um caminho errado, insistiu o doutor. Livres do fogo, nós vamos agora construir uma civilização muito mais natural e vantajosa para nós mesmos — sem guerras, sem máquinas, sem aquele desvario das invenções que nos iam levando para o beleléu.
(p.75)

Assim, podemos afirmar que em Lobato permanece o ideário iluminista, segundo o qual o conhecimento pode levar a efetiva melhoria das condições de vida humana e, em última instância, a uma vida mais feliz, como diz, novamente, o Dr. Barnes:

— Isso mesmo, concordou o doutor. Será regressarmos ao período da evolução humana anterior á descoberta do fogo, mas com toda a nossa bela ciência na cabeça — e podemos ser muito mais felizes que os nossos avós daquele tempo. Olhe, disse ele apontando para os homensinhos que construíam um cercado para besouros rente á calçada. Um segura o espinho-moirão, outro bate com um malho. Que é aquele malho? Um velho instrumento do homem da pedra lascada — um pedregulho aqui do jardim que eles amarraram num cabo. (p.75)

A relação de tensão entre o mundo biológico e o tecnológico corresponde, também, a uma diferença de ritmo de vida entre os seres “tamanhudos” e os “pequeninos”.

“— Não vamos ter precisão de velocidade nem de pressa, voltou o doutor Barnes. Graças a Deus já estamos livres desses dois horrores” (p.77). A fala do Dr. Barnes só vem a explicitar um contraste presente desde o início da narrativa. A pressa, a velocidade, a potência industrial, elementos do mundo tecnológico que, como vemos no trecho abaixo, acabam em ruínas, anulando-se a busca incessante pelo mais rápido:

Um dos mais interessantes aspectos do mundo novo era o da enorme quantidade de aviões despedaçados. Todos os aparelhos que haviam erguido vôo no dia do apequenamento ficaram sem governo e foram caindo aqui e ali. O mesmo sucedeu aos trens e navios. Os trens em movimento descarrilaram todos, depois que seus maquinistas viraram insetos. O mesmo desastre nos oceanos. Os navios transformaram-se em “navios fantasmas”, isto é, que andam soltos pelo mar ao sabor dos ventos, sem tripulação que os dirija. A cada passinho as ondas arremessavam um deles à praia. (p.69)

Contra-pondo-se frontalmente às máquinas, estão os insetos com seus recursos naturais. O elogio feito a besouros e pulgões, por exemplo, implica tanto na exaltação do mundo biológico quanto na depreciação do mundo tecnológico.

Esse enveredar pelo caminho errado, que tem em sua origem a perda da perspectiva da vida humana, é uma crítica à tresloucada corrida sem rumo, como bem observa o narrador ao descrever a caminhada do Visconde em direção à cidade: “Felizmente o Visconde era um sábio, e os sábios não sabem andar na toada firme e contínua dos ignorantes.” (p.42).

A alteração radical no ritmo de vida dos personagens também implica na modificação do tempo vivenciado por eles. Ao abaixar a chave do tamanho, Emília suspende o tempo histórico

vivenciado na “toada firme e contínua”, afinal todas as conquistas, descobertas e realizações humanas têm de ser reconsideradas num mundo miniaturizado.

No plano da forma, a suspensão desse tempo histórico marcado pela guerra se faz no emprego de *cenias*, de modo que a representação de vida na história não se configura mais apenas no fazer – lembrando a idéia do “fazer/produzir” incessantemente característico da sociedade industrial – mas também no contemplar/vivenciar. O início da narrativa apresenta um quadro contemplativo, os habitantes do Sítio contemplando o pôr-do-sol, sendo a harmonia quebrada pela chegada do jornal, objeto marcador da temporalidade por excelência; como se o momento contemplativo, em que a temporalidade está suspensa, fosse rompido pela presença intransigente de uma realidade perniciososa que os desvia do devaneio de um possível mundo poético: “Todos tiraram os olhos do pôr-do-sol para pô-los no estafeta” (p.08)

Percebida deste ponto de vista, a estrutura narrativa apresenta um número representativo de *cenias*, evitando-se o *sumário*. O mundo do pequenino, ao desdobrar-se nas infindas possibilidades de vida no espaço, traz um tempo marcado pela chuva, pelo sol, pelo vento, pela alternância entre dia e noite, um tempo cronológico cujos marcos está na natureza, e não mais no fazer humano.

Essa transformação tão radical no tempo vivenciado pelos seres humanos reduzidos altera a própria noção de “antigo”:

[...]Nem jeito de segurar na chave teve, a qual lhe pareceu como enorme maçaneta, de diâmetro igual á altura do seu corpo — o mesmo que a tora de um grande jequitibá para um homem dos antigos.

Dos antigos, sim, porque se todos os homens estavam agora tão reduzidos de tamanho quanto ela, quem quisesse referir – se aos homens da véspera tinha de dizer “os homens antigos”. (p.12)

Torna-se interessante observar, também, que Emília se refere à Antiguidade Clássica com um simples “antigamente” ao explicar para o Juquinha que em algum momento da história do mundo os cavalos voaram como Pégaso. Anula-se os limites entre o tempo cronológico e o mítico, de forma que este se liga ao mundo biológico cuja existência, no plano da narrativa, é intensificada pelo apequenamento dos homens. O reduzido emprego do *sumário*, aparecendo a fim de se evitar a repetição dos discursos de Emília, por exemplo (o que pode ser verificado no cotejo entre as edições de 1942 e 1947), leva-nos a reiterar a questão da intensificação da vida, uma vez que a velocidade e a tecnologia também podem ser associadas à superficialidade, à ausência de vida significativa.

A vida no mundo do pequenino exige a revisão dos valores, a retomada da vida pelo que ela teria de essencial. O processo de adaptação vivenciado por Emília e também pelos outros personagens mostra a importância da inteligência e do conhecimento científico para sobreviver no “mundo biológico”. Valorizando a inteligência e a esperteza, qualidades sempre postas em destaque pela obra infantil lobatiana, o texto se desenvolve também com um discurso científico de presença marcante, atingindo por vezes um tom “professoral”. Nesses momentos, nos quais a narrativa tende a perder um pouco de sua dinâmica, quando não mesmo a se tornar cansativa, vemos o ideário iluminista com toda sua carga de esperança na “nova ordem”. Não podemos nos esquecer, porém, que mesmo essas partes se justificam na voz da protagonista, Emília, uma vez que sua sobrevivência só é possível com as coisas que aprendeu e com as experiências que está vivenciando.

O relativismo dos conceitos humanos, demonstrado desde o início com a discussão sobre uma poesia de Castro Alves – “Estou vendo que tudo que gente grande diz são modos de dizer, continuou a pestinha. Isto é, são *pequenas mentiras* – e depois vivem dizendo às crianças que não mintam! Ah, ah, ah...” (p.08) – junta-se ao pensamento lógico-dedutivo de Emília que, frente ao impasse de saber qual seria a chave da guerra, aplicara o “método experimental” usado pelo Visconde. Após a redução instantânea, a personagem tira suas conclusões:

Pensou, pensou, pensou.

— Sim, eu mexi na Chave do Tamanho e todas as criaturas vivas ficaram pequenas, porque seria absurdo haver uma chave só para minha pessoa. Se houvesse uma chave para cada pessoa, nesta sala deviam existir três bilhões e meio de chaves, porque a população do mundo é de três bilhões e meio de pessoas. Logo, a mesma chave serve para todas as pessoas. Logo, toda a humanidade está reduzida — e impedida de fazer guerras. Uf! Acabei com a guerra! Viva! Viva!... (p.11)

Com a razão guiando suas atitudes, a boneca, e também o narrador, apresentam um discurso com fortes traços positivistas e deterministas, como vemos na explicação abaixo, sobre os besouros:

O Visconde achava muita graça no sistema, que era o mais aperfeiçoado de todos, dizia ele; e vivia fazendo experiências com besouros de todos os tamanhos. Era um sistema tão bom, que o mundo já andava um besoural imenso. Cento e cinquenta mil espécies de besouros já haviam sido estudadas pelos sábios, imaginem! Se o sistema não fosse tão bom, a *ordem* dos coleópteros não se multiplicaria em tantas *espécies*. Quando um sistema não é aperfeiçoado, os bichos que o usam levam a breca,

como aconteceu com aqueles grandes sáurios que o Walt Disney mostrou na *Fantasia*. Por que desapareceram tais monstros? Justamente porque o “sistema sáurio” não prestava. E por que os besouros aumentaram? Porque o “sistema besouro” é aqui da pontinha — e Emília, que estava conversando consigo mesma, pegou na pontinha da orelha. (p.17)

“Quando um sistema não é aperfeiçoado, os bichos que o usam levam a breca”, o darwinismo presente nas reflexões da personagem é assumido francamente na figura de “Dona Seleção”, figura pedagógica do mundo natural:

— Que mundo este, santo Deus! — murmurou, muito atenta a tudo quanto se passava em redor. É o tal “mundo biológico” de que tanto o Visconde falava, bem diferente do “mundo humano”. [...] A Natureza só quer saber duma coisa: quem pode mais. O que pode mais tem o que quer, até o momento em que apareça outro que possa ainda mais e lhe tome tudo. E por que essa maldade? O Visconde diz que é por causa duma tal Seleção Natural, a coisa mais sem coração do mundo, mas que sempre acerta, pois obriga todas as criaturas a irem se aperfeiçoando.(p.18)
[Grifo meu]

— Como estes bichinhos sabem arrumar-se num mundo tão grande! Murmurou Emília. cada qual descobre um jeito. [...]
— Mas eles *sabem* e nós não sabemos, disse Juquinha.
— Também saberemos. Sabem porque foram aprendendo. Nós também aprenderemos, por que não? A professora é uma velha feroz, que não perdoa aos lerdos e preguiçosos. Chama-se dona Seleção. (p.32) [Grifo meu]

Se a função de professor está presente quando Emília tenta repartir suas experiências com os demais personagens – as explicações dadas pela personagem à família do major Apolinário,

por exemplo – ao criar a imagem de “Dona Seleção” para explicar o processo de seleção natural, Emília expõe características associadas a ela mesma. Como responsável pelo apequenmento da humanidade, Emília propiciou uma seleção natural em que para sobreviver os seres humanos têm que apresentar qualidades próprias de um “emiliano”, ou seja, ser esperto, ágil, inteligente e criativo.

Como professora, a protagonista dá lições de sobrevivência no mundo biológico, utilizando práticas “pedagógicas” que deveriam resultar num rápido aprendizado, o que podemos notar na seguinte passagem em que Emília explica algo sobre mimetismo ao Juquinha:

— Pois é. Estava “mimetando” um galho seco. Mimetismo é isso. não conhece aquelas borboletas carijós que se sentam nas árvores musguntas e ficam ali quietinhas? Musgo, não. Líquem. Líquem! O Visconde não quer que a gente confunda musgo com líquem. Decore. (p.35)

Lembrando a proximidade de Lobato com o escolanovismo, podemos ver Emília como uma aprendiz que, tomando lições práticas no contato com a natureza, torna-se professora dos inexperientes como os filhos do major Apolinário.

Com todas essas lições sobre a natureza, o empirismo, que já aparecera na aplicação do “método experimental” para achar a chave da guerra, é assim conceituado no início da narrativa:

A situação era tão nova que as suas velhas idéias *não serviam* mais. Emília compreendeu um ponto que dona Benta havia explicado, isto é, que *nossas idéias são filhas de nossa experiência*. Ora, a mudança do tamanho da humanidade vinha tornar as idéias tão inúteis como um tostão furado. (p.11)

Com efeito, podemos encontrar o método experimental já no início da narrativa, quando Emília “experimenta” as chaves a fim de achar aquela que controlaria as guerras. O fazer especulativo, tema abordado por Arapiraca (1996), apresenta-se também na verificação *in loco* da situação mundial, o que acontece na viagem realizada por Emília e Visconde ao redor do mundo – “Temos de dar uma volta pelo mundo, ver pelo menos a Europa e os Estados Unidos. Como decidirmos qualquer coisa sem conhecermos o estado real da humanidade?” (p.62). Observar, analisar, levantar hipóteses são atitudes identificadas positivamente na história.

A insistência de mensurar todas as coisas, como analisou Scavone (1981), é outro traço do cientificismo positivista de Lobato:

— Posso calcular o meu tamanho por comparação com as letras da palavra FÓSFOROS. Essas letras tinham um terço de centímetro no tempo em que eu tinha 40. Ora, se eu tinha 40 centímetros, era 120 vezes maior que um terço de centímetro. E agora? Qual o meu tamanho em relação a essas letras?

Para fazer a medição, Emilia deitou-se sobre o F, e viu que aquele F tinha um terço da sua altura. Logo ela estava reduzida a justamente um centímetro de altura. (p.11-12)

— Tudo é longe agora, Juquinha. Até o sítio de dona Benta, que era pertíssimo, virou lonjura sem fim. Meia légua! Meia légua antigamente era meia légua. Hoje meia légua é um abismo de lonjura. Meia légua tem 3 mil metros. Para caminhar essa distância os homens davam 5 ou 6 mil passos. Hoje, sabe quantos passos eu tenho de dar para fazer meia légua? Nada menos de 1.200.000 passos! (p.33)

Munida da ciência aprendida com o Visconde e com sua esperteza característica, Emília passa por uma sucessão de aventuras em que manter a vida é o objetivo principal. Assim, mesmo

que maçante, o discurso científico acaba por ter um papel pertinente na história, pois são esses conhecimentos os instrumentos de sobrevivência dos personagens. É ainda importante lembrar que o discurso científico é também um elemento comum a narrador e personagens, o que nos leva a outra observação igualmente importante para compreender a tessitura narrativa: o foco narrativo que se aproxima de Emília. No trecho abaixo, notamos a voz narrativa apresentando-nos o “mundo do pequenino” sob a ótica da personagem:

Emília olhava em redor e ia compreendendo o mundo novo em que tinha de viver. À esquerda viu uma aranha sugando um mosquito preso em sua teia invisível. À direita um bando de formigas atracadas a uma pobre minhoca, que se debatia como um “S” vivo. Um filhote de louva-a-deus estava fingindo que rezava, de mãos postas, mas na realidade aquilo não era reza e sim um bote armado contra uma presa qualquer. (p.19)

A relação que se estabelece entre voz narrativa e personagem é das mais importantes, pois, embora pareça, num primeiro momento, assumir o ponto de vista da boneca, essa voz se aproxima e se distancia, num processo que instaura o relativismo nos diversos níveis da história.

Se o jogo de aproximação-distanciamento do foco narrativo está relacionado à mudança de perspectiva dos personagens com a redução, podemos afirmar que a relatividade constantemente lembrada no plano do discurso se faz presente nos elementos da narrativa, como vimos, por meio de constante contraposição – grande/pequeno, antigo/atual, ditador/democrático – categorias questionáveis à medida que as compreendemos sob um ponto de vista mais distanciado, crítico, de quem observa seu mundo como se fosse outro.

3.2.2. “Esta simples tripinha foi o terror do mundo...”

Que a relatividade ocupa papel central na história de *A chave do tamanho*, é inquestionável. Porém, mais do que um dos temas ou subtemas relacionados à guerra, a relatividade se constitui como um dos elementos fundamentais da estrutura narrativa, ou melhor, ela não só é abordada no texto mas também se apresenta imbricada à constituição do espaço, do tempo, dos personagens, sendo, assim, um fio condutor na construção e para a compreensão do texto.

A retirada do tamanho não atinge somente a relação do homem com o espaço, mas também os valores e as relações de poder. A partir dessa perspectiva, a nudez será um dos aspectos sociais discutidos na voz de Emília:

— Que coisa curiosa! — exclamou enquanto se esfregava.
— Estou nua e não sinto a menor vergonha. Será que isso de vergonha depende do tamanho das criaturas? Deve ser, porque entre os homens a vergonha era só para os adultos. As criancinhas novas não mostravam vergonha nenhuma, nem ninguém se ofendia de vê-las nuas. Aprendi mais essa: *vergonha é coisa que depende do tamanho*. (p.23)

O desnudamento das relações de poder revela que o tamanho, ou melhor, a força física é o que mantém esse poder, e não qualquer outra justificativa mais racional. Assim, o Burro Falante filosofa a respeito do assunto quando o Visconde lhe conta o episódio ocorrido na casa do coronel Teodorico:

O Burro Falante havia pertencido ao coronel Teodorico, em cuja fazenda nascera. Ao ver o seu antigo patrão reduzido às proporções dum gafanhoto, sacudiu a cabeça filosoficamente. Aquele homenzarrão de outrora, que o cavalgara tantas vezes, e lhe metera as esporas e o chicote, estava reduzido a uma coisinha sobre a palma da mão dum milho! (p.56)

A ironia é evidente: o Burro falante, um sábio, filosofa sobre o acontecimento enquanto seu ex-patrão, um ignorante, desespera-se pela perda do valor do dinheiro:

— Há que não posso conformar-me com o acontecido, respondeu o pobre homem, sem sequer erguer a cabeça. — Eu era gente no mundo. Alto, forte, rico, dono duma bela fazenda — e agora me vejo sem nada de nada, reduzido a um simples inseto em cima desta cômoda. Ora, estou muito velho para acostumar-me a semelhante brincadeira. Se vou ficar assim toda a vida, então antes acabar com tudo de uma vez — e peço que me leve e largue diante do bico do pinto sura. (p.60)

Como vemos, o conceito de gente para o coronel é ser “alto, forte, rico”, isto é, a idéia de “gente” não se liga, para o personagem, a qualquer espécie de valor moral ou de *ser*, mas apenas de *ter*.

O conceito de verdade, já contestado quando Dona Benta explica, no início da história no momento de contemplação do pôr-do-sol: “Estou vendo que tudo que gente grande diz são modos de dizer, continuou a pestinha. Isto é, são *pequenas mentiras* — e depois vivem dizendo às crianças que não mintam! Ah! Ah! Ah!...” (p.05), volta a ser tratado com relatividade após o incidente com os pais do Juquinha e da Candoca, situação em que Emília tem de explicar para onde foram os adultos da família:

Emília demorou na resposta. Estava pensando. Isso de falar a verdade nem sempre dá certo. Muitas vezes a coisa boa é a mentira. “Se a mentira fizer menos mal do que a verdade, viva a mentira!” era uma das idéias emilianas. “Os adultos não querem que as crianças mintam, e no entanto passam a vida mentindo de todas as maneiras — para o bem. Há a mentira para o bem, que é boa; e há a mentira para o mal, que é ruim. Logo, isso de mentira depende. Se é para o bem, viva a mentira! Se é para o mal, morra a mentira! E se a verdade é para o bem, viva a verdade! Mas se é para o mal, morra a verdade! (p.52/53) [Grifo meu]

Como podemos notar, Emília não está propondo uma mudança no conceito de mentira-verdade. O que ela faz é refletir sobre o uso da “verdade” e, conseqüentemente, demonstrar pelo menos dois aspectos: 1) lembrando que Emília tem seu lugar no universo infantil, contraria a idéia de que “criança só diz a verdade”; 2) retomando a cena inicial da história, vemos que qualquer discurso moralista adulto a respeito de dizer a verdade é inviável, pois a “civilização clássica” tem a mentira e/ou manipulação de informações como um de seus elementos mais constantes.

Assim, quando se fala da destruição da “civilização clássica”, fala-se inevitavelmente da reformulação de valores e papéis sociais, bem como de instituições como a política e a família.

Invertendo as relações sociais, pois a humanidade se encontra destituída do tamanho e, portanto, de suas antigas forças de coerção, Emília se torna a detentora do poder, sendo a responsável pelo apequenamento e a esperança da volta do tamanho. Na passagem abaixo, vemos o governo americano, liderança do país caracterizado pelo Dr. Barnes como o mais atormentado pelo ferro e pelo fogo, preocupado com “grandes” problemas do momento:

— Sim, continuou o ministro. Eu pergunto ao senhor Presidente quais são os problemas do governo americano? Qual é o problema numero um, que devemos abordar antes de todos os outros?

O presidente respondeu que já haviam decidido aquele ponto. O problema número um do governo americano, o problema que tinha vindo substituir o da luta contra o Japão e a Alemanha, era fechar a janela da sala e manter o fogo da lareira. (p.79)

Mesmo o Visconde, um “gigante” em meio à nova ordem da humanidade, ainda corre perigo num mundo em que sempre há algo maior e mais forte, e, ironicamente, o potencial “salvador da humanidade” é obrigado a se esconder de uma vaca:

Abriu a tranca da baia e escondeu-se, para não ser devorado de passagem pela irmã da Mocha, que lá se foi muito lampeira. Ele era o maior gigante que jamais houve entre os homens, era a única esperança de salvação da humanidade – mas também era sabugo e as vacas “adoram” os sabugos de milho. Depois soltou o bezerrinho. (p.50)

A relatividade do poder — expressa primorosamente na frase “Hoje qualquer gato vagabundo come um rei, um general, um sábio, um pre-fei-to, com a mesma facilidade com que antigamente o Manchinha comia baratas” (p.34) – apresenta-se também na relação da protagonista com o mundo:

Como não obtivesse resposta, tirou a cartola e espiou pela janela. A coitadinha estava desacordada. O Visconde despejou-a na palma da mão, cuidadosamente, e soprou-a de leve. Nada. Soprou mais forte. Nada.

— Parece incrível, murmurou ele, que essa grande coisa chamada humanidade dependa desta formiguinha sem sentidos que eu tenho na palma da mão! Se Emília voltar a si, tudo poderá ser salvo; mas se morrer, é bem provável que estes insetos descascados morram todos, e só fiquemos no mundo eu, o Conselheiro e o Quindim — os únicos seres falantes e escreventes — e que adiantará a “História do Grande Desastre” que eu possa escrever em minhas memórias? Não existirá ninguém para lê-la. (p.65)

E, concordando com o Visconde, é mais incrível ainda, no universo ficcional, pensar que a personagem Emília, com sua famosa “torneirinha de asneiras”, mostra-se, em *A chave do tamanho*, como a personagem mais complexa e atuante. Existe, então, uma relação de desnudamento entre Emília e a humanidade, uma vez que, nascida boneca de pano (brinquedo), faz-se a realizadora da maior modificação jamais sofrida pelos homens.

Em *A chave do tamanho* já não temos a mesma Emília antes cerzida por tia Nastácia em *Reinações de Narizinho*, e a idéia de sua evolução é freqüentemente retomada ao longo do texto pela própria personagem. Já não é mais a “bonequinha pernóstica”, mas uma gatinha quem busca a resolução do problema da guerra:

— Se todas as criaturas diminuíram — disse ele — como o Visconde ficou tão grande?

— O Visconde não mudou porque é milho.

— Mas ele fala, pensa, é uma perfeita gente...

— Sim, e isso é um dos mistérios do mundo. O Visconde pensa, fala e me obedece. Comporta-se em tudo como gente — mas não come. Logo, não é gente. Já viu gente que não coma, coronel?

— E você, Emília? Se também diminuiu, então é que é gente — mas toda a vida ouvi dizer que era boneca. Como explica o mistério.

— Muito simples. Eu de fato já fui boneca de pano. Mas evolui e virei gente. (p.52) [Grifo meu]

— Pois fique sabendo que é o mesmo. O Visconde que é um vegetal, não diminuiu como nós, que somos gente — e por isso parece agora um verdadeiro gigante. E eu sou a “evolução gential” daquela bonequinha pernóstica.

— Como?

— Artes do mistério. Fui virando gentinha e gente sou; belisco-me e sinto a dor da carne. E também como. Já o Visconde permaneceu milho. Fala, pensa, raciocina muito bem, sabe todas as coisas, mas não come nem sente dor de beliscão. (p.80) [Grifo meu]

A explicação da ex-boneca para sua “evolução gential” não nos convence. Observando sua trajetória e, também, a de seus companheiros, podemos afirmar que a humanidade da personagem está ligada à sua complexidade, ressaltada quando comparada com os outros personagens, em geral *tipos narrativos*. E isso se torna mais marcante em relação ao Visconde, personagem caricatural em que encontramos a crítica ao costume “bacharelesco” brasileiro, fato perturbador para um intelectual como Lobato tão envolvido com o avanço das ciências relacionadas à saúde e à tecnologia, como podemos notar em seu envolvimento com a campanha sanitária de Belisário Pena – Visconde *conhece* as coisas, não as *vivencia* como Emília, o que impede o sabugo de sair da simples condição de “sábio”.

Na perspectiva política, vemos os personagens formarem “partidos” diante do estranho fenômeno da redução – Narizinho, Pedrinho, Juquinha e Candoca, crianças, constituem a inovação, as pessoas abertas a novas experiências, o *liberalismo*; Tia Nastácia, coronel Teodorico, Major Apolinário e sua família, são os conservadores representantes da ignorância, seja nas camadas populares, seja na elite rural, ou seja, o *conservadorismo rural*; Dona Benta,

Visconde de Sabugosa e Conselheiro, também conservadores, representam a ponderação, a experiência e o conhecimento próprios das pessoas informadas, o que poderíamos associar a certo *conservadorismo moderado*, fruto de leituras e da experiência de vida. Isso se torna mais nítido quando é realizada a votação em cima da cômoda de Dona Benta, revelando – se as diferentes “facções” dentro do sítio, uma lição de democracia no micro universo do Picapau Amarelo.

Lição de democracia que estabelece mais uma relação de oposição com o período histórico em que está inserida, os anos do Estado Novo, durante o qual um plebiscito popular, como o realizado pelos personagens lobatianos seria praticamente impossível. A relação de oposição com o período histórico pode ainda ser encontrada na própria Emília, com sua atitude irreverente, irônica, sempre amiga da liberdade:

— E agora? — disse Emília para si mesma. — Que fazer?
Não tenho casa, nem esposo. Minha vida vai ser sempre esta. Ir
andando pelo mundo, cautelosa na defesa e a cuidar do estômago.
[...] E nem tenho medo do vento. Que o vento venha e me leve!
Tanto me faz estar aqui como ali. (p.38)

Mas, se Emília fosse tão simplesmente a representante do pensamento liberal, sua complexidade não se efetivaria. O que percebemos na ex-boneca é um conjunto de contradições que se ligam à idéia de relatividade presente em todo o texto.

A Emília livre, vivendo ao sabor do vento, recebe das artimanhas do destino, o que poderíamos, na verdade, considerar como uma conseqüência de sua “buliçã” na chave do tamanho, dois órfãos para cuidar logo no início de sua aventura:

Depois que o gato se foi embora, talvez em procura de mais insetos gostosos como aqueles, Emília pôs-se a refletir muito a sério. Podia sair da toca, mas já estava sem liberdade de ação. De um momento para outro o destino a transformara em mãe de dois órfãos. O Juquinha não era nada; até lhe serviria de companheiro — menino taludo, de dois centímetros de altura. Já a Candoca não passava duma criança de três anos e meio, completamente boba. Teria de andar pela mão de alguém. Que alguém? O Juquinha ou ela, a “ama seca” Emília — que graça!

— Nunca me casei de medo [de] ter filhos, e afinal me vejo tutora de dois marmanjos — um maior que eu, mas ainda sem juízo, e outro do meu tamanho, mas que só sabe chorar. A encrenca vai ser grande... (p.51) [Grifo meu]

Mais uma vez, a idealização da infância é colocada em xeque, pois Emília se vê responsável por uma menina “completamente boba”, a quem socorre por sentimentos não ligados a qualquer tipo de “amor maternal”.

“Nunca me casei”, porém também se preocupa com seu ex-marido (o divórcio é mais um traço da liberalidade da personagem), o Marquês de Rabicó, ficando horrorizada com a atitude selvagem e inconsciente do porco:

Emília ficou horrorizada. O marquês de Rabicó, seu antigo esposo, estava transformado em canibal, comedor de gente! E teria feito com o pessoal do sítio de dona Benta o mesmo que o Manchinha fizera com a família do major Apolinário, se não fosse a providencial idéia do Visconde de pô-los todos em cima da cômoda.

— Ah, Rabicó! disse ela em tom trágico. O que você anda fazendo é o maior dos horrores, porque essas tais “minhocas em pé” não são minhocas e sim gente humana de proporções reduzidas. A humanidade inteira perdeu o tamanho. [...]

Rabicó ficou desapontadíssimo. Mas como é que poderia ter adivinhado? Sempre fora um grande comedor de minhocas e de quanto verme encontrava. Apareceram aquelas minhocas novas, carnudinhas. Nada mais natural que as comesse também. (p.59)

Emília se preocupa com os órfãos e com seu “antigo esposo”, revelando-se, pois, presa por laços afetivos, senão por convenções sociais, a outros personagens. No episódio da tragédia da família do Major Apolinário, comida pelo Manchinha, gato de estimação da família, o narrador vem ao encontro da personagem:

Emília sempre teve fama de não possuir coração. Metira. Tinha sim. Está claro que não era nenhum coração de banana, como o de tanta gente. Era um coraçãozinho sério, que “pensava que nem uma cabeça”. Podendo deixar ali as duas crianças, já que a situação do mundo era a de um geral ‘salve-se quem puder’ não as deixou. Heroicamente resolveu salvá-las. (p.26)

Por ter um “coraçãozinho sério”, a ex-boneca mexera na chave do tamanho, preocupada com a tristeza de Dona Benta diante da catástrofe da guerra. Esse coração-cabeça leva a um ato heróico e, também, a ironizar a tragédia humana, como, por exemplo, no momento em que Juquinha narra o estranho fenômeno ocorrido em sua casa:

Contou que antes da “ventania” ele estivera na varanda espiando a rua pelas grades de ferro do jardim, e muito estranhara não ver movimento nenhum.

— Não passou nenhum automóvel, nem carroça, nem nada. Tudo paradíssimo. Um silêncio que nunca vi. *Silêncio de gente*, porque os passarinhos andam mais barulhentos do que nunca. Parece que se mudaram todos para a cidade.

Emilia riu-se. Lembrou-se da queda de içás e siriris em outubro, quando milhões de formigas de asas saem dos formigueiros para a festa anual do banho de sol. (p.24) [Grifo meu]

Mesmo com as dificuldades da “nova ordem”, Emília vai se convencendo de que o melhor caminho para a humanidade é permanecer reduzida. Logo após ter seu segredo descoberto por Narizinho, a personagem parte com o Visconde para uma viagem ao redor do mundo. Apresentam-se, então, discursos sobre a paz mundial, cujos destinatários, destituídos do poder do tamanho, são obrigados a ouvir humildemente. Perante esse quadro, o Visconde, personagem que, secundário, assume um papel de maior destaque junto à protagonista, filosofa a respeito do povo alemão:

— Veja! Exclamou o Visconde filosoficamente. Esta gente, que era a mais terrível e belicosa do mundo e estava empenhada numa guerra para a conquista do planeta, ainda é mentalmente a mesma — quero dizer, ainda sente e pensa da mesma maneira. E ainda sabe tudo quanto aprendeu. Os químicos sabem fazer prodígios com a combinação dos átomos. Os físicos e mecânicos sabem todos os segredos da matéria. Os militares sabem todos os segredos da arte de matar. Mas como perderam o tamanho, já não podem coisa nenhuma. Sabem, mas não *podem*. Que coisa terrível para eles! (p.66-67)

A inversão na ordem política permite à Emília falar “cara a cara” com cada líder das potências envolvidas no conflito. No trecho abaixo, temos a personagem discursando para Hitler:

— Não se assuste, Excelência. O Visconde é o maior gigante do mundo, mas também é milho — um vegetal extremamente pacato. Além disso é um grande sábio — hoje o

maior sábio do mundo. (...) Cheguei até cá para dizer uma coisa só — que o Tamanho morreu. E quem acabou com o Tamanho eu sei quem foi, e sei também que essa pessoa é a única que pode novamente restituir aos homens o antigo e querido tamanho — aquele tamanho malvado, porque se não fosse ele os homens não teriam sido maus como foram, fazedores de guerras, incendiadores de cidades, afundadores de navios, judiadores de judeus. Mas esse misterioso alguém só restaurará o tamanho perdido se tiver a certeza de que Vossa Excelência vai fazer a paz, e botar fora todas as horrendas armas que andou amontoando, e desse momento em diante viverá na mesma paz e harmonia com o mundo em que vivem as formigas e abelhas. Se o Tamanho voltar e tudo ficar como estava, quero vida nova, sem guerras, sem ódios, sem matanças, sem armas, está entendendo? E se por acaso algum dos futuros poderosos romper o trato, o castigo será terrível. Sabe qual será o castigo? O tal “alguém” desce a chave duma vez, e o Tamanho fica reduzido a zero. Em vez de 4 centímetros, como Vossa Excelência tem hoje, passará a ter 4 milímetros, ou menos, e será devorado até pelas moscas e pulgas. Está entendendo? (p.161-162) [Grifo meu]

O discurso iniciado com um tom de pacificação se transforma, como podemos notar no trecho em destaque, numa ameaça de extinção da humanidade. Eis a contradição: em busca de acabar com os conflitos mundiais, Emília usa do expediente da ameaça, uma ameaça que não se restringe ao ditador, mas teria como conseqüência a eliminação de todos os seres humanos. Pensamento radical, se pensarmos que, no fundo, está a idéia de *ou* os homens vivem em paz *ou* desaparecem definitivamente. Uma projeção catastrófica evidentemente ligada ao clima de tensão do momento histórico vivenciado pelo autor.

Em outro momento, quando o Visconde acha melhor desistirem da viagem ao redor do mundo e irem direto para a Casa das Chaves, alegando que, enquanto viajam, milhares de pessoas estariam perecendo, Emília faz uma colocação marcadamente ácida sobre a humanidade:

— E não se perde grande coisa, respondeu Emilia. o infinito é um colosso, Visconde. Há lá pelos céus milhões e milhões de astros muitíssimas vezes maiores que esta pulguinha da Terra. E nesta pulguinha da Terra a humanidade é uma poeirinha malvada. Para o Universo tanto faz que essa poeirinha exista como não exista. (p.64)

Contudo, o Visconde percebe nisso a preocupação da personagem com a humanidade que parece desprezar, reiterando-se a idéia de um “coração pensante”:

Aquele pouco caso da Emília pela humanidade não impressionou o Visconde. Ele viu que no fundo não era *pouco caso*, e sim *muito caso*. Emília revoltava-se com as guerras e as outras formas de crueldade dos seres humanos. O apequenamento causado pela sua reinação evidentemente não fora de propósito. Quando Emilia virou a chave, sua intenção não fora fazer mal a ninguém, e sim bem: acabar com as guerras. Havia de haver uma chave da guerra, e o seu pensamento foi ir experimentando todas as chaves até acertar. Mas assim que virou a primeira, aconteceu o tal apequenamento, e ela nem sequer pode suspender outra vez a chave, quanto mais experimentar as outras. “Emília é filósofa”, pensou o Visconde, ‘e quando se põe a filosofar parece que tem o coração duro, mas não tem. Emília é filosoficamente boa’, (p.64-65) [Grifo meu]

Mas Emília não se mostra contraditória somente em relação aos ditadores ou à humanidade. Suas atitudes com o companheiro de viagem, Visconde, também mostram a tensão discurso-ação na ex-boneca. Mentor de um plebiscito, instância democrática por excelência, ela se apossa da palavra do sabugo e usa-o como extensão de si mesma, o que é assim comentado pelo narrador:

Emília repetiu a ordem de portar no imensíssimo casarão branco que dali avistavam e Juquinha não queria crer que fosse uma simples casa velha de fazenda. Apesar de transformado no maior gigante do mundo, o Visconde, pela força do hábito, obedecia à Emília do mesmo modo que antigamente. E ela agora se tornara o seu verdadeiro cérebro, a manobradora da sua vontade. Parecia incrível que aquele piolhinho de gente, lá dentro da cartola, o conduzisse para onde queria. (p.50) [Grifo meu]

Se, num primeiro momento, a ex-boneca tenta convencer o Visconde por meio de uma argumentação lógica a respeito dos benefícios da miniaturização, logo depois começam as exigências:

Emília não se contentou com a janelinha aberta na cartola do Visconde. Exigiu mais.

— Quero uma porta-da-rua e uma escadinha que vá da aba até essa porta. E também um assoalho, porque não hei de ficar pisando na sua cabeça.

O Visconde suspirou. Emília continuava a mandona de sempre. Queria e acabou-se. Olhando em redor, em procura de materiais de construção, o obediente Visconde viu uma casca de laranja. Apanhou-a e com a lasquinha de quartzo recortou uma rodela do tamanho dum níquel grande que ajustou dentro da cartola. Era o assoalho. Em seguida fez uma escadinha de sete degraus, que

ia da aba da cartola até a porta da rua. Emília ainda exigiu um corrimão na escada e uma cerca em redor da aba. (p.46)

Morando na cabeça do “gigante”, Emília se apossa de seu companheiro e, como se mostra “pacato”, adjetivo atribuído por ela ao boneco de milho, assim explica ao coronel Teodorico a diferença entre eles:

— Evoluir é passar duma coisa para outra muito diferente. Um grão de milho começa grão de milho; vai evoluindo e vira pé de milho, broa de fubá ou Visconde de Sabugosa. Assim, eu. De simples bruxa de pano, fui evoluindo, virei gentinha e hoje sou o cérebro e a vontade do Visconde; moro em sua cabeça e dirijo-o do mesmo modo que o Totó dirigia o automóvel do major Apolinário. (p.52) [Grifo meu]

A comparação é taxativa: Visconde é um objeto, tal como o automóvel do major Apolinário. Por essa condição, ele não tem vontade nem iniciativa; se antes ela já o dominava, agora, morando em sua cabeça, exerce o completo domínio de seus quereres. Já na última etapa da viagem, encontramos Emília na Casa Branca, conversando com os ministros norte-americanos e, quando fazem uma pergunta ao Visconde de Sabugosa, é a ex-boneca que responde:

Os ministros estavam encantados com as geniais soluções da Emília e do gigante. Cochicharam entre si; um adiantou-se e disse:

— Estou autorizado pelo Presidente a propor ao senhor Visconde de Sabugosa um grande negócio: ficar aqui a serviço do governo americano. Não discutimos preço. O senhor Sabugosa ganhará quantos dólares quiser.

[...]

Emília riu-se.

— De que valem dólares, senhor ministro? Tudo está mudado. Aquele ouro que antigamente era de tanto valor, vale agora menos que um chumacinho de algodão. O Visconde ficaria aqui com o maior prazer, se não fosse tão necessário na cômoda de dona Benta. Mas podemos fazer um arranjo. Todas as semanas ele virá, por uma hora ou duas, fazer os serviços do governo americano. E se houver trabalhos que exijam grande força física, poderei mandar também o Conselheiro e o Quindim. (p.81-82)

Colocando-se como dona do Visconde, Emília retira a voz do personagem, atribuindo-lhe uma função de serviçal, sem desejos, sem vontades. O que a personagem faz, então, é exercer uma ditadura, embora em âmbito muito restrito, sobre o boneco, atitude muito próxima daquelas que criticara nos discursos aos líderes mundiais envolvidos no conflito armado.

A Emília não mais “bonequinha pernóstica” nos revela, ainda, um desejo íntimo que contradiz frontalmente aquilo que combinara com o pessoal do sítio em cima da cômoda, isto é, a realização do plebiscito. A visita a *Pail City* é decisiva para a personagem que, retornando para a votação, não deixa de manifestar a tensão entre o querer individual e a vontade coletiva:

Nada mais tendo a fazer ali, despediram-se. O doutor Barnes declarou que aquela visita iria permanecer gravada em todos os corações. Emília sentiu um nó na garganta. Por sua vontade ficaria morando ali para sempre. Uma das consequências do conhecimento de *Pail City* foi a resolução que ela tomou de “sabotar o Tamanho” no dia do plebiscito, porque entre outras desgraças o Tamanho viria estragar aquele lindo começo de cidade. (p.78-79)

As contradições/tensões vivenciadas pela protagonista ganham mais significado com o uso de um foco narrativo que, apesar de se mostrar na maioria das vezes muito próximo, distancia-se de forma a realçar a relatividade das atitudes de Emília. Isso poderemos observar melhor à medida que nos ativermos à figura da Emília e seu desempenho enquanto personagem da série do Picapau Amarelo.

3.2.3. “Eu de fato já fui boneca de pano”

Se os ditadores se vêem frustrados por estarem reduzidos a centímetros, Emília também teria sua frustração no plebiscito. O domínio exercido sobre o Visconde resulta na subversão do boneco cujo voto só não foi “tomado” pela protagonista porque Dona Benta interveio. Pensando em sua condição de serviçal, Visconde decide votar pelo tamanho:

Emília estava mais que certa de que o voto do Visconde iria ser igual ao seu, não só porque o Visconde era uma propriedade sua, um verdadeiro escravo, como porque, depois do apequenamento, ele se tornara um gigante gigantesco e, pois, muito mais importante que o pobre sabugo de pernas que sempre fora. Mas enganou-se. O Visconde andava com medo das suas tremendas responsabilidades novas, e cansado de ser dirigido daqui para ali pela Emília, e sujeito até a ser emprestado a governos como se fosse um guarda-chuva. [...] O melhor era dar um golpe de morte na Nova Ordem. (p.85-86)

O que se estabelece, então, é uma relação conflitante entre a atuação de Emília e o mundo que criticava. Buscando a paz com ameaças e dirigindo o Visconde despoticamente, a personagem não é nem a “redentora” da humanidade, nem a “vilã” da história. Antes, apresenta-

se humanizada não só no falar, no comer, ou na “dor de beliscão”, mas também, e sobretudo, nos momentos que vivencia – a queda da chave do tamanho, por exemplo, ocorre devido a um teste, um “erro” (mesmo que duvidemos disso), pois a intenção era abaixar a chave da guerra. O Visconde, tão somente um sábio não comete erros, não contesta, não revoluciona. Em contrapartida, a ex-boneca adquire, com ele, os conhecimentos científicos, discute, critica e, por fim, usa esses conhecimentos nas experiências que vai ganhando. Tudo muito próximo do universo infantil.

Proximidade que se justifica na tessitura narrativa construída com a intrigante figura da ex-boneca de pano, Emília, do sabugo que deu um golpe decisivo na “nova ordem”, da turma do Picapau Amarelo, que tantas aventuras já viveram juntos, tudo num espaço em que se rompem os limites entre realidade e fantasia, numa trama cujos elementos dialogam de perto com a triste realidade dos anos de guerra. Assim, é o mundo de fantasia que, alimentando-se com as notícias da guerra, as teorias científicas e com os fatos políticos, apresenta-se em primeiro plano no texto de *A chave do tamanho*.

Emília, antes de a condenarmos como “ditadora” ou uma “déspota” em miniatura, mostra-se em harmonia com seu mundo, pois, não podemos esquecer que a ex-boneca, totalmente humanizada em *A chave do tamanho*, também é uma criança sob os cuidados da prestímosa avó Dona Benta. Portanto, mesmo consciente de suas responsabilidades, a personagem gosta da aventura, briga por seus “brinquedos” e faz cenas de irritação infantil.

Portando o elemento mágico, o superpó, substituto do antigo pó de pirlimpimpim, ambos fabricados pelo Visconde, a protagonista rompe os limites do sítio e da realidade no primeiro capítulo, unindo os dois mundos num pensamento naturalmente fantasioso: deveria haver chaves para todas as coisas; elas deveriam estar no Fim do Mundo; por meio do superpó ela encontra tudo conforme sua previsão. O pensamento dedutivo, tão caro à sobrevivência no “mundo

biológico”, serve ao mundo da fantasia para encontrar um lugar da imaginação, a Casa das Chaves.

As aventuras pelas quais passa na “nova ordem” revelam, pois, uma Emília “quixotesca”, como ela mesma comenta, que não luta só para sobreviver, mas sente prazer nos combates com seus novos inimigos. Após fugir de uma “horrenda sarassará”, formiga que iria devorá-la, a personagem arma-se de um espinho e parte para a luta, mesmo não se sentindo mais ameaçada:

— Estou um D. Quixote, com esta tremenda lança, disse, pondo a arma debaixo do braço, tal qual fazia D. Quixote.

Logo adiante estava uma aranha quase do seu tamanho, encorujada na teia, à espera de bichinhos incautos. Vendo aproximar-se aquele inseto desconhecido a aranha armou o bote; mas Emília, de lança em riste, não lhe deu importância – foi chegando. Ao atirar-se contra ela, a aranha cravou o ventre no espinho. Esperneou, berrou, mas não teve remédio senão ir encolhendo as pernas e morrendo.

A primeira vitória de Emília em pleno “mundo biológico” encheu-a de orgulho. Estava demonstrando aos seus colegas o valor da inteligência. Já se utilizara de vários cavalinhos e agora vencera uma aranha em combate. (p.20-21) [Grifo meu]

Como percebemos, a personagem não se desvia do perigo, antes vai ao encontro da aranha e se sente orgulhosa pela vitória. A humanização progressiva de Emília, acentuada pela insistência em sua evolução “gental”, corresponde à sua imagem de criança. A ex-boneca mantém sua infantilidade, não no sentido depreciativo, mas no que diz respeito à criatividade, ao entusiasmo diante do novo e mesmo na forma de conceber o mundo. A mesma personagem que discursa para os líderes mundiais, trava uma “guerra” na beira do “lago”:

Filosofaram longamente. O coronel vinha de vez em quando com um aparte que só servia para mostrar como ele estava emperrado nas idéias antigas — sobretudo na de dinheiro.

Súbito, um “fecha” se formou lá no pires.

— Não quero que entre na minha nau! gritara Emília, quando Juquinha tentou invadir aqueles três pedacinhos de pau de fósforo amarrados com o fio. Isto é meu só!

— Lá vai a propriedade se formando, filosofou o Visconde. Emilia já está toda cheia de *minhas* e *meus*. Minha nau, meu queijo, meu sítio... (p.58-59)

Questões filosóficas à parte, Emília briga pela sua “jangada” que, embora não tivesse nenhum valor financeiro ou de sobrevivência, naquele instante é o seu brinquedo, uma demonstração do egocentrismo infantil. Esse tipo de comportamento já havia ocorrido quando ela encontrou o Visconde:

O Visconde estava tão tonto com os acontecimentos, e ficou tão bravo com ela, que Emília danou e sustentou o que havia feito.

— Pois acabei com o Tamanho e fiz muito bem! disse ela. Para que esse trambolho do Tamanho? Não há tantos e tantos milhões de seres que vivem sem tamanho? Tamanho é atraso. Quer uma coisa mais atrasada que um brontossauro ou um mastodonte? Tão atrasados que levaram a breca, não agüentaram a “glaciação”, como o Walt Disney mostrou na *Fantasia*. (p.44) [Grifo meu]

Como uma criança acuada pelos interrogatórios adultos, Emília “danou” e, em vez de se envergonhar ou assumir os prejuízos que causara à humanidade, sustenta sua opinião sobre o tamanho.

É interessante observar, ainda, que em seus argumentos Emília recorre a um filme de Disney, *Fantasia*, exemplificando a lógica de seu pensamento – uma lógica da fantasia. A referência ao filme é feita mais uma vez quando a personagem “explica” para o Juquinha a evolução dos cavalos:

O menino ficou radiante á idéia de montar num besouro.

— Muito melhor que os cavalos, disse ele, porque os besouros voam.

— Antigamente os cavalos também voavam, disse Emilia.

— Quando? Nunca ouvi falar nisto.

— Na Grécia houve um tal Pégaso que voava maravilhosamente. O Walt Disney pintou o retrato dele, da Pégasa e dos Pegasosinhos, naquela fita a *Fantasia*. Não viu?

— Eu bem quis ver, mas papai não deixou. Disse que era muito caro.

— “Pão duro”! Por isso mesmo está “empapado”. (p.30)

Essa aplicação da lógica, da dedução a elementos do mundo fantasioso ou ao mundo real de acordo com o pensamento infantil, também notamos quando ela e o Visconde estão conversando com o Dr. Barnes, o qual acusa o fogo e o ferro por toda a desgraça humana:

— (...) Numa bomba aérea que os aviões derrubavam sobre Londres, o fogo vinha dormindo dentro do ferro. Quando o ferro da bomba chegava ao chão, o pai dele lá dentro acordava e, *Bum!*, explodia e arrebentava tudo — e eram mortes e mais mortes, criancinhas despedaçadas, um horror! Nos incêndios o fogo trabalhava sozinho, dançava a sua horrível dança de chamas sobre casas e mais casas, sobre ruas inteiras, às vezes sobre cidades inteiras.

— E nas baionetas, espadas, punhais, facas, chuços, lanças, esporas, espetos, era o ferro sozinho que judiava dos homens, dos cavalos e dos frangos, acrescentou Emília. (p75)

Tratando os animais como seres humanos, Emília os insere na tragédia do ferro e do fogo, numa atitude comum às crianças – considerar os animais, principalmente os bichos de estimação, com sentimentos e necessidades humanas. Mas, se por um lado, parece-nos muito simplista o comentário da ex-boneca, por outro, sua fala está perfeitamente adequada ao assunto, pois a carnificina realizada pelos homens na era da produção industrial, em que o homem já não mata somente o que precisa para se alimentar, agora atinge de forma catastrófica a humanidade por meio de uma guerra de destruição em massa. Assunto abordado por um sábio na beira da calçada de algum lugar da Califórnia, num dos países mais ligados ao desenvolvimento tecnológico mundial – uma crítica estabelecida tanto na fala dos personagens quanto no espaço por eles compartilhado.

As “criancices” não param por aí. Apesar de toda sua esperteza, a personagem não consegue se “segurar”, fazendo um ou outro comentário sobre o que fez. Na verdade, nem consegue esconder sua responsabilidade, o que é percebido por Narizinho:

— Juro, vovó, que quem mexeu na peça foi ela!

E depois, em voz alta para “caçá-la”:

— Emília, você ainda não nos contou o que foi fazer naquela manhã, depois de furtar o superpó do Visconde.

— O que fui fazer? Ora esta. Fui dar um passeio pelas estrelas — para verificar se o pó era mesmo o que o Visconde dizia.

— E andou pulando de estrela em estrela, não é?

O modo irônico de Narizinho falar fez que Emília se abrisse. Já andava amolada com aquele segredo.

— E se fosse eu? Se mexi na Chave do Tamanho, não o fiz por querer. Não havendo intenção, não há culpa, como disse Dona Benta outro dia. E por isso estou de cabeça levantada, pronta para aparecer diante de todos os tribunais do mundo. Quero ver quem me condena. E se começam a me amolar, sabem o que faço? *Não faço nada!* Largo mão de tudo e a humanidade que se fomente. Pipocas! (p.64)

O despotismo de Emília, então, está ligado à própria condição da personagem, ou seja, sua realização, abaixar a chave do tamanho, acaba por lhe atribuir uma grande responsabilidade o que, se considerarmos a ex-boneca como portadora de certo *status* de criança, não é tão simples de ser administrado. Daí a irritação da personagem que, após a viagem pelo mundo, tem certeza de sua vitória no plebiscito. É neste momento que, mais uma vez, vemos Emília com atitudes infantis, revoltando-se com a derrota na votação:

— Voto pelo Tamanho!

— Miserável! Berrou Emília, e em seu desespero caiu do alto da cartola, machucando o nariz.

A criançada também protestou:

— O voto dele não vale! Ele é milho! Milho não vota!

Dona Benta, porém, manteve o voto decisivo do Visconde.

Vendo que não havia remédio senão conformar-se com a opinião do maior numero, Emília fungou, fungou e, com a mais nobre humildade — grande exemplo para todos os ditadores do mundo — disse para o Visconde:

— Pois vamos para a Casa das Chaves, macaco! (p.86)

[Grifo meu]

Essa passagem, em que a voz narrativa, cujo foco está sempre próximo de Emília, ironiza a humildade da ex-boneca, demonstra a submissão da criaturinha que tinha a humanidade “nas mãos” à decisão de Dona Benta, a voz da avó que controla os mandos e desmandos de sua neta feita de pano. Na condição de criança, Emília assume, então, o centro da narrativa.

O foco narrativo, como podemos observar, distancia-se de forma a colocar em evidência a relatividade das intenções democráticas da personagem e, ironicamente, acrescenta: “grande exemplo para todos os ditadores do mundo”. Esse jogo de afastamento e aproximação do foco leva à desconstrução de valores absolutos, o que podemos perceber, por exemplo, antes de iniciarem a viagem pelo mundo, quando o narrador nos revela que o plebiscito talvez não seja tão somente uma questão de “democracia”, mas certa forma de “ganhar tempo” para resolverem a situação do tamanho:

Enquanto isso o Visconde e Emília cochichavam em voz baixa a pouca distância dali. O superpó já estava pronto. Podiam correr mundo. O melhor era irem duma vez à Casa das Chaves, levantarem a Chave do Tamanho e pronto. Tudo ficaria como dantes. Emília, porém, estava indecisa. Queria e não queria, e mais não queria do que queria. Por fim veio com a idéia do plebiscito.
(p.62) [Grifo meu]

Esse narrador, que podemos identificar como *onisciente intruso* (Leite, 1986), coloca-se constantemente como opinante dos fatos, rompendo, às vezes, a própria seriedade dos momentos de maior tensão, como, por exemplo, quando Emília e Visconde se encontram pela primeira vez depois da redução e a ex-boneca revela o que fizera:

— [...] Mas agora, com a redução do tamanho, nada mais serve e, portanto, o que você fez, Emília, foi destruir a civilização! Des-tru-ir a ci-vi-li-za-ção!... Do tamanhinho que os homens ficaram, eles têm de criar outra civilização muito diferente — isso na hipótese de subsistirem.

O Visconde gostava muito da palavra “subsistir”. (p.44)
[Grifo meu]

A onisciência do narrador nos apresenta as sensações e o pensamento da protagonista – “Que lugar era aquele? Um simples canteiro de violetas, dentro do qual Emília teve a sensação de caçador em plena mata virgem” (p.20). Uma voz narrativa que não deixa de fazer observações num estilo típico de Emília:

Em seguida o Visconde foi em procura do rinoceronte, lá em baixo da figueira grande. Contou-lhe toda a tragédia humana. Quindim, porém, não fez caso nenhum. Já estava muito velho para dar importância a coisas tão insignificantes como o desaparecimento da humanidade. Enquanto houvesse vegetais, árvores de boas folhas gostosas, capins macios e brotos, tudo iria bem. Quindim, com a idade, fora ficando cínico. Emília passou-lhe uma descompostura e voltou para casa. (p.59-60) [Grifo meu]

Despida, agora, no que diz respeito às suas idéias pela própria voz narrativa, Emília revela traços de sua humanidade, o que a retira de posições antitéticas do tipo boa/má, equilibrada/desequilibrada, louca/normal, responsável/irresponsável, características que se entrelaçam de forma que o egocentrismo (brigando pela “jangada”) e a compaixão (salvando os órfãos), entre outros, se fazem presentes na mesma personagem. Se a complexidade da ex-boneca lhe confere *status* de gente, então, podemos vislumbrar mais um significado para Emília: num

mundo dividido entre Eixo e Aliados, a figura de um ex-brinquedo humanizado ressalta a irracionalidade humana.

Contudo, não podemos nos esquecer de Emília também como a personagem que, justamente por sua complexidade, mais se aproxima do universo literário infantil em *A chave do tamanho*. Aliás, encontramos na narrativa, e na própria personagem, a retomada de história tradicionais, como *Dom Quixote*, cuja referência Emília explicitou ao se comparar com o cavaleiro andante.

A opção pelo mundo miniaturizado já é a retomada de uma tradição da literatura infantil. É inevitável que, ao lermos *A chave do tamanho*, lembremos das *Viagens de Gulliver* e suas aventuras pelos povos pequeninos e gigantes; das aventuras do Pequeno Polegar; dos problemas enfrentados por Alice, ora muito grande, ora muito pequena. Emília mesmo nos faz ver a semelhança de seu estado com *Alice no país das maravilhas*:

[...]Fiquei pequeníssima; e, como estou pequeníssima, todas as coisas me parecem tremendamente grandes. Aconteceu-me o que às vezes acontecia a Alice no País das Maravilhas. Ora ficava enorme a ponto de não caber em casas, ora ficava do tamanho dum mosquito. Eu fiquei pequenina. Por quê? (p.11)

Se as experiências no mundo miniaturizado remetem a Gulliver, de Swift, o processo de adaptação de Emília remete à figura de Robinson Crusóé em sua ilha, como a própria personagem afirma ao encontrar *Pail City*:

À beira da calçada um homenzinho de tanga, com ar de chefe, dirigia os serviços. Seu guarda-sol era uma folhinha de trevo.

— Lá no sítio dona Benta vivia arrenegando esse trevo de jardim que nós chamamos “azedinha”. Dizia que era uma praga. Hoje são preciosos pés de guarda-sóis. Vamos conversar com aquele homem. Está me dando idéia de Robinson em sua ilha. (p.71) [Grifo meu]

O tema da miniaturização dialoga, assim, com obras tidas como tradicionais para o público infantil. Porém, o texto lobatiano também incorpora as figuras do momento, no caso, o filme *Fantasia* (1940), de Disney, realizando uma interessante ligação entre a cultura clássica helenística e o desenho, elemento do universo da indústria cultural. Por duas vezes Emília faz referência ao filme, a primeira quando comenta a antiga capacidade de voar dos cavalos, cujo exemplo mais conhecido seria Pégaso; a segunda, quando tenta convencer o Visconde sobre a inutilidade do tamanho:

[...]Tamanho é atraso. Quer uma coisa mais atrasada que um brontossauro ou um mastodonte? Tão atrasados que levaram a breca, não agüentaram a “glaciação”, como o Walt Disney mostrou na *Fantasia*. [...]Eu acabei com o Tamanho entre os homens e fiz muito bem. (p.44)

É interessante notar que Lobato atualiza a figura mitológica do cavalo de asas através de um filme de Disney, realizando uma ligação entre a arte clássica helenística e uma das formas mais modernas de arte, o cinema. A admiração irrestrita do escritor pela tecnologia do lazer, da qual o cinema se mostrou o mais popular, surge na história como elemento do mundo infantil, uma posição inovadora e coerente de quem acreditava no conhecimento como forma de “melhorar” a sociedade.

O texto apega-se, então, a referenciais próprios do mundo da criança, sejam tradicionais, como as narrativas de Swift e Defoe, sejam modernas, como o filme *Fantasia*.

A imaginação permite que o “quixotismo” de Emília, desafiando o mundo com uma lança em riste, seja perfeitamente plausível num mundo que ficou louco, com a ordem natural das coisas totalmente invertida – “Quando a loucura da Emilia desembestava, não havia lembrança que não lhe acudisse. Falou até duma gaiola de passarinho pendurada á janela” (p.54), diz o narrador ao comentar a intenção da personagem de colocar um pernilongo como pássaro em sua casa/cartola. O tempo histórico está suspenso, o poder político destruído e os valores morais desarticulados. Tudo tem de ser revisto à luz de novas experiências em que a inteligência e a criatividade são características fundamentais para “subsistir”, como diria o Visconde.

A franca entrada no mundo da fantasia se utiliza, como já vimos, de um elemento mágico, o superpó, cuja fórmula é assim comentada pelo Visconde:

O Visconde foi ao laboratorinho e continuou na fabricação do maravilhoso pó, interrompida pelo desastre do apequenamento. Emília quis saber qual era o segredo da droga. O velho sábio riu-se; declarou que o superpó era uma “sublimação das vitaminas do pulo dos grilos” – o que deixou Emília na mesma. (p.60)

Muito superior ao tapete das “Mil e Uma Noites” segundo Emília, o superpó rompe as fronteiras não só geográficas mas também aquelas que separam a fantasia da realidade:

— Bom, disse Emília por fim. Tenho de voltar para a cômoda a fim de realizar o plebiscito. Agradeço ao governo americano a boa acolhida com que nos recebeu. Tomo a liberdade de oferecer ao senhor Presidente uma pitadinha de superpó. Quando

quiser repousar das canseiras do governo, aspire três grãos e apareça no Picapau Amarelo.

— É então como o tapete mágico das “Mil e Uma Noites”? perguntou o Presidente.

— Ah, muito melhor! Aquele tapete é um carro de boi perto disto. Agora, por exemplo, para voltarmos ao Picapau, bastam-nos três grãos apenas. Para irmos à Casa das Chaves são precisos seis grãos – mas também aquilo lá deve ser o fim do mundo.

— Que história de Casa das Chaves é essa?

Emília suspirou.

— Um segredo que não posso revelar, senhor Presidente.

— Por quê?

— Porque eu correria o risco de ser linchada. (p.82) [Grifo meu]

A identificação com o público infantil, porém, não se dá apenas nas aventuras de Emília. A linguagem usada pelo autor é um dos fatores que, sem cair no fácil, sem subestimar a capacidade de leitura das crianças, aproximam o leitor da história.

3.2.4. Uma linguagem pão pão queijo queijo

Como já destacamos, a primeira frase da narrativa é de Emília : “O pôr-do-sol de hoje é de trombeta” (p.03), em que aparece uma invenção lingüística da personagem, a expressão “pôr-do-sol de trombeta”. Expressões desse tipo aparecem por toda a história, como ocorre em outras aventuras no Picapau Amarelo.

O emprego de frases nominais, muitas vezes associadas à linguagem infantil por sua simplicidade, ocorre, por exemplo, quando Pedrinho conta o que está lendo no jornal, uma forma de sumário narrativo: “— Novo bombardeio de Londres, vovó. Centenas de aviões voaram sobre

a cidade. Um colosso de bombas. Quarteirões inteiros destruídos. Inúmeros incêndios. Mortos à beça” (p.08). Mas aí não há intenção de simplificar a linguagem. O uso de frases nominais determina um ritmo de suspense, uma fala que poderíamos caracterizar como certo “estilo telegráfico”, uma linguagem moderna, eficaz, rápida, típica da era das tecnologias de informação. Esse exemplo demonstra o tipo de arranjo textual que se realiza no texto – o emprego de coordenação ou subordinação atende às exigências da narrativa e não a um narratário subestimado em sua capacidade de leitura.

No trecho a seguir, temos o emprego de diversas orações coordenadas. Na fala da personagem vemos o raciocínio lógico-dedutivo marcado pela conjunção “logo” e, a seguir, o uso de “ou” indicando as possibilidades/alternativas sobre o que havia acontecido:

E pôs-se a pensar mais forte ainda.

— Só pode ser por uma coisa: por causa da descida da chave. Logo, aquela chave é a que regula o meu tamanho. Regula só o meu tamanho, ou regula o tamanho de todas as criaturas vivas? Regula o tamanho de todas as criaturas vivas, ou só o das criaturas humanas? Quantos problemas, meu Deus! (p.13) [Grifo meu]

A respeito da subordinação, há estruturas que se repetem constantemente. É o caso do emprego da subordinada condicional, “se...” / “...então”, estrutura que se liga, por sua própria natureza semântica, à idéia de causa-conseqüência ou, tendo em vista o discurso científico, ação-reação. No contexto de uma narrativa com forte presença do discurso científico, essa relação se torna comum:

“Esta guerra já está durando demais, e se eu não fizer qualquer coisa os famosos bombardeios aereos continuam, e vão

passando de cidade em cidade, e acabam chegando até aqui. Alguém abriu a chave da guerra. É preciso que outro alguém a feche”. (p.07) [Grifo meu]

Abaixo, alguns exemplos das inúmeras estruturas condicionais que pontuam toda a obra:

— [...] Se um ventinho à-toa já me derrubou duas vezes, isso quer dizer que um vento de verdade me joga para os confins do Judas e, no entanto, não há formiguinha que não resista aos ventos. (p.18)

[...] Se o apequenamento foi coisa para a humanidade inteira, então milhões de criaturas deviam ter perecido como a avó daquele menino — pela impossibilidade de saírem de dentro das próprias roupas. Nada mais claro. (p.24)

[...]Logo, isso de mentira depende. Se é para o bem, viva a mentira!. Se é para o mal, morra a mentira! E se a verdade é para o bem, viva a verdade! Mas se é para o mal, morra a verdade! Juquinha quer saber para onde os pais foram. Se eu disser a verdade, ele se desespera, chora e fica uma “inutilidade de olho vermelho e ranho no nariz” atrás de mim. (p.26-27)

— Peça que saiu do lugar? repetiu. Se alguma peça saiu do lugar, não saiu sozinha – alguém deve ter bulido nela. (p.64) [Grifo meu]

Como podemos notar nos exemplos, o uso da condicional liga-se ao pensamento dedutivo desenvolvido pelos personagens, bem como à busca de resolução dos problemas que se

apresentam. Ou seja, a idéia de investigação e valorização da inteligência, no plano do conteúdo, corresponde a estruturas sintáticas que evidenciam as relações lógico-causais no plano da forma.

Podemos notar, então, a existência de certo discurso científico, cujas características seriam o emprego da terceira pessoa e o uso de verbos de aparente neutralidade (explicar, ser, estar), como observa Apóstolo Netto (1996). Também realizado numa linguagem mais informal, esse discurso não consegue se manter numa posição de neutralidade, antes serve explicitamente à ideologia pacifista presente no texto:

— Foi o fogo que permitiu aos homens viverem em todos os climas e não apenas nos que lhes convinham naturalmente. Sem o fogo o homem só viveria nas zonas temperadas, as boas, e nunca nas zonas frias. [...]De modo que do fogo veio o calamitoso aumento da população humana, não só permitindo a invasão das regiões frias, como também transformando em comestíveis coisas que não eram naturalmente comestíveis. Quanto mais espaço vital e mais comida, mais gente. E veio o tal ferro que ia levando a humanidade ao mais desastroso fim. Que foi a última guerra senão o desabamento em cima do homem de toda civilização baseada no ferro, sob forma de tanques, canhões, fuzis, metralhadoras, bombas aéreas, etc.? (p.74/75)

A explicação do personagem sobre o papel do fogo e do ferro na destruição humana mostra que a ciência, em *A chave do tamanho*, não está descompromissada. Seja tratando de insetos, seja buscando novas formas de sobrevivência, aos sábios cabe a tarefa de mostrar à humanidade a melhor forma de se usar o conhecimento. Isso significa que a pretensa neutralidade da linguagem científica é destituída de sua imparcialidade e posta a serviço de interesses políticos, no caso, a instauração de uma sociedade mais justa e pacífica.

O que vemos, então é o uso de orações coordenadas e subordinadas, privilegiando-se a coloquialidade. Coloquialismo que, aproximando a criança do discurso científico, apresenta-se, por exemplo, na “sem cerimônia” da protagonista ao tratar de assuntos do mundo biológico:

O Visconde vivia estudando a vida daqueles animaizinhos. Explicou que se chamavam coleópteros por causa do sistema das *asas dobráveis e guardáveis* dentro dum estojo. Essas asas são membranosas, fininhas como papel de seda, mas não andam á mostra, como as das borboletas, aves e outros bichos menos aperfeiçoados. (p.17) [Grifo meu]

— Como há pedras no mundo! Exclamou, tropicando e machucando os delicados pesinhos. Isso que nós chamávamos terra ou chão, não é terra nada, é pedra, pedra e mais pedra. A crosta do planeta é uma pedreira sem fim. Hum! Por isso é que os bichinhos do meu tamanho usam tantos pés. Cada inseto tem seis. Os medepalmos têm muito mais. (p.16) [Grifo meu]

O uso de termos ou expressões populares e infantis ocorre tanto na voz do narrador quanto na de Emília: “levar a breca”, “na batata”, “burrice”, “*Homo sapiens* duma figa!”. Com efeito, um dos recursos de aproximação do foco narrativo da personagem é justamente o uso de uma linguagem semelhante, eliminando possíveis diferenças entre um narrador adulto e uma protagonista criança:

Juquinha, o mais esperto da família, mostrava-se contente com a novidade e, ao contrário do pai, falava pelos cotovelos. (p.24)

A viagem á Rússia foi a mais trágica de todas. O Visconde parou na zona da guerra e assombrou-se. O frio era horrível, muitos graus abaixo de zero, e aqueles milhões de homens que os Ditadores tinham remetido para os gelos estavam todos mortos. [...] Ficaram dentro das roupas e capotes, aproveitando o último calorzinho. Em minutos, porém, os exércitos alemães e soviéticos viraram picolés. (p.69)

— Não abra, Emília! — gritou Narizinho. — Vovó já disse que o sigilo da correspondência é inviolável. Carta é uma coisa sagrada. Só o destinatário pode abri-la.

Emília fez um muxoxo de pouco caso e enfiou a carta no nariz do Visconde, dizendo:

— Coma, beba o seu sigilo. (p.08)

— Mas é porcaria comer minhoca! disse Emília com carinha de nojo.

— Por quê? Se a carne é sadia, não vejo nenhuma objeção razoável. Rigorosamente falando, porcaria era comer porco — e você mesma vivia elogiando o lombo de porco de Tia Nastácia, com farofa e rodela de limão.

— E era mesmo um suco. (p.70) [Grifo meu]

Como podemos notar, as expressões em destaque são exemplos de uma linguagem coloquial compartilhada pela voz narrativa e pelos personagens. Esse tipo de construção é comum em *A chave do tamanho*, o que nos mostra a elaboração de um discurso que se aproxima da linguagem infantil e, ao mesmo tempo, preserva certo cuidado com a língua. Cuidado que evita a linguagem simplista e redutora.

Quando a linguagem é infantilizada, no sentido pejorativo do termo (empobrecimento da linguagem, forma de subestimar o leitor), isso ocorre em função da ironia, como vemos na

seguinte passagem em que o escritor, na voz de Emília, faz uso abundante da sonoridade “ão”, abusando da facilidade de rimar com a palavra *papão* e, conseqüentemente, relacionando essa linguagem à “tapeação”:

O menino não entendia. Quis explicações. Ela tapeou.

— O senhor Dom Papapopo, Juquinha, deve ser filho daquele Papão que outrora assustava as crianças. O tal papão, porém, era mentira. Nunca existiu. Começou a existir desde que alguém mexeu na Chave do Tamanho. Está entendendo? Desde esse instante o Papapopo, ou o senhor Dom Papão — pois tudo é a mesma coisa — apareceu no mundo e anda por toda parte nos rondando. Felizmente eu não sou boba. Percebo as coisas muito bem. penso em tudo e “adapto-me”, como diz o Visconde. Por isso estou certa de que o grande remédio contra o Papão é o Algodão. Juquinha amigo, toca a procurar o senhor Dom Algodão por causa do senhor Dom Papão.

Juquinha ficou na mesma e Candoca pôs-se a berrar. (p.28)

O jogo com a palavra “papo” se apresenta eficiente para manter Juquinha e Candoca numa situação estável – a linguagem infantilizada serve à personagem como meio eficaz de driblar o problema da falta dos pais. Como entendem pouca coisa do que Emília lhes fala, os órfãos acreditam que os adultos da casa estão descansando num país longínquo, o que nos leva mais uma vez a relacionar essa linguagem com a mentira, com a dissimulação dos adultos que manipulam as crianças através do discurso. Assim, quando Juquinha pergunta sobre seus pais, a ex-boneca demora para dar uma resposta. Depois de filosofar a respeito da mentira, “isso de falar a verdade nem sempre dá certo” (p.26), ela responde:

— Seus pais, Juquinha, foram obrigados a mudar-se para a Papolândia.

— Onde é isso?

— É uma terra em toda parte, onde só há *papapospos*. É a terra dos *papapupudospos* que voam, ou andam pelo chão miando como gato. E sabe o que é o papapopo? É uma espécie de colo. Antigamente as mães punham os filhinhos no colo; hoje os papapupudospos põem todo mundo no papapopo.

— E é bom lugar esse papapopo?

— Ótimo. Quentinho como cama. Quem adormece nesse colo, gosta tanto que não acorda.

A explicação deixou Juquinha na mesma, mas sossegou. Sentia muito que seus pais fossem dormir um sono tão comprido numa terra tão esquisita; mas se era no quente, então bem. A expressão “quentinho como cama” agradou ao menino, que estava nu e com frio. (p.27)

Essa “infantilização” da linguagem se constitui, assim, como uma crítica à falta de esperteza ou percepção do mundo e dos fatos que nos envolvem.

A coloquialidade de ambos, narrador e personagem, casa-se ainda com outro recurso, o emprego do discurso indireto livre. Manifestando suas opiniões, o narrador onisciente confunde sua própria voz com a da protagonista, Emília – “Emília horrorizou – se. Pois então estavam com um gato ali perto e não se escondiam?” (p.25). O imbricar das vozes ressalta, pois, o foco narrativo na maioria das vezes próximo da ex-boneca, permitindo que ela domine a história com seu discurso: “Juquinha achou que aquele automóvel podia ser o Ford de seu pai – mas como saber?”, “— Pelo número. Que número tinha o carro de seu pai? (p.34)”. Quem faz a pergunta Juquinha ou o narrador? E a quem responde Emília?

Juquinha quase chorou. Queria salvar o Totó, que era muito seu amigo, mas como?

— Impossível — resolveu Emilia. — Um automóvel fechado é a coisa mais fechada que existe no mundo. Nem chuva entra. O Totó, se ainda está vivo, que aproveite o resto da vida que tem, porque daí ninguém o tira. Vamos embora. (p.34)

Como vemos, o processo de aproximação se repete. Se o uso do discurso indireto livre evita a repetição enfadonha de diálogos, esse recurso também aproxima o leitor do pensamento dos personagens:

O Visconde estava pensando. Sim, Emília tinha razão. Eles podiam fazer uma consulta aos homenzinhos. Se quisessem voltar ao tamanho antigo, muito que bem. se não quisessem, melhor. Lá no fundo do coração o Visconde preferia que as coisas ficassem como estavam, porque ele passara a gigante, em vez de continuar um simples sabugo. E Emília realmente tinha razão. Os insetos são os seres mais aperfeiçoados que existem e não tem tamanho. Ora, com a sua inteligência os homens pequeninhos poderiam dominar os insetos, utilizar – se de milhares deles para mil coisas e construir uma nova civilização muitíssimo mais interessante que a velha. E resolveu [...]. (p.45) [Grifo meu]

No trecho acima, vemos a voz do narrador introduzir o pensamento do Visconde que vai se manifestando sem a intermediação própria do discurso indireto ou a anunciação dos verbos *dicendi*. O uso do discurso indireto livre instaura, assim, tanto a presença de certo fluxo de pensamento dos personagens quanto a abertura de outras possibilidades de leitura para o texto, o que notamos no exemplo a seguir, cujas considerações podem ser do narrador ou do personagem:

Muito bem. podiam continuar a viagem. Para onde? O Visconde saía do sitio para “assuntar”, isto é, ver se todas as criaturas humanas estavam diminuídas, ou se a redução se dera apenas em casa de Dona Benta. Mas o encontro com Emília tornava inútil a ida á cidade. Todas as criaturas estavam reduzidas, sim, e a autora da grande transformação era a isca de gente que se acomodara em sua cartola! (p.46) [Grifo meu]

O que nos faz pensar que a parte grifada possa ser a voz do personagem? A ênfase dada pelo advérbio *sim*, numa atitude evidente de resposta à indagação que o sabugo trazia do Sítio do Picapau Amarelo.

Mas a estrutura lingüística de *A chave do tamanho* faz com que pensemos, ainda, em outro elemento relacionada à tessitura narrativa – o *leitor implícito*.

Para tratarmos do *leitor implícito*, porém, vamos nos remeter à edição de 1947, em que encontramos no início da obra uma “explicação necessária” avisando-nos que nela encontraremos personagens de obras anteriores. Logo em seguida, o narrador faz um tipo de recuperação da identidade dos personagens destacando a evolução da Emília e sua ascendência sobre o Visconde e, no final, acrescenta: “Emilia excedeu-se, como disse o Visconde – e por um triz não determinou no gênero humano a mais radical das mudanças – como o leitor verá” (p.01). Além de anunciar o que virá, o narrador aponta-nos um possível leitor da obra, uma das últimas do escritor – um leitor familiarizado com o Picapau Amarelo, com os personagens e com suas aventuras.

Ainda que não apareça na edição usada para este trabalho (2000), vemos que essa familiaridade de qualquer forma se torna evidente nas referências que os personagens fazem a outras histórias da série, o que também não deixa de ser uma eficaz propaganda para a criança:

— Primeira descoberta! — gritou Emília. *A escada rolante* viva!

Em seu passeio a Nova York, contado na *Geografia de Dona Benta*, Emília tivera a oportunidade de conhecer as escadas rolantes das grandes lojas, escadas que em vez de *serem subidas* pela gente, *subiam* a gente. (p.15)

Geografia de Dona Benta aparece também no encontro de Emília e Visconde com o governo norte-americano, com referência explícita à obra em nota de rodapé. Outra obra citada é uma quase desconhecida na coleção lobatiana:

Que azar! Era um buraco já ocupado por alguém: uma enormíssima e peludíssima aranha caranguejeira! O coraçãozinho de Emília bateu. Ficou como o *Garimpeiro do Rio das Garças* quando se viu entre a Onça e o Jacaré. Mas pensou depressa. (p.39)

Resgatando uma de suas obra menos conhecidas em *A chave do tamanho*, Lobato chama a atenção de seus leitores para outros textos. Isso também ocorre na fala de Juquinha, ao revelar conhecimento das histórias do Picapau Amarelo:

— É a Emília mesmo, mamãe! — gritou um menino que também andava por ali e só então ela viu. — Conheço os livros que falam dela. A cara é a mesma, o jeito é o mesmo. Só falta a roupinha xadrez. (p.23)

Juquinha já lera nos livros a história do rinoceronte do Picapau Amarelo, de modo que ao ouvir falar em Quindim assanhou-se. Seu sonho sempre fora dar um passeio montado no tremendo paquiderme. (p.49)

O narrador lobatiano ainda fala diretamente com o leitor, numa forma próxima de contar histórias oralmente, o que reforça a coloquialidade e, conseqüentemente, a proximidade da narrativa com o destinatário:

Juquinha compreendia depressa as exigências da vida nova, mas só pensava numa coisa: encontrar um besouro para montar. [...] E lá, em vez de besouro, sabe o que apareceu? Um beija-flor. Estava zunindo em cima dum enorme pé de malmequer amarelo. (p.36) [Grifo meu]

A referência a outros textos da série, além de ser uma eficiente estratégia comercial, torna-se importante elemento narrativo à medida que exerce uma função saneadora no texto: ao mencionar outras histórias o narrador e mesmo os personagens deixam em evidencia o caráter ficcional da narrativa.

Comentando as histórias da ex-boneca, por exemplo, Juquinha traz ao leitor a lembrança de que em meio a toda a catástrofe do apequenamento não devemos nos esquecer de que Emília é personagem de um livro, não pessoa real. Se considerarmos o texto lobatiano tributário de certa estética realista, como escreve Zilberman (1982), vemos que o narrador nos traz à frente constantemente a idéia de estarmos diante de um texto ficcional, não de fatos da realidade. Porém, se focalizamos a obra sob esse ponto de vista, também temos que considerar o contraponto: ao enfatizar o caráter ficcional do texto, Lobato tira uma “licença poética” para extrapolar os limites da veracidade:

Foi isso o que se deu: a completa extinção da Humanidade, porque os insetos de dois pés que a substituíram já não eram propriamente a Humanidade — eram a Bichidade, como Emília os classificou. E, portanto, ela, a Emília, a Emilinha do sítio de Dona Benta, havia realizado um prodígio sem nome: suprimido a Humanidade! O que os gelos dos períodos glaciais não conseguiram e o que não conseguiram as erupções vulcânicas, e os terremotos, e as inundações, e as pestes, e as grandes guerras, a marquesinha de Rabicó havia conseguido da maneira mais simples — com uma virada de chave! Aquilo era positivamente o Himalaia dos assombros. (p.66)

Considerações finais

*A pedra inocentemente vai até onde o sonho das
crianças deseja ir.
(Cecília Meireles)*

Se a estética realista obriga o escritor a devolver o tamanho à humanidade, a franca entrada no mundo da fantasia se dá com a aceitação do pacto narrativo entre o narrador lobatiano e o leitor acostumado às peripécias vividas no Sítio do Picapau Amarelo. Instaure-se, pois, um mundo de fantasia que sobrepuja os aspectos trágicos da guerra vivenciada na realidade do momento:

A boa negra, entretida em emendar fibras de algodão, respondeu como se já não fosse uma criatura deste mundo.

— Ah, eu penso que o mundo acabou — o mundo antigo. Nós morremos todos, sem saber, e estamos no céu. Somos almas do outro mundo e o outro mundo é este — esta cômoda, o Coronel, tão pequenino, ali de tanga de flor, Emília lá na cartola do Visconde. Ou então é sonho. Se é sonho, quando acordarmos tudo se acaba e a vida de dantes começa outra vez. E se é morte, é morte e pronto. Pois então vou acreditar que estou virada em içá de tanga? Não sou boba. Ou já morri e estou um céu, ou tudo isto é sonho. (p.62)

O apequenamento como sonho, devaneio, é uma leitura possível. Todavia, o narrador não se rende, antes insiste no acontecimento e comenta, já no final da história, a respeito da volta do tamanho: “e o que aconteceu daria assunto para um livro ainda maior que este” (p.86).

E onde está Emília ao final da história?

A personagem que ocupa o centro da narrativa desde o início parece estar eclipsada pela voz narrativa que, resumidamente, finaliza a narrativa – como se, de repente, despertássemos de um sonho, tal como a Alice em suas aventuras no “país das maravilhas”.

Um sonho nada calmo, um devaneio que se constrói a partir de um eixo que perpassa todos os elementos narrativos, qual seja, a relatividade das coisas, dos seres, dos lugares; relatividade que nos permite ver outras possibilidades de existência. Tal como a guerra, situação de difícil definição de “lado certo”, “lado errado”, em *A chave do tamanho* a realidade não é simplesmente o ponto de partida para uma aventura, mas um tema vivenciado no plano da ficção de forma que novas perspectivas de vida são apresentadas para o leitor.

Vemos assim um mundo natural que não deixa de apresentar violência, como mostra a figura de “Dona Seleção”. Um intento de pacificação que, para ser alcançado, também implica na matança de outras milhares de pessoas – a radicalização de um processo de genocídio levado a cabo por uma ex-boneca, uma “gentinha” que tenta acabar com a guerra mexendo diretamente na “chave” do problema.

Emília, a responsável pelo apequenamento, controla um gigante que continua simples sabugo para uma vaca faminta como a Mocha. Como protagonista, Emília é quem nos apresenta a “abundância do pequenino”. Uma personagem libertária mas pela qual a utopia democrática não pode permanecer justamente porque baseada num desejo e concepção individual de democracia e liberdade. Uma reformadora poderosa que briga por uma jangada de palitos, zanga-se como uma criança e, por fim, vê seus planos de manter o apequenamento ruírem diante da impossibilidade de democracia num mundo em que tudo ficou tão longe – Emília se vê presa por seu próprio plano, dependendo do pequeno grupo do sítio, a comunidade humana mais próxima e conhecida, para legitimar a permanência da nova ordem.

Observando *A chave do tamanho*, podemos notar que ali está o uso da ciência e da tecnologia para a sobrevivência no mundo natural, contradição reveladora das deficiências humanas, sendo a inteligência o elemento diferenciador em relação aos outros animais. A relatividade do poder, já adentrando o campo político, apresenta-se nas responsabilidades assumidas por uma protagonista liberalmente divorciada mas que, de uma hora para outra, acha-se como “ama seca” de duas crianças órfãs.

Uma personagem autoritária – uma ditadora discursando para ditadores? Ou seria um blefe de quem arrisca todas as cartas para convencer os líderes mundiais da necessidade de paz? De qualquer modo, mantém-se a relatividade dos valores: no primeiro caso, o uso do autoritarismo para acabar com o autoritarismo; no segundo, o uso da mentira, da ameaça, realizada num tom muito próximo das ameaças infantis, para enfrentar um mundo de mentiras e desilusões. Mais do que isso: basta lembrarmos de seu autoritarismo em *Memórias de Emília*, e compreenderemos que a personagem é a possibilidade de ser o que não foi; de acontecer o que não aconteceu, como ela mesma faz em suas memórias, contando peripécias alteradas por sua imaginação. É a exploração de uma certa “lógica do absurdo”, ligada evidentemente ao *nonsense*, por meio do qual uma boneca de pano nascida no Picapau Amarelo se apropria do discurso pela paz e fica frente a frente com os principais líderes da Segunda Guerra Mundial – uma lógica plausível no contexto de um conflito também absurdo.

No início da narrativa, o discurso lobatiano põe em situação de relatividade o discurso adulto. O movimento de aproximação e distanciamento do foco narrativo que se realiza na constituição do relativismo das ações e experiências dos personagens também ocorre em relação ao emprego do discurso, uma forma de nos lembrar que o fato narrado pode esconder muita coisa, como fica evidente no episódio em que Emília fala com Juquinha sobre o “Dom Papão”.

Uma forma, entre outras, de nos alertar para o que está por trás das notícias dos jornais, dos comentários nas ruas, dos noticiários do Estado Novo...

Enfim, em Emília está instaurada a relatividade de nosso tempo, a tensão vivida por uma sociedade onde, mesmo necessitando de transformações, qualquer alteração pode ser uma catástrofe e, ao mesmo tempo, a solução. O “desaparecimento” quase instantâneo de Emília no final da história talvez represente isto – a tomada de consciência diante de uma realidade caótica em que qualquer possibilidade de ordenação passa inevitavelmente pela tragédia.

Como um dos poucos livros nacionais infanto-juvenis que tratam do tema da Segunda Guerra Mundial, talvez o único em que não se faz uma apologia aos Aliados ou à participação do Brasil, a obra se mostra original tanto no assunto quanto na construção de uma narrativa para crianças. Se no conjunto da obra lobatiana *A chave do tamanho* surge como um ponto de chegada da ficção de Lobato, como escreve Ruth Rocha (1981), podemos notar que nela se encontra a presença de clássicos infantis, como *Viagens de Gulliver*, *Alice no país das maravilhas* e *Robinson Crusóé*, e também não infantis, como *Dom Quixote*, cujas principais idéias, dentre elas a mudança de perspectiva, entram na confecção de uma tessitura textual criativa e original.

Em *A chave do tamanho* a ciência e a política são elementos da vida cotidiana da turma do Picapau Amarelo de forma que esses temas entram na construção de uma narrativa em que o mundo de fantasia assume o plano principal. A aventura vivenciada por Emília e por toda a turma do Sítio é certamente uma “loucura”, como afirma Penteado (1997). A obra mais “louca” de Lobato é justamente aquela em que a realidade do momento se mostra mais pulsante, apontando-nos uma relatividade não explícita no texto, mas mesmo assim importante: a relação ficção-realidade.

Gulliver viaja por terras estranhas, de homens minúsculos, de gigantes, de cavalos civilizados. Robinson Crusóé conhece terras exóticas, convive com nativos numa ilha

paradisiaca. Alice se vê, de repente, num mundo fantástico, em que os animais falam e o seu tamanho se altera sem explicação. E Emília? Emília vai direto ao mundo da imaginação e, dali, volta ao seu próprio mundo, praticamente o mesmo, somente encontrando-o sob outra perspectiva. Ela não vai a lugares exóticos, não encontra animais falantes, não enfrenta o problema de se comunicar. Sua linguagem é conhecida por todos, na Alemanha, no Japão, na Rússia, nos Estados Unidos e na Vila de Itaoca. Sua viagem, tão quixotesca que ela também tem um fiel escudeiro, Visconde de Sabugosa, mostra-nos a estranheza de nosso próprio mundo, motivo de orgulho e vergonha para os seres “tamanhudos”.

Enfim, mais linguagem “pão pão queijo queijo” e menos “literatice” para falar à imaginação das crianças. Mais que “elixir filosófico”, é uma narrativa de fantasia; mais do que positivismo, naturalismo, darwinismo, é uma narrativa de aventuras. Uma história em que o relativismo é a chave não só para propiciar a experiência de um mundo sob outra perspectiva, mas também, e sobretudo, é a chave que permite o rompimento dos limites entre a realidade e a fantasia e garante ao leitor a franca entrada no “mundo da ficção” – ou no mundo da realidade, caso saibamos o que isso significa.

Bibliografia

1- Geral

BAKTHIN, Mikhail. *Problemas da poética de Dostoievski*. Trad. Paulo Bezerra. Rio de Janeiro: Ed. Forense-Universitária, 1981.

BARBOSA, Rui. A questão social e política no Brasil. *Obras completas de Rui Barbosa*. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura, 1956.

CANDIDO, Antonio. *Literatura e sociedade*. 8. ed. São Paulo: T. A. Queiroz, 2000. (Grandes nomes do pensamento brasileiro). [1.ed. 1965]¹⁴

_____. *Na sala de aula: caderno de análise literária*. São Paulo: Ática, 1985. (Série Fundamentos).

CAVALHEIRO, Edgar. *Testamento de uma geração*. Porto Alegre: Livraria do Globo, 1944. v.9.

CURTIUS, Ernst Robert. *Literatura européia e idade média latina*. Trad. Teodoro Cabral e Paulo Rónai. São Paulo: Hucitec:Edusp, 1996. (Linguagem e cultura 21). [1.ed. 1947; Trad. 1957]

CYTRYNOWICZ, Roney. *Guerra sem guerra: a mobilização e o cotidiano em São Paulo durante a Segunda Guerra Mundial*. São Paulo: Geração Editorial/Edusp, 2000.

GRIECO, Agripino. *Evolução da prosa brasileira – 1888-1973*. Rio de Janeiro: Ariel Editora.

HALLEWELL, Laurence. *O livro no Brasil: sua história*. Trad. Maria da Penha Villalobos e Lólio Lourenço de Oliveira. São Paulo: T. A. Queiroz, Ed. da USP. 1985.

HOBSBAWM, Eric. J. *Era dos extremos: o breve século XX: 1914-1991*. Trad. Marcos Santarrita. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

¹⁴ As datas da primeira edição indicadas entre colchetes foram consultadas nos seguintes bancos de dados eletrônicos: Athena/Aleph (Unesp – www.biblioteca.unesp.br), Sibi (Usp – www.usp.br/sibi) e Acervus/Monografias ou Periódicos (Unicamp – www.unicamp.br/bc).

LUCA, Tânia Regina de. *A Revista do Brasil: um diagnóstico para a (N)ação*. SP: USP, 1996. 332p. Tese de Doutorado.

PAIVA, Denise Maria de. *As categorias da literatura brasileira na Revista do Brasil*. Assis: Unesp, 1992. Dissertação de Mestrado.

1.1. Dicionários e Enciclopédias

ABREU, Alzira Alves de, *et al.* *Dicionário histórico-biográfico brasileiro: pós-1930*. Rio de Janeiro: FGV; CPDOC, 2001. v.3.

BRINCHES, Victor. *Dicionário bibliográfico luso brasileiro*. Rio de Janeiro: Editora Fundo de Cultura, 1965.

CHEVALIER, Jean *et al.* *Diccionario de símbolos: mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números*. Trad. Vera da Costa e Silva *et al.* 17. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2002. 986p.

DICIONÁRIO ANTOLÓGICO DAS LITERATURAS PORTUGUESA E BRASILEIRA. São Paulo: Editora Formar. P.909-920.

DICIONÁRIO DE LITERATURA – Literatura Portuguesa, Literatura Brasileira, Literatura Galega e Estilística Literária. 3. ed. Dir. Jacinto do Prado Coelho. Barcelos: Editora do Minho, 1981. p.570.

DICIONÁRIO INTERNACIONAL DE BIOGRAFIAS. Dir. Pierre Grimal. São Paulo: Librería Martins, 1969. p.1016-1017.

DICTIONNAIRE UNIVERSEL DES LITTÉRATURES. Dir. Béatrix Didier. Paris: Presses Universitaires de France. v. 2. p.2421.

ENCICLOPÉDIA DE LITERATURA BRASILEIRA. Dir. Afrânio Coutinho e J. Galante de Sousa. Rio de Janeiro: FAE, 1990. v.2.

MELO, Luís Correia. *Dicionário de autores paulistas*. São Paulo: Serviço de Comemorações Culturais, 1954.

MENEZES, Raimundo. *Dicionário literário brasileiro*. 2.ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Livros Técnicos e Científicos, 1978. p.377-378.

NOVA ENCICLOPÉDIA BARSA. Rio de Janeiro/São Paulo: Encyclopedia Britannica do Brasil Publicações Ltda, 1998. Macropédia. v.10. p.142-143.

PEQUENO DICIONÁRIO DE LITERATURA BRASILEIRA. Dir. José Paulo Paes e Massaud Moisés. São Paulo: Cultrix, 1967. p.141.

RÓNAI, Paulo. *Dicionário universal nova fronteira de citações*. Rio de Janeiro: N.F., 1985.

2- Literatura Infantil e Juvenil

ARROYO, Leonardo. *Literatura infantil brasileira*. São Paulo: Melhoramentos, 1968.

BORDINI, Maria da Glória. *Poesia infantil*. São Paulo: Ática, 1986.

CADEMARTORI, Ligia. *O que é literatura infantil?* São Paulo: Brasiliense, 1986.

CARDOSO, Manoel. *Estudos de Literatura Infantil*. São Paulo: Editora do Brasil, 1991.

CARVALHO, Bárbara Vasconcelos de. *A literatura infantil: visão histórica e crítica*. 2. ed. São Paulo: Edart, 1982. (Moderna Escola Brasileira).

CECCANTINI, João Luís Cardoso Tápias. *Uma estética da formação: vinte anos de literatura juvenil brasileira premiada (1978 – 1997)*. Assis: Faculdade de Ciências e Letras – Unesp, 2000. Tese de doutorado.

COELHO, Nelly Novaes. *Dicionário Crítico da Literatura Infantil e Juvenil Brasileira: séculos XIX e XX*. 4.ed. revista e ampliada. São Paulo: USP, 1995. [1.ed. 1983]

_____. *Literatura infantil – teoria, análise, didática*. São Paulo: Moderna, 2000.

_____. *Panorama histórico da literatura infantil-juvenil – das origens indo-européias ao Brasil contemporâneo*. 4. ed. São Paulo: Ática, 1991. [1.ed. 1981]

CUNHA, Antonieta Antunes. *Literatura Infantil – Teoria e Prática*. 10. ed. São Paulo: Ática, 1990. [1.ed. 1983]

FRACCAROLI, Lenyra. *Bibliografia de literatura infantil em língua portuguesa*. São Paulo: Divisão de Bibliotecas Infanto-Juvenis, 1953.

GÓES, Lúcia Pimentel. *A aventura da literatura para crianças: formas de avaliação da literatura infantil e juvenil através da obra de Francisco Marins*. São Paulo: Melhoramentos, 1993.

MAGNANI, Maria do Rosário. Entre a literatura e o ensino: um balanço das tematizações brasileiras (e assisenses) sobre literatura infantil e juvenil. *Miscelânea*. Assis-Unesp/FCL, v.3, p.247-257, 1998.

MEIRELES, Cecília. *Problemas da literatura infantil*. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984. [1.ed. 1951]

- MIRANDA, José Fernando. *Estória infantil em sala de aula – semiótica de personagens*. Porto Alegre: Sulina, 1978. 198p. 21cm.
- MONTELLO, Josué. Monteiro Lobato. *Caminho da fonte: estudos de literatura*. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura, Instituto Nacional do Livro, 1959. p.353-362.
- PALO, Maria José, OLIVEIRA, Maria Rosa D. *Literatura infantil – voz de criança*. São Paulo: Ática, 1986.
- PERROTTI, Edmir. *O texto sedutor na literatura infantil*. São Paulo: Ícone, 1986. (Coleção Educação crítica).
- YUNES, Eliana, PONDE, Glória. *Leitura e leituras da literatura infantil*. 2. ed. São Paulo: FTD, 1989. (Série “Por onde começar?”). [1.ed. 1988]
- ZILBERMAN, Regina. *A literatura infantil na escola*. 7. ed. São Paulo: Global, 1987. [1.ed. 1981]
- ZILBERMAN, Regina, LAJOLO, Marisa. *Literatura Infantil Brasileira – História & Histórias*. 6. ed. São Paulo, 1999. [1.ed. 1984]
- _____. *Um Brasil para crianças*. 2.ed São Paulo: Global, 1986. [1.ed. 1986]
- ZILBERMAN, Regina, MAGALHÃES, Ligia Cademartori. *Literatura infantil: autoritarismo e emancipação*. 2.ed. São Paulo: Ática, 1989. [1.ed. 1982]

3- Bibliografia Específica sobre Monteiro Lobato

3.1.Livros

- ALVAREZ, Reynaldo Valinho. *Monteiro Lobato – escritor e pedagogo*. Rio de Janeiro: Edições Antares; Brasília: INL, 1982.
- ARRUDÃO, Matias (Dacio Aranha de Arruda Campos). *Piolho de piolho*. São Paulo: Casa Minerva, 1945. 66p.
- ATHANÁZIO, Enéas. *Meu amigo Hélio Bruma: ensaios*. São Paulo: Editora do Escritor/Luz e Silva, 1985. 54p. (Ensaio, 19).
- _____. *Três dimensões de Lobato*. São Paulo: Editora do Escritor, [1975]. 81p. (Ensaio, 4).
- AZEVEDO, Carmen Lucia de, CAMARGOS, Márcia, SACCHETTA, Vladimir. *Monteiro Lobato – furacão na Botocúndia*. São Paulo: SENAC, 1997.
- BARBOSA, Alaor. *O ficcionista Monteiro Lobato*. São Paulo: Brasiliense, 1996.

- BARROSO, Hayde Jofre. *Monteiro Lobato: Trayectoria de uma fidelidad*. Buenos Aires: Editorial Futuro, 1959. (Eurindia).
- BRASIL, Sales pe. *A literatura infantil de Monteiro Lobato ou Comunismo para crianças*. 2. ed. São Paulo: Edições Paulinas, 1959.
- CAMPOS, André Luiz Vieira de. *A República do Picapau Amarelo – uma leitura de Monteiro Lobato*. São Paulo: Martins Fontes, 1986. (Coleção leituras).
- CASTELLO BRANCO, Carlos Heitor. *Monteiro Lobato e a parapsicologia*. São Paulo: Quatro Artes Editora, 1972. 84p.
- CAVALHEIRO, Edgar. *Monteiro Lobato: vida e obra*. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1956 .
- _____, Edgar. *A correspondência entre Monteiro Lobato e Lima Barreto*. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura – Serviço de Documentação – n. 76, 1955.
- CAVALCANTE, Rodolfo Coelho. *A vida de Monteiro Lobato*. Salvador, 1949. 8p.
- CHIARELLI, Tadeu. *Um Jeca nos Vernissages – Monteiro Lobato e o desejo de uma arte nacional no Brasil*. São Paulo: Editora da USP, 1995. (Texto e Arte; 11).
- CONTE, Alberto. *Monteiro Lobato: o homem e a obra*. São Paulo: Brasiliense, 1948.
- DANTAS, Paulo (org.). *Vozes do tempo de Lobato*. São Paulo: Traço, 1982.
- _____. *Presença de Lobato*. São Paulo: Editora do Escritor.
- DUPONT, Wladir. Monteiro Lobato. A vida. In: LOBATO, Monteiro. *A menina do narizinho arrebitado*. Fac-simile da 1ª ed. de Monteiro Lobato & Cia. de 1920. São Paulo: Brasiliense, 1982.
- FRIAS FILHO, Otavio, CHAGA, Marco Antonio. *Monteiro Lobato*. Chapecó: Grifos, 1999. 72p. (Contadores de Histórias).
- GUIMARÃES, Wladimir. *Monteiro Lobato na Bahia*. Bahia: Glória, 1948. 15p.
- KOSHIYAMA, Alice Mitika. *Monteiro Lobato – intelectual, empresário, editor*. São Paulo: T. A. Queiroz, 1982.
- KUPSTAS, Marcia. *Monteiro Lobato*. São Paulo: Ática, 1988.
- LAJOLO, Marisa, ZILBERMAN, Regina. *Literatura infantil brasileira – História & Histórias*. 2 ed. São Paulo: Ática, 1985.
- LAJOLO, Marisa. Jeca Tatu em três tempos. In.: SCHWARZ, Roberto (org.). *Os pobres na literatura brasileira*. São Paulo: Brasiliense, 1983. p.101-105.

- _____. *Monteiro Lobato – a modernidade do contra*. São Paulo: Brasiliense, 1985. (Encanto Radical).
- _____. *Monteiro Lobato – um brasileiro sob medida*. São Paulo: Moderna, 2000.
- LANDERS, Vasda Bonafini. *De Jeca a Macunaíma – Monteiro Lobato e o Modernismo*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1988.
- LIMA, Alceu Amoroso. O pai do Jeca. *Primeiros Estudos – contribuição à história do modernismo literário*. Rio de Janeiro: Agir, 1948. p.40-43.
- LIMA, Carlos de Araújo. *O processo do petróleo – Monteiro Lobato no banco dos réus*. Rio de Janeiro: 1977.
- MERZ, Hilda Junqueira Villela et al. *Histórico e resenhas da obra infantil de Monteiro Lobato*. São Paulo, Brasiliense, 1996.
- _____. *Lobateanas – idéias, pensamentos e fotos de Monteiro Lobato*. São Paulo: Secretaria Municipal de Cultura de São Paulo, 1985.
- MOREIRA, José Carlos Barbosa. *Monteiro Lobato – textos escolhidos*. Rio de Janeiro: Agir, 1962. (Nossos clássicos, nº 65).
- MURALHA, Sidônio. *Um personagem chamado Pedrinho*. Ilustr. Alice Prado. 3. ed. Rio de Janeiro: Nórdica; São Paulo: Brasiliense, 1970.
- NUNES, Cassiano. *O patriotismo difícil: a correspondência entre Monteiro Lobato e Artur Neiva*. São Paulo: Copidart, 1981.
- _____. *A correspondência de Monteiro Lobato*. São Paulo: Copidart, 1982.
- _____. *Cartas de Monteiro Lobato a uma senhora amiga*. São Paulo: Copidart, 1983.
- _____. *O último sonho de Monteiro Lobato – o georgismo*. São Paulo: Copidart, 1983.
- _____. *A atualidade de Monteiro Lobato*. Brasília: Thesaurus, 1984. 122p.
- _____. *Monteiro Lobato admirador de Euclides da Cunha: um estudo comparativo entre os dois escritores*. Brasília: Roberval Editora, 1998.
- PENTEADO, José Roberto Whitaker. *Os filhos de Lobato: o imaginário infantil na ideologia do adulto*. Rio de Janeiro: Qualitymark, Dunya Ed., 1997.
- RIBAS, Maria José Sette. *Monteiro Lobato e o espiritismo – as sessões espíritas de Monteiro Lobato*. São Paulo: Lake, 1972.
- RIBEIRO, José Antonio Pereira. *As diversas facetas de Monteiro Lobato*. São Paulo: Roswitha Kempf/SMC, 1984. 186p.

- RIZZINI, Jorge. *Vida de Monteiro Lobato para infância e juventude*. 2. ed. Ilust. Messias de Melo. São Paulo: Editora Difusora Cultural.
- ROCHA, Ruth *et alii*. *Monteiro Lobato – 1882-1948*. São Paulo: Abril-Educação, 1981. (Literatura Comentada).
- SANDRONI, Laura. *De Lobato a Bojunga: as reações renovadas*. Rio de Janeiro: Agir, 1987.
- SILVA, João Carlos. *Conversando sobre Monteiro Lobato*. São Paulo: Obelisco, 1979. 28p.
- SILVA, Júlio César. *Monteiro Lobato: panorama da obra e análise semiológica dos contos*. Taubaté: Prefeitura Municipal/Editora Cronos, 1980. 153p.
- SANTA HELENA, Raimundo. *Monteiro Lobato*. Folheto de Cordel. Rio de Janeiro: Cordebrás, 1982.
- SILVA, Maria Leonor Alvarez. *Monografia sobre Monteiro Lobato*. São Paulo: Brasiliense, 1950.
- SILVA, Vera Maria Tiezmann. Monteiro Lobato e as belas mentiras. In.: MELLO, Ana Maria Lisboa de et al. *Literatura infanto-juvenil: prosa & poesia*. Goiânia: Ed. da UFG, 1995. p.71.
- VASCONCELOS, Zinda Maria Carvalho de. *O universo ideológico da obra infantil de Monteiro Lobato*. São Paulo: Traço, 1982.
- VAZ, Léo. Escritores e Literatos/No Jubileu de Jeca Tatu/Lobato Editor/Reminiscências/Monteiro Lobato vai para a Argentina. *Páginas Vadias*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1957.
- YUNES, Eliana. *Presença de Monteiro Lobato*. Rio de Janeiro: Divulgação e Pesquisa, 1982.
- ZILBERMAN, Regina (org.). *Atualidade de Monteiro Lobato*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1985. (Novas Perspectivas, 8).

3.2. Artigos em periódicos

- APÓSTOLO NETTO, José. O discurso cientificista no livro A Chave do Tamanho de Monteiro Lobato. *Pós-História*. Assis: Unesp, n. 4, p.45-66, 1996.
- BOLETIM BIBLIOGRÁFICO BIBLIOTECA MUNICIPAL MÁRIO DE ANDRADE. Número especial. São Paulo: Departamento de Bibliotecas Públicas, 253p., v.37. jul.-dez.1976.
- BOLETIM BIBLIOGRÁFICO BIBLIOTECA MUNICIPAL MÁRIO DE ANDRADE. São Paulo: Departamento de Bibliotecas Públicas, 201p., v.43. n. 1 e 2, jan.-jun.1982.
- CIÊNCIA & TRÓPICO. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, Editora Massangana, v.2, n. 9, p.153-372, jul./dez. 1981.

FARIA, Maria Alice de Oliveira. O mundo em miniatura de A Chave do Tamanho. *Proleitura*. n. 01. agosto 1992.

FILIPOUSKI, Ana Mariza Ribeiro. A obra infanto-juvenil de Monteiro Lobato. *Revista da Biblioteca Mário de Andrade*. v.56. São Paulo: Secretaria Municipal de Cultura. Depto. de Bibliotecas Públicas. Jan./dez. 1998.

BELTRÃO, Jorge. *Monteiro Lobato, um escritor que faz pensar...* In: Conferência proferida no dia 22 de abril de 1965, em Taubaté, na XIII Semana Monteiro Lobato. Pouso Alegre, 1968.

Proleitura. n. 01, agosto 1992. (Ano 1).

Proleitura. n. 18, fev. 1998 (Ano 5).

RIO de Janeiro. Biblioteca Nacional. *Monteiro Lobato 1882-1948 – catálogo*. Rio de Janeiro, 1982. 91p.

ZILBERMAN, Regina. Monteiro Lobato e a aventura do imaginário. *Letras de hoje*. Caxias do Sul (RS): PUC, n. 49. set. 1982.

3.3. Artigos em jornais e revistas

BARBALHO, Nelson. *Athanázio, Lobato e Rangel*. Folheto. 1980.

E. M. N. O pai de Emilia criou também o Jeca Tatu. *Folha de São Paulo*. 4 jul. 1973.

GOUVÊA, Ana Amélia Vianna. A desilusão de um herói. *DC Cultura*. Sab. 30 agosto 2003. Suplemento Literário.

LEITURA jovem. *O Estado de São Paulo*. 12 nov. 1972. Suplemento Literário.

LEITURA jovem. *O Estado de São Paulo*. 12 nov. 1972. Suplemento Literário.

MACHADO, Ana Maria. Monteiro Lobato e as coisas da terra. *Folha de São Paulo*. 15 jul. 1976.

MARTINS, Luís. O Jeca, a moda e o dinheiro. *O Estado de São Paulo*. 3 fev. 1974.

MELO, Virginius da Gama e. De Lobato a Cassiano. *O Estado de São Paulo*, 26 dez. 1971. Suplemento Literário.

MONTEIRO Lobato, o pai de Emília. Salvador: Editora da Biblioteca Infantil Monteiro Lobato, 1960.

MONTEIRO Lobato. *O Estado de São Paulo*. 1. jul. 1973. Suplemento Literário.

MONUMENTO a Monteiro Lobato – sumário das atividades da Comissão Pró-Monumento a Monteiro Lobato, apresentado pelo seu presidente Cândido Fontoura. São Paulo: 1949.

SANDRONI, Laura Constancia. Monteiro Lobato: realidade e fantasia. *O Estado de São Paulo*: 22 dez. 1990. Suplemento Cultural.

SESSENTA anos de Velha Praga. *O Estado de São Paulo*. 12 nov. 1974.

TONDELLA, Gabriel. *Monteiro Lobato – o semeador de horizontes*. Palestra realizada no Colégio Estadual “Monteiro Lobato”, de Taubaté, aos 18 de Abril de 1953, na Semana “Monteiro Lobato”. Folheto. São Paulo, 1954.

3.4. Dissertações e Teses

APÓSTOLO NETTO, José. *Jeca Tatu e o mundo que ele criou: o problema da originalidade cultural em Velha Praga e Urupês*. Assis: Unesp, 1998. Dissertação de Mestrado.

ARAPIRACA, Mary de Andrade. *Prólogo de uma Paidéia lobatiana fundada no fazer especulativo: A chave do tamanho*. Salvador: UFBA/FÉ, 1996. Tese de Doutorado.

BERTOZZO, Sandra M. Giovanetti. *Reverendo Monteiro Lobato vida e obra de Edgar Cavalheiro: uma leitura de Monteiro Lobato*. Assis: Unesp, 1996. Dissertação de Mestrado.

BIGNOTTO, Cilza Carla. *Personagens infantis da obra para crianças e da obra para adultos de Monteiro Lobato: convergências e divergências*. Campinas: Unicamp, 1999. Tese.

BRASIL. Ministério da Educação – Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais. Prêmio grandes educadores brasileiros – monografia premiada 1988. Brasília: MEC/INEP, 1989.

CARVALHO, Fabília Aparecida Rocha de. *De Negrinha a Tia Nastácia – um estudo sobre as personagens negras na obra de Monteiro Lobato*. Araraquara: ag. 2001. Dissertação de Mestrado.

CRESPO, Regina Aída. *Messianismos culturais: Monteiro Lobato, José Vasconcelos e seus projetos para a nação*. São Paulo: FFLCH/USP, 1997. Tese de Doutorado. 293p.

EDREIDA, Marco Antonio Branco. *A caça do sentido: práticas de leitura de leitores de Monteiro Lobato – um estudo de cartas infanto-juvenis (1926-1946)*. São Paulo: USP/FE, 2003.

GOUVÊA, Ana Amélia Vianna . *O Poço e a Chave: progresso e guerra na obra infanto-juvenil de Monteiro Lobato*. Belo Horizonte: UFMG, 2003. 189p. Dissertação de Mestrado.

IKEDA, Marilda A. Balieiro. *Revista do Brasil, 2ª fase – contribuição para o estudo do modernismo brasileiro*. São Paulo: USP/FFLCH, 1975. 155p.

LEITE, Carmem Silva Martins. *Análise da narrativa carnalizada em A chave do tamanho, de Monteiro Lobato*. Juiz de Fora: UFJF, 1998. Diss. Mestrado. 73p.

- LIMA, Sandra Araújo de. *Mulheres em Lobato: uma leitura feminista das obras **Reinações de Narizinho** e **A Chave do Tamanho***. Brasília-DF: Unb/IL, 2002. 103p. Diss. de Mestrado.
- MARTINS, Milena Ribeiro. *Quem conta um conto... aumenta, diminui, modifica: o processo de escrita conto lobatiano*. Campinas: Unicamp/IEL, 1998.
- MARTINS, Nilce Sant'Ana. *Língua Portuguesa nas obras infantis de Monteiro Lobato*. São Paulo: FFLCH/USP, 1972. 2v. Tese de Doutorado.
- MARTINS, Rosângela Alves de Lima. *A desmistificação dos mitos gregos e a mitificação das personagens de Monteiro Lobato*. São José do Rio Preto: Unesp, 1994. Dissertação de Mestrado.
- MELLONI, Rosa Maria. *O imaginário e o ideário de Monteiro Lobato: um estudo antropológico*. São Paulo: USP/FE, 1995. 2v. Tese de Doutorado.
- OLIVEIRA, Jucimar Cunha Ribeiro de. *A chave do tamanho: um mundo às avessas*. Juiz de Fora: UFJF, 1996. Dissertação de Mestrado. 78p.
- ORLOV, Martha Livia Volpe. *A revista do Brasil e a formação de uma consciência nacional*. São Paulo: USP/FFLCH, 1980. Dissertação de Mestrado.
- PASSIANI, Enio. *Na trilha do Jeca: Monteiro Lobato e a formação do campo literário no Brasil*. USP/FFLCH, 2001. 227p. Dissertação de Mestrado.
- STAROBINAS, Lílian. *O caleidoscópio da modernização: discutindo a atuação de Monteiro Lobato*. São Paulo: USP/FFLCH, 1992. Dissertação de Mestrado.

4- Obras de Monteiro Lobato

4.1. Literatura Geral

- LOBATO, Monteiro. *A Barca de Gleyre*. 7. ed. São Paulo: Brasiliense, 1956. v.11. (1ª série).
- _____. *A Barca de Gleyre*. 7. ed. São Paulo: Brasiliense, 1956. v.12. (1ª série).
- _____. *A Onda Verde e o Presidente Negro*. 7. ed. São Paulo: Brasiliense, 1956. v.5. (1ª série)
- _____. *América*. 7. ed. São Paulo: Brasiliense, 1956. v.9. (1ª série).
- _____. *Críticas e outras notas*. 3. ed. São Paulo: Brasiliense, 1969. v.18. (1ª série).
- _____. *Cartas de amor*. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1980.
- _____. *Cartas Escolhidas*. 6. ed. São Paulo: Brasiliense, 1970 v.16. (1ª série).
- _____. *Cartas Escolhidas*. São Paulo Brasiliense, 1959. v.16. 1º Tomo. (1ª série).
- _____. *Cartas Escolhidas*. São Paulo: Brasiliense, 1959. v.17. 2º Tomo. (1ª série).

- _____. *Cidades Mortas*. 18. ed. São Paulo: Brasiliense, 1976. v.2. (1ª série).
- _____. *Conferências, Artigos e Crônicas*. São Paulo: Brasiliense, 1959. v. 15. (1ª série)
- _____. *Contos Pesados – Urupês, Negrinha e o Macaco que se fez homem*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1940. (edição definitiva).
- _____. *Grüne Bücher – Erzählung aus der sklavenzeit*. São Paulo: O livro verde, 1932.
- _____. *Idéias de Jeca Tatu*. 9. ed Brasiliense, 1959. v. 4. (1ª série).
- _____. *Mr. Slang e o Problema Vital* 7. ed. São Paulo Brasiliense 1956 v. 8 (1ª série).
- _____. *Mundo da Lua e Miscelânea*. 7.ed. São Paulo Brasiliense, 1956 v 10 (1ª série).
- _____. *Na Antevéspera*. 7. ed. São Paulo: Brasiliense, 1956. v.6. (1ª série).
- _____. *Negrinha*. 7. ed. São Paulo: Brasiliense, 1956. v.3. (1ª série).
- _____. *O macaco que se fez homem*. São Paulo: Monteiro Lobato & Cia, 1923.
- _____. *O Sacy-Pererê: resultados de um inquérito*. São Paulo: Secção de Obras de “O Estado de São Paulo”, 1918. (fac-símile).
- _____. *Prefácios e Entrevistas*. 7. ed. São Paulo: Brasiliense, 1956. v.13. (1ª série).
- _____. *Urupês-contos*. 6. ed. São Paulo: Revista do Brasil, 1920.
- _____. *Urupês*. Edição ônibus prefaciada por Artur Neves [autor das notas biográficas e críticas]. São Paulo: Brasiliense, 1947. v.1. (1ª série).

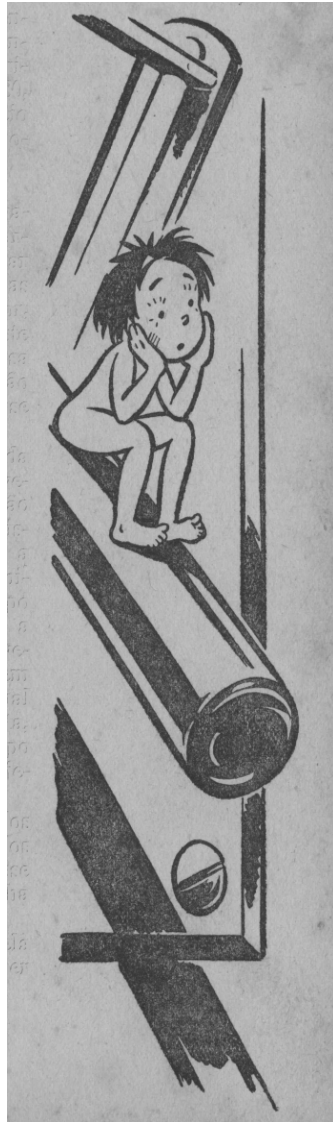
4.2. Literatura infantil

- LOBATO, Monteiro. *A chave do tamanho*. Ilustr. J. U. Campos. São Paulo: Cia Editora Nacional, 1942. 161p. Série 1. v.33. (Biblioteca Pedagógica Brasileira).
- _____. _____. 2. ed. Ilustr. J. U. Campos. São Paulo: Cia. Editora Nacional, 1942. 161p. Série 1, v.33.(Biblioteca Pedagógica Brasileira).
- _____. _____. Ilustr. André Le Blanc. São Paulo: Brasiliense, 1947. 210p. (2ª série – Literatura Infantil).
- _____. _____. 16. ed. Ilust. Manoel V. Filho. São Paulo: Brasiliense, 1977. 142p. (Série O Picapau Amarelo).
- _____. _____. *A chave do tamanho*. 42. ed. Ilustr. Manoel Victor Filho. São Paulo: Brasiliense, 1997.
- _____. *Aritmética da Emília*. 28. ed. Ilustr. Manoel V. Filho. São Paulo: Brasiliense, 1994. [1.ed. 1935]

- _____. *Aventuras de Hans Staden*. 32. ed. Ilustr. Manoel V. Filho. São Paulo: Brasiliense, 1994. [1.ed. 1927]
- _____. *Caçadas de Pedrinho, O Saci, Memórias da Emília*. 5. ed. Ilustr. Manoel V. Filho. São Paulo: Brasiliense, 1973. [1.ed. 1933/1921/1936, respectivamente].
- _____. *D. Quixote das crianças*. 27.ed. Ilustr. Manoel V. Filho. São Paulo: Brasiliense, 1994. [1.ed. 1936]
- _____. *Emília no país da gramática*. 39.ed. Ilustr. Manoel V. Filho. São Paulo: Brasiliense, 1994. [1.ed. 1934]
- _____. *Fábulas*. 50. ed. Ilustr. Manoel V. Filho. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- _____. *Geografia de Dona Benta*. 8. ed. Ilustr. André Le Blanc. São Paulo: Brasiliense, 1954. 230p. [1.ed. 1935]
- _____. *História das invenções*. 28. ed. Ilustr. Manoel V. Filho. São Paulo: Brasiliense, 1994. [1.ed. 1935]
- _____. *Histórias de Tia Nastácia*. 31. ed. Ilustr. Manoel V. Filho. São Paulo: Brasiliense, 1994. [1.ed. 1937]
- _____. *Histórias do mundo para crianças*. 37. ed. Ilustr. Manoel V. Filho. São Paulo: Brasiliense, 1994. [1.ed. 1933]
- _____. *O Minotauro*. 25. ed. Ilustr. Manoel V. Filho. São Paulo: Brasiliense, 1993. [1.ed. 1939]
- _____. *O picapau amarelo*. 34. ed. Ilustr. Manoel V. Filho. São Paulo: Brasiliense, 1994. [1.ed. 1939]
- _____. *O poço do Visconde*. 5. ed. Ilustr. André Le Blanc. São Paulo: Brasiliense, 1956. [1.ed. 1937]
- _____. *Os doze trabalhos de Hércules*. 17. ed. Ilustr. Manoel V. Filho. São Paulo: Brasiliense, 1993. 2v. [1.ed. 1944]
- _____. *Peter Pan*. 36.ed. Ilustr. Manoel V. Filho. São Paulo: Brasiliense, 1994. [1.ed. 1930]
- _____. *Reforma da natureza*. 36. ed. Ilustr. Manoel V. Filho. São Paulo: Brasiliense, 1994. [1.ed. 1941]
- _____. *Reinações de Narizinho*. 48 ed. Ilustr. Manoel V. Filho. São Paulo: Brasiliense, 1993. [1.ed. 1931]
- _____. *Serões de Dona Benta*. 21.ed. Ilustr. Manoel V. Filho. São Paulo: Brasiliense, 1994. [1.ed. 1937]

_____. *Viagem ao céu*. 43.ed. Ilustr. Manoel V. Filho. São Paulo: Brasiliense, 1994. [1.ed. 1932]

_____. *Obra infantil completa*: edição centenário – 1882-1982, com prefácio de Wladir Dupont. São Paulo: Brasiliense, 1982.



Anexos

Anexo A - resenhas

Índice – bibliografia crítica de *A chave do tamanho*

APÓSTOLO NETTO, José. O discurso cientificista no livro *A Chave do Tamanho* de Monteiro Lobato. *Pós-História*. Assis: Unesp/FCL, n. 04. p.45-66, 1996.

ARAPIRACA, Mary de Andrade. *Prólogo de uma Paidéia Lobatiana fundada no fazer especulativo: A chave do tamanho*. Bahia: UFBA/FE, 1996. Tese de Doutorado.

BARBOSA, Alaor. *O ficcionista Monteiro Lobato*. São Paulo: Brasiliense, 1996.

BERTOZZO, Sandra M. Giovanetti. *Reverendo Monteiro Lobato vida e obra de Edgar Cavalheiro: uma leitura de Monteiro Lobato*. Assis: Unesp, 1996. 365p. Dissertação de Mestrado.

BOSI, Alfredo. Lobato e a criação literária. *Boletim Bibliográfico Biblioteca Mário de Andrade*. v.43. n. 1. jan.-jun.1982. SP: Depto. de Bibliotecas Públicas. 201p. p.19-33. (p.32-33).

BRASIL, Sales pe. *A literatura infantil de Monteiro Lobato ou Comunismo para Crianças*. 2. ed. São Paulo: Edições Paulinas, 1959.

- CAMENIETZKI, Carlos Ziller. *O saber impotente*. Rio de Janeiro: FGV, 1988. p.39-44
Dissertação de Mestrado.
- CAMPOS, André Luiz Vieira de. *A República do Picapau Amarelo – uma leitura de Monteiro Lobato*. São Paulo: Martins Fontes, 1986. (Coleção leituras).
- CARVALHO, Bárbara Vasconcelos de. *A literatura infantil: visão histórica e crítica*. 2. ed. São Paulo: Edart, 1982. p.148-151. (Moderna Escola Brasileira).
- CAVALHEIRO, Edgar. *Monteiro Lobato: vida e obra*. São Paulo: Companhia Distribuidora de Livros, 1955.
- COELHO, Nelly Novaes. *Literatura infantil – teoria, análise, didática*. 1. ed. São Paulo: Moderna, 2000. p.147-149.
- DANTAS, Paulo (org.) *Vozes do tempo de Lobato*. São Paulo: Traço, 1982. p.26-27.
- FARIA, Maria Alice de Oliveira. A “imaginação miniaturizante” em *A Chave do Tamanho*. *Stylos*. Assis: Unesp/IBILCE, 1983.
- FILIPOUSKI, Ana Mariza Ribeiro. A obra infanto-juvenil de Monteiro Lobato. *Revista da Biblioteca Mário de Andrade*. v.56. São Paulo: Secretaria Municipal de Cultura. Depto. de Bibliotecas Públicas. Jan./dez. 1998.
- FRIAS FILHO, Otavio, CHAGA, Marco Antonio. *Monteiro Lobato*. Chapecó: Grifo, 1992. 72p. (Contadores de Histórias).
- GOUVÊA, Ana Amélia Vianna. A desilusão de um herói. *DC Cultura*. 30 ag. 2003.
- _____. *O Poço e a Chave: progresso e guerra na obra infanto-juvenil de Monteiro Lobato*. Belo Horizonte: UFMG, 2003. 189p. Dissertação de Mestrado.
- KUPSTAS, Marcia. *Monteiro Lobato*. São Paulo: Ática, 1988.
- LAJOLO, Marisa, ZILBERMAN, Regina. *Literatura Infantil Brasileira: História & Histórias*. 2. ed. São Paulo: Ática, 1985. p.57.
- LEITE, Carmem Silva Martins. *Análise da narrativa carnalizada A chave do tamanho, de Monteiro Lobato*. Juiz de Fora: UFJF, 1998. 73p. Dissertação de Mestrado.
- LIMA, Sandra Araújo de. *Mulheres em Lobato: uma leitura feminista das obras **Reinações de Narzinho** e **A Chave do Tamanho***. Brasília-DF: Unb/IL, 2002. 103p. Dissertação de Mestrado.
- MARANHÃO, Núbia Soares Lima. *Monteiro Lobato – um escritor brasileiro*. In: BRASIL. Ministério da Educação – Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais. Prêmio grandes educadores brasileiros – monografia premiada 1988. Brasília: MEC/INEP, 1989.

- MELLO, Ana Maria Lisboa de et al. A Chave do Tamanho: a instauração de uma nova ordem. *Literatura infanto-juvenil: prosa & poesia*. Goiânia: Ed. da UFG, 1995. p.57-72.
- _____. A chave do tamanho e a instauração de uma nova ordem. *Letras de Hoje*. n. 43. Rio Grande do Sul: PUC, março de 1981.
- MELLONI, Rosa Maria. *O imaginário e o ideário de Monteiro Lobato: um estudo antropológico*. São Paulo: USP/FÉ, 1995. 2v. Tese de Doutorado.
- MERZ, Hilda Junqueira Villela et al. *Histórico e resenhas da obra infantil de Monteiro Lobato*. São Paulo: Brasiliense, 1996.
- OLIVEIRA, Jucimar Cunha Ribeiro de. *A chave do tamanho: um mundo às avessas*. Juiz de Fora: UFJF, 1996. Dissertação de Mestrado.
- PALO, Maria José; Maria Rosa D. *Literatura infantil: voz de criança*. São Paulo: Ática, 1986.
- PENTEADO, J. Roberto Whitaker. *Os filhos de Lobato – o imaginário infantil na ideologia do adulto*. Rio de Janeiro: Qualitymark/Dunya Ed., 1997.
- ROCHA, Ruth et al. *Monteiro Lobato – 1882-1948*. São Paulo: Abril-Educação, 1981. (Literatura Comentada).
- SANDRONI, Laura C. A função transgressora de Emília no universo do picapau amarelo. *Letras de hoje*. n. 49. set. 1982. p.87-96.
- SANTOS, Neide Medeiros. Também sou filha de Lobato. *Correio das Artes*. João Pessoa, 1998. Disponível em: <<http://www.docedeletra.com.br/dl/foradoar/0600loba.shtml>>. Acesso em: 06 dez. 2003.
- SCAVONE, Antonio Carlos. Reflexos do positivismo em *A chave do tamanho*. *Letras de hoje*. n. 43. Rio Grande do Sul: PUC, março de 1981.
- STAROBINAS, Lílian. *O caleidoscópio da modernização: discutindo a atuação de Monteiro Lobato*. São Paulo: USP/FFLCH, 1992. Dissertação de Mestrado.
- VASCONCELLOS, Zinda Maria Carvalho de. *O universo ideológico da obra infantil de Monteiro Lobato*. São Paulo: Traço, 1982.
- VAZ, Léo. A chave do tamanho. *Revista da Academia Paulista de Letras*. v.8, 12 set. 1945, p.46-51.
- VIEIRA, Adriana Silene. A chave do tamanho e as Viagens de Gulliver. In.: IV SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE HISTÓRIA DA LITERATURA, 2001, Porto Alegre. (no prelo).

_____. *Viagens de Gulliver ao Brasil: Estudo das adaptações de Gulliver's Travels* por Carlos Jansen e por Monteiro Lobato. Campinas: Unicamp/IEL, 2004. Tese de doutorado.

ZILBERMAN, Regina. Monteiro Lobato e a aventura do imaginário. *Letras de hoje*. nº 49. set. 1982. p.40, p.43.

1945

VAZ, Léo. A Chave do Tamanho. *Revista da Academia Paulista de Letras*. v.8. p.46-51. 12/09/1945.

O primeiro texto crítico encontrado até o momento sobre *A chave do tamanho* é o escrito pelo jornalista Léo Vaz, companheiro de Lobato no grupo do *Estado*. Intitulado “A chave do tamanho”, o artigo trata, inicialmente, sobre a importância da obra de Lobato para as crianças brasileiras que, antes do surgimento de *Narizinho arrebitado*, andaram “esfaimadas de maravilhoso”. Após comentar o sucesso dos livros lobatianos entre o público infantil, Vaz apresenta *A chave do tamanho*, narrando sua história.

O jornalista destaca, então, a relatividade como um dos aspectos mais relevantes da obra. Referindo-se ao livro como portador de um saber filosófico – “lendo-o é provável que as crianças absorvam, sem o saber, uma sábia dose do mais precioso elixir filosófico” -, Léo Vaz afirma que *A chave do tamanho* “é bem capaz de lhes meter nas cabecinhas [das crianças] o mais precioso e raro dom com que pôde jamais dotar-se uma criatura neste conturbado planeta: e vem a ser o senso da relatividade” (p.51).

A relatividade, segundo o autor do ensaio, aparece na fragilidade dos “furibundos e intratáveis tiranos da atualidade” que contrastam com a capacidade de adaptação dos “sábios pacatos e pacíficos trabalhadores” (p.50), sendo essa comparação realizada no momento em que apresenta *A chave do tamanho*. Já no final do texto, o crítico deixa marcada sua preocupação com o “vezo das ‘ideologias’ que são para os povos o que é um tapa-olho para uma montaria” (p.51), o que faz da ironia um tipo de “sal” contra a corrupção das mentes. Assim, *A chave do tamanho* é uma “espécie de oportuna vacina contra a doença do absoluto” (p.51).

1955

CAVALHEIRO, Edgar. *Monteiro Lobato: vida e obra*. São Paulo: Companhia Distribuidora de Livros, 1955.

Em 1955, é Edgar Cavalheiro quem faz algumas breves observações sobre *A chave do tamanho*. O biógrafo revela que Lobato pretendia intitular a obra *A Revolução da Emília*, optando posteriormente pelo nome com o qual a obra se tornou conhecida. Afirma que Lobato a escreveu em poucos dias e que:

Por saudosismo preferia, entre todos os livros, as “Reinações do Narizinho”. Mas dava imenso apreço “A Chave do Tamanho”, história da maior reinação do mundo, na qual Emília, sem querer, destruiu temporariamente o tamanho das criaturas humanas. Neste volume, mais do que simples história para divertir a criançada, o autor procura demonstrar, de maneira pitoresca, o princípio da relatividade das coisas. Lobato o escreveu aos 60 anos de idade, numa época de grandes amarguras. Acabara de sair da cadeia, o filho agonizava, a situação do Brasil e do mundo democrático ia de mal a pior. O livrinho, embora sendo todo um compêndio de úteis ensinamentos, não oculta, porém, amargo pessimismo com relação ao futuro. Mas é nele que se refugia numa grande e divertida aventura, que julga a última. (p.597)

Como observamos no trecho acima, para Cavalheiro *A chave do tamanho* é “todo um compêndio de úteis ensinamentos” que, embora apresente “amargo pessimismo em relação ao futuro”, é uma forma de “demonstrar, de maneira pitoresca, o princípio da relatividade das coisas”. Assim, o crítico e biógrafo de Lobato ressalta o caráter pedagógico da obra bem como sua relação com o momento, servindo até mesmo de refúgio para seu criador.

1959

BRASIL, Sales pe. *A literatura infantil de Monteiro Lobato ou Comunismo para Crianças*. 2. ed. São Paulo: Edições Paulinas, 1959.

A literatura infantil de Monteiro Lobato ou Comunismo para Crianças, do padre Sales Brasil, apresenta severos ataques à produção lobatiana por uma possível presença do ideário comunista, como atesta o título empregado pelo religioso.

O livro de Sales Brasil está dividido em seções as quais correspondem às principais críticas sobre a obra lobatiana: negação de uma causa superior à matéria, que, a esta, lhe tivesse dado origem; negação (em consequência da primeira) da divindade de Cristo e da existência de Deus; negação da superioridade do cristianismo, ou afirmação explícita da superioridade do paganismo em face da religiosidade cristã ou, como acrescenta o autor, explicação da inferioridade da religião católica relativamente aos ramos que trazem menos seiva do cristianismo; negação da espiritualidade da alma e da existência de outros espíritos; negação da verdade lógica, ontológica e da certeza absoluta, negação da imoralidade da mentira e da força do direito; negação do vínculo matrimonial indissolúvel; negação da moralidade do pudor e negação do impudor das obscenidades; negação da hierarquia social; da independência da pátria; do direito à propriedade particular; da cultura clássica, ou inspirada no cristianismo; do respeito devido aos pais, superiores e pessoas idosas, da polidez e boas maneiras.

Assumindo um caráter de denúncia e acusação, a obra traz análises de toda a produção infantil de Lobato a fim de comprovar a onipresença do ideário comunista no escritor. *A chave do tamanho* aparece inúmeras vezes, servindo, inclusive, de elemento irônico para os ataques contra Lobato, acusando-o de ter uma “chave”, a literatura infantil, para acessar a família brasileira e, ali, implantar idéias comunistas, pagãs, heréticas.

Assim, para o autor, o “argumento” de *A chave do tamanho* “é o seguinte: quando todos os homens chegarem ao mesmo tamanho (nivelamento das classes sociais), então não haverá sobre a terra nem injustiça nem certos preconceitos” (p.145). Embora esse “argumento” seja apresentado no capítulo VII, implicando numa crítica de valor mediante uma interpretação geral da obra, é no capítulo VIII que *A chave do tamanho* é abordada sistematicamente pelo padre.

Já no primeiro parágrafo Sales Brasil escreve que:

É no livro *A Chave do Tamanho* que encontramos a chave da sociologia que Monteiro Lobato escreveu para os meninos. Ali, muitas portas misteriosas se abrem, deixando-nos penetrar no laboratório secreto, em que o Visconde fabricou o “super-pó”, com o qual os habitantes do *Sítio* puderam penetrar em vários países, até na América do Norte... Esta invenção do Visconde substituiu, com inúmeras vantagens... ao *pó de pirlimpimpim*. (p.151)

Como portadora de uma “sociologia” para crianças, *A chave do tamanho* é analisada e dela o autor retira trechos para comprovar suas idéias que são apresentadas da seguinte forma:

A mesma chave para todas as pessoas!
 Nivelamento de todas as classes sociais!
 Que fantasia!
 Que ilusão!
 Ilusão, porque, quando na sociedade não houver mais hierarquia, somente a anarquia poderá *subsistir*. (p.153)

Continuando sua análise, Sales Brasil toma exemplos de *A chave do tamanho*, referindo-se à civilização de “Pail City”, que, segundo ele, constituem uma promessa “igual, igual às promessas do comunismo” (p.158), ou seja, um mundo em que não é necessário comprar o lugar

para viver. Após uma longa citação do livro infantil, o autor afirma que a tese principal da obra é “a teoria lobatiana das classes sociais”:

Depois que a humanidade, pela perda do antigo tamanho, foi reduzida a um grupo de insetos, uma vez que as relações de produção (*Productionsverhaeltnisse*, de Carlos Marx) transformaram a sociedade num paraíso.

Por ser a teoria lobatiana das classes sociais uma conseqüência lógica de tudo quanto se transcreveu até agora e, sobretudo, por ser uma breve citação a respeito dos insetos, que muito alumiará as outras citações que se lhe vão seguir. (p.161)

Segue outra citação de *A chave do tamanho*, que o autor encerra apontando para o pensamento comunista da obra:

Trata-se, evidentemente, da *luta pela vida*, segundo Darwin, aplicada ao campo sociológico pela teoria da *seleção natural*, de *Spencer*, ambas aproveitadas pela filosofia marxista-leninista e feitas balinhas de doce na literatura infantil de Monteiro Lobato. (p.162).

Após outra longa citação da obra, Sales Brasil conclui seu texto, o que faz utilizando uma fotografia em que aparecem membros do Departamento de Literatura Mundial do Instituto Gorki, em Moscou, homenageando Monteiro Lobato, cujo retrato está atrás da conferencista. Finalizando seu texto, o autor faz um levantamento dos elementos que citou para comprovar a tese do comunismo de Lobato, aparecendo mais uma vez uma referência, ainda que indireta, a *A chave do tamanho*:

Citei os insetos que, na “técnica” de Monteiro Lobato, “o primeiro escritor que compreendeu o modo de tornar interessante o livro infantil”, ensinam às crianças a teoria marxista-leninista da luta de classes e das relações de produção – Productionsverhaeltnisse. (p.315)

O autor, assim, concebe *A chave do tamanho* como uma “sociologia” do comunismo para crianças, obra em que as idéias de classe social de Lobato estão presentes de forma negativa, uma vez que desestrutura valores fundamentais da família brasileira. *A chave do tamanho*, assim como toda a obra do escritor, é um veículo de transmissão de valores comunistas e anti-religiosos, devendo ser evitado sua leitura às crianças, recomenda o padre.

1981

MELLO, Ana Maria Lisboa. *A chave do tamanho e a instauração de uma nova ordem. Letras de Hoje*. nº 43. Rio Grande do Sul: PUC, março de 1981.

Ou (mesmo texto):

MELLO, Ana Maria Lisboa de. *A Chave do Tamanho: a instauração de uma nova ordem*. In: *Literatura infanto-juvenil: prosa & poesia*. Goiânia: Ed. da UFG, 1995. p.57-72.

O texto de Mello aborda *A chave do tamanho* no âmbito da visão de mundo lobatiana, como escreve a autora: “a visão universalista de Lobato se concretiza em *A chave do tamanho*. O homem brasileiro, embora não envolvido diretamente na Guerra, participa e sofre por seus irmãos” (p.67). Recorrendo a textos do escritor, ela afirma que:

A nudez em *A chave do tamanho*, mais do que a denúncia restrita dos preconceitos sociais condicionantes do comportamento, simboliza a necessidade mais abrangente que o ser humano tem de

se libertar das “camadas de antinaturalismo” que a sociedade, há milênios, vem-lhe depositando e impedindo o seu aperfeiçoamento. Neste sentido, Monteiro Lobato encontrou em Nietzsche o desenvolvimento das idéias que já germinavam em sua mente. (p. 72-73)

A autora finaliza o texto concluindo que, em *A chave do tamanho*, “o que subjaz de mais profundo e universal é a necessidade de uma nova postura do homem frente à sociedade, que vai da simples indagação à análise, à crítica, até a alteração do “status quo”, como em *A chave do tamanho*, antes que o ser humano se destrua completamente” (p.73).

O que o texto de Mello ressalta, portanto, é a visão “universalista” de Lobato, que, no livro, aparece como a instauração de uma “nova ordem”, inaugurada por Emília ao abaixar a chave, ordem que, assim, se constitui como um dos elementos principais da obra para a autora.

ROCHA, Ruth et al. *Monteiro Lobato – 1882-1948*. São Paulo: Abril-Educação, 1981. (Literatura Comentada).

Tendo em vista o público escolar, o texto de Ruth Rocha trata sucintamente do assunto. Contudo, emite considerações críticas sobre a obra:

Publicada em 1942, esta obra pode ser considerada como uma alegoria: pretendendo acabar com a guerra, Emília, por engano, reduz a estatura dos seres humanos para alguns centímetros, obrigando a humanidade, assim, a criar uma nova civilização.

As intenções revolucionárias da boneca, no entanto, tornam-se frustradas por um plebiscito, que vota pelo restabelecimento da estatura antiga. Talvez seja interessante o estabelecimento de um

paralelo entre o livro *A Reforma da Natureza* (publicado um ano antes de *A Chave...*) e este: no livro anterior, a repercussão dos atos “revolucionários” no mundo exterior ao sítio é bem menor, de conseqüências – digamos – vitais. *A Chave do Tamanho*, assim, pode constituir uma espécie de chegada da ficção de Lobato, que nunca abandona preocupações didáticas, como se pode ver no capítulo transcrito. (p.78)

Em poucas linhas a autora aponta *A chave do tamanho* como alegoria, propõe um paralelo com *A Reforma da Natureza* e, finalmente, identifica-a como “uma espécie de chegada da ficção de Lobato”.

SCAVONE, Antonio Carlos. Reflexos do positivismo em *A chave do tamanho*. *Letras de Hoje*. nº 43. Rio Grande do Sul: PUC, março de 1981.

Scavone, como o título de seu texto já revela, apresenta o positivismo como característica marcante de *A chave do tamanho*, o que seria reflexo do pensamento positivista de Lobato, pensamento que, segundo o autor, chega a ser acompanhado de certo Empirismo (século XVII) e Sensismo (século XVIII).

A presença do Positivismo pode ser constatada pela ênfase na idéia de evolução e na experiência científica, na qual se verifica a insistência do narrador de mensurar todas as coisas.

“Emília age mais pelo intelecto do que pelos impulsos, atitude coerentemente positiva” (p.81), escreve Scavone, para quem a boneca, narcisista, tem no *poder* o desejo de manutenção da falta de tamanho – é ela quem controla o maior gigante do mundo, o Visconde, e é ela também a responsável pelo apequenamento.

O autor escreve que a ideologia positivista está presente tanto na estrutura da narrativa quanto no pensamento e ação dos personagens, “muitas vezes aparecendo claramente, de maneira didática, com referências a seus principais conceitos; outras vezes, de modo não tão claro, mas facilmente perceptível no texto” (p.84).

1982

BOSI, Alfredo. Lobato e a criação literária. *Boletim Bibliográfico Biblioteca Mário de Andrade*. v.43. nº1. jan.-jun.1982. SP: Depto. de Bibliotecas Públicas. 201p. p.19-33. (p.32-33).

Incluído numa edição comemorativa do *Boletim*, este texto traz algumas reflexões de Bosi a respeito da obra lobatiana. De acordo com o autor, Lobato é um “iluminista”, pois critica o poder, as superstições, as coisas que considera atrasadas – “Então, há um certo proselitismo na obra de Lobato, mesmo tratando-se de textos de fortíssima imaginação” (p.32). Representado de uma maneira “diabólica” por Emília, esse espírito iluminista quer subverter a própria natureza. E é por esse motivo que Bosi considera *A reforma da natureza* e *A chave do tamanho*, obras que segundo o autor ainda não receberam a atenção que merecem, como “livros absolutamente estranhos” :

(...) São dois livros absolutamente estranhos, **A reforma da natureza** e **A chave do tamanho**. Eu os vejo como grandes alegorias de uma visão quase apocalíptica, o fim da natureza tradicional, o desejo de uma nova natureza, onde o autor projeta suas utopias. Utopias que são exatamente o oposto de Lobato para adultos. No Lobato para adultos tudo estava determinado, tudo tinha seu peso, seu tamanho, sua força. Na **Reforma da natureza** e

nA **chave do tamanho**, qual a intenção de Emília? É tirar o peso das coisas. Querem alguma coisa mais material que o peso, a gravidade? A matéria se caracteriza pelo peso. Pois isso, que era a grande verdade da física dos séculos XVIII e XIX, Emília altera, e as coisas perdem o peso. Quando D. Benta voltou, viu as camas e tudo no alto. — Que é isso, Emília, que é isso? Todo o mundo boquiaberto. É que Emília tinha tirado o peso das coisas.

E nA **chave do tamanho** ocorre algo semelhante com a modificação da grandeza das coisas.

Isso são exemplos de que havia um desejo muito profundo, um inconformismo muito grande em Lobato, que é o avesso, o oposto dialético daquele Lobato que eu pinteí antes, fiel a certas determinações de raça, e um materialista deveras pessimista e desenganado. (p.33)

Considerando *A chave do tamanho* como alegoria, Bosi ressalta a utopia presente na obra, bem como a necessidade de estudá-la de forma mais cuidadosa, e ainda aponta para o inconformismo de Lobato que, com sua imaginação, contraria a ciência corrente em sua época, especialmente a física, do século XVIII e XIX – uma visão apocalíptica de fim e recomeço, uma relação dialética e paradoxal entre desilusão e esperança.

CARVALHO, Bárbara Vasconcelos de. *A literatura infantil: visão histórica e crítica*. 2. ed. São Paulo: Edart, 1982. (Moderna Escola Brasileira). p.148-151.

A autora concebe *A chave do tamanho* como o livro “mais melancólico e dramático” de Lobato. Após apresentar a história, Carvalho destaca a fantasia da obra:

Se, como afirma Rozer Caillois em *Au Couer du Fantastique*, “todo fantástico é ruptura da ordem estabelecida, irrupção do

inadmissível no seio da inalterável legalidade cotidiana”, “A Chave do Tamanho” é uma estória comprometida com o fantástico. E assim, poderíamos classifica-la como a representação do fantástico na obra de Lobato. A redução do tamanho é explicada pelo desligamento da “chave”, porém a “chave” é um elemento fantástico. O tamanho tornou-se uma tragédia diante da relatividade. Mudar o tamanho do homem seria um retrocesso do gênero humano: tornar-se-ia então o mais indefeso de todos os seres, sem condição de sobreviver, e ali estavam sem efeito todas as conquistas realizadas até então, todas as idéias e todas as leis que regiam a civilização anterior, sem esperança de superar e sobreviver para uma nova civilização. E a humanidade estava nas mãos da Emilia, sem que ela o soubesse... o homem estava reduzido a um minúsculo ser, nivelando-se com um inseto; de qualquer maneira não teria condições de fazer a guerra e se matarem uns aos outros... mas morreriam aos molhos. (p.149)

Logo em seguida, a autora afirma que *A chave do tamanho* “é a obra infantil humorística mais notável do criador do ‘Sítio do Pica-Pau Amarelo’”, sendo uma história fantástica que “agrada a todas as idades: complexa, profunda, filosófica, saturada das concepções éticas do autor; seu humorismo reflete amargura e pessimismo: Lobato estava desencantado com o homem, estava brigado com a humanidade” (p.150). Essa desilusão com a humanidade, segundo a autora, está ligada tanto ao momento histórico quanto aos problemas familiares enfrentados pelo escritor.

Ainda abordando a obra, Carvalho a aponta como um livro recreativo com um notável campo de conhecimentos, além de encontrar elementos intertextuais referentes a autores clássicos da literatura infantil, como Swift e Carrol:

Algo da amargura de Swift e do humor de Lewis Carrol insinua-se nesta obra, onde o autor, inclusive, demonstra, dentro de

seu jogo lúdico, o princípio da relatividade, uma lei que rege os seres vivos. Como todos os bons livros recreativos (particularmente os de Lobato), este oferece um notável campo de ensinamentos úteis e conceitos interessantes, mas nada indica sistematização didática; sua tônica, para as crianças, é o jogo lúdico; a aventura e a ação, o fantástico e o humor. Enquanto em outra dimensão o autor extravasa o seu desencanto que, apesar de tudo, não é senão um grande desabafo, num profundo apelo de Paz e de Fraternidade... E, afinal, Emília repôs a chave do tamanho em seu antigo lugar. (p.150)

DANTAS, Paulo (org.) *Vozes do tempo de Lobato*. São Paulo: Traço, 1982.

Em *Vozes do tempo de Lobato*, obra em que o organizador tem em vista “formar uma antologia de caráter histórico e bibliográfico sobre a vida e a obra de Lobato” (p.09), Dantas afirma, no texto que abre a coletânea, que “no ramo da literatura infantil, entre nós, não existe livro mais político ou nacionalista do que o delicioso ‘*O poço do Visconde*’, sem deixar de lado ‘*A Chave do Tamanho*’ ou ‘*O Dom Quixote das crianças*’ ou ‘*A Reforma da Natureza*’” (p.27). Embora faça apenas essa observação sobre *A chave do tamanho*, notamos que Dantas faz uma rápida apreciação sobre a obra, referindo-se ao prazer da leitura dos quatro livros a que se refere, além de apontar certo caráter ideológico/político, sem, contudo, fazer qualquer comentário sobre esse aspecto.

SANDRONI, Laura C. A função transgressora de Emília no universo do picapau amarelo. *Letras de hoje*. nº 49. set. 1982. p.87-96.

A proposta deste texto, verificar a função transgressora de Emília no universo do Picapau Amarelo, é realizada pela autora através do estudo de três títulos: *Reinações de Narizinho* – primeiro livro da série, onde os personagens são apresentados; *A reforma da natureza* e *A chave*

do tamanho – livros em que Emília é protagonista não só na história, mas também da História mesma, “propondo-se”, escreve Sandroni, “sobretudo no primeiro, a transformar radicalmente o processo econômico-social da civilização ocidental que ali é posto em questão” (p.87).

Ao longo do texto, a autora vai revelando a “transgressão” de Emília: “através dela [de Emília] Lobato revê a moral tradicional, as regras estabelecidas assegurando ao indivíduo o direito de divergir; de ter opinião própria a partir de experiências vivenciadas” (p.92).

E, já na conclusão, Sandroni realiza um breve comentário sobre a obra:

Uma das leituras possíveis de **A chave do tamanho** é aquela que coloca Emília frontalmente contra uma sociedade da qual o dinheiro é a mola. Ao perceber o resultado inesperado de sua ação, que tornou a humanidade pequena, vê nesta situação uma perspectiva nova e se posiciona decididamente contra o tamanho, ou seja, a favor de uma mudança radical das estruturas sociais vigentes. (p.94)

VASCONCELLOS, Zinda Maria Carvalho de. *O universo ideológico da obra infantil de Monteiro Lobato*. São Paulo: Traço, 1982.

Abordando toda a obra infantil de Lobato num trabalho panorâmico que focaliza as ideologias presentes na produção lobatiana, Vasconcelos afirma que, tal como *O poço do Visconde*, *A chave do tamanho* é um livro utópico:

Também é um livro utópico, que apresenta um sonho de sociedade. Mas essa sociedade ideal é posta francamente no plano da fantasia, não é uma “solução preconizada”: não passa de uma contraposição crítica à sociedade real, e não propriamente a do

Brasil, dessa vez, mas exatamente a dos países desenvolvidos, em geral tão admirados por Lobato. (p.89)

A autora faz um breve resumo da história e destaca a questão do “engano” de Emília ao abaixar a chave, pois, segundo ela, a intenção de iniciar uma nova civilização já estaria presente em obras anteriores:

(...) O “engano” é muito simbólico. Em *A reforma da natureza* o tamanho é dado como a causa das guerras, e há referências à progressiva extinção dos animais grandes, ao passo que o número dos pequenos estaria aumentando. E já vimos, na *História das invenções*, a comparação dos grandes sáurios, ex-reis da criação que teriam crescido demais e acabado por se extinguir, como as grandes potências, que também estariam destinadas a se destruírem por excesso de armamento. (p.89)

Vasconcelos não se esquece, em nota de rodapé, de chamar a atenção para o significado da “chave”:

Não nos podemos esquecer, também, do significado simbólico que o tamanho pode adquirir em um livro destinado a crianças... Afinal, o livro mostra o mundo tal como seria visto da perspectiva de seres muito menores, como, sem chegar à escala em que a obra imagina isso, é efetivamente o modo como as crianças o vêem... Aliás, no livro, se o tamanho é o adversário, a causa das guerras, são as crianças que representam a adaptação fácil à nova ordem de idéias, à nova sociedade possível... Mais de uma vez, na obra de Lobato, as crianças representam a esperança de um mundo diferente, de uma ordem justa; também em *A reforma da natureza* o

mundo da infância é contraposto ao das guerras; e *Peter Pan*, que Lobato praticamente recriou, é um grito de confiança na juventude – como aliás sua obra toda. (p.89)

Assim, a idéia do tamanho como forma de poder e decadência da humanidade já teria aparecido anteriormente, em outras obras, e a utopia de sociedade se apresenta de forma marcante, considerando que em *A chave do tamanho* “o sonho de uma sociedade dirigida por “pessoas esclarecidas” está claramente exposto [...] na representação da utópica cidade de Pail City, dirigida por um sábio” (p.113).

ZILBERMAN, Regina. Monteiro Lobato e a aventura do imaginário. *Letras de hoje*. nº 49. set. 1982. p.40, p.43.

Em seu texto Zilberman destaca o momento histórico entre os elementos constituintes da narrativa de *A chave do tamanho*:

Que todavia o real cobrou sua dívida, impondo uma fronteira à ação ilimitada dos heróis, verifica-se em *A chave do tamanho*, texto onde o presente é tão vivo, que incorpora o evento mais palpitante do período em que foi escrito – a guerra européia. (p.40)

Passando-se os eventos à época da guerra, quando Londres era bombardeada e a Rússia invadida, respectivamente pela aviação e exército nazistas, *A chave do tamanho* parece ser, juntamente talvez com *O poço do Visconde*, o livro em que Lobato foi mais sensível às ocorrências contemporâneas a que assistia. Emília toma as dores do mundo e decide, com um único golpe, dar fim ao morticínio. Ocasiona outra, que consome até alguns vizinhos do

sítio, mas de suas conseqüências poderia nascer uma nova humanidade. (p.43)

Além do momento histórico, a autora destaca a estética realista como elemento estrutural da obra, estética que o impediu de deixar a humanidade reduzida, pois “não podia trapacear com a realidade, que era sua e do leitor” (p.44) e acrescenta:

[...] De modo que, mesmo sonhando-a ou tentando modificá-la, não pôde evitar uma cobrança ulterior. E esta veio sob a forma de uma estética – a do realismo, a que mesmo o gênero para crianças precisa se sujeitar, sob pena de pôr a perder sua validade literária. Configura-se nestes termos o perímetro do círculo dentro do qual se desenvolve a criação de Lobato, abrigando dentro dele não apenas um modelo de mundo imaginário, mas também a opção estética que permite traduzi-lo. (p.44)

Por fim, a autora identifica a obra lobatiana como portadora de uma utopia de Brasil o que, em *A chave do tamanho*, junta-se a reivindicação de “um espaço para a liberação da criatividade e da inteligência” (p.44).

1983

FARIA, Maria Alice de Oliveira. A “imaginação miniaturizante” em *A Chave do Tamanho*. Stylos. São José do Rio Preto: Unesp/IBILCE, 1983.

Neste texto a autora faz uma análise da obra tendo como referência teórica *A poética do espaço*, de Gaston Bachelard, e elegendo, assim, o espaço da aventura lobatiana como foco de seu trabalho.

Segundo Faria, Lobato realiza o encontro de duas vertentes em *A chave do tamanho*: uma, relacionada ao “aproveitamento das histórias tradicionais do Pequeno Polegar a Gulliver, que adaptou e em particular de *A Alice no país das maravilhas*, que traduziu” (p.02); outra, relacionada a “sua criação original do mundo miniaturizado” (p.02).

O motivo de *A chave do tamanho* manter sua atração sobre os leitores, escreve a autora, “é porque Lobato consegue aí participar completamente dos principais arquétipos que compõem a tradição do devaneio miniaturizante” (p.03). Sua análise do espaço destaca a complexidade do mundo miniaturizado e a dialética do pequeno/grande, temas dos quais Lobato se serviu em sua obra.

A autora aponta, ainda, certo sadismo do texto diante da catástrofe universal, o que está de acordo com as concepções filosóficas e científicas de Lobato (darwinismo e positivismo), as quais compõem “o aspecto mais ultrapassado, ‘datado’, de sua obra” (p.09). Para Faria, *A chave do tamanho* é, também, um pretexto para o autor criticar fatos e ideologias ligadas à Segunda Guerra Mundial e expor sua admiração pelo povo norte-americano.

Valorizando a inteligência, essa obra lobatiana insiste na idéia do relativismo dos valores humanos, o que, contudo, se apresenta, em geral, como “uma mensagem de esperança, apesar da guerra que matava e destruía” (p.14), escreve a autora. Enfim, ela concebe a obra como “um livro político. E Lobato leva pra frente o velho preceito de que a leitura deve sempre instruir...” (p.15).

1985

LAJOLO, Marisa, ZILBERMAN, Regina. *Literatura Infantil Brasileira: História & Histórias*. 2. ed. São Paulo: Ática, 1985. p.57.

Zilberman e Lajolo apresentam a história da literatura infantil brasileira, destacando os autores mais representativos de cada momento. Lobato aparece com destaque, uma vez que “entre estes dois limites cronológicos, 1920-1945, toma corpo a produção literária para crianças” e, quanto ao escritor que “abre o período com um *best-seller*, o sucesso não o abandona; nem a ele, nem ao gênero a que se consagra” (p.46). Em relação a *A chave do tamanho*, elas a identificam, como Zilberman já havia feito em seu texto de 1982, como um livro de utopia:

Naquela obra [*O poço do Visconde*] fica evidente o caráter metafórico do sítio. Ele é integralmente o Brasil, estando embutido nele tudo que Monteiro Lobato queria representar da pátria. Em *A chave do tamanho*, ele repete o processo, assim como em *O Picapau Amarelo*, o sítio significa cada vez mais o mundo como Lobato gostaria que fosse. (p.57)

Assim, o processo de idealização projetada no sítio que, quanto ao Brasil, vislumbra o desenvolvimento de um país rico, produtivo, independente, também ocorre em *A chave do tamanho*. Porém, esse processo agora diz respeito à própria humanidade, “o mundo como Lobato gostaria que fosse”.

1986

CAMPOS, André Luiz Vieira de. *A República do Picapau Amarelo* – uma leitura de Monteiro Lobato. São Paulo: Martins Fontes, 1986. (Coleção leituras).

O confronto entre aspectos positivos e negativos do mundo moderno também aparece no texto de Campos, para quem *A chave do tamanho* apresenta uma ambigüidade no tratamento do

progresso, o que é resultado de duas vertentes antagônicas do evolucionismo: o pessimismo e o otimismo.

A origem e a natureza dessa ambigüidade podem ser abordados, de acordo com o autor, por três caminhos diferentes: o primeiro se refere à formação intelectual de Lobato, influenciado pela leitura de Spencer e Nietzsche, entre outros; o segundo, ao contexto histórico marcado pela crise do capitalismo; o terceiro, aos problemas pessoais e familiares, como a perda do filho Edgar, e a prisão no final da década de 30.

No início do texto, Campos afirma que Lobato “viveu e sofreu intensamente as duas guerras mundiais, principalmente a segunda” (p.147), sendo esta “pano de fundo” para *A chave do tamanho*. Assim, nesta obra o escritor “constrói o sonho de uma sociedade natural em oposição à sociedade real, com a diferença que, desta vez, a crítica não é dirigida ao Brasil, mas às sociedades industriais que Lobato tanto admirava” (p.148). Campos acrescenta que essa ambigüidade está presente em diversos textos de Lobato e que há “uma tensão constante entre uma crença otimista no progresso e uma atitude pessimista, geralmente associada à guerra, atribuída ora à natureza humana, ora aos interesses de classe” (p.162).

Destacam-se, portanto, na obra de Campos, a concepção de *A chave do tamanho* como uma obra de ambigüidade, situada entre o pessimismo e o otimismo, e também a valorização do texto lobatiano, o que percebemos na seguinte passagem:

Constatamos, na obra de Lobato, uma ambigüidade resultante da presença dessas duas vertentes do evolucionismo. Embora seja marcante em sua obra a visão otimista do progresso, não se pode ignorar o lado pessimista de sua produção intelectual, revelado principalmente no significado de um livro da importância de *A Chave do Tamanho*. (p.152)

Embora valorize a obra com a expressão “um livro da importância de *A chave do tamanho*”, o autor não realiza nenhuma abordagem que justifique a importância deste texto lobatiano nem no contexto da obra de Lobato nem no contexto da literatura infanto-juvenil brasileira.

PALO, Maria José; Maria Rosa D. *Literatura infantil: voz de criança*. São Paulo: Ática, 1986.

Ao abordar os elementos narrativos das histórias infantis, as autoras citam *A chave do tamanho* no tópico referente aos “modos de incorporação do padrão de oralidade. Focalizando os aspectos lingüísticos do texto, elas afirmam que a obra é “um bom exemplo” do emprego do léxico oral na sintaxe da escrita, e assim a caracterizam:

Um bom exemplo é a produção de Monteiro Lobato, em especial *A chave do tamanho*, alegoria construída para analisar as estruturas de poder numa de suas ocorrências: a guerra (a Primeira Guerra Mundial de 1914). Hitler, o Governo Americano e o Russo, o Coronelismo brasileiro são desarticulados por uma mera redução de tamanho; reversão que dá aos grandes e poderosos a pequenez dos dominados e a estes, subitamente, se acena com a possibilidade de domínio. (p.46)

O discurso alegórico, então, permite ao autor articular a narrativa de forma que os esquemas da oralidade coloquem em discussão a simbologia do poder. Esses esquemas aproximam a fala de Emília da linguagem infantil, uma estratégia para capturar o leitor-criança “para uma outra significação: a crítica a uma ideologia de poder; pedaços do falar infantil no entremeio de um discurso ideológico” (p.47).

As autoras ainda destacam o intertexto com a Alice de Carroll, mas ressaltam que é um “diálogo de superfície a nível de algumas inserções temáticas e lexicais (certas expressões que Alice construía – “muito estranhíssimo” – e que Emília reproduz sem o mesmo estranhamento)” (p.48).

1988

CAMENIETZKI, Carlos Ziller. *O saber impotente*. Rio de Janeiro: FGV, 1988. Dissertação de Mestrado.

A tese de Camenietzki,, abordando a valorização da ciência e do saber que permeiam a obra infantil de Lobato, vê em *A chave do tamanho* uma fase em que o escritor não concebe o conhecimento nem como intrinsecamente bom, nem como intrinsecamente ruim: “o nocivo”, neste momento, “não é o saber, a ciência, e sim o seu uso” (p.44).

Para abordar o livro do qual se trata, que está inserido numa seção denominada “O Saber Malversado”, Camenietzki faz um resumo da história em que aparecem pelo menos dois juízos a respeito de *A chave do tamanho*. O primeiro pode ser observado pela expressão “é um livro notável” (p.40), o que, de acordo com o autor, já se verifica por ser o único livro infantil em que Lobato escreve uma “explicação necessária” na abertura da obra. O segundo é identificado pela seguinte passagem: “Lobato pôs em seu universo uma verdadeira carnificina, fala com certos requintes de sadismo do enorme devorar que a passarada realizou sobre a humanidade apequenada” (p.41).

Ainda contando a história de *A chave do tamanho*, o autor se refere a determinada fala de Emília, que critica o Visconde por ele se mostrar preocupado com a carnificina causada pela diminuição do tamanho (“Eu até me admiro de ver um sábio com cartolão desse tamanho

defender um mundo de ditadores, cada qual pior que o outro”¹⁵) por meio de uma frase de conotação negativa: “lá pelas tantas sobra essa pérola” (p.42).

Após analisar a questão do conhecimento, objeto de estudo da Dissertação, o autor caracteriza *A chave do tamanho* da seguinte forma:

[...] *A Chave do Tamanho* é um livro escatológico no qual Lobato faz extenso uso de humor negro, como na passagem do Rabicó antropófago ou no momento do retorno ao tamanho antigo (ele fala das milhares de pessoas esmagadas dentro das frestinhas nas quais se esconderam). Contudo ele não poupa ironias: “*O problema número um do governo americano, problema que tinha vindo substituir o da luta contra a Alemanha, era fechar a janela da sala e manter o fogo da lareira*”. (p.44)

Assim, apesar de ser um livro “notável”, *A chave do tamanho* apresenta traços negativos, de acordo com Camenietzki, como certo sadismo no tratamento dos personagens, o que, junto com a ironia e o humor negro dão um caráter escatológico à obra.

KUPSTAS, Marcia. *Monteiro Lobato*. São Paulo: Ática, 1988.

Kupstas, em *Monteiro Lobato*, obra de caráter panorâmico sobre o autor e sua produção, também identifica *A chave do tamanho* com um traço negativo, afirmando que seu texto é violento ao menos em dois momentos. O primeiro, após ter questionado a questão da permanência da obra por seu fundo histórico, apresenta-se assim:

Violência: A crítica de Lobato ao mundo dos adultos, em sua obra infantil, não poucas vezes é violenta. *A chave do tamanho* é

¹⁵ Na 42ª edição, de 1997, p.45.

exemplo típico disso: querendo fechar a “chave da guerra”, Emília acaba puxando a chave do tamanho e reduzindo a humanidade ao tamanho de insetos. Mesmo sabendo que milhões de homens viriam a morrer por não se adaptarem às novas condições, a boneca insiste em manter a situação desse jeito. Defende-se dizendo: “ou acabo com a guerra e com esses ódios que estragam a vida, ou acabo com a espécie humana”. (p..52)

Se nesse momento a violência é abordada em relação ao tratamento dado aos adultos, ela aparece de forma mais caracterizadora a seguir:

Morar no sítio: Essas questões – a valorização da cultura norte-americana, o egocentrismo de Emília, a defesa de soluções radicais – mesmo que violentas – pode marcar a obra de Lobato como um modelo negativo à criança.

Porém, é necessário frisar que a obra de Lobato não é uma passagem de livro. Não é *uma* atitude. A chave do tamanho é um livro violento – como violenta era a guerra que estava acontecendo em 39/45. Afora esse livro, outros há que são atualíssimos – as *Fábulas*, por exemplo, com a possibilidade crítica das crianças sobre as velhas moralidades. Ou a presença do maravilhoso incorporado ao real, em tantos livros. São esses valores que continuam válidos em Lobato. (p.53-54)

Embora esteja de acordo com o momento em que foi escrita, como lembra a autora, Kupstas destaca o caráter violento da obra: “*A chave do tamanho* é um livro violento”, afirmação que justifica seu questionamento sobre Lobato como modelo negativo para crianças. A comparação feita com *Fábulas* evidencia ainda mais o caráter negativo de *A chave do tamanho*, dado que são obras como aquela as portadoras de “valores que continuam válidos em Lobato”, e não obras como esta, conseqüentemente.

1992

FRIAS FILHO, Otavio, CHAGA, Marco Antonio. *Monteiro Lobato*. Chapecó: Grifo, 1992. 72p. (Contadores de Histórias).

Não a considerando como alegoria, mas como “libelo pacifista”, Otavio Frias Filho e Marco Antonio Chaga apontam *A chave do tamanho* como, possivelmente, o melhor dos livros infantis de Lobato:

Mais do que em qualquer outro personagem, na Emília estão plasmados o senso de pressa utilitária de Lobato e a tática do “atalho”, do salto que passa por cima das normas e instituições para ir diretamente ao que importa. Não seria impossível associá-la, feitas todas as ressalvas de praxe, às tentações do desenvolvimento autoritário que se tornaram freqüentes entre os anos 30 e o regime militar instaurado em 64. Por essa ou por outra razão, Lobato, que foi molestado e passou três meses na cadeia durante o Estado Novo, escreveu dois livros aparentemente destinados a corrigir Emília, “A Chave do Tamanho” – talvez o melhor de todos – e “A Reforma da Natureza”.

O primeiro é um libelo pacifista em que uma “reinação” de Emília acaba com a Segunda Guerra Mundial ao preço de quase destruir a civilização humana, provocando de permeio centenas de milhares de mortes [...]. (p.72)

É interessante observar que os autores fazem uma associação original – o mandonismo de Emília refletindo o clima de desenvolvimento autoritário dos anos 30, uma correlação que leva ao relativismo de um texto que, sendo um “libelo pacifista”, tem uma protagonista associada ao autoritarismo dos anos em que viveu o autor.

Ainda podemos ver que, embora *A chave do tamanho* possa ser “o melhor de todos”, os autores não nos indicam nenhum elemento que justifica tal juízo de valor.

STAROBINAS, LÍLIAN. *O caleidoscópio da modernização*: discutindo a atuação de Monteiro Lobato. São Paulo: USP/FFLCH, 1992. Dissertação de Mestrado.

De acordo com a autora, esta dissertação tem como objetivo analisar a dinâmica do tema “modernização” na obra lobatiana. Escreve ela:

[...] Versando sobre temas fragmentados, de inúmeras colorações, que surgem, desaparecem e rearranjam-se em múltiplas formas, Lobato se faz sempre acompanhar da expectativa da modernização. Às vezes, ansiando por ela; outras fascinado por sua materialização, agoniado por sua demora ou deprimido pelas conseqüências desta, o tema da modernização constitui uma preocupação permanente, que se tornou quase uma marca de sua observação. (p.I-II)

Abordando *A chave do tamanho* e *A Reforma da Natureza*, Starobinas afirma que foram textos produzidos durante a Segunda Guerra Mundial e, assim, “traduzem a reação de descrença que toma Lobato, que começa a relativizar os grandes feitos da humanidade e a questionar moralmente as grandes potências” (p.129). Escreve a autora:

O engano da boneca, ao inverter a chave do tamanho, da dimensão humana, termina por manifestar a futilidade das glórias dos homens e a máscara da onipotência destes. A fantasia do acesso às funções reguladoras do comportamento humano se materializa no faz-de-conta do Sítio e abre as portas às elocubrações sobre alternativas. (p.130)

Starobinas destaca, ainda, o ceticismo de Lobato, resultado da prisão e desilusão:

Neste momento de forte ceticismo, quando se recuperava dos choques representados pelo processo e pela prisão, além do desencanto com seus ídolos tão civilizados, Lobato manifestava-se através do meio com o qual podia fazer alguma coisa. De sua impotência como indivíduo surgia a subversão da natureza, na literatura: não suportando ficar calado, ele remetia suas personagens para cumprirem as tarefas que gostaria de empreender. (p.131)

Finalizando, a autora escreve que em *A chave do tamanho* e *A Reforma da Natureza* Lobato faz uma revisão da natureza e “insere as crianças no debate da relativização dos pontos que por ele, anteriormente, eram tidos quase como sagrados” (p.133).

1995

MELLONI, Rosa Maria. *O imaginário e o ideário de Monteiro Lobato: um estudo antropológico*. São Paulo: USP/FE, 1995. 2v. Tese de Doutorado.

Neste trabalho, a autora empreende uma pesquisa sobre os mitos construídos por Lobato, entendendo que ele “desejando, ou não, construía uma imagem ideal e imaginada de homem e de seu meio, isto é, construía uma antropologia que merecia ser resgatada ou pelo menos desvelada” (p.07). Para isso, Melloni recorre à mitocrítica, de Gilbert Durand, apropriando-se de um método do qual faz “um uso livre em parte ligado às exigências do conteúdo de Lobato, e em parte ligado a conceitos emergentes de Durand, de Bachelard e de Maffesoli” (p.08).

Sob a perspectiva antropológica, a obra lobatiana é analisada quanto aos símbolos e mitos revelados pela mitocrítica – “crítica de um texto que se esforça por colocar a descoberto o que há por detrás desse texto” (p.09), e também pela mitanálise – uma deslocação dos métodos mitocríticos que “resvala para o campo do aparelho ou das instituições ou das práticas sociais” (p.14). Após analisar a obra “adulta”, Melloni aborda os textos infantis, momento em que aparece *A chave do tamanho*. A obra é dada como exemplo de que as diversões da mudança de tamanho são o mesmo que mudar de perspectiva o mundo da realidade e isso dá “ensejo a mutações dos estados de consciência os quais abrem as portas para o mundo imaginário” (p.451).

Na conclusão do trabalho, referindo-se novamente à mudança de tamanho como elemento propiciador para a mutação dos estados de consciência, a autora afirma que *A chave do tamanho* “é o exemplo mais dramático” (p.559) do mito da transformação, embora este permaneça por toda a obra lobatiana. Enfim, na tese de Melloni *A chave do tamanho* se mostra como obra relevante por estar ligada ao devaneio, ao ideário de mudança cultivado por Lobato.

1996

APÓSTOLO NETTO, José. O discurso cientificista no livro *A Chave do Tamanho* de Monteiro Lobato. *Pós-História*. Assis: Unesp/FCL, 1996. nº 04. p.45-66.

Enfocando o conteúdo científico da obra, Netto utiliza o conceito filosófico de *Zeitgeist* e tem como referência teórica a obra “Reflexões sobre o romance moderno”, de Anatol Rosenfeld, para empreender uma análise das relações entre ciência e literatura presentes em *A chave do tamanho*.

Segundo o autor, Lobato manifesta concepções positivistas, tanto na forma quanto no conteúdo do discurso: “o discurso científico aqui funciona ao mesmo tempo como matéria e

elemento formal” (p.49). Netto identifica, no que diz respeito à forma, uma linguagem referencializada, com abundante uso do pretérito perfeito e emprego da terceira pessoa, expedientes próprios do discurso cientificista que se pretende objetivo e neutro. Quanto ao conteúdo, abundam os assuntos do mundo biológico de acordo com uma perspectiva que mostra, comprova, descreve, classifica, afirma e ensina. Aparecem, segundo o autor, “conceitos fundamentais do evolucionismo, do determinismo, da entomologia e da mecânica newtoniana” (p.58).

Ao final do texto, o autor destaca a “visão mecanicista newtoniana baseada na idéia de tempo e espaço absolutos de Euclides” (p.60), uma vez que, mesmo após a redução, Emília continua a perceber o mundo de um ponto de vista tridimensional e lógico-causal, o que, para Netto, pode ser o “indício de outra leitura possível do livro *A Chave do Tamanho*” (p.63).

ARAPIRACA, Mary de Andrade. *Prólogo de uma Paidéia Lobatiana fundada no fazer especulativo: A chave do tamanho*. Bahia: UFBA/FE, 1996. Tese de Doutorado.

A autora aborda a obra, como o próprio título já esclarece, no âmbito do fazer especulativo, sendo o objetivo do trabalho a análise desse fazer como elemento fundamental da paidéia lobatiana, o que, de acordo com a autora, pode contribuir para orientação de leitura do texto de Lobato no meio escolar.

Como características da obra, Arapiraca ressalta o expediente iluminista, com a apresentação das possibilidades e perigos inesgotáveis da ciência, e a linguagem dialógica. De acordo com a autora, o livro incorpora: a) debate acerca da arbitrariedade da guerra e suas terríveis conseqüências sobre a humanidade; b) inconformismo com a situação posta; c) utopia da

reconstrução social; d) perspectiva vanguardista de inserir a arte no movimento de denúncia e crítica da realidade social; e) ponto de vista educacional – pressupostos da ciência positiva, método experimentalista, com ideário liberal do movimento escolanovista. Assim, a tese do trabalho é a seguinte:

O livro *A chave do tamanho* pode ser entendido como um modo de processar compreensão e conhecimento, que se constitui a partir do fazer investigador da protagonista da narrativa através do qual canais de entendimento em relação à criança e seus caminhos educacionais poderão ser ampliados (p.79).

A autora lembra, ainda, que a obra reflete o momento histórico em que foi escrita e, finalizando, escreve que “verifica-se, da nossa compreensão do texto em estudo, que o desenvolvimento do fazer investigador para produzir conhecimento pode ser lido como a marca fundamental de *A chave do tamanho* de Monteiro Lobato” (p.117-118).

BARBOSA, Alaor. *O ficcionista Monteiro Lobato*. São Paulo: Brasiliense, 1996.

Em um texto de caráter mais pessoal, Alaor Barbosa comenta a relevância de *A chave do tamanho* como texto primoroso, no momento em que afirma que o ideal de clareza e objetividade Lobato “também o conseguiu nos textos primorosos, o tempo quase todo perfeitos, irretocáveis, dos livros *O Minotauro* e *A chave do tamanho*” (p.54). E acrescenta, ao escrever sobre a raridade com que Lobato alcançou a “outra margem” do criar, “aquele ponto em que o artista sente-se livre de tudo o que tinha dentro de si, por o haver posto para fora” (p.108), que:

[...] Lendo-se Monteiro Lobato (e os demais companheiros dele que publicaram textos literários), sente-se que ele não alcançou

esse ponto, a não ser em alguns contos e em dois ou três livros – talvez *A chave do tamanho*, talvez *Os doze trabalhos de Hércules*, talvez *O minotauro*.... com certeza em muitos trechos magistrais de *Reinações de Narizinho*. (p.108)

Assim, mais uma vez *A chave do tamanho* é destacada entre as outras obras do escritor sem, no entanto, que se apresente uma justificativa para seu texto “primoroso”.

BERTOZZO, Sandra M. Giovanetti. *Revendo Monteiro Lobato: vida e obra, de Edgar Cavalheiro: uma leitura de Monteiro Lobato*. Assis: Unesp, 1996. Dissertação de Mestrado.

Neste trabalho a autora, no tópico em que revê a bibliografia de Cavalheiro referente a *A chave do tamanho*, apenas retoma os conceitos do biógrafo:

Segundo Edgar Cavalheiro, esta obra, depois de **Reinações de Narizinho**, é aquela pela qual Monteiro Lobato tinha maior apreço e julgava ser sua última aventura, quando, na realidade, não o foi, pois publicou posteriormente ainda **Os doze Trabalhos de Hércules**. Escreveu-a aos 60 (sessenta) anos de idade, numa época de grandes amarguras: mal havia saído da cadeia, o filho encontrava-se doente e a situação do Brasil e do mundo democrático não ia nada bem. Nesta história, através da personagem Emília, que destrói temporariamente o tamanho das criaturas humanas, o autor procura muito mais do que apenas divertir a criança; pretende, de maneira pitoresca, demonstrar o princípio da relatividade das coisas. Nas palavras do crítico, “*O livrinho, embora sendo todo um compendio de úteis ensinamentos, não oculta, porém, amargo pessimismo com relação ao futuro*” (Cavalheiro, vol.2, p.170).

A autora retoma, então, o contexto de produção de *A chave do tamanho* – idade, prisão, doença do filho, problemas políticos – bem como os aspectos lúdico e didático da obra, divertindo e demonstrando “o princípio da relatividade das coisas”.

MERZ, Hilda Junqueira Villela et al. *Histórico e resenhas da obra infantil de Monteiro Lobato*. São Paulo: Brasiliense, 1996.

Outro trabalho que nos remete às considerações de Cavaleiro é o de Merz, no qual se reafirma a ligação de *A chave do tamanho* com um momento difícil da vida do escritor:

Escrito durante a Segunda Guerra Mundial, reflete a tristeza de Dona Benta com o conflito, sentimento do próprio Lobato. Mesmo assim, as crianças se divertem com o livro, que mostra a relatividade dos valores humanos e ensina Política, organização social e muito mais. O plebiscito que acontece na cômoda de D. Benta é exemplo de democracia e demonstra o que muito discurso político não consegue explicar. Os adultos também poderão descobrir a filosofia contida na história. (p.57)

A autora também destaca o aspecto pedagógico da obra que, de acordo com ela, traz ensinamentos e/ou princípios políticos e filosóficos.

OLIVEIRA, Jucimar Cunha Ribeiro de. *A chave do tamanho: um mundo às avessas*. Juiz de Fora: UFJF, 1996. Dissertação de Mestrado.

Fazendo, em um primeiro momento, um histórico de algumas teorias críticas desde a Antiguidade Clássica até o mundo contemporâneo, a autora propõe a “análise de um texto infantil às avessas” (p.01) a fim de mostrar a origem da literatura infantil e da crítica literária.

Após esboçar uma teoria da estética da recepção, o que a autora faz partindo da estética do efeito de Wolfgang Iser, “com a qual poder-se-á perceber e aplicar o jogo entre realidade, ficção e imaginário na elaboração do texto infantil” (p.02), Oliveira analisa “o mundo às avessas na recepção do texto lobatiano *A chave do tamanho*, aplicando-lhe as teorias sobre estética da recepção” (p.02).

Se através do faz-de-conta, do “como se”, o mundo da ficção se torna real, “as transgressões em prol de um bom relacionamento entre os fatos e personagens do texto literário são encontrados na narrativa ficcional infantil” (p.50). Assim, em *A chave do tamanho*, há uma preocupação com o real que está inserido como elemento narrativo do mundo irreal:

[...] A quebra de qualquer fronteira é mostrada por Monteiro Lobato de forma mágica. Emília serve de isca para a realização do sonho infantil, ou seja, é através desta personagem que Lobato ousa avançar qualquer sinal, correr atrás do sonho, da fantasia e resolver todos os problemas, que aparecem ou possam aparecer no Sítio do Picapau Amarelo, local de paz, harmonia e muita alegria. Onde tudo acontece e tudo é possível, pois lá a infância é uma constante literatura, é mágica e sensível como qualquer criança o é. (p.50/51)

Isso faz com que a recepção do texto, de acordo com Oliveira, se torne muito mais agradável, “permitindo aos leitores, com suas múltiplas interpretações, uma participação mais ativa no texto” (p.51).

Com base na teoria do mundo às avessas de Curtius e na estética da recepção de Iser, Oliveira afirma que “em *A chave do tamanho*, Lobato mostra, com clareza, a realização do mundo imaginário dentro de uma obra literária, permitindo ao leitor fazer parte do universo criado, imaginado, vivido, questionado e alterado pelas personagens que aparecem na história” (p.54).

O início da obra, em que se repete um acontecimento real no texto ficcional – a notícia de bombardeio de Londres – revela já “uma transgressão de limites que se realiza no imaginário do escritor e do leitor” (p.55). É através de Emília, afirma a autora, que Lobato “transforma o cotidiano do Sítio do Picapau Amarelo em um universo cheio de imagens e fantasias” (p.55), fazendo do mundo real uma irrealização. Assim, ao abaixar a chave do tamanho, instaura-se o mundo às avessas, “dando ao leitor a oportunidade de entrar e participar de uma nova realidade – a realidade do imaginário no texto ficcional” (p.57). Oliveira acrescenta:

Em *A chave do tamanho*, Monteiro Lobato parte da realidade vivencial para criar e mostrar sua intenção, sua visão de mundo. O autor leva o leitor a questionar o porquê da guerra, da cobiça e da condição de vida que o homem cria para ele mesmo. Uma criança, com sua pureza e paz natural, não quer e não vai aceitar a discórdia universal. Não entende o que isto significa. (p.58)

O mundo imaginário criado por Emília passa a ser a nova realidade vivida pelos personagens de *A chave do tamanho*. A adaptação à mudança do tamanho e a luta pela sobrevivência são mostradas sob uma visão crítica, questionadora, que leva o leitor a descobrir a importância das pequenas coisas. (p.59)

Lobato, segundo a autora, “ao colocar o mundo às avessas, tentou mostrar a maneira como uma criança pode interpretar e ver um acontecimento que afete negativamente toda a humanidade” (p.59), realidade da narrativa que “demonstra um repúdio, um descontentamento ao mundo real. Tudo é colocado às avessas pela mão de uma personagem às avessas” (p.64).

Concluindo, escreve a autora:

[...] O descontentamento de uma personagem de *A chave do tamanho* com a realidade vivencial vai levá-la a transformar o mundo, colocando-o às avessas. Este mundo ao contrário surge como uma proposta de transformação, sob a visão de uma criança, que também pensa e questiona todos os acontecimentos que possam causar medo da criança que quer modificar tudo o que não está funcionando bem no mundo real. A boneca dá ao pequeno leitor a oportunidade de entrar e viver no mundo do sonho, da fantasia, do irreal, do imaginário. É com este imaginário, rico de sonhos realizáveis e possibilidades de mudanças, que a personagem Emília vive o mundo às avessas e mostra ao leitor cada processo para a construção de um texto literário de ficção. (p.67/68)

1997

PENTEADO, J. Roberto Whitaker. *Os filhos de Lobato – o imaginário infantil na ideologia do adulto*. Rio de Janeiro: Qualitymark/Dunya Ed., 1997.

Penteado, em *Os filhos de Lobato*, traz à tona as possíveis implicações que a leitura de Lobato poderia ter sobre as crianças que cresceram ouvindo e lendo a produção do escritor. Abordando a obra infantil lobatiana a partir de seu conteúdo ideológico, a fim de verificar as

visões de mundo presentes em Lobato e em seus leitores, Penteadado faz uma breve análise de cada obra.

Sobre *A chave do tamanho*, o autor faz referência, de forma quase imperceptível, à relação da obra com as idéias positivistas do autor, chamando a atenção para a complexidade da história:

— *A tal “civilização” estava chegando ao fim (...) havia falhado, enveredado por um beco sem saída. Emília/Chave/78*

Esta última frase é tema central de *Chave*, e quem sabe fosse o de Lobato também. Afinal de contas, homens com quatro centímetros de altura – no mesmo ambiente no qual se desenvolveu uma civilização de seres 40 vezes maiores – constituem-se, de fato numa nova espécie inteligente. A idéia é bem mais engenhosa do que mudar a espécie como fazem escritores de ficção científica, para golfinhos, ou seres reptilescos, alterando-lhes as características de adaptabilidade. Nada mais que com a perda do tamanho, apenas, se está livre do fogo e do seu filho ferro, de uma infinidade de máquinas – “para que, meu Deus?” (**Emília/Chave, 139,140**). E a terra estará pronta para produzir uma nova Helade

A vida em Pail City era um encanto. Ninguém tinha pressa de nada. Iam construindo as coisas por prazer e não por necessidade. Chave/145

Mas muito embora Lobato, através de Emília, lamente que os olhos “modernos” de Pedrinho e do Visconde não tenham a capacidade de ver hamadriades, não se deve imaginar que o enigma que propõe seja possível de decifrar com uma única “chave”. (p.258)

Difícil de ser decifrada apenas “com uma única ‘chave’”, a obra é a mais convencionalmente “louca”, segundo o autor, e, Lobato, “compara a loucura fantástica com a loucura insanidade” (p.266). Afirmando que pode ser classificada como “ficção científica para o público infanto-juvenil” (p.201), Penteadado escreve, a seguir:

A Chave do Tamanho é um livro intrigante e talentoso e tem sido analisado por especialistas nos aspectos de forma literária e conteúdo ideológico. Lobato, numa das últimas cartas a Rangel, descreve o livro como “filosofia, que gente burra não entende”. É, segundo ele, “demonstração pitoresca do princípio da relatividade das coisas”. (p.202-203)

Livro “intrigante e talentoso”, *A chave do tamanho* também é mais uma vez lembrada como importante obra da série: “Na *Chave*, por exemplo, livro crucial da série, a humanidade perde o seu tamanho em razão de um ato de vontade individual (da Emília). Mas o recupera através de um democrático plebiscito.” (248).

Penteadado ainda cita a análise de Antonio Scavone, sem, contudo, explicar o porquê de *A chave do tamanho* ser “livro crucial da série”.

1998

FILIPOUSKI, Ana Mariza Ribeiro. A obra infanto-juvenil de Monteiro Lobato. *Revista da Biblioteca Mário de Andrade*. v.56. São Paulo: Secretaria Municipal de Cultura. Depto. de Bibliotecas Públicas. Jan./dez. 1998.

Com este texto, Filipouski, referindo-se a certo papel acessório desempenhado pelos personagens nas obras de caráter eminentemente didático de Lobato, afirma que:

[...] *A chave do tamanho*, partindo de um dado da realidade – a permanente existência de guerras no mundo – projeta-se para o futuro e leva a criança à reflexão, à busca de uma nova ordem, em que a lógica de uma vida em outras bases sociais, políticas e econômicas pode ser testada. (p.149)

Para a autora, como vimos, *A chave do tamanho* “projeta-se para o futuro e leva a criança à reflexão”, identificando a obra, assim, de forma positiva.

LEITE, Carmem Silva Martins. *Análise da narrativa carnavalesca A chave do tamanho, de Monteiro Lobato*. Juiz de Fora: UFJF, 1998. Dissertação Mestrado. 73p.

Tendo como referencial teórico a visão carnavalesca do mundo às avessas de Mikhail Bakhtin, a autora realiza uma análise estrutural de *A chave do tamanho*, obra em que se pode encontrar os elementos da sátira menipéica, destacando-se o fantástico.

Após uma breve análise dos elementos narrativos (enredo, espaço, tempo, foco narrativo e personagens), Leite afirma que:

A obra literária *A chave do tamanho*, de Monteiro Lobato, apresenta uma visão carnavalesca do mundo, quando a protagonista da estória, Emília, faz uma reviravolta no código estabelecido, instala o mundo às avessas, transgredindo os valores impostos pela ideologia dominante, em prol de mudanças. Poderíamos dizer que essa obra lobatiana é uma verdadeira sátira ao mundo em guerra. (p.41)

Para que se instale o mundo às avessas é necessário ataque e riso que “são as características primordiais presentes na carnavalização literária, que vão em busca de uma tentativa de correção das imperfeições não apenas do cidadão, mas da própria sociedade em que se encontra inserido” (p.42). Segundo a autora, em *A chave do tamanho* encontram-se as características dos gêneros sério-cômicos, sátira menipéia e diálogo socrático, de visão bakhtiniana, quais sejam: 1) estilo humorístico, com a presença de jogos de palavras, *nonsense*, ironia, absurdo e demais recursos inerentes ao cômico; 2) síncri-se, apresentando um confronto entre as posições filosóficas e as últimas questões da vida, no caso, o assunto dominante é a Segunda Guerra Mundial; 3) estrutura narrativa em três planos (inferno, purgatório e céu) – em *A chave do tamanho*, o inferno é representado pela desordem da redução; o purgatório, pela provação em meio às novas condições de vida; o céu, pela restauração da ordem (tamanho); 4) fantástico experimental, destacando-se que o símbolo básico da obra é a chave; 5) infração às regras do bom-tom; 6) presença dos oxímoros; 7) representação de estados psíquicos anormais; 8) presença de pluralidade de vozes; 9) abordagem de problemas sócio-políticos contemporâneos.

Ao tratar pormenorizadamente desses elementos, Leite afirma que o mundo grande e o pequeno, na obra, estão bem distanciados e a inversão acaba por valorizar o mundo infantil (pequeno). O símbolo da chave, objeto que abre a porta para o mundo às avessas, “nos remete à temática abordada no livro de Lobato, ou seja, a superação do problema da guerra em busca da felicidade perdida entre o avanço tecnológico mundial e a sua natureza primordial” (p.48). Ela ainda destaca a temática voltada para a ruptura de limite entre a matéria e o espírito, o que faz *A chave do tamanho* uma obra dialógica, pois nela “percebe-se um intercâmbio de limites, isto é, o plano do imaginário, do mundo do faz-de-conta, está sempre dialogando com o plano da realidade, isto é, o mundo em guerra” (p.50).

O intertexto também é uma característica da obra, pois, segundo a autora, “*As viagens de Gulliver*, de Swift, e a obra de Lobato *A chave do tamanho* possuem como elemento em comum o fantástico experimental, devido à questão do tamanho” (p.51). Esse experimentalismo pelo qual se faz observações por um ângulo de visão inusitado, está ligado às influências do positivismo (a autora cita o texto de Scavone, citado por Penteado), do evolucionismo e do pragmatismo norte-americano:

O fantástico experimental, utilizado em perfeita harmonia por Lobato na obra *A chave do tamanho*, apresenta-se numa lúdica combinação entre magia e realidade. Como pôde ser visto no estudo feito, o superpó do Visconde, fruto de pesquisas científicas, permitiu uma viagem ao mundo maravilhoso dos pequeninos. A própria modernidade e racionalidade sugerida pelo termo “superpó” aliada a sua carga mítica, o poder fantástico, resultam nesta narrativa lobatiana que tem como principal lema fazer com que a criança ou o próprio adulto utilize o conhecimento racional aliado à criatividade para tentar solucionar os seus problemas do dia a dia. (p.53)

Em *A chave do tamanho*, “são feitas propostas de reforma ao sistema tradicional estabelecido pela classe dominante” (p.53), o que também é reforçado pela citação de obras clássicas de idéias progressistas, como *Alice no país das maravilhas*, de Lewis Carroll, obra com a qual o texto lobatiano mantém em comum o realismo maravilhoso, afirma a autora. Ela ainda acrescenta, citando Khéde, a circunstância de que *A chave do tamanho* provém da biografia do autor.

Para Leite:

Em *A chave do tamanho*, Lobato joga de modo divertido e inteligente com a relatividade dos valores. Nota-se que a mudança de tamanho fez com que visualizassem o mau uso de nossa inteligência. Tudo o que o homem criou, foi feito de acordo com a sua necessidade. A revolução tecnológica dotou o ser humano de uma grande força, no entanto essa força não teve utilidade com a Ordem Nova. (p.57)

Exemplo de sátira menipéia, segundo a autora, *A chave do tamanho* apresenta uma pluralidade de vozes:

A chave do tamanho é uma obra pluralista, na qual o confronto de visões de mundo ou de ideologias, com relação à temática do poder, é transmitido pelas múltiplas vozes dos personagens que, numa visão bakhtiniana, devem ser personalidades que estejam num processo de formação. Portanto, Lobato busca, através de seu labor artístico, a formação ética, política e cultural do seu leitor, no caso, o público infantil e juvenil. (p.60)

Leite afirma ainda:

A chave do tamanho é uma narrativa construída para questionar as estruturas de poder na época da Segunda Guerra Mundial, que iniciou em 1939 e terminou em 1945. com a redução do tamanho, o ditador Hitler, o governo americano e o russo, assim como o coronelismo brasileiro vão ter o seu poder rebaixado. (p.61)

O mundo às avessas, em que o poder muda de mãos, se faz presente também na linguagem utilizada por Lobato, como escreve a autora:

A simbologia do poder é discutida na obra lobatiana *A chave do tamanho* em forma de diálogo, diretos e indiretos, e para isso o escritor utilizou em sua narrativa elementos da linguagem cotidiana do universo infantil de cunho carnavalizado, tal como o uso de hipérboles [...]. (p.61)

Apresentando um alto grau de espontaneidade, também podemos perceber a intratextualidade na obra lobatiana, pois no texto aparecem referências a outras obras do escritor, afirma Leite. A linguagem em *A chave do tamanho* é, pois, “carnavalizada, liberada e coloquial, de cunho dialógico” (p.63).

Enfim, concluindo a dissertação, a autora retoma o processo de carnavalização, o qual, em *A chave do tamanho*, “vai tornar possível a proximidade de pólos opostos e conflitantes, como o relacionamento proporcionado pela redução do tamanho, entre os detentores do poder e o povo” (p.65). Revendo os antigos valores, “a narrativa de Lobato propõe uma procura incessante pela verdade, sempre relativizada, a qual vai propiciar uma aliança bem integrada e harmoniosa da magia com a realidade, para que essa leitura seja prazerosa e sirva como estímulo na formação de uma criança mais crítica” (p.66).

2000

COELHO, Nelly Novaes. *Literatura infantil – teoria, análise, didática*. 1. ed. São Paulo: Moderna, 2000.

Coelho, em *Literatura infantil – teoria, análise, didática*, escrevendo sobre a ambigüidade do pensamento lobatiano, entre a ênfase no progresso e a crítica à exploração do homem pelo homem, afirma que essa ambigüidade está presente em *A chave do tamanho*, obra que a autora

identifica como “magnífica alegoria do mundo atual” (p.147). Embora a qualifique como “magnífica”, Coelho faz, logo em seguida, severa crítica à obra:

[...] Jogando de maneira divertida e incrivelmente inteligente, com a relatividade dos valores, Lobato cai, entretanto, em freqüentes distorções da verdade comum das coisas ou emite conceitos tão desumanos que espantam. Entre estes, está a enfática *aceitação da violência para obter a paz*. É o que Emília defende quando justifica que milhões de homens morram (por serem incapazes de se adaptar do dia para a noite ao terem sido reduzidos ao tamanho de insetos), para que não haja mais guerras. (Aliás, no que ela está muito bem acompanhada pelos dirigentes deste nosso mundo louco...) Por mais que a história nos tenha mostrado que isso é prática corrente entre os homens desde que o mundo é mundo, jamais uma literatura para crianças (ou para adultos!) poderá endossá-lo. (147-148)

Portadora de conceitos “tão desumanos”, *A chave do tamanho*, segundo a autora, contraria a própria natureza da arte, pois “a literatura ou as artes em geral, por mais que pretendam registrar a verdade do real..., nunca se afastam do ideal a ser alcançado, como meta do aperfeiçoamento que a humanidade busca há milênios” (p.148). A relatividade, principalmente no que diz respeito à noção de verdade e mentira, torna-se algo perigoso:

Como se vê, temos aí uma atitude cínica e perigosa que, embora corresponda a uma censurável prática cotidiana, não pode ser realisticamente dada como “valor” às crianças. Seria o caso de fornecermos às crianças e aos jovens, como modelos a serem seguidos, todos os desmandos e arbitrariedades de ação praticadas pelos adultos? *A Chave do Tamanho* não é, pois, um livro para crianças, mas para a meninada pré-adolescente... Leitura que,

entretanto, deve ser orientada para se transformar em matéria de análise e crítica do mundo atual e não apenas para entretenimento. (p.148)

Assim, para a autora, *A chave do tamanho*, apesar de certas qualidades literárias, é uma obra marcada por distorções de valores que podem servir de modelo negativo aos pequenos leitores – a obra é caracterizada, portando, de modo negativo.

2001

VIEIRA, Adriana Silene. *A chave do tamanho e as Viagens de Gulliver*. In.: IV Seminário Internacional de História da Literatura, 2001, Porto Alegre. (no prelo).

Comparando *A chave do tamanho*, de Lobato com *Gulliver's Travels*, de Swift, Vieira retoma a análise feita por Faria e afirma que “se *A chave do tamanho* constitui ainda hoje uma leitura atraente para adultos e crianças, é porque Lobato consegue aí participar plenamente dos principais arquétipos que compõem a tradição do devaneio miniaturizante”. Para a autora, as passagens em que Lobato recria no Brasil um mundo liliputiano “são as mais atuais ou intemporais, colocando-o diretamente numa certa tradição de histórias infantis, que escritores para adultos não deixaram também de utilizar, como Swift”. Acrescenta ainda:

Com base no comentário de Maria Alice Faria e na análise de *A chave do tamanho*, levantamos a hipótese de que Lobato tomaria também da obra de Swift alguns motivos, como, por exemplo o da viagem e o da miniatura, trabalhando esses motivos dentro de um novo contexto, a situação do mundo – e do Brasil em particular – frente à Segunda Guerra Mundial. Através da mudança de

perspectiva gerada pelo “encolhimento” dos seres humanos, vemos a criação de um “novo sítio”. (s/p.)

Considerando a miniatura como tema central em *A chave do tamanho*, Vieira escreve que Lobato “propõe um questionamento sobre a relatividade dos pontos de vista”. A autora também afirma que *A chave do tamanho* e *A Reforma da natureza*, textos da década de 40 com “alto teor de crítica social e desenvolvidos com imensa criatividade” mostram “um amadurecimento do escritor e um desenvolvimento de temáticas próprias, sem o uso explícito da intertextualidade, tão comum nos primeiros livros. Essas obras mostram também sua desilusão com a humanidade e seu pessimismo”.

Segundo a autora, de acordo com o que Lobato escreve para Rangel (“A chave é filosofia que gente burra não entende”), “podemos concluir então que ao dirigir sua obra *A chave do tamanho* para a criança, ele a está valorizando como leitora”.

A criação de um novo ponto de vista, com a diminuição do tamanho, permite ao escritor fazer críticas à sociedade de sua época, tal como Swift. Vieira afirma que, enquanto na maioria das adaptações de *Gulliver's Travels* a sátira, a violência ou a referência ao corpo humano e suas necessidades são retirados, “as obras infantis de Lobato, entre elas *A chave do tamanho*, tratam, sem cortes, de temas como a violência, a morte, a crítica social”. Escreve ela:

Os textos infantis lobatianos não apresentam conteúdo de caráter sexual, porém *A chave do tamanho* trata do pudor como uma questão cultural e não natural do homem, de modo que os seres humanos encolhidos não sentem vergonha de ficarem nus uns diante dos outros. A morte aparece em vários trechos d'*A chave do tamanho*, como por exemplo, quando Emília comenta sobre a morte

acidental de vários humanos que se deu após o encolhimento [...].
(s/p.)

A viagem pelo mundo revela-o através de um novo ângulo, escreve a autora, além de mostrar “um desejo de reorganização da sociedade”. Ao contrário de Swift, em que no último capítulo Gulliver encontra um exemplo de civilização num país habitado por cavalos, em *A chave do tamanho* a humanidade é extinta:

A melhor solução para o problema da guerra, na obra, acaba sendo o uso de uma solução mágica ou de um deus ex machina, que seria a chave do tamanho. Esta máquina apresenta-se como um elemento de ficção científica que substitui a varinha de condão dos contos de fadas. (s/p.)

2002

LIMA, Sandra Araújo de. *Mulheres em Lobato: uma leitura feminista das obras Reinações de Narizinho e A Chave do Tamanho*. Brasília-DF: Unb/IL, 2002. 103p. Dissertação de Mestrado.

Nesta dissertação a autora aborda *Reinações de Narizinho* e *A Chave do Tamanho* analisando as personagens femininas criadas por Lobato – dona Benta, tia Nastácia, Narizinho e Emília. Lima justifica a escolha de *A Chave do Tamanho* afirmando que na análise “essa obra terá uma abordagem maior diante da interpretação do papel feminino da boneca, uma vez que a personagem desempenha o papel de protagonista na história” (p.12).

Para isso a autora procura “estabelecer um diálogo entre questões de gênero e literatura infantil brasileira” (p.08). Assim, ao tratar de Emília em *A Chave do Tamanho*, Lima afirma que,

nesta obra, a personagem apresenta “características evoluídas, não é mais somente uma boneca de pano que fala asneiras, mas alguém capaz de questionar o porquê de tantas guerras no mundo” (p.74). Entretanto, a autora identifica a atitude de Emília (abaixar a chave do tamanho) como imprudência, relacionando a isso a força da presença masculina no universo do Picapau Amarelo, bem como a uma imagem da “ansiedade feminina, traço característico da sociedade patriarcal” (p.75). A autora acrescenta, posteriormente que não consegue entender *A chave do tamanho* como uma história que enaltece Emília: “apesar das fortes reflexões filosóficas feitas por ela, percebemos mais uma vez um elemento de representação da mulher que a deixa em segundo plano” (p.85), pois quem resolve a confusão é um “homem”, o Visconde de Sabugosa, erguendo a chave do tamanho novamente.

No âmbito dessa análise, Lima escreve que *A chave do tamanho* apresenta “um discurso mais complexo para a criançada” (p.74) o que inclusive faz com que alguns críticos a recomendem para o público pré-adolescente. A autora afirma ainda que o discurso da obra é “positivista, demonstrando a importância de se verificar os fatos, testar as hipóteses para depois transformá-las em soluções” (p.75).

2003

GOUVÊA, Ana Amélia Vianna. *A desilusão de um herói*. DC Cultura. 30 ag. 2003.

A resenha crítica de Ana Gouvêa se inicia com uma referência à presença do tema guerra no conjunto da obra lobatiana. Sobre *A chave do tamanho*, escreve a autora:

Mas o livro em que o tratamento da guerra atinge sua melhor resolução é *A chave do tamanho* publicado em 1942, o ano decisivo da Segunda Guerra Mundial, quando a máquina de guerra de Hitler havia atingido o máximo de sua expansão. O livro, último de uma longa linhagem de textos sobre tema da guerra, é a consolidação de um ponto de vista cético e pessimista sobre a humanidade. (p.14)

Sendo uma “consolidação de um ponto de vista cético e pessimista”, a autora recorre à vida do escritor para, nela, encontrar indícios de certa desilusão com a humanidade, como o título da resenha nos indica.

A idade de 60 anos, o fato de há pouco ter deixado a cadeia, a perda de seu filho Edgar e o andamento da guerra são fatores que atingem Lobato. No contexto histórico, há a incerteza dos rumos da guerra:

[...] Conforme atesta Hobsbawm, “o Eixo atingira o auge de seu sucesso em meados de 1942, e só perdeu inteiramente a iniciativa militar em 1943”. Somente do fim daquele ano em diante é que o poderio alemão começa a ser ameaçado, mas, então, *A chave do tamanho* já estava publicada. O livro parece ter sido escrito no começo de 1942, Inverno na Europa, coincidindo com a entrada dos Estados Unidos na guerra e com a campanha russa, o que explica as inúmeras referências ao episódio. (p.14)

Ao apresentar a história, a autora identifica, ainda, certo “‘sentimento do mundo’ drummondiano” :

Como intelectual engajado nas lutas de seu tempo, Lobato apresenta, pela reação de Dona Benta, seu ponto de vista diante da guerra. E o que se vê é a sensação, observada em outros

depoimentos do período, de que o mundo havia ficado menor, de que qualquer aspecto dos conflitos dizia respeito a todos. (p.14)

Assim, *A chave do tamanho* “revela uma opção ideológica singular” (p.15), pois é uma obra de tal amplitude, não optando por defender nenhum ponto de vista bélico, que “mais do que uma condenação ao Eixo, ou ao nazifascismo, o livro foi uma declaração de guerra a própria guerra” (p.15).

Encontrando as raízes da catástrofe do tamanho na própria vida do escritor, a autora chama a atenção para o “fastio com o mundo das máquinas e com o progresso material em Monteiro Lobato” (p.15), e acrescenta: “Em *A chave do tamanho* o que mais se encontra são imagens desse fastio” (p.15). Sentimento este que, para Gouvêa, contudo, leva-nos a “acreditar que a obra *A Chave do Tamanho* seja uma aposta radical na própria humanidade” (p.15).

Enfim, a autora considera a obra como uma das melhores, ao menos no tratamento do tema, pois *A chave do tamanho* é dotada de uma amplitude incomum aos livros infanto-juvenis da época, revelando uma “opção ideológica singular” (p.15).

GOUVÊA, Ana Amélia Vianna. *O Poço e a Chave: progresso e guerra na obra infanto-juvenil de Monteiro Lobato*. Belo Horizonte: UFMG, 2003. 189p. Dissertação de Mestrado.

A proposta da dissertação de Gouvêa é analisar de que forma a situação histórica participa de duas obras infantis lobatianas: *O poço do Visconde* (1937) e *A chave do tamanho* (1942). A escolha dessas obras se justifica pela mudança de atitude do escritor diante do progresso:

[...] Em cinco anos, Lobato irá da defesa irrestrita do ferro e do fogo, da velocidade e da eficiência, presente em *O poço do Visconde*, à descrença na capacidade humana em administrar com justiça a abundância material, contida em *A chave do tamanho*. Migrará de um extremo otimismo quanto às benesses do progresso econômico e material para o tom apocalíptico de tempo de guerra. (p.09)

A fim de desenvolver esse estudo, o trabalho está dividido em três grandes capítulos: o primeiro traz uma visão geral da vida de Lobato, história de vida, formação intelectual, os textos mais conhecidos, a atividade editorial, as lutas com as quais se envolveu e, por último, sua literatura infantil; o segundo trata de *O poço do Visconde*, partindo da visão linear do escritor, marcado por leituras positivistas e evolucionistas, passando pela luta pelo petróleo e, enfim, relacionando o momento histórico, a experiência da vida real, com a publicação dessa obra; o terceiro, e último capítulo, aborda *A chave do tamanho* de forma semelhante à abordagem realizada com *O poço do Visconde*, isto é, a autora empreende uma busca das idéias de guerra por toda a produção lobatiana, idéias que viriam a fazer parte do texto para crianças.

A fim de verificar o tratamento dado à guerra em *A chave do tamanho*, Gouvêa realiza um mapeamento de textos em que se trata da guerra, observando a construção de opiniões, considerando que “o livro, último de uma longa linhagem de textos sobre o tema da Guerra, é a consolidação de um ponto de vista cético e pessimista sobre a humanidade” (p.119).

A Guerra do Paraguai (1864-1870), cujas conseqüências se fizeram sentir na transição do regime imperial para o republicano, foi tema para vários textos de Lobato, em geral, baseado em histórias ou relatos de veteranos. A autora cita, como textos que abordam o tema da guerra, “A glória”, escrito em 1917 e publicado no mesmo ano na revista *Paraíba*, de Caçapava, e

recuperado no livro *Conferências, artigos e crônicas*; os contos “Veteranos do Paraguai” e “Uruguaiana”, publicados em *Onda Verde*; “Fitas da vida”, publicado em *Negrinha*.

Sempre se opondo à ideologia de guerra, Lobato se mantém fiel às próprias opiniões ao longo da vida:

A condenação dos discursos oficiais ou ao ufanismo, representado pelas campanhas patrióticas e militarizantes de Bilac, e a exortação ao estudo dos problemas do país, que considerava atrasado economicamente, roído por doenças endêmicas e pela incompetência das classes governantes, resumem opiniões de Lobato não só do período, mas defendidas ao longo de sua vida. (p.125)

A Guerra do Paraguai ainda aparece em dois livros infantis, escreve a autora, *História do mundo para crianças* (1933) e *Geografia de Dona Benta* (1935). Mas não é só a Guerra do Paraguai que irá ocupar as idéias do escritor — a Primeira Guerra Mundial (1914-1918) aparece em “O espião alemão”, publicado em *Cidades Mortas*, e outros textos como “A hostefagia”, do livro *Idéias de Jeca Tatu*; “O pai da guerra” e “Homo sapiens”, de *Onda Verde*, condenam as atitudes bélicas. Segundo Gouvêa, o primeiro conflito mundial já havia chegado ao fim quando Lobato escreve as obras infantis nos quais a guerra aparece: *O Saci* (1921), *História do mundo para crianças* (1933) e *Geografia de Dona Benta* (1935).

Da mesma forma que a Primeira Guerra Mundial, a Segunda (1937-1945) iria fazer parte de outros textos: *A reforma da natureza* e *A chave do tamanho*, além de ser incorporada “em trechos, parágrafos e até em capítulos inteiros nos livros paradidáticos – *História das invenções* (1935) e *História do mundo para crianças* (1933) –, como resultado da revisão empreendida por Lobato entre 1945 e 1946” (p.139). A Segunda Guerra Mundial ainda é retratada em *Histórias*

diversas – “uma publicação póstuma promovida pela Editora Brasiliense (1959), resultado da reunião de alguns fundos de gaveta” (p.143).

Ao se deter mais cuidadosamente sobre *A chave do tamanho*, Gouvêa inicia o assunto relacionando a publicação da obra ao momento vivido pelo escritor:

Lobato era um senhor de 60 anos, no início de 1942, quando escreveu *A chave do tamanho*. Fazia poucos meses que havia deixado a Casa de Detenção da avenida Tiradentes, para onde havia sido mandado pelo Estado Novo; seu filho Edgar estava à morte; e o andamento da Guerra ainda não permitia antever a vitória dos aliados. A Guerra era para ele tema central de anotações, diários, cartas e artigos. (p.145)

Lobato, então, divergia de aspectos centrais do governo Vargas, “como a questão da representação democrática, a orientação católica no sistema educacional brasileiro, o tamanho excessivo do Estado na condução do desenvolvimento econômico e a censura aos meios de comunicação” (p.147). No plano internacional, o Eixo atingira seu apogeu em 1942 e, escreve a autora:

[...] Somente do fim daquele ano em diante é que o poderio alemão começa a ser seriamente ameaçado, mas então, *A chave do tamanho* já estava publicada. O livro parece ter sido escrito no começo de 1942, inverno na Europa, coincidindo com a entrada dos Estados Unidos na Guerra e com a campanha russa, o que explica as inúmeras referências aos episódios. (p.147/48)

Embora tivesse enfrentado com sarcasmo a prisão, esse fato havia contribuído para “torná-lo um homem adoentado e, segundo correspondências e depoimentos, decepcionado com os rumos do país e do mundo” (p.148).

Apresentando a história de *A chave do tamanho*, Gouvêa destaca alguns pontos: 1) a cena do pôr-do-sol como idéia de aproximação de algo solene, catastrófico, apocalíptico; 2) a notícia, o jornal, como ponto de partida para a ficção; 3) a sensação de que o conflito dizia respeito a todos; 4) negação da violência pelos habitantes do sítio, “armas, ainda que de brinquedo, não eram bem-vindas” (p.149).

Os episódios em que Emília se adapta ao novo mundo “demonstram a visão antropocêntrica e reafirmam a confiança do autor na evolução das espécies e na seleção natural, que é dura, mas mais justa que a seleção histórica” (p.153). O capítulo em que Emília se encontra com o Visconde tem o mérito “de oferecer a data provável em que a narrativa se passa – início de 1942 – e revela que a guerra quase engendrou na literatura de Lobato um outro ditador, Emília” (p.156). O fascismo da personagem se confirma em respostas dadas ao Visconde, nas quais “há ecos da linguagem da guerra, da faxina e da higienização como necessárias à vida no planeta” (p.156).

Segundo a autora, o sentimento de desânimo diante da civilização, que se expressa nos mais diversos autores situados no contexto das guerras mundiais, pode ser encontrado já em 1940 nas cartas de Lobato:

O próprio Lobato, em um escrito anterior ao livro *A chave do tamanho*, dá testemunho desse desânimo, como mostra uma carta de 11 de fevereiro de 1940, ao amigo Arthur Coelho. A idéia desenvolvida de certo modo já prenuncia mote do livro – liquidar a humanidade de um só golpe para cessar com a guerra – e reflete

uma das preocupações da época: a corrida por uma nova arma de destruição em massa. Ironicamente, Lobato afirma estar envergonhado dos poucos avanços registrados na arte de matar. (p.158)

Continuando a relacionar a narrativa aos acontecimentos históricos, a autora afirma que “ao reduzir o tamanho dos homens, Monteiro Lobato zomba da maquinaria guerreira e reafirma a potência de seu “mundo secundário”, feito de imaginação e de palavras” (p.161). Gouvêa ainda destaca o fato de Emília fazer referência ao massacre dos judeus, uma das poucas vezes que isso ocorre na literatura brasileira. Na viagem ao redor do mundo, também surge outra das idéias anteriormente defendidas por Lobato – a eleição de um sábio, como o doutor Barnes, de *Pail City*, para governar o novo núcleo humano que está se formando:

Doctor Barnes pode ser visto como a solução encontrada por Lobato no plano da ficção para uma das causas defendidas por ele durante o governo Arthur Bernardes, na Primeira República: a luta pelo voto secreto, não obrigatório e limitado àqueles que tivessem instrução formal. (p.164)

A insistência na idéia de abundância de víveres na nova civilização está relacionada com o ambiente de escassez criado pelo governo brasileiro, o que instituiu uma “sensação de privação generalizada, de forma a tornar a guerra uma experiência coletiva” (p.166). Na visita que Emília e o Visconde fizeram aos Estados Unidos, a autora afirma que Lobato, ao reproduzir a história do Mayflower, expressa pelo menos duas intenções, “além da blague pura e simples” (p.167): 1) exortação aos americanos, que teriam demorado para entrar na guerra (o que ocorreu somente depois do ataque a Pearl Harbour); 2) admiração pelo povo inglês, principal oponente da Alemanha no período em que se passa a história. Escreve a autora:

O episódio comporta crítica a pelo menos dois aspectos do Estado Novo: a inexistência de representação democrática e, ainda por cima, o flerte com o Eixo. A prisão de Lobato durante o ano anterior, ainda que atribuída à carta enviada a Vargas, parece ter sido motivada pelo descontentamento provocado em setores do governo, simpáticos à Alemanha, pela entrevista dada por Lobato à BBC no final de 1940, na qual declara simpatia pela Inglaterra, cuja heróica resistência atraía a admiração de todos aqueles que já houvessem compreendido o pesadelo hitlerista. [...] O parágrafo deixa claro ainda que a confiança que Emília deposita na eficiência americana vem da colonização inglesa do país. (p.168)

Segundo a autora, o termo “viagem pelo mundo”, utilizado na obra, chama a atenção “por indicar que a consciência de pertencimento a uma história compartilhada havia sido aguçada pela guerra” (p.168). Depois do plebiscito, e com a vitória do *tamanho*, “o final encerra uma moralidade clara: a do respeito à democracia e à vontade da maioria” (p.169).

Concluindo a dissertação, Gouvêa afirma que:

[...] A grandeza do livro está na denúncia dos temas mais palpantes daquele tempo: a repressão política do Estado Novo e o horror da Guerra no plano internacional, além do profundo imbricamento entre essas duas realidades e os reflexos dos dois acontecimentos na vida cotidiana. (p.169)

Ao abordar a guerra, Lobato também atinge o regime interno, fazendo alusões à importância do voto e para “a necessidade de uma filiação inequívoca aos Aliados, como fica claro na visita aos Estados Unidos e nos elogios aos ingleses” (p.170), e, acrescenta a autora:

Considerando os rumos que o mundo parecia estar tomando, e que em meio aos acontecimentos tornava-se ainda mais difícil prever a queda dos regimes fascistas, *A chave do tamanho* revela uma opção ideológica singular. Mais do que uma condenação ao Eixo ou ao nazifascismo, o livro foi uma declaração de guerra à própria guerra. Isso, sim, pode ser uma de suas diferenças em relação à literatura infanto-juvenil do período. (p.17)

A fim de ressaltar essa diferença, Gouvêa toma como referência o compêndio de Desmond Taylor, cujos 483 títulos elencados dizem respeito ao período entre 1940 e 1992, e também o livro de Harry Eiss, *Literature for young people on war and peace – na annotated bibliography*, que apresenta 386 livros de ou sobre literatura infanto-juvenil em tempo de guerra. A partir dessas referências, a autora destaca a singularidade de *A chave do tamanho*:

Não encontrei entre os livros catalogados por Eiss ou Taylor nenhuma obra de ficção como *A chave do tamanho*, capaz de condenar a guerra em si, de um ponto de vista mais amplo que a simples tomada de posição ideológica frente ao conflito. Uma evidência desta amplitude é o fato de que, em *A chave do tamanho*, o cenário da história é o próprio mundo em guerra, diferentemente da maioria dos livros infanto-juvenis do período. Presos aos compromissos da representação realista da guerra, esses livros tratam de situações específicas, em pontos delimitados do teatro de operações. São livros nos quais o objetivo é conquistar uma determinada posição ou derrotar um plano inimigo. Seus protagonistas no máximo pilotam aviões – não dispõem da ubiqüidade conferida pelo pó de pirlimpimpim nem do alcance ilimitado do faz-de-conta. Em *A chave do tamanho*, mais que vencer uma batalha, interessa derrotar a própria guerra. (p.174)

A autora ainda chama a atenção para o fato de os seres fantásticos decidirem a sorte do mundo: “aliás, a boneca é a principal personagem nas três histórias em que a Segunda Guerra Mundial penetra: *A reforma da natureza*, *A chave do tamanho* e o capítulo “Reinação atômica”, do livro *Histórias diversas*” (p.174). Confrontadas as obras *O poço do Visconde* e *A chave do tamanho* salta aos olhos a desencanto de Lobato com o mundo industrializado no segundo livro, tema tratado de forma completamente oposta no primeiro.

Em *A chave do tamanho* “o tempo histórico parece coincidir com o da narrativa” (p.176) – a obra, então, afirma a autora, foi uma maneira encontrada pelo escritor “para denunciar o recrudescimento da violência, num momento em que parecia inevitável o domínio do mundo pelo fascismo” e preparar “ainda que a longo prazo, uma geração capaz de combatê-lo” (p.177).

Enfim, Gouvêa escreve que, retirando do homem o bem-estar decorrente da industrialização, “Lobato atinge aquilo que ironizava ser a função dos “gênios da guerra”: criar um “raio da morte”, de alcance planetário, capaz de arrasar a própria humanidade” (p.178). No entanto, ela enxerga em *A chave do tamanho* uma “aposta” na humanidade:

[...] Ao reduzir o poderio da espécie humana, e quase dizimá-la, o autor contava com a emergência de uma nova humanidade, aprimorada pela experiência do confronto com a ausência de meios para exercer a violência, composta por aqueles mais aptos para o novo mundo que fatalmente emergiria dos escombros – os mais sábios. (p.178)

SANTOS, Neide Medeiros. Também sou filha de Lobato. In.: *Correio das Artes*. João Pessoa, 1998. Artigo. Disponível em: <<http://docedeletra.com.br/dl/foradoar/0600loba.shtml>>. Acesso em 06/12/2003).

Neste artigo, Santos parte da leitura de *Os filhos de Lobato*, de Penteadó, produzindo um texto sobre suas impressões de leitura sobre a obra de Lobato. Comentando a cerca da importância de *A chave do tamanho*, primeiro livro da série lobatiana com o qual ela teve contato, a autora identifica a obra ao momento em que foi escrita:

A chave do tamanho foi publicado no período da 2ª Guerra Mundial e Lobato estava preocupado com o destino da humanidade, daí a criação de uma história fantástica com chaves capazes de controlar o tamanho das pessoas e de pôr fim ao sofrimento que se abatia sobre o mundo. (s/pág.)

2004

VIEIRA, Adriana Silene. *Viagens de Gulliver ao Brasil: Estudo das adaptações de Gulliver's Travels* por Carlos Jansen e por Monteiro Lobato. Campinas: Unicamp/IEL, 2004. Tese de doutorado.

Como o próprio título já esclarece, o trabalho de Vieira tem por objetivo comparar a obra *Gulliver's Travels* (1726), de Jonathan Swift, com as primeiras adaptações brasileiras, ou seja, aquelas realizadas por Carlos Jansen (em 1888) e por Monteiro Lobato (em 1937).

Após oferecer uma visão geral da obra, de seu autor e da crítica em língua inglesa, a autora aborda a tradução/adaptação de Jansen, cujas modificações em *Viagens de Gulliver* são apontadas sem se esquecer o contexto histórico, mais especificamente, o meio pedagógico em

que ocorrem. Logo depois é a vez de Lobato, cuja adaptação também se fez com cortes, porém, preservando o aspecto satírico de Swift.

Ao tratar da adaptação de Lobato, Vieira, já no último capítulo da tese, aponta a presença de “um motivo da obra de Swift — o ser humano em miniatura — em histórias infantis lobatianas” (p.158).

Retomando o texto de Faria, a autora acredita que “o intertexto na obra de Lobato apresenta um sentido de liberdade criadora, que [...] apresenta pontos em comum com a idéia de antropologia cultural, forma insubmissa de **absorver** a cultura estrangeira” (p.159).

Assim, redução dos seres humanos, em *A chave do tamanho*, “pode ser compreendida, dentro do contexto da obra lobatiana, como a criação de um novo ponto de vista para a reflexão sobre o mundo, a história e a humanidade” (p.163).

Comparando os autores, podemos ver que ambos trazem o relativismo da verdade em suas obras, além de apresentar histórias com personagens do tamanho de brinquedos, apelando à imaginação. Acrescenta a autora:

Nessa perspectiva [de *A chave do tamanho* como portadora de elementos próprios da fantasia], se em *G.T.* o viajante não encontra nenhum bom exemplo de sociedade humana, indo buscá-lo em um país habitado por cavalos, em *A chave do tamanho*, Emília parece representar um olhar de criança sobre o mundo: e a melhor solução que parece encontrar é, utilizando um brinquedo, uma “varinha de condão” moderna que aparece como “a chave do tamanho”, e diminui a escala da humanidade, levando-a também a sua infância. (p.164)

Para Vieira, em *A chave do tamanho* há um desejo de reconstrução da sociedade que pode ser notado na viagem que Emília faz aos outros países; o Visconde, que não evolui para “gente” como Emília, é um gigante entre os novos humanos tal como Gulliver entre os liliputianos. Considerando a sátira como tema central na obra de Lobato, ela identifica um caráter pessimista no texto — “por que não o dizer — niilista, pois, para Emília, seria melhor que a humanidade tivesse ficado ‘encolhida’ para sempre” (p.168), solução para uma humanidade envolvida constantemente em conflitos armados.

A violência também é apontada como tema presente em *A chave do tamanho*, dado que, procurando soluções para os horrores da Segunda Guerra Mundial, o texto mostra que essa solução não deixa de fazer vítimas: “desse modo, observamos que em *A chave do tamanho* o ‘encolhimento’ da humanidade põe fim a uma guerra e ridiculariza seus articuladores, mas não evita a morte de milhares de pessoas” (p.169).

Essa violência, junto com a nudez, contrapõem-se aos cortes realizados nas adaptações de *G.T.*, nas quais se omitem referências à sexualidade e à violência — “podemos dizer que em Lobato não há uma retirada total da violência e que, de certa forma, há referências ao corpo humano, embora não seja de cunho sexual” (p.170).

É interessante notar que a autora acaba identificando a admiração de Lobato pelos Estados Unidos, que, segundo ela, transparece no trecho sobre a “Cidade do Balde”, como algo negativo — “Talvez esta admiração pelos Estados Unidos seja um ponto negativo no texto, do ponto de vista do século XXI, sendo esta apologia ao povo americano vista como reacionária” (p.170). Vieira ainda afirma que o plebiscito, colocando o destino da humanidade nas mãos do pessoal do Sítio, “mostra certa megalomania e é, ao mesmo tempo, uma forma do escritor dar vazão às frustrações com relação ao destino do mundo” (p.170).

Por fim, a autora observa, lembrando Faria, que, mesmo sendo uma obra pessimista, em *A chave do tamanho* há a presença de algum otimismo, ou seja, a redução da humanidade seria “uma espécie de recado de Lobato às crianças, para não repetirem os ‘erros’ de seus antepassados” (p.171).

Anúncio comercial da Editora Brasiliense –

www.editorabrasiliense.com.br - em 15/04/2004.

De acordo com Vladimir Sacchetta¹⁶, esta citação vem de um folheto promocional da Brasiliense para lançamento das obras completas em meados dos anos 40, o que pode ter sido elaborado pelo próprio Lobato ou por Arthur Neves, sócio com quem fundara a editora:

¹⁶ Informação enviada por Vladimir Sacchetta via internet em agosto de 2003.

A Chave do Tamanho

O mais original dos livros de Monteiro Lobato. Emília, furiosa com a duração da guerra, resolve acabar com a guerra. Como? Indo Ter à Casa das Chaves, lá nos confins do mundo, e "virando" a Chave da Guerra. Mas comete um erro e em vez da Chave da Guerra vira a Chave do Tamanho, isto é, a chave que regula o tamanho das criaturas humanas. Em consequência, subitamente todas as criaturas humanas do mundo inteiro "perdem o tamanho", ficam de dois, três centímetros de estatura - e Lobato conta o que se seguiu. Trata-se de um livro rigorosamente lógico, e que inculca nas crianças o senso da relatividade de todas as coisas. - Volume com 200 páginas.

Anexo B - correspondências

Cartas de Lobato

LOBATO, Monteiro. *Cartas Escolhidas*. 1. ed. São Paulo: Brasiliense, 1959. v.17. p.91 (Carta enviada a Pureza Monteiro Lobato, esposa):

“Hoje é dia importante: vai sair a “Chave do Tamanho”, e mandarei um para aí. Estou com muitas esperanças nesse livro lá fora. Leia e me dê a impressão exata.”

(...)

“A guerra vai mudar daqui por diante – e era tempo. Bem. Daqui vou a Editora, assistir ao parto da “Chave”, e hoje mesmo irá um exemplar para aí.”

Cartas infantis

Abaixo elencamos transcrições das cartas infantis consultadas no Instituto de Estudos Brasileiros (IEB) da Universidade de São Paulo (USP):

<p>Instituto de Estudos Brasileiros – IEB / USP Visita realizada dia 05/04/04</p>
<p>Fundo: <i>Raul de Andrada e Silva</i> Dossiê: <i>Monteiro Lobato</i> Série: <i>Correspondência Passiva / Cartas Infantis</i> Caixas: 01 e 02</p>

Caixa 01, p.02, 19

“(…) O caso é que primeiramente eu li “A Chave do Tamanho”.

Gostei, gostei muito. Achei extraordinária a facilidade de adaptação da Emilia. Suas teorias são notáveis!

O raciocínio do livro está perfeito em face da situação tão difícil.

O que muito me agradou na nova edição das “Fábulas” foi o comentário do pessoal do sítio. Comentário “batatal” que dá margem a outros comentários…”

Edith Canto – São Paulo, 12 de janeiro de 1944.

Caixa 01, p.02, 50

“(…) Eu achei muito engraçada a “Chave do Tamanho” e até o reli, mas fiquei com muito dó das pessoas que morreram no papo das galinhas. Bem feito para Mussolini! Mas eles não haviam convidado Dona Benta para o conferência de paz na Reforma da Natureza?

Eu sou assim: quando leio um livro fico com dó, fico contente, fico com medo, como se fosse de verdade.”

João Alphonsus – Belo Horizonte, 08 de setembro de 1943.

Caixa 01, p.03, 41

“(…) Já li 10 livros de sua autoria e muito o admiro como escritor infantil.

Os livros são: Reinações de Narizinhos, O Saci, Caçadas de Pedrinho, Hans Staden, História do Mundo, Peter Pan, Emília nos País da Gramática, Memórias de Emília, Poço do Visconde, Picapau Amarelo, Chave do Tamanho.”

Renato Vivacqua – Rio de Janeiro, 31 de dezembro de 1945.

Caixa 01, p.03, 43

“(…) Fiquei encantada com a leitura do seu livro, “A chave do Tamanho”. Até cheguei a pensar que eu tivesse diminuído.

O que achei mais interessante, foi a igualdade em que às pessoas reduzidas, vivem; de fato o único causador de tantos transtornos em nossa vida é o tamanho. Cheguei

mesmo a crer que existissem tais chaves e se não fosse minha mãe explicar-me de que isso é uma fantasia recreativa, alias muito instrutiva, eu estava disposta a ir em procura da mesma. Tive muita pena de D. Benta, pois é uma avó tão boa admirável, revoltei-me mesmo com a Emília e segui as idéias de Narizinhos, que logo desconfiou ser arte dela a redução do tamanho para a exterminação da tão horrível guerra, que tantos transtornos vem causando a humanidade.

Apreciei imenso o vôo nos besouros, mas fiquei com muito medo da manchinha, da aranha caranguejeira e dos Marques de Rabicó em terem devorado os pais de Candoca e Juquinha e da mulher do Coronel Teodorico, mas analisando o caso, conclui que D. Benta, tia Nastácia, o Burro Falante, a Mocha e o Cel. Teodorico votassem para que o tamanhos ganhasse, pois quantas crianças devem ter ficado órfãos, eu que não tenho pai, sei quanto é triste a luta pela vida, juntamente com mamãe.”

Marina Helena Dias – Guaxupé, 24 de abril de 1946.

Caixa 02, p.01, 16

“Prezado Monteiro Lobato

Escrevo-lhe hoje esta que vai com o fim de levar as impressões do novo livro.

Vou ser bem sincera. Para dizer a verdade, eu gostei muito do livro: A chave do Tamanho, mas no fim deste capitulo: Em Berlim até Kremlin eu não gostei muito, não sei porque. As partes que eu mais gostei foram: Por causa do pinto sura, a viagem pelo jardim e aventuras. Agora que já fiz a minha critica vou terminar dizendo-lhe que estou morando em Porto Alegre (...)”

Amarílis Rocha de Cunto – Porto Alegre, 23 de abril de 1943.

Caixa 02, p.02, 07

Os alunos pedem o livro “A Chave do Tamanho” para presentear a professora. 3º. ano Grupo Escolar Pacifico Vieira.

Iracema Leite – Conselheiro Lafaiete (MG), 11 de setembro de 1945.

